

BATISMO CRISTÃO

John Gill • John Piper • C. H. Spurgeon



Batismo Cristão

John Gill, John Piper & C. H. Spurgeon

“Quem crer (no único Senhor, com a única Fé) e for batizado (com o único Batismo) será salvo; mas quem não crer será condenado” — Marcos 16:16 e Efésios 4:5.

2ª Edição Ampliada: Junho de 2015

Sumário

Apresentação.....	3
Batismo de Crentes Por Imersão: Um Distintivo Neotestamentário e Batista	6

JOHN GILL

Sobre o Batismo	17
Batismo, Um Mandamento Divino a Ser Observado Por John Gill	63

JOHN PIPER

Série de Estudos Sobre o Batismo:

PARTE 1 - "EU VOS BATIZO COM ÁGUA".	79
PARTE 2 - "SEPULTADOS COM ELE NO BATISMO, NELE TAMBÉM RESSUSCITASTES PELA FÉ".	85
PARTE 3 - "O QUE É O BATISMO e ELE SALVA?" (Pedro 3:18-22).	90
PARTE 4 - "O QUE O BATISMO SIMBOLIZA?" (Romanos 5: 20-6:4).	97
Irmãos, Magnifiquem o Significado do Batismo.....	103
Como a Circuncisão e Batismo Correspondem?.....	107
Fortalecidos Para Sofrer: Cristo, Noé e o Batismo	114
O Que É O Batismo, E Quão Importante Ele É?	122

C. H. SPURGEON

Quem Deve Ser Batizado? (Sermão Nº 2737).....	131
O Batismo É Essencial Para A Obediência (Sermão Nº 2339).....	145
Batismo (Artigo)	155
A Necessidade de Reformar a Prática Anti-Bíblica do Batismo de Bebês (Excerto do Sermão Nº 283, Reforma).....	163
Eu Considero O Batismo De Crianças Como Sendo Uma Mentira E Uma Heresia! (Excerto do Sermão Nº 172, Examinai as Escrituras).....	166

Apêndices

Um Cordão De Pérolas Soltas Uma Jornada Teológica No Batismo De Crentes, por Fred A. Malone.....	171
Entrevista com o Dr. Gary Crampton (do Pedobatismo ao Credobatismo)	214
"O Melhor Sermão Sobre O Batismo Que Eu Já Ouvi" — William Carey, Editado por Evan Burns	219
O Batismo Infantil E O Princípio Regulador Do Culto, por Fred A. Malone.....	221
A Revisão Revisada, por David Kingdon (Artigo em resposta a uma crítica ("revisão" [resenha]) feita ao seu Clássico: Os Filhos de Abraão).....	227
Ide, Fazei Discípulos, Batizando-os, por John Piper.....	238
Uma Celebração Do Batismo, por John Piper	242
O Batismo Infantil E A Comunidade Da Nova Aliança, por John Piper.....	245
Considerações Sobre O Batismo, por John Piper	249
Quão Antigo O Batismo Infantil É?, por John Piper	252
O Batismo De Casas, Batismo De Arrependimento, por William Teixeira	254
Referências Dos Textos Deste Volume	270

Apresentação

Esta é provavelmente a publicação que mais nos trouxe alegria e consolação até o presente momento. Louvamos muito a Deus por tal graciosa dádiva e privilégio.

O principal objetivo desta publicação é dar testemunho de nossa fé no que seja o puro ensino das Escrituras Sagradas quanto ao Verdadeiro e Bíblico Batismo Cristão.

Bom, primeiro nos permita dizer que começamos a estudar mais profundamente sobre a Doutrina Bíblica do Batismo Cristão, em meados de outubro de 2013. Desde então, temos estudado e orado muito sobre o assunto. Depois de um período de angústias intensas e dúvidas dolorosas, e de quase concordarmos com o erro da doutrina humana do Pedobatismo, cremos que pela graça de Deus, fomos confirmados e alcançamos inteira certeza de fé de que o único (Efésios 4:5) Batismo ensinado pela Escritura é o Batismo de João, o Batismo do Céu (Lucas 20:4).

Este Batismo de João, o qual cremos ser o puro ensinamento das Escrituras Sagradas é uma ordenança (e não um sacramento) do Novo Testamento, instituído por Jesus Cristo, sendo para a pessoa batizada um sinal de sua comunhão com Ele, em Sua morte e ressurreição; de sua união com Ele; da remissão dos pecados, e da sua consagração pessoal a Deus, através de Jesus Cristo, para viver e andar em novidade de vida (Romanos 6:3-5; Colossenses 2:12; Gálatas 3:27; Marcos 1:4; Atos 22:16).

O elemento exterior a ser usado nesta ordenança é a água, na qual a pessoa deve ser batizada em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Imergir ou mergulhar a pessoa em água, é necessário para a apropriada administração desta ordenança. Na verdade, a própria imersão é o Batismo (Mateus 3:16; 28:19-20; Atos 8:38; João 3:23).

Somente aqueles que realmente professam o arrependimento para com Deus, fé e obediência ao nosso Senhor Jesus Cristo, são os únicos sujeitos apropriados desta ordenança (Marcos 16:16; Atos 8:36-37, 2:41, 8:12, 18:8).

Assim cremos.

Outro objetivo desta publicação é compartilhar com outros as preciosas verdades que foram usadas por Deus para nos fazer chegar à plena certeza de fé e a alegria exultante na Sua Verdade, “porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido” (Atos 4:20).

Nossa experiência nos mostrou que não é fácil encontrar textos tão bons sobre o Batismo em língua Portuguesa e de forma gratuita via internet, assim grande parte de nossos estudos constituíram-se de traduções; traduções estas que foram tão providenciais e nos ajudaram

tanto que passamos a anelar muito por uma futura publicação, que somente pela graça de Deus, agora se realiza!

Todos os textos que compõem este volume são bons, se este não fosse o caso sequer cogitaríamos a possibilidade de publicá-los. São os melhores textos que já lemos sobre o Batismo Cristão. Entretanto, o mais bíblico e mais completo que já lemos foi *Sobre o Batismo*, por John Gill. Citamos este simplesmente porque ele nos marcou de forma especial, mas quem ler os outros textos verá que não é tão fácil citar algum como o “melhor”.

*“Coma da gordura,
E beba da doçura!”*

Concluindo, o nosso objetivo é testemunhar da nossa fé no Batismo de Crentes como o único ordenado por Deus. E também ajudar outras pessoas que queiram aprender sobre este assunto à luz das Escrituras Sagradas; portanto, lembre-se, acima de tudo, que você não deve aceitar como autoridade final e inquestionável nem o testemunho de homens e nem o testemunho da Tradição, não importando quais sejam, pois somente as Escrituras Sagradas, Antigo e Novo Testamento de nosso Senhor Jesus Cristo, são a nossa regra e autoridade final, inerrante e inquestionável. A Escritura, toda a Escritura e nada mais do que a Escritura merece nossa total confiança e submissão, como sendo a voz do próprio Deus, quanto aos assuntos de fé e prática dos Cristãos, ou seja, nós e você.

Nem nós lhes pedimos que acredite ou aceite o que aqui será exposto, a menos que você examine nas Escrituras e veja se as coisas são assim ou não.

O nosso mais ardente desejo é que você creia naquilo que a Escritura ensina e não no que qualquer pessoa diz, isto vale para nós mesmos e para qualquer outra pessoa.

Deus seja glorificado!

William Teixeira e Camila Almeida
EC, 15 de agosto de 2014.

Poema Batismal

O Sangue vem antes da água
Como a alegria veio depois de tanta mágoa
Assim antes de à Igreja eu pertencer
Devo, arrependido, em Jesus Cristo crer.

A Ti eu me achego, meu Bendito Salvador
Profundamente constrangido pelo Seu amor
No Seu Sangue realmente lavado
Agora, em água, isto é simbolizado.

Morro, quando em água sou imerso
Do antigo "eu" me despeço
Para ressuscitar na subida
E viver em novidade de vida.

— William Teixeira

Artigo-Prefácio:

Batismo de Crentes Por Imersão: Um Distintivo Neotestamentário e Batista

Por. William R. Downing

Nossa igreja é padronizada pelo Novo Testamento em fé e prática. Nós permanecemos na verdade bíblica e histórica de nossos antecessores espirituais. Nós praticamos a ordenança do Batismo conforme o padrão do Novo Testamento com relação aos sujeitos: crentes, e modo: imersão. Este artigo é apresentado como uma explicação de nossa crença e prática.

Batismo, Uma Ordenança — Não Um Sacramento

O termo “ordenança” (do Latim *ordinare*, colocar em ordem) denota algo ordenado, decretado ou comandado. Na “Grande Comissão”, o Senhor declarou: “...Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado...” (Mateus 28:20). Todos os comandos do Senhor à Sua igreja são uma “ordenança” em princípio. A primária e central ordenança do Evangelho é a pregação. Histórica e teologicamente, Batistas têm distinguido entre as “ordenanças” do Batismo e da Ceia do Senhor e os “sacramentos” dos Romanistas ou Protestantes, ou seja, aqueles ritos que se destinam a ser um meio de graça em algum sentido místico [1]. Histórica e teologicamente, portanto, o termo “ordenança” distingue o Batismo e a Ceia do Senhor como sendo apenas simbólicos e representativos em natureza e os considera como meios de graça somente na medida em que levam a mente e o coração a se fixarem sobre a realidade espiritual, assim, simbolizada. O termo não pressupõe nenhum significado místico qualquer.

[1] Uma ordenança é uma diretriz ou comando de natureza autoritária (Lat. *ordo*, colocar em ordem, decretar, estabelecer). Um sacramento é um meio de graça através de um determinado elemento, por exemplo, o batismo ou comunhão (Grego: *μυστηριον*, mistério; Latim: *sacramentum*, segredo, *sacer*, sagrado). A observância do Batismo e da Ceia do Senhor são ordens de nosso Senhor (Mateus 28:20), e não elementos físicos, através dos quais a graça é secreta ou misteriosamente comunicada. A “mentalidade sacramental” Protestante foi herdada da noção Romana de regeneração batismal e Missa. A Transubstanciação Romanista é em dada extensão revivida na consubstanciação Luterana e presente em um determinado grau na ideia Reformada de sacramento, que postula algo misterioso e além dos elementos físicos.

O Significado Do Batismo

O Batismo não é um “selo do pacto”, como a circuncisão era no Antigo Testamento (Gênesis 17). **Mesmo a circuncisão de Abraão foi “um selo da justiça da fé quando estava na incircuncisão”** (Romanos 4:11), **ou seja, a fé de Abraão precedeu sua circuncisão.** A O Batismo não é um “selo do pacto”, como a circuncisão era no Antigo Testamento (Gênesis 17). **Mesmo a circuncisão de Abraão foi “um selo da justiça da fé quando** circuncisão era um sinal da Antiga Aliança feita com Israel no que diz respeito à terra de Canaã; o Batismo é uma ordenança evangélica peculiar à igreja e à economia do Novo Testamento. É a figura simbólica ou representação da morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo (cf. Romanos 6:1-6). Quando uma pessoa se submete ao Batismo bíblico em obediência ao Senhor e à Sua Palavra, ela se identifica publicamente no simbolismo do Evangelho. **Batismo é ao mesmo tempo um ato de obediência, identificação e submissão.** É um ato de obediência a Deus e à Sua Palavra (cf. Marcos 16:16; Atos 2:41). Como tal, ele é “a indagação de uma boa consciência para com Deus” (1 Pedro 3:20-21). É um ato de identificação com a morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo (Romanos 6:3-5), como tal, centraliza-se sobre a Sua obra salvadora e sangue eficaz, e por isso é uma limpeza simbólica do pecado (veja Atos 22:16). É um ato de submissão ao “nome” do Senhor Jesus, ou seja, um reconhecimento público de Seu senhorio sobre a vida (Atos 2:38).

O Raciocínio Para Aspersão Infantil

O argumento para aspersão infantil é extraído da visão reformada tradicional de “teologia do pacto”, [2] não a partir das Escrituras, que não estão apenas em silêncio sobre o assunto, mas clara e inequivocamente ensinam o Batismo de crentes, somente, e este por imersão [3]. Aspersão infantil e Batismo de crentes não concordam sobre qualquer determinado ponto e não podem ser paralelos em qualquer medida. Não é

[2] A origem do argumento de que o batismo infantil era a contraparte e cumprimento da circuncisão infantil masculina foi introduzido pela primeira vez por Huldreich Zwingli e Heinrich Bullinger em suas disputas com os Anabatistas, enquanto eles buscavam defender a aspersão infantil e o conceito de filhos da aliança contra a claro ensino nas Escrituras do Batismo do crente por imersão, por meio de “argumentar a partir do Pacto”. Veja M. E. Osterhaven, “Teologia do Pacto”, Dicionário de Teologia Evangélica, p. 279.

[3] Aspersão infantil não é nem uma “boa” nem uma “necessária consequência” deduzida a partir da Escritura. Esta é antes, uma ideia tradicional importada da tradição Romanista e um processo de discussão “do Pacto” no contexto de uma “mentalidade do Antigo Testamento”. Cf. Louis Berkhof, Teologia Sistemática, p. 632: “A base bíblica para o batismo infantil. Pode ser dito desde o início que não há nenhuma ordem explícita na Bíblia para batizar as crianças, e que não há uma única instância em que nos é claramente dito que crianças foram batizadas. Mas isso não significa necessariamente fazer do batismo de crianças não-bíblico...”. Ele então começa a “argumentar a partir do Pacto” e busca relacionar o batismo à circuncisão.

apenas uma questão do modo e sujeitos do “Batismo”, é também uma questão de propósito e significado que atinge a própria essência da salvação somente pela graça. O “batismo” ou “rhantism” (ραντισμ, aspergir) dos bebês é um “sacramento” que, em dada medida, confere misteriosamente ou comunica graça. Esses “filhos do Pacto” são, portanto, de alguma forma, “unidos a Cristo”, têm os seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro [4] e entram no “âmbito” da igreja. Eles são considerados como presumivelmente regenerados, até que o contrário apareça em suas vidas. Morrendo eles em tal estado, eles são assegurados de irem para o Céu. O que é isso, senão a sombra de Roma obscurecendo a luz da verdade da mentalidade Protestante tradicional? O ensinamento claro e inconfundível do Novo Testamento é a imersão dos fiéis em nome do Deus Triuno. Nem os sujeitos nem o modo de Batismo podem ser alterados sem mudar completamente tanto o seu significado quanto a sua significância [5].

Circuncisão, Batismo e Regeneração

O sinal da circuncisão da Antiga Aliança foi substituído, não pelo “batismo” de qualquer tipo, mas por um ato soberano de Deus, uma espiritual “circuncisão do coração”, ou seja, a regeneração (Veja Deuteronômio 10:16; 30:6; Ezequiel 36:25-27; João 3:3-5; Romanos 2:28-29; Colossenses 2:11-13. Veja também Jeremias 31:31-34; 2 Coríntios 3:3-18; Hebreus 8:1-13). Como a circuncisão era o sinal pactual da antiga aliança para o Israel físico ou nacional, assim, “a circuncisão espiritual”, ou regeneração é o sinal pactual da nova ou evangélica aliança com os crentes, ou “Israel espiritual”. O Batismo é claramente uma ordenança Neotestamentária. Seu modo é a imersão e seus sujeitos são os que manifestam uma profissão de fé confiável, segundo o padrão do Novo Testamento [6]. A circuncisão na carne encontrou sua realização, ou cumprimento e antítipo na circuncisão do coração, ou seja, regeneração sob a Nova Aliança.

[4] Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, III, p. 588: “...aqueles pais pecam gravemente contra as almas de seus filhos, se negligenciam consagrá-los a Deus na Ordenança do Batismo. Deixe que os pequenos tenham os seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro, mesmo que depois eles escolham apagá-los. Sendo assim, inscritos, pode ser o meio para a sua salvação”.

[5] Em um artigo intitulado “*O Contexto Pactual para o Evangelismo*”, o Dr. Norman Shepherd, presidente do Departamento de Teologia Sistemática no Seminário Teológico de Westminster, escreve: “A aliança oferece a perspectiva de que a tarefa de evangelização da igreja deve ser abordada... 1. A Grande Comissão surge e é padronizada pelo pacto feito com Abraão... 2. A metodologia evangelística Reformada deve ser conscientemente orientada para o pacto da graça, em vez de para a doutrina da eleição... 3. *O batismo em vez de regeneração é o ponto de transição da perdição na morte para a salvação na vida.*” (Como citado em *The Banner of Truth Magazine*, edição 166-167, p. 60, itálicos nossos).

[6] Se há alguma realidade em absoluto, quanto ao Batismo ser um “selo”, “sinal” ou “símbolo” do pacto, então bíblica e logicamente sob a Nova Aliança ou Evangelho, este deve ser o Batismo de crentes somente, pois somente eles estão incluídos na Nova ou Evangélica Aliança.

Abraão: Sua Descendência e Seus Filhos Espirituais

O argumento Reformado tradicional a partir de Romanos 4:9-12, de que, “assim como a circuncisão era um ‘sinal ou selo do pacto’, assim é a aspersão infantil”, na verdade viola tanto a declaração de Romanos 4:9-12 quanto o contexto de Gênesis 17, que descreve a instituição da circuncisão como um símbolo ou sinal da aliança. Em Romanos 4:9-12, o sujeito é Abraão, que foi circuncidado como um crente. A circuncisão foi para ele, e somente para ele: “selo da justiça da fé quando [já] estava na incircuncisão”. Em Gênesis 17, Abraão foi ordenado a circuncidar todos os filhos homens, servos, escravos, parentes — em sua casa, como um “símbolo” da aliança. Esta circuncisão pactual tinha relação com a posse da terra de Canaã, e não com as promessas eternas da salvação (cf. vv. 7-10). Além disso, Abraão circuncidou Ismael (v. 25-27), a quem ele já sabia que não estava incluído na aliança da promessa (vv. 15-21). Ló, sobrinho de Abraão, não foi circuncidado, embora ele estivesse no Pacto da Graça como um homem “justo” [7]. O pacto da promessa (Gênesis 12:1-3), como ampliado em Romanos 4:13-25; 9:1—11:32; e Gálatas 3:1-29, foi feito para os filhos espirituais de Abraão (τέκνα Αβραάμ, ou seja, crentes. João 8:39, Romanos 4:11-17; 9:6-24); a aliança da circuncisão, que tem relação com a terra de Canaã, foi feita à semente física de Abraão (σπέρμα Αβραάμ, João 8:33, 37).

A Relação Entre Fé e Batismo

Qual é a relação e ordem escriturística que existe entre a fé e o Batismo? No terceiro século depois de Cristo, o ensino do Batismo como um rito sendo eficaz para a regeneração e o perdão dos pecados (ou seja, a regeneração batismal) tornou-se amplamente aceito nas igrejas degeneradas e apóstatas. Íntima e logicamente seguindo isso, veio a prática do batismo infantil. *Este abandono radical do Novo Testamento foi um vivo exemplo do que resulta confundir o símbolo com a verdadeira realidade.* Como um resultado deste princípio, muitos grupos religiosos na história consideraram o Batismo ou sendo sinônimo de ato de salvação ou, pelo menos, intrinsecamente relacionado à salvação. Na primeira categoria estão os Romanistas, Ortodoxos Gregos e alguns Protestantes (por exemplo, Alto Anglicanismo, alguns Luteranos e Episcopais); neste último, estão tais grupos como a “Igreja de Cristo” (“Campbellitas”) e Pentecostais Unidos ou Igrejas “Apostólicas”. Os primeiros grupos tomam o seu princípio de tais provas textuais como João 3:5 e os últimos de tais como Marcos 16:16; Atos 2:38 e Atos 22:16.

O Novo Testamento uniformemente ensina que a fé deve preceder o Batismo, que o Batis-

[7] 2 Pedro 2:7-8, “E livrou o justo (δίκαιον) Ló... Porque este justo, habitando entre eles, afligia todos os dias a sua alma justa...”.

mo é um ato voluntário, consciente de obediência, identificação e submissão por parte do crente. João Batista batizou apenas os adultos arrependidos (Mateus 3:1-12). Os apóstolos batizaram somente aqueles que evidenciaram uma profissão de fé de acordo com a Comissão do Senhor (Mateus 28:18-20; Atos 2:41-42).

O Modo Das Escrituras: Imersão

O significado da Palavra “batismo”

Há uma raiz terminológica usada no Novo Testamento para o Batismo: βαφ, denota *profundidade*. Do que derivou o substantivo comum Grego βάθος: “profundo, profundidade”, e o verbo βαθύνω: “aprofundar” [8]. Esta raiz entrou no idioma Inglês nos termos que derivam de “bath” [banho], por exemplo, “bathyscaph” [batiscafo] e “bathysphere” [batisfera], veículos para a exploração profunda em alto-mar. A partir desta raiz derivam duas palavras: βαπτίζεῖν, um verbo que denota “mergulhar”, “submergir”, “imersão” ou “lavar por imersão”. A forma substantiva é βαπτισμα, ou “Batismo” [9]. Tivessem os escritores inspirados do Novo Testamento desejado transmitir a ideia de aspersão, eles teriam utilizado o termo comum no Novo Testamento para aspergir, ραντίζεῖν.

Alguns procuram alterar o modo para aspersão ou estado de derramamento, cuja ideia central não é a imersão, mas sim ser “lavado” do pecado (Atos 22:16; Tito 3:5), contudo isso deve sempre: ou literalmente ensinar a regeneração batismal, ou figurativa ou simbolicamente ensinar o Batismo do crente. Alguns têm procurado usar Isaías 52:15 e Daniel 4:33 para reforçar seus argumentos para aspergir. Isaías 52:15 está no contexto do sofrimento de nosso Senhor, toda a passagem que se estende até o capítulo 53. Argumenta-se que o Eunuco etíope deve ter lido esta parte do capítulo 52 e, naturalmente, chegou à conclusão após a pregação de Filipe, que deveria ser aspergido (Atos 8:27-39). O termo hebraico básico é מְהַלֵּךְ, “atemorizar, jorrar, polvilhar”. O termo básico no 52 é θαυμάζω, “atemorizar,

[8] Esses termos são usados literalmente e figurativamente: Cf. Romanos 8:39, onde os termos “altura, nem a profundidade” (βάθος) referem-se aos reinos celestiais e infernais. O termo também é usado para alto mar (Lucas 5:4), para profundidade da terra (Mateus 13:5; Lucas 6:48), para extrema pobreza (2 Coríntios 8:2), para funcionamento interno da intriga satânica (Apocalipse 2:24), e para “profundas” verdades espirituais (Romanos 11:33; 1 Coríntios 2:10; Efésios 3:18).

[9] βαπτίζεῖν também carrega um significado figurado de “identificação” ou ser “oprimido” (por exemplo, Mateus 20:22-23; Marcos 10:38-39; Lucas 12:50; 1 Coríntios 10:2; 12:13). Que o significado é “mergulho”, “mergulhar”, “imersão”, todos os léxicos padrão e obras de crítica Gregas concordam. O próprio termo “batizar”, uma transliteração, entrou no idioma Inglês e Bíblia porque os Pedobatistas não quiseram traduzi-lo como eles teriam que fazê-lo, para serem fiéis ao texto e linguagem, como “imersão” ou “mergulhar”.

espantar, maravilhar”. No contexto do horrível sofrimento físico emutilação de nosso Senhor e o contexto imediato do v. 14, o termo deve ser “assustar ou surpreender muitas nações”. O uso de ἐβάφη, na Septuaginta, para Daniel 4:33 deve ser tomado como uma hipérbole, “batizado”, ou seja, “encharcado com o orvalho do céu” [10]. Alguns têm tomado as referências ao “batismo” do Espírito Santo (Atos 1:5, 2:1-4) como prova bíblica para o derramamento como um modo adequado. Aqui, a conotação de “batismo” deve ser uma de identificação — o Espírito Santo identificando a Igreja como Sua instituição ordenada pela economia Evangélica [11].

O Testemunho da História

Uma examinação da história religiosa revela que a imersão era o modo comum de Batismo por mais de 1300 anos, e foi o modo comum na Bretanha, pelo menos até o ano de 1600. Isto é provado acima de qualquer dúvida por batistérios das igrejas antigas, documentos Romanistas e Protestantes, e as bem documentadas práticas da Igreja de Roma, da Igreja Britânica e das práticas dos Reformadores. Observe as seguintes citações de escritores, ou Romanistas ou Protestante, a respeito da imersão:

Mabillon, o grande historiador Católico Romano, concede um relato da prática no final da Idade Média, descrevendo uma imersão que foi realizada pelo próprio papa, que ocorreu na igreja de São João Evangelista. Diz-se que o papa abençoou a água e:

Então, enquanto todos estavam se ajustando em seus devidos lugares, sua Santidade se retirou para uma sala adjacente de São João Evangelista. Assistido por alguns acólitos que tiraram os seus hábitos e vestiram-lhe um par de calças enceradas e sobrepeliz, e depois voltaram para o batistério. Ali as crianças estavam esperando-o, o número usualmente batizado pelo papa. Depois que o papa fez as perguntas habituais, ele imergiu três e subiram do batistério, os assistentes jogaram um manto sobre sua sobrepeliz, e ele retornou [12].

Lutero, em seus primeiros dias como um Reformador, escreveu:

[10] O Hebraico lê עֲבָטָה de צָכַל para mergulhar, necessariamente, uma hipérbole. Essa linguagem não reforça a ideia de aspersão, a não ser que o próprio significado dos termos torne-se sem sentido.

[11] Isto está de acordo com a manifestação visível da glória de Deus sobre o tabernáculo e no Templo. Cf. Êxodo 40 e 1 Reis 8:1-11. Se o assunto for pressionado, então admitimos o derramar como um modo, mas para ser bíblico, os sujeitos devem estar sentados, e toda a sala cheia de água: uma imersão (Atos 2:2).

[12] Mabillon, *Annales Ordinis sancti Benedicti*, l. 43, como citado por John T. Christian, *História dos Batistas*, l. p. 82.

O termo batismo é Grego e pode ser traduzido por imersão, como quando algo é mergulhado em água, de modo que é todo coberto. E, embora o costume agora esteja abolido entre muitos, pois eles não imergem as crianças, mas apenas derramam um pouco de água, ainda assim, elas devem ser totalmente imersas e retiradas imediatamente. Pois isso a etimologia do termo parece exigir. E os alemães também chamam o Batismo *taufe*, de profundidade, o que em sua língua eles chamam *tiefe*, porque é apropriado que os batizados sejam profundamente imersos. E, certamente, se você olhar para o que o Batismo significa, você verá que o mesmo é necessário. Pois, ele significa isso, que o velho homem e nossa natureza pecaminosa, que consistem em carne e osso, são totalmente imersos pela graça divina, que nós assinalamos de forma mais plena. O modo de batizar, portanto, necessariamente correspondia com o significado do Batismo, para que ele pudesse expressar um determinado e pleno sinal deste [13].

O grande Reformador de Genebra, João Calvino escreveu em suas Institutas:

Se a pessoa batizada deve ser totalmente imersa, e isso uma ou três vezes, ou se ela deve ser apenas aspergida com água, não é de mínima conclusão: as igrejas devem ter a liberdade de adotar um ou outro de acordo com a diversidade de climas, embora seja evidente que o termo batizar significa mergulhar, e que esta era a forma utilizada pela Igreja primitiva [14].

Arcebispo Whately, Anglicano:

Exceto em ocasiões extraordinárias, o Batismo era raramente, ou talvez nunca, administrado durante os primeiros quatro séculos, senão por imersão ou mergulho. Nem aspersão ou borrifar como são normalmente utilizados até o dia de hoje... A Inglaterra foi o último lugar onde isso foi recebido, embora isso nunca tenha obtido tanto como a ser imposto; tendo sido a imersão sempre prescrita pela rubrica [15].

Dean Stanley, proeminente prelado Anglicano e estudioso:

Pelos primeiros treze séculos, a prática quase universal do Batismo era a de que lemos no Novo Testamento, e que é o próprio significado da palavra: “batizar” — Aqueles que foram batizados eram mergulhados, submersos, imersos em água. Essa prática ainda

[13] Martinho Lutero, *Krip. Tyrol. Anab*, p. 17, citado por Thomas Armitage, *História dos Batistas*, p. 398.

[14] João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, Livro IV, cap. XV, seção 19.

[15] Citado por Richard B. Cook, *A História dos Batistas*, p. 31.

é, como vimos, continuada em Igrejas Orientais. Na Igreja Ocidental, isso ainda permanece entre os Católicos Romanos, no caso solitário da Catedral de Milão... Isso durou muito tempo na Idade Média... Mesmo na Igreja da Inglaterra ainda é observado na teoria. Elizabeth e Eduardo VI ambos foram imersos. A rubrica no Batismo Público para Lactentes, ordena que, exceto em casos especiais, eles devem ser mergulhados, não aspergidos. Mas, na prática, isso perdeu lugar, desde o início do século XVII [16].

Assim, testemunhado pela história, até mesmo por historiadores Romanistas e Protestantes, que o ensinamento do Novo Testamento é o Batismo de crentes por imersão; qualquer outro modo sendo anti-bíblico e um produto de conveniência, tradição ou preconceito.

Os Sujeitos Escriturísticos: Os Crentes

O Novo Testamento claramente ensina o Batismo dos crentes. Os sujeitos apropriados para o Batismo são:

- “Discípulos” (Mateus 28:19) [17] A grande força da linguagem cai em “fazei discípulos” e a palavra “os” (αὐτοὺς, masculino, plural) tem “discípulos” (μαθητεύσατε, literalmente “fazei discípulos”, e “discípulos” como um substantivo seria masculino plural) não “nações” (πάντα τὰ ἔθνη, neutro plural) por seu antecedente. A “Grande Comissão”, afirma claramente que somente “discípulos”, ou seja, convertidos, aqueles que evidenciam as marcas de graça, são os sujeitos aptos para o Batismo (μαθητεύσατε... βαπτίζοντες αὐτοὺς).
- Aqueles que “produzem frutos dignos de arrependimento” (Mateus 3:7-8.).
- “Aquele que crê” (Marcos 16:16).
- Os arrependidos e crentes (Atos 2:38).
- “Os que de bom grado recebem a Palavra” (Atos 2:41).
- A pessoa que possui crença de todo o coração” (Atos 8:36-37).
- Aquele que era um “irmão”, apontado por Deus como um convertido, e que evidencia uma verdadeira experiência de conversão (Atos 9:1-18).
- Aqueles cujo coração o Senhor abriu (Atos 16:14-15).

[16] No século XIX, outubro de 1879, como citado por Richard B. Cook, Ibid., pp. 30-31.

[17] Mateus 28:19-20: παλιν λεγω υμιν οτι εαν δυο υμων συμφωνησωσιν επι της γης περι παντος πραγματος ου εαν αιτησωνται γενησεται αυτοις παρα του πατρος μου του εν ουρανοις ου γαρ εισιν δυο η τρεις συνηγμενοι εις το εμον ονομα εκει ειμι εν μεσω αυτων. (Fonte: BibliaOnline.net)

- Aqueles que ouviram a Palavra de Deus e creram (Atos 16:30-34).

É um princípio de interpretação fundamental e axiomático que nenhum ensinamento claro da Escritura pode ser apropriado a partir da referência vaga ou silêncio, ainda assim, este tem sido o processo dos pedobatistas que argumentam a partir da vaga referência de “batismo de famílias”, e a partir do silêncio do Novo Testamento para introduzir uma mentalidade e prática do Antigo Testamento [18]. Não há qualquer passagem bíblica, histórica, ou lógica, onde o Batismo substituiu a circuncisão. O antítipo da circuncisão é a regeneração, ou a real “circuncisão do coração” (cf. Deuteronômio 10:16; 30:6; Ezequiel 36:25-27; João 3:3, 5; Romanos 2:28-29; Colossenses 2:11-13). Além disso, a questão que surgiu sobre a legitimidade ou “santificação” de crianças com pelo menos um dos pais crente teria sido totalmente desnecessária se o rito da circuncisão fosse substituído pelo Batismo. Certamente, o apóstolo teria esclarecido o assunto para aqueles que ainda estão em ignorância sobre a posição dos “filhos da aliança” (Veja 1 Coríntios 7:12-14)

A fraqueza inerente à posição acima foi pressuposta pelos próprios pedobatistas em seu maior argumento: a continuidade da aliança. Eles assumem ou pressupõem que o “pacto da graça” (não a aliança eterna da redenção e da graça inferida no decreto Divino e o processo de eleição, predestinação e redenção pactuais, mas um “pacto” de proporções do Antigo Testamento adequado para a raça e nação Hebraica) é o mesmo em ambos os Testamentos; ou seja, o Antigo Testamento *Groepsverbandgodsdiestien* [19] se estende até a igreja do Novo Testamento. No entanto, mesmo isso é supostamente um argumento do silêncio.

O Novo Testamento está em silêncio sobre o batismo de infantes, assim como os Pais Apostólicos (ou seja, aqueles escritores Cristãos primitivos que viveram na geração que sucedeu a geração dos Apóstolos, a saber, Clemente de Roma, Barnabé, Inácio, Hermas, Papias e Policarpo). Na geração seguinte, Justino Mártir admite a regeneração batismal, mas não o batismo infantil. O primeiro testemunho claro é de Tertuliano, que escreveu em oposição ao batismo infantil (185 d.C.). **O primeiro testemunho claro a favor do batismo infantil é da pena de Cipriano, no Concílio de Cartago (253 d.C.). Isso não se tornou uma prática geral, até os séculos V e VI, quando foi ordenado pelo decreto imperial sob os imperadores Justino e Justiniano (538 d.C.)** [20]. Algumas citações de proeminentes escritores pedobatistas devem resolver a questão. O grande historiador da igreja

[18] Os chamados “batismos de famílias” no Novo Testamento não ensinam que os bebês devem ser batizados. Os únicos detalhes do registro inspirado revelam que os membros da família foram convertidos antes do Batismo, ou seja, eles creram antes de serem batizados. (Veja Atos 16:30-34).

[19] Lit.: um grupo monolítico de pessoas unidas por raça e religião. Termo extraído a partir do Dr. Leonard Verduin.

[20] Agostinho (354-430) tornou-se seu defensor, mas até ele admitiu que sua autoridade repousava no costume eclesiástico e não Escritura.

Augusto Neander, um pedobatista Protestante, escreveu:

Não pode ser provado que o batismo infantil era praticado na era apostólica. A sua introdução tardia, a oposição que ele ainda encontrou, no segundo século, antes, dizem contra uma origem apostólica... Não parece haver qualquer razão para derivar o batismo de crianças de uma instituição apostólica, e o reconhecimento de que ele se seguiu um pouco mais tarde, como uma tradição apostólica, serve para confirmar esta hipótese [21].

Phillip Schaff, embora um defensor do batismo infantil, admite que isso é contrário ao espírito do Evangelho, e como um rito não era comum até a época de Constantino:

“...O Novo Testamento não contém nenhuma ordem expressa para batizar infantes; tal comando não estaria de acordo com o livre espírito do Evangelho. Tampouco havia batismo infantil obrigatório ou geral antes da união entre Igreja e Estado...” [22].

Arthur Penrhyn Stanley, Decano de Westminster, e prelado da Igreja da Inglaterra, escreveu:

Na era apostólica, e nos três séculos que se seguiram, é evidente que, como regra geral, aqueles que vinham ao Batismo, vinham em maioridade, de sua própria escolha deliberada. Nós encontramos alguns casos de batismo de infantes; no terceiro século, encontramos um caso do batismo de infantes. Mesmo entre as famílias Cristãs, as instâncias de Crisóstomo, Gregório de Nazianzo, Basílio, Efraim de Edessa, Agostinho, Ambrósio, são provas decisivas de que isso não somente não era obrigatório, mas não usual. Eles tiveram pais Cristãos e ainda assim, eles não foram batizados até que chegaram à maturidade [23].

A Autoridade Apropriada Para o Batismo

A “Grande Comissão” foi dada à igreja como uma instituição, não aos apóstolos como indivíduos ou indiscriminadamente a qualquer pessoa ou organização fora da igreja do Novo Testamento (veja Mateus 28:18-20). Parte dessa comissão é para batizar. Assim, a autoridade para o Batismo recai sobre a igreja do Novo Testamento. O mandamento do Senhor Jesus Cristo e o exemplo das igrejas apostólicas colocam o Batismo em uma conexão intrínseca com esta instituição, somente (Veja Atos 2:38-42).

[21] Augustus Neander, *História Geral da Religião Cristã e da Igreja*, I., p. 430; Veja também Richard B. Cook, *A História dos Batistas*, p. 26.

[22] Phillip Schaff, *História da Igreja Cristã*, I, p. 470.

[23] *No século XIX*, outubro de 1879, p. 39, citado por Richard B. Cook, *A História dos Batistas*, p. 27.



John Gill (1697 – 1771)

Dr. John Gill nasceu na Inglaterra, em 1697. Ainda muito jovem, foi instruído em Latim clássico, Grego e Hebraico. Recebeu o título de Doutor em Divindade pela Universidade de Aberdeen, em 1748; foi ministro Batista e pastoreou sua igreja (que mais tarde se tornou o Tabernáculo Metropolitano, pastoreado por C.H. Spurgeon) por 51 anos. Durante toda a sua vida procurou combater os males provindos do Arminianismo e do Unitarianismo. Foi autor de diversos livros e tratados teológicos. O último grande escrito desse estudioso foi *A Body of Divinity* ["Um Corpo de Teologia"], publicado em 1769, que é, provavelmente, a Teologia Sistemática mais completa já escrita. Consideramos o Dr. Gill como o Príncipe dos Teólogos Batistas.

Sobre o Batismo

Por John Gill

[Um Corpo de Teologia Prática, Livro 3 — Capítulo 1 • Editado]

Como a primeira Aliança, ou Testamento, tinha ordenanças de culto divino, as quais estão abaladas, removidas e abolidas; assim o Novo Testamento, ou dispensação do Evangelho, tem ordenanças de culto divino, que não podem ser abaladas, mas permanecerão até a segunda vinda de Cristo. “Estas”, como diz Agostinho [1], “são poucas; e fáceis de serem observadas, e de uma significação muito expressiva”. Entre as quais, o Batismo deve ser considerado uma, e é adequado que seja tratado, em primeiro lugar, pois ele não é uma ordenança da igreja, é uma ordenança de Deus, e uma parte e ramo da adoração pública.

Quando eu digo que não é uma ordenança da igreja, quero dizer que não é uma ordenança administrada na igreja, mas fora dela, e no intuito de admissão para ela, e comunhão com ela; é preparatória para ela, e uma qualificação para ela; o Batismo não faz de uma pessoa um membro de uma igreja, ou a admite em uma igreja visível; pessoas devem primeiramente ser batizadas, e depois adicionadas à igreja, como os três mil convertidos foram [Atos 2:41]; uma igreja não tem nada a ver com o Batismo de qualquer um, mas para ser satisfeito, eles são batizados antes de serem admitidos à comunhão com ela.

A admissão ao Batismo está apenas sob a autoridade do administrador, que é o único juiz qualificado para isso, e tem o poder exclusivo de recebê-lo ou de rejeitá-lo; se não satisfeito, ele pode rejeitar uma pessoa, considerada apropriada por uma igreja, e admitir uma pessoa para o Batismo que não é tida como apropriada por uma igreja; porém, um desacordo não é desejável nem recomendável.

A prescrição escriturística ordenada e regular do procedimento parece ser a seguinte: a pessoa inclinada a apresentar-se ao Batismo, e juntar-se em comunhão com a igreja, primeiro deve solicitar um administrador; e ao dar-lhe satisfação, ser batizada por ele; e, em seguida, deverá propor-se à comunhão da igreja; quando ela fosse capaz de responder a todas as perguntas adequadas, se solicitada, e dar a razão da esperança que está nela, ela está pronta para fazê-lo; se um testemunho de sua vida e conversão for requerido, se ninguém presente pode dá-lo, ela pode apontar pessoas que poderão dar este testemunho; e se for perguntado se ela é uma pessoa batizada ou não, tal pessoa pode responder de forma afirmativa, e dar provas disso, e assim, o caminho é claro para a sua admissão à comunhão da igreja. Assim Saulo, quando convertido, foi imediatamente batizado por Ana-

nias, sem qualquer conhecimento prévio e consentimento da igreja; e, foi muitos dias depois disso que ele propôs juntar-se aos discípulos, e foi recebido (Atos 9:18, 19, 23, 26-28), assim é o Batismo nas águas, quanto ao que ele significa, eu irei,

O Batismo é peculiar à dispensação do Evangelho, é uma ordenança permanente nela, e terá continuidade até a segunda vinda de Cristo.

1. Primeiro, provar que é peculiar à dispensação do Evangelho, é uma ordenança permanente nela, e terá continuidade até a segunda vinda de Cristo. Isto é o oposto dos sentimentos de tais que dizem que o Batismo estava em uso antes dos tempos de João, de Cristo e de Seus apóstolos; e de tais que limitam o Batismo nas águas ao intervalo entre o início do ministério de João e a morte de Cristo, quando este deveria, com outros ritos externos, cessar; e tais, como os Socinianos [2], que pensam que apenas os primeiros convertidos ao Cristianismo em uma nação devem ser batizados, e seus filhos, mas não a sua seguinte posteridade.

Havia de fato várias lavagens, banhos ou batismos, sob a dispensação legal, para a purificação de pessoas e coisas impuras, por meio da lei cerimonial; que tinha uma doutrina em si, chamada de doutrina dos batistas, que ensinou a purificação do pecado pelo sangue de Cristo; mas não havia nada neles semelhante à Ordenança do Batismo nas águas, senão apenas a imersão. Os judeus alegam que seus antepassados foram recebidos em aliança pelo Batismo, ou imersão, bem como pela circuncisão e sacrifício; e que os prosélitos do Paganismo foram recebidos da mesma maneira; e isso é avidamente agarrado pelos defensores do batismo infantil; estes imaginam que João, Cristo e Seus apóstolos, tomaram esse costume como eles o encontraram, e o continuaram, isto é o que eles imaginam em consideração ao silêncio sobre o assunto no Novo Testamento, e por que não há nem preceito para isso, nem exemplo disso, mas com certeza se isso estava em uso comum, como imaginam, embora nenhum novo preceito tenha sido dado, haveria precedentes suficientes para isso; mas nenhuma prova obtida naqueles tempos deve ser dada de tal prática, nem a partir do Antigo nem do Novo Testamentos; nem dos livros apócrifos escritos por judeus entre eles; nem de Josefo e Filo, o judeu, que escreveram um pouco depois dos tempos de João e Cristo; nem do *Mishná judeu*, ou livro de tradições. Apenas a partir de escritos posteriores aos deles, tarde demais para a prova disso antes daqueles tempos [3].

João foi o primeiro administrador da Ordenança do Batismo, e por isso é chamado de “o Batista” (Mateus 3:1) por meio de ênfase; ao passo que, se tivesse sido de uso comum, teria havido muitos batizadores antes dele, que teriam uma reivindicação quanto a esse

título; e por que as pessoas estariam tão alarmadas com ele, a ponto de vir de todas as partes para vê-lo administrando, e para ouvi-lo pregar, se quando isso tivesse sido de uso frequente, eles teriam muitas vezes o visto? E por que o Sinédrio judeu enviou sacerdotes e levitas de Jerusalém até João, para saber quem ele era, se o Messias, ou seu precursor, Elias ou o profeta falado e esperado? E quando ele confessou, e negou que ele era algum deles, eles disseram-lhe: “Por que batizas, pois?” [João 1:25], por que coisa e pelo que eles espera-vam, parece que era algo novo, e que eles esperavam quando o Messias viesse, mas não antes; e que, em seguida, seria realizado por algum grande personagem, um ou outro dos mencionados antes; ao passo que, se tivesse sido realizado por um professor comum, rabi-no comum ou doutor, sacerdote ou levita, em épocas imemoriais, não poderia haver espaço para tal questão; e tivesse sido este o caso, não haveria nenhuma dificuldade para os ju-deus responderem à pergunta de nosso Senhor: “O Batismo de João era do céu ou dos homens?” [Lucas 20:4]. Ao que eles teriam respondido que isso era uma tradição deles, um costume em uso entre eles em tempos remotos, se este fosse o caso conhecido; nem teriam sido sujeitos de qualquer dilema: mas o Batismo de João não era um dispositivo de homens; mas o “conselho de Deus”, de acordo com a Sua vontade e sábia determinação (Lucas 7:30). João tinha uma missão e comissão de Deus, ele era um homem enviado da parte de Deus, e ordenado a batizar (João 1:6, 33), e seu batismo foi o Batismo nas águas, isso ele afirma, e os lugares que ele fez uso para este propósito demonstram isso, e ninguém o negará.

.....

Cristo foi batizado por João, e Seu Batismo foi certamente o Batismo Cristão, disso ninguém pode duvidar (Mateus 3:13-17), e os Seus discípulos também foram batizados por ele; pois, por quem mais seriam batizados? Não pelo próprio Cristo, pois Ele não batizou ninguém (João 4:2). O Batismo de João e o Batismo de Cristo e Seus apóstolos eram o mesmo e ocorreram no mesmo período; eles eram contemporâneos, e um não sucedeu o outro. Ora, não é razoável supor que deveria haver dois tipos de Batismo administrados ao mesmo tempo; mas um único e mesmo para ambos (João 3:22, 23, 26, 4:1-2).

.....

Agora, seu Batismo e o Batismo de Cristo e Seus apóstolos eram o mesmo. Cristo foi batizado por João, e Seu Batismo foi certamente o Batismo Cristão, disso ninguém pode duvidar (Mateus 3:13-17), e os Seus discípulos também foram batizados por ele; pois, por quem mais seriam batizados? Não pelo próprio Cristo, pois Ele não batizou ninguém (João 4:2). E é observável, que o Batismo de João e o Batismo de Cristo e Seus apóstolos ocorreram no mesmo período; eles eram contemporâneos, e um não sucedeu o outro. Ora, não é razoável supor que deveria haver dois tipos de Batismo administrados ao mesmo tempo; mas um único e mesmo para ambos (João 3:22, 23, 26, 4:1-2).

O Batismo de João e o Batismo que foi praticado pelos apóstolos de Cristo, mesmo depois de Sua morte e ressurreição dentre os mortos, concordavam,

1a. Nos sujeitos destes. Aqueles a quem João batizou eram pecadores penitentes, sensíveis, que estavam convencidos de seus pecados, e fizeram uma simples confissão deles; e de quem ele exigia “frutos dignos de arrependimento”, e que mostravam que isso era genuíno; e, portanto, o seu Batismo é chamado de “o batismo de arrependimento”, porque ele exigia isso anteriormente (Mateus 3:6-8; Marcos 1:4). Assim, os apóstolos de Cristo exortaram os homens a se arrependerem, a professarem o seu arrependimento, e dar provas disso, antes de seu Batismo (Atos 2:38). João disse ao povo que viessem ao seu Batismo: “dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo”, em que eles foram batizados em Seu nome (Atos 19:4-5), e a fé em Cristo foi feita um pré-requisito para o Batismo por Cristo e Seus apóstolos (Marcos 16:16; Atos 8:36-37).

.....

O Batismo de João era por imersão, como os locais escolhidos por ele para batizar mostram; e o Batismo de Cristo por ele é uma prova disso (Mateus 3:6, 16; João 3:23), e de igual maneira foi o Batismo realizado pelos apóstolos, como o do eunuco por Filipe (Atos 8:38-39).

.....

1b. Na maneira e forma de administração de ambos. O Batismo de João era por imersão, como os locais escolhidos por ele para batizar mostram; e o Batismo de Cristo por ele é uma prova disso (Mateus 3:6, 16; João 3:23), e de igual maneira foi o Batismo realizado pelos apóstolos, como o do eunuco por Filipe (Atos 8:38-39).

1c. Na forma da sua administração. João foi enviado por Deus para batizar; e em nome de quem ele deve batizar, senão em nome do único Deus verdadeiro, que o enviou, isto é, em nome de Deus, Pai, Filho e Espírito? A doutrina da Trindade era conhecida por João, como era pelos os judeus em comum; diz-se de ouvintes e discípulos de João que foram “batizados em nome do Senhor Jesus” (Atos 19:5). A mesma forma é usada no Batismo daqueles que foram batizados pelos apóstolos de Cristo (Atos 8:16; 10:48), que é apenas uma parte inserida no todo, e é suficientemente expressiva do Batismo Cristão, que deve ser realizado “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mateus 28:19).

.....

O Batismo de João, assim como o dos apóstolos, era mediante o arrependimento para a remissão dos pecados (Marcos 1:4, Atos 8:38), mas isso não

significa que ou o arrependimento ou o Batismo obtenham o perdão do pecado, pois este perdão é obtido somente pelo sangue de Cristo.

.....

1d. Na finalidade e uso do Batismo. O Batismo de João, assim como o dos apóstolos, era mediante o arrependimento para a remissão dos pecados (Marcos 1:4; Atos 8:38), mas isso não significa que ou o arrependimento ou o Batismo obtenham o perdão do pecado, pois este perdão é obtido somente pelo sangue de Cristo; mas o Batismo é um meio de conduzir ao sangue de Cristo; e o arrependimento dá o incentivo para esperar por ele, através dele.

Agora, já que haja tal concordância entre o Batismo de João, administrado antes da morte de Cristo, e entre o Batismo dos apóstolos, administrado depois da morte, ressurreição e ascensão de Cristo, é um caso simples; o Batismo não se limitou ao intervalo de tempo desde o início do ministério de João até a morte de Cristo; mas foi depois continuado, é abundantemente evidenciado a partir da comissão de Cristo em Mateus 28:19: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os”, e que a água não seja mencionada, ainda assim ela está implícita quando o ato de Batismo é atribuído aos homens, pois é peculiar a Cristo o batizar com o Espírito Santo (Mateus 3:11; Atos 1:5), nem deu aos Seus apóstolos, nem a nenhum homem ou grupo de homens, uma comissão e poder para batizar com o Espírito; além disso, um aumento das graças do Espírito, e uma grande doação de Seus dons, são prometidos às pessoas depois do Batismo, e como distinto a ele (Atos 2:38).

Os apóstolos, sem dúvida, entenderam a comissão de Seu Senhor e Mestre para batizarem em água, uma vez que o praticaram desta forma; tal era o Batismo administrado por Filipe, que, depois de ter ensinado o eunuco essa mesma doutrina, quando chegaram a uma “certa água”, disse-lhe: “Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?”, isto é, batizado em água; e quando Filipe havia observado a ele o grande requisito para o Batismo em água, isto é, a fé em Cristo, a qual após ele imediatamente professar, o carro em que andavam foi ordenado a parar, ambos desceram à água, e Filipe o batizou; este foi certamente o Batismo em água; e assim foi aquele que Pedro ordenou ser administrado a Cornélio e seus amigos, após terem recebido o Espírito Santo, e assim por um Batismo diferente deste. “Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes?” (Atos 8:36, 38, 39, 10:47-48).

E isso foi projetado para ser continuado até o fim do mundo, até a segunda vinda de Cristo; como a ordenança da Ceia do Senhor deve ser mantida neste tempo, a ordenança do Batismo nas águas deve ser continuada tanto quanto; portanto, diz Cristo, para incentivar os Seus ministros a pregarem o Seu Evangelho, e para batizarem em Seu nome: “e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém” (Mateus 28:19-20).

.....

O Batismo não é um dispositivo de homens, mas uma ordenança de Deus; é uma parte solene do culto Divino, sendo realizado em nome das três Divinas Pessoas na Deidade: Pai, Filho e Espírito Santo, e por Sua autoridade; no qual o nome de Deus é invocado, a fé nEle é expressa, e um homem entrega-se a Deus, obriga-se a prestar obediência a Ele, esperando todas as coisas boas dEle.

.....

2. Em segundo lugar, a seguir, considerarei o autor do mesmo; e mostrarei que isso não é um dispositivo de homens, mas uma ordenança de Deus; é uma parte solene do culto Divino, sendo realizado em nome das três Divinas Pessoas na Deidade: Pai, Filho e Espírito Santo, e por Sua autoridade; no qual o nome de Deus é invocado, a fé nEle é expressa, e um homem entrega-se a Deus, obriga-se a prestar obediência a Ele, esperando todas as coisas boas dEle.

.....

Agora, para um ato de adoração religiosa deve haver uma prescrição de Deus. Deus é um Deus zeloso, e não sofrerá que qualquer coisa seja admitida na adoração a Ele, senão o que for de acordo com a Sua Palavra e vontade; se não for ordenado por Ele, pode justamente ser dito: “quem requereu isto de vossas mãos” [Isaías 1:12]. Uma ordem de homens não é suficiente; nenhum homem na terra deve ser chamado de mestre; um é o nosso Mestre no Céu, e só a Ele devemos obedecer. Se os mandamentos de homens são ensinados como doutrinas, em vão o Senhor é adorado.

.....

Agora, para um ato de adoração religiosa deve haver uma prescrição de Deus. Deus é um Deus zeloso, e não sofrerá que qualquer coisa seja admitida na adoração a Ele, senão o que for de acordo com a Sua Palavra e vontade; se não for ordenado por Ele, pode justamente ser dito: “quem requereu isto de vossas mãos” [Isaías 1:12], e irá ressentir-Se disso. Uma ordem de homens não é suficiente; nenhum homem na terra deve ser chamado de mestre; um é o nosso Mestre no Céu, e só a Ele devemos obedecer. Se os mandamentos de homens são ensinados como doutrinas, em vão o Senhor é adorado; o que é feito de acordo com eles é superstição e culto que brota de suas próprias vontades.

De fato, da maneira que o “Batismo” é agora comumente praticado, é uma mera invenção de homens, todo ele corrompido e modificado; em vez de homens espirituais racionais serem os sujeitos do Batismo, crianças, que não têm nem o uso da razão, nem o exercício da

graça, são admitidos a ele; e em vez de imersão em água, e emersão dela, um emblema muito expressivo dos sofrimentos de Cristo, da Sua morte, sepultamento e ressurreição dentre os mortos; a aspersão de algumas gotas de água sobre a face é introduzida; com uma série de ritos e cerimônias tolas utilizadas pelos Romanistas, e alguns de seus usos são mantidos por alguns Protestantes; como padrinhos, ou fiadores para as crianças, bem como as assinalações com o sinal da cruz.

Em suma, a forma da ordenança é tão alterada, que, se os apóstolos ressuscitassem dentre os mortos e a vissem como agora é realizada, eles mesmos não a reconheceriam como sendo a ordenança que Cristo lhes ordenara, e a que foi praticada por eles.

.....

De fato, da maneira que o “Batismo” é agora comumente praticado, é uma mera invenção de homens, todo ele corrompido e modificado. Em vez de homens espirituais racionais serem os sujeitos do Batismo, crianças, que não têm nem o uso da razão, nem o exercício da graça, são admitidos a ele; e em vez de imersão em água, e emersão dela, um emblema muito expressivo dos sofrimentos de Cristo, da Sua morte, sepultamento e ressurreição dentre os mortos; a aspersão de algumas gotas de água sobre a face é introduzida; com uma série de ritos e cerimônias tolas utilizadas pelos Romanistas, e alguns de seus usos são mantidos por alguns Protestantes; como padrinhos, ou fiadores para as crianças, bem como as assinalações com o sinal da cruz. Em suma, a forma da ordenança é tão alterada, que, se os apóstolos ressuscitassem dentre os mortos e a vissem como agora é realizada, eles mesmos não a reconheceriam como sendo a ordenança que Cristo lhes ordenara, e a que foi praticada por eles.

.....

Todavia, uma vez que é administrado de acordo com o padrão, e como primeiramente foi entregue, parece ser de uma origem celeste: o “conselho de Deus”, uma sábia indicação Sua, e algo em que todas as Três Pessoas têm uma participação; elas todas apareceram no Batismo de Cristo, e deram uma sanção para a ordenança com a Sua presença; o Pai por uma voz do céu, dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” [Mateus 3:17], como em Sua pessoa, assim neste Seu ato; em submeter-Se à ordenança do Batismo, o Filho em natureza humana, prestou obediência a isso; e o Espírito descendo sobre Ele como uma pomba. O Batismo é ordenado a ser administrado em nome de todos os Três, Pai, Filho e Espírito. O que, dentre outras coisas, é expressivo da autoridade Divina, em que o Batismo é realizado.

Cristo recebeu de Deus Pai honra e glória, como em Sua transfiguração, assim em Seu Batismo, pela voz do céu, confessando Sua relação com Ele, como o Seu Filho, e expres-

sando o Seu comprazimento nEle, tão obediente à Sua vontade; o Filho de Deus, em natureza humana, deixou um exemplo, de modo que devemos seguir as Suas pisadas. Embora Ele mesmo não batizou ninguém, ainda assim Ele o aprovou em Seus discípulos e deu-lhes ordens para fazê-lo; ordens as quais foram repetidas, e uma renovada comissão foi dada para o mesmo depois de Sua ressurreição dentre os mortos, e o Espírito de Deus mostrou Sua aprovação do mesmo, por Sua descida sobre Cristo em Seu Batismo; e Sua autoridade, por isso o Batismo deve ser administração em Seu nome, como em o nome das outras duas Pessoas; de modo que isso deve ser considerado, não como uma instituição de homens, mas como uma ordenação de Deus; como uma parte da justiça a ser cumprida, um ramo da vontade do justo Deus, a ser observado em obediência a Ele.

3. Em terceiro lugar, os sujeitos do Batismo, a seguir, serão investigados; quem eles são, ou a quem o Batismo deve ser administrado, e de acordo com as instâncias e exemplos da Escritura, eles são os tais que,

.....

Os sujeitos do Batismo são aqueles que foram iluminadas pelo Espírito de Deus para que vejam o seu estado de perdição por natureza, a excessiva malignidade do pecado e Cristo como o único Salvador dos pecadores; que olham para Ele e são salvos; e apenas os tais podem ver a finalidade da ordenança, que é a de representar os sofrimentos e morte, sepultamento e ressurreição de Cristo.

.....

3a. São iluminados pelo Espírito de Deus para que vejam o seu estado de perdição por natureza, a excessiva malignidade do pecado e Cristo como o único Salvador dos pecadores; que olham para Ele e são salvos; e apenas os tais podem ver a finalidade da ordenança, que é a de representar os sofrimentos e morte, sepultamento e ressurreição de Cristo; por isso, o Batismo era chamado pelos antigos de φωτισμος, “iluminação”, e as pessoas batizadas de φωτιζομενοι, “iluminados”; e as versões Siríaca e Etíope de Hebreus 6:4 traduzem a palavra “iluminado” por batizado; um emblema disso foi a abertura dos olhos de Saulo, como se fossem escamas; significando sua antiga cegueira, ignorância e incredulidade, que agora foram removidas e após isso ele se levantou e foi batizado (Atos 9:18).

3b. Pessoas penitentes; tais que, tendo visto a natureza maligna do pecado, arrependem-se dele e o reconhecem; tais foram os primeiros que foram batizados por João, de forma que lemos: “E eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados” (Mateus 3:6) sendo feitos sensíveis a eles, simplesmente os confessavam; e tais foram os primeiros que foram batizados depois que Cristo havia renovado a comissão aos discípulos, após a

Sua ressurreição, para ensinar e batizar, tais que foram compungidos no coração, foram exortados a professar arrependimento e dar provas disso, e, em seguida, foram batizados, como eles foram (Atos 2:37, 38, 41), e é lamentável que esses primeiros exemplos de Batismo não foram rigorosamente seguidos.

.....

Os sujeitos do Batismo são pessoas penitentes; tais que, tendo visto a natureza maligna do pecado, arrependem-se dele e o reconhecem; tais foram os primeiros que foram batizados por João, de forma que lemos: “E eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados” (Mateus 3:6)... e é lamentável que esses primeiros exemplos de Batismo não foram rigorosamente seguidos... A fé em Cristo é um pré-requisito para o Batismo (Marcos 16:16), isso é evidente a partir do caso do eunuco, desejando o Batismo, a quem Filipe disse: “É lícito, se crês de todo o coração” [Atos 8:37], pelo que evidencia-se que se ele não cresse, ele não teria o direito à ordenança; mas se cresse teria o direito de ser batizado; assim que ele professou sua fé em Cristo, sobre essa profissão, foi batizado (Atos 8:36)... e sem fé é impossível agradar a Deus, em qualquer ordenança ou parte do culto; e o que não é por fé é pecado [Romanos 14]; e sem ela ninguém pode ver a finalidade da Ordenança do Batismo, como antes observado.

.....

3c. A fé em Cristo é um pré-requisito para o Batismo (Marcos 16:16), isso é evidente a partir do caso do eunuco, desejando o Batismo, a quem Filipe disse: “É lícito, se crês de todo o coração” [Atos 8:37], pelo que evidencia-se que se ele não cresse, ele não teria o direito à ordenança; mas se cresse teria o direito de ser batizado; assim que ele professou sua fé em Cristo, sobre essa profissão, foi batizado (Atos 8:36), e os vários casos de Batismo registrados nas Escrituras, confirmam o mesmo; como os dos habitantes de Samaria, que, ao crerem em Cristo “foram batizados, tanto homens quanto mulheres”, assim os Coríntios, “ouviram” a palavra pregada pelo apóstolo Paulo, “creram” em Cristo, a quem ele pregava “e foram batizados”, sobre sua fé nEle (Atos 8:12; 18:8), e sem fé é impossível agradar a Deus, em qualquer ordenança ou parte do culto; e o que não é por fé é pecado [Romanos 14]; e sem ela ninguém pode ver a finalidade da Ordenança do Batismo, como antes observado.

3d. Aqueles que são ensinados e feitos discípulos por meio do ensino são os sujeitos apropriados do Batismo e conformados tanto à prática de Cristo quanto à Sua comissão; é dito: “fazia e batizava mais discípulos do que João” (João 4:1), Ele primeiro fez discípulos e, em seguida, os batizou, ou seja, ordenou aos Seus apóstolos que os batizassem; isto é, comissionou os Seus apóstolos a batizá-los: “fazei discípulos de todas as nações, batizando-os” [Mateus 28:19], isto é, aqueles que são ensinados, e assim feitos discípulos; e eles são os

discípulos de Cristo, que aprenderam a conhecê-IO, e são ensinados a negar seus pecados, justiça própria e o “eu” por causa dEle, e a tomarem a cruz e a segui-IO.

3e. Aqueles que receberam o Espírito de Deus, como Espírito de iluminação e convicção, de santificação e de fé, como as pessoas antes descritas podem bem ser consideradas tê-lo, devem ser admitidas ao Batismo (Atos 10:47; veja Gálatas 3:2), a partir de tudo o que isso evidencia, que os tais que são ignorantes das coisas Divinas, impenitentes, incrédulos e não discípulos e nem seguidores de Cristo, e que estão destituídos do Espírito, não são sujeitos apropriados ao Batismo, deixe suas pretensões de primogenitura serem o que desejarem; e assim, nem os filhos de ninguém, sejam eles nascidos de quem for; e a quem, de modo algum, as características descritivas dos sujeitos do Batismo citadas acima pertencem; em relação ao seu primeiro nascimento, embora nascidos de pais crentes, eles são carnis e corruptos, e filhos da ira, como os outros: “O que é nascido da carne é carne”, e eles devem nascer de novo, ou eles não verão, possuirão e gozarão o reino de Deus, ou terão o direito de serem admitidos na igreja de Deus. Agora, nem eles entrarão no reino de Deus, no céu, posteriormente, a menos que nasçam de novo; seu primeiro e carnal nascimento não lhes dá direito ao reino de Deus na terra, nem ao reino de Deus no céu, seja isso tomado em qualquer sentido; pois, o Batismo dos tais não tem nem preceito nem precedentes na Palavra de Deus.

3e1. Em primeiro lugar, não há nenhum preceito para o batismo de bebês; nem as palavras de Cristo em Mateus 19:14 “Deixai os meninos”, etc. Pois,

3e1a. Sejam as palavras ditas a quem ou a que elas se refiram, elas não estão na forma de um preceito, mas de uma permissão ou concessão, e significam não o que foi imposto como necessário, mas o que foi permitido, ou o que poderia ocorrer: “Deixai os meninos”, e etc.

3e1b. Estas crianças não parecem ser crianças recém-nascidas. As palavras usadas pelos evangelistas: *παιδια* e *βρεφη*, nem sempre significam os tais; mas às vezes são usadas para aqueles que são capazes de irem sozinhos, e de serem instruídos, e de compreenderem as Escrituras, e até mesmo alguém de doze anos de idade (Mateus 18:2; 2 Timóteo 3:15; Marcos 5:39, 42). Também não é provável que as crianças recém-nascidas houvessem se aproximado; além disso, estes eram aqueles a quem Cristo chamou (Lucas 18:16) e foram capazes de se chegarem a Ele por si mesmos, como se supõe nas próprias palavras; nem eles foram trazidos a Ele, nem Ele os tomou em seus braços, nenhuma objeção há para isso, já que é dito dos mesmos que podiam andar por si próprios (Mateus 12:22, 17:16; Marcos 9:36).

3e1c. Não pode ser dito de quem eram as crianças; se elas pertenciam àqueles a quem as trouxeram, ou a outros; e se filhos de crentes e de pessoas batizadas, ou não; ou se eram

filhos de descrentes, e de pessoas não batizadas; os próprios Pedobatistas não admitiriam que essas crianças fossem batizadas.

.....

É certo que as crianças não foram levadas a Cristo para serem batizadas por Ele, mas para outros fins; o evangelista Mateus, em Mateus 19:13, 15 diz que elas foram trazidas a Ele para que Ele “sobre elas pusesse as mãos, e orasse”, como Ele o fez, isto é, para abençoá-las; como era de costume dos judeus fazer (Gênesis 48:14, 15)... Essas não foram trazidas para serem batizadas por Cristo; pois Cristo não batizou ninguém, nem adultos nem crianças. Se elas tivessem sido trazidas com este intuito, teriam apresentando as crianças aos discípulos de Cristo, a quem eles poderiam ter visto administrar a Ordenança do Batismo, mas não ao próprio Cristo; é certo que não foram batizadas por Cristo, já que Ele nunca batizou alguém.

.....

3e1d. É certo que não foram levadas a Cristo para serem batizadas por Ele, mas para outros fins; o evangelista Mateus, em Mateus 19:13, 15 diz que elas foram trazidas a Ele para que Ele “sobre elas pusesse as mãos, e orasse”, como Ele o fez, isto é, para abençoá-las; como era de costume dos judeus fazer (Gênesis 48:14-15). Os evangelistas Marcos e Lucas dizem, que os meninos foram trazidos a Ele “para que sobre eles pusesse as mãos”, como Ele fez quando curou pessoas de enfermidades; e, provavelmente, essas crianças estavam doentes e foram trazidas a Ele para serem curadas; no entanto, elas não foram trazidas para serem batizadas por Cristo; pois Cristo não batizou ninguém, nem adultos nem crianças. Se elas tivessem sido trazidas com este intuito, teriam apresentando as crianças aos discípulos de Cristo, a quem eles poderiam ter visto administrar a Ordenança do Batismo, mas não ao próprio Cristo; no entanto, é certo que não foram batizadas por Cristo, já que Ele nunca batizou alguém.

.....

A passagem em que as crianças foram abençoados por Jesus, é, antes, contrária ao Pedobatismo, e mostra que esta prática não era realizada entre os judeus, e não fora utilizada por João, nem por Cristo e nem por Seus discípulos; pois, então, os apóstolos dificilmente teriam proibido que essas crianças fossem trazidas, uma vez que poderiam facilmente supor que elas estavam sendo trazidas para serem batizadas; mas desconhecendo tal prática na nação, quer dos que criam ou dos que não criam em Cristo, proibiram que as crianças fossem trazidas; e o silêncio de

Cristo sobre este assunto, quando Ele teve essa oportunidade de falar sobre batismo infantil aos Seus discípulos e dá-lhes ordens quanto a ele, se isso fosse de Sua vontade, parece mostrar que Ele não era favorável a prática... A razão dada para a permissão para que as crianças venham a Cristo é, “porque dos tais é o reino dos céus”, e deve ser entendida em sentido figurado e metafórico; de tais que são comparáveis às crianças em modéstia, mansidão e humildade, e pela ausência de rancor, maldade, ambição e orgulho (veja Mateus 18:2), e tal sentido é dado por Orígenes entre os antigos e por Calvino e Brugensis entre os modernos.

.....

3e1e. Esta passagem, é, antes, contrária ao Pedobatismo, e mostra que esta prática não era realizada entre os judeus, e não fora utilizada por João, nem por Cristo e nem por Seus discípulos; pois, então, os apóstolos dificilmente teriam proibido que essas crianças fossem trazidas, uma vez que poderiam facilmente supor que elas estavam sendo trazidas para serem batizadas; mas desconhecendo tal prática na nação, quer dos que criam ou dos que não criam em Cristo, proibiram que as crianças fossem trazidas; e o silêncio de Cristo sobre este assunto, quando Ele teve essa oportunidade de falar sobre batismo infantil aos Seus discípulos e dá-lhes ordens quanto a ele, se isso fosse de Sua vontade, parece mostrar que Ele não era favorável a prática.

3e1f. A razão dada para a permissão para que as crianças venham a Cristo é, “porque dos tais é o reino dos céus”, e deve ser entendida em sentido figurado e metafórico; de tais que são comparáveis às crianças em modéstia, mansidão e humildade, e pela ausência de rancor, maldade, ambição e orgulho (veja Mateus 18:2), e tal sentido é dado por Orígenes [4] entre os antigos e por Calvino e Brugensis entre os modernos.

A comissão em Mateus 28:19 também não contém qualquer preceito nela para o batismo infantil: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os” e etc.

.....

A comissão em Mateus 28:19 também não contém qualquer preceito nela para o batismo infantil: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os”. O batismo de todas as nações não está aqui ordenado, mas apenas o batismo dos tais que são ensinados, pois o antecedente do pronome relativo “os”, não pode ser “todas as nações”, uma vez que as palavras *παντα τα εθνη*, “todas as nações”, são do gênero neutro; enquanto *αυτους*, “eles”, é do gênero masculino; mas *μαθευτας*,

“discípulos”, é suposto e compreendido na palavra μαθητευσατε, “ensinar”, ou “fazer discípulos”; agora, o mandamento é para que aqueles que são primeiramente ensinados ou feitos discípulos, pelo ensino, sob o ministério da Palavra, sendo ajudados pelo Espírito de Deus, devem ser batizados.

.....

3e1f1. O batismo de todas as nações não está aqui ordenado, mas apenas o batismo dos tais que são ensinados, pois o antecedente do pronome relativo “os”, não pode ser “todas as nações”, uma vez que as palavras παντα τα εθνη, “todas as nações”, são do gênero neutro; enquanto αυτους, “eles”, é do gênero masculino; mas μαθευτας, “discípulos”, é suposto e compreendido na palavra μαθητευσατε, “ensinar”, ou “fazer discípulos”; agora, o mandamento é para que aqueles que são primeiramente ensinados ou feitos discípulos, pelo ensino, sob o ministério da Palavra, sendo ajudados pelo Espírito de Deus, devem ser batizados.

3e1f2. Se as crianças, por fazerem parte de todas as nações, devem ser batizadas, então os filhos de Pagãos, Turcos e judeus devem ser batizados, uma vez que eles também fazem, e uma grande parte, de todas as nações; bem como os filhos de Cristãos ou crentes, que são apenas uma pequena parte; sim, cada pessoa no mundo deve ser batizada, todos os adultos e pagãos assim como os Cristãos; mesmo os mais perdulários e depravados da humanidade, uma vez que eles fazem parte “de todas as nações”.

3e1f3. Os discípulos de Cristo são aqueles que aprenderam a conhecer a Cristo, e o caminho da salvação por Ele, e a conhecer a si mesmos, e sua necessidade dEle, estas são características que não podem combinar com crianças; e se os discípulos e aqueles que devem ser ensinados são os mesmos, como se diz, eles devem ser ensinados ou eles não podem ser discípulos. E eles não podem ser discípulos de Cristo a menos que tenham aprendido alguma coisa dEle; e de acordo com esta noção de discípulos e ensinados, eles devem aprender alguma coisa com Ele, antes de serem batizados em Seu nome.

Porém, qual bebê pode ser ensinado a fim de aprender sobre Cristo? Para provar a legitimidade dos discípulos infantis este texto é geralmente citado: Atos 15:10, o que pende mui escassamente para prová-lo; pois, bebês não são projetados nesta passagem, nem incluídas nas características; pois, mesmo que os professos judaizantes quisessem que os gentios e seus filhos também fossem circuncidados; ainda assim, não era a circuncisão, a coisa em si, o que é significado como jugo intolerável; pois isso foi o que os pais judeus e seus filhos foram capazes de suportar, e sustentaram em épocas passadas; mas estavam se referindo à doutrina da necessidade da circuncisão, e outros ritos mosaicos, para a salva-

ção; e obrigados a guardarem toda a Lei, e isso era intolerável; e esta doutrina não poderia ser imposta a crianças, mas apenas sobre pessoas adultas.

.....

Estes dois atos: ensinar ou fazer discípulos, e batizar, não devem ser confundidos, mas são dois atos distintos, e um é anterior e absolutamente necessário para o outro. Os homens devem primeiro ser discípulos, e depois batizados; assim Jerônimo há muito tempo compreendeu a comissão, pelo que ele observa: “Primeiro eles ensinam a todas as nações, em seguida, imergem os que são ensinados em água, pois não pode ser que o corpo receba o sacramento do batismo, a menos que a alma tenha recebido antes a verdade da fé”. E assim, diz Atanásio: “Portanto, o Salvador não simplesmente ordena a batizar; mas primeiro diz: ‘ensinem’, e depois: ‘batizem’ e isto ‘em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo’; de forma que a fé possa vir do ensino, e o batismo ser aperfeiçoado”.

.....

3e1f4. Estes dois atos: ensinar ou fazer discípulos, e batizar, não devem ser confundidos, mas são dois atos distintos, e um é anterior e absolutamente necessário para o outro. Os homens devem primeiro ser discípulos, e depois batizados; assim Jerônimo [5] há muito tempo compreendeu a comissão, pelo que ele observa: “Primeiro eles ensinam a todas as nações, em seguida, imergem os que são ensinados em água, pois não pode ser que o corpo receba o sacramento do batismo, a menos que a alma tenha recebido antes a verdade da fé”. E assim, diz Atanásio [6]: “Portanto, o Salvador não simplesmente ordena a batizar; mas primeiro diz: ‘ensinem’, e depois: ‘batizem’ e isto ‘em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo’; de forma que a fé possa vir do ensino, e o batismo ser aperfeiçoado”.

3e2. Em segundo lugar, não há nenhum precedente para o batismo de infantes na Palavra de Deus. Entre o grande número dos que se reuniram para o Batismo de João de todas as partes, não lemos sobre nenhum bebê que foi trazido com eles para este propósito, ou que foi batizado por ele. E, embora mais tenham sido batizados por Cristo do que por João, isto é, pelos apóstolos de Cristo, à Sua ordem, ainda assim, não há nenhuma menção de qualquer criança batizada por eles; e apesar de que três mil pessoas foram batizadas de uma vez, ainda assim, nenhuma criança entre eles, e em todos os relatos de Batismo em Atos dos Apóstolos, em diferentes partes do mundo, e nenhuma única instância de batismo infantil é dada.

Há, de fato, a menção feita de casas, ou famílias, batizadas; em relação às quais os “Pedobatistas” esforçam-se para se beneficiarem; mas eles devem ter certeza de que havia crianças dessas famílias, e que elas foram batizadas, ou então eles devem batizá-las sob

um fundamento muito precário. Uma vez que existem famílias que não têm crianças nelas, e como eles podem ter certeza que havia alguma nestas que as Escrituras falam?

Assim cabe a eles provar que havia crianças nelas, e que estas crianças foram batizadas; ou a alegação de uma dessas passagens não possui nenhum propósito.

.....

Nós somos capazes de provar que há muitas coisas no relato sobre essas famílias, que são incompatíveis com crianças, e que fazem menos provável que houvesse crianças nelas, e que também assegura que aqueles que foram batizados eram pessoas adultas e crentes em Cristo.

.....

Nós somos capazes de provar que há muitas coisas no relato sobre essas famílias, que são incompatíveis com crianças, e que fazem menos provável que houvesse crianças nelas, e que também assegura que aqueles que foram batizados eram pessoas adultas e crentes em Cristo.

Há apenas três famílias entre tantas que são geralmente mencionadas. A primeira passagem é a de Lídia e sua família (Atos 16:14-15), mas em que estado de vida ela estava não é certo, se solteira ou casada, se moça, viúva ou esposa; e se ela era casada, se tinha algum filho, ou se alguma vez já havia tido algum; e se ela tivesse filhos, e eles estivessem vivos, se eram crianças ou adultos; e se crianças, não parece provável que ela deveria trazê-los com ela a partir de seu lugar de origem, isto é, de Tiatira para Filipos, onde ela parece ter estado por motivo de negócios, e assim havia alugado uma casa durante a sua estadia ali.

Portanto a “casa de Lídia” parece ter consistido de empregados domésticos, os quais ela trouxe junto de si, para ajudá-la em seu negócio, e certo é que aqueles que os apóstolos encontraram em sua casa, quando entraram nela, depois que saíram da prisão, eram tais que são chamados de “irmãos”, e foram capazes de ser “confortados” por eles [Atos 16:40]; o que supõe que os da casa de Lídia tenham estado em alguma aflição e angustia, e precisavam de consolo.

A segunda instância é do carcereiro e sua família, que consistia em pessoas adultas, e dos tais somente; pois os apóstolos pregaram a palavra do Senhor para “todos” que estavam em sua casa, de forma que eles foram capazes de ouvir, e isso se assemelha à compreensão, pois não apenas ele “se alegrou” com a boa notícia da salvação por Cristo, mas “todos” em sua casa ouvindo isso, alegraram-se com a mesma. Este júbilo deles era a alegria da fé; pois ele e os dele eram crentes em Deus, Pai, Filho e Espírito; por isso é dito expressa-

mente, que “regozijaram, crendo em Deus com toda a sua casa”, de modo que eles não eram apenas ouvintes da Palavra, mas alegraram-se com ela, e creram nela, e em Deus, o Salvador, revelado nela para eles (Atos 16:32-34), tudo isso mostra que eles eram pessoas adultas, e não bebês.

O terceiro exemplo, se distinto da casa do carcereiro, posto que alguns consideram ser a mesma pessoa, é a de Estéfanos; mas seja este alguém diferente, é certo que consistia em pessoas adultas, crentes em Cristo, e muito úteis a serviço da Religião; eles foram os primeiros frutos da Acaia, os primeiros convertidos naquela região, e “que se tem dedicado ao ministério dos santos” (1 Coríntios 16:15) o que se entendido como o ministério da Palavra aos santos, ao qual eles se entregaram, ou o ministério de seu suprimento para com os pobres, com os quais eles alegremente se comunicaram, eles deviam ser pessoas adultas e não bebês.

.....
Não havendo, então, nem preceito nem precedente na Palavra de Deus para o batismo de bebês, este pode ser justamente condenado como anti-bíblico e injustificável.

Não havendo, então, nem preceito nem precedente na Palavra de Deus para o batismo de bebês, este pode ser justamente condenado como anti-bíblico e injustificável.

3e3. Em terceiro lugar, nem o batismo infantil deve ser concluído a partir de quaisquer coisas ou passagens registradas tanto no Antigo ou no Novo Testamento. O Batismo, sendo uma ordenança peculiar ao Novo Testamento, não se esperaria que houvesse quaisquer indicações sobre a observância dele no Antigo Testamento; e tudo o que pode ser reunido em relação a ele, a partir de batismos típicos e figurativos, sob a dispensação anterior, não há nada dali em favor, ou em tolerância, do batismo de bebês; e ainda assim nós somos muitas vezes direcionados a isso como a origem e fundamento dele, mas sem nenhum propósito.

3e3a. Não é verdade, como tem sido afirmado [7], que os “filhos dos crentes” têm, com os seus pais, sido inseridos no pacto com Deus nas antigas eras da igreja, se por pacto se quisesse dizer o Pacto da Graça.

O primeiro pacto feito com o homem, foi o de obras, feito com Adão, e que de fato incluía toda a sua posteridade, a quem ele se manteve como uma cabeça federal, como ninguém jamais o fez desde a sua descendência natural; no qual eles todos pecaram, foram condenados e morreram; o que certamente não pode ser evocado em favor dos filhos dos crentes! Depois da Queda, o Pacto da Graça, e o modo de vida e salvação por Cristo, foram revela-

dos a Adão e Eva, pessoalmente, como interessados nela; mas não para a sua descendência natural e posteridade, como participantes dele; pois, senão, toda a humanidade seria inserida no Pacto da Graça, e assim, não há nada peculiar aos filhos dos crentes; sobre os quais nem mínima sílaba é mencionada em toda a era da Igreja, desde Adão a Noé.

A próximo pacto do qual lemos é o que foi feito com Noé, a qual não foi feito apenas com ele e sua descendência imediata; nem foram inseridos como filhos de crentes, nem havia qualquer sacramento ou rito como um sinal deste, e de Deus ser o seu Deus em uma relação peculiar. Certamente isso não será dito de Cam, um dos filhos imediatos de Noé. Esse pacto foi feito com Noé, e com toda a humanidade até o fim do mundo, e mesmo com todos os seres vivos, os animais do campo, prometendo segurança de um dilúvio universal, de forma que o mundo permanecesse; e por isso não tinha nada nisso peculiar aos filhos dos crentes.

O próximo pacto é aquele feito com Abraão e à sua descendência, na qual grande ênfase é colocada (Gênesis 17:10-14), e isso é dito [8] ser o “grande ponto de viragem, em que a questão da controvérsia muitíssimo depende, e que se a aliança de Abraão, que incluía seus filhinhos, e deu-lhes o direito de circuncisão, não era o Pacto da Graça; logo, é, pois, confessado que o “principal fundamento” é tirado, em que “o direito das crianças ao batismo” é afirmado; e, conseqüentemente, os principais argumentos a favor da doutrina são derrubados”.

.....

Ora, que o pacto de Abraão não era o puro Pacto da Graça, em distinção ao pacto de obras, mas sim um pacto de obras, em breve será provado, e se assim for, então o principal fundamento do batismo de infantes é removido, e seus principais argumentos a favor dele serão derrubados.

.....

Agora que este pacto não era o puro Pacto da Graça, em distinção ao pacto de obras, mas sim um pacto de obras, em breve será provado, e se assim for, então o principal fundamento do batismo de infantes é removido, e seus principais argumentos a favor dele serão derrubados, e que este não é o Pacto da Graça é evidente,

3e3a1. Por ele nunca ter sido chamado por qualquer nome que mostre que ele é o Pacto da Graça; mas de “a aliança da circuncisão” (Atos 7:8). Agora nada é mais oposto um ao outro do que a circuncisão e a graça; a circuncisão é uma obra da Lei, pela qual os que procuraram ser justificados caíram da graça (Gálatas 5:2-4). Nem esta aliança pode ser a mesma sob a qual agora estamos, que é uma Nova Aliança, ou uma nova administração do Pacto da Graça, já que a aliança da circuncisão está abolida, e não mais possui existência ou força.

3e3a2. Ele parece ser um pacto de obras, e não da graça; uma vez que deveria ser mantido por homens, sob uma severa penalidade. Abraão deveria mantê-la, e a sua descendência depois dele; algo deveria ser feito por eles, a sua carne ser circuncidada, e uma penalidade foi anexada, em caso de desobediência ou negligência; tal alma deveria ser extirpada do Seu povo; tudo isso mostra que ela é não uma aliança da graça, mas de obras.

.....

Ora, que o pacto de Abraão não era o puro Pacto da Graça, pois ele nunca foi chamado por qualquer nome que mostre que ele é o Pacto da Graça; mas de “a aliança da circuncisão” (Atos 7:8). Ora, nada é mais oposto um ao outro do que a circuncisão e a graça; a circuncisão é uma obra da Lei, pela qual os que procuraram ser justificados caíram da graça (Gálatas 5:2-4). Nem esta aliança pode ser a mesma sob a qual agora estamos, que é uma Nova Aliança, ou uma nova administração do Pacto da Graça, já que a aliança da circuncisão está abolida, e não mais possui existência ou força... É evidente que a aliança da circuncisão era uma aliança que podia ser quebrada, pois do incircunciso é dito: “quebrou a minha aliança” (Gênesis 17:14), enquanto que a Aliança da Graça não pode ser quebrada; Deus não a quebrará, e os homens não podem quebrá-la; é ordenada em todas as coisas, e segura, e é mais imutável do que colinas e montanhas (Salmos 89:34).

.....

3e3a3. É evidente que a aliança da circuncisão era uma aliança que podia ser quebrada, pois do incircunciso é dito: “quebrou a minha aliança” (Gênesis 17:14), enquanto que a Aliança da Graça não pode ser quebrada; Deus não a quebrará, e os homens não podem quebrá-la; é ordenada em todas as coisas, e segura, e é mais imutável do que colinas e montanhas (Salmos 89:34).

3e3a4. É certo que havia coisas na aliança da circuncisão de natureza civil e temporal; como uma multiplicação da semente natural de Abraão, e uma raça de reis que procederiam dele; uma promessa dele ser o pai de muitas nações, e a posse da terra de Canaã, por meio de sua semente; coisas que não podem ter lugar no puro Pacto da Graça e não têm nada a ver com ele, mais do que a mudança de seu nome de Abrão para Abraão.

.....

Havia algumas pessoas incluídas na aliança da circuncisão, que não podem ser pensadas como pertencentes ao Pacto da Graça, como, por exemplo, Ismael, que não pertencia à mesma Aliança que Isaque, e um

profano Esaú. E por outro lado, havia alguns que estavam vivendo na mesma época em que este pacto da circuncisão foi feito, e ainda ficaram de fora dele; mas, que, sem dúvida, estavam no Pacto da Graça, pessoas tais como Sem, Arfaxade, Melquisedeque, Ló e outros; portanto esta aliança nunca podia ter sido o puro Pacto da Graça.

.....

3e3a5. Havia algumas pessoas incluídas na aliança da circuncisão, que não podem ser pensadas como pertencentes ao Pacto da Graça, como, por exemplo, Ismael, que não pertencia à mesma Aliança que Isaaque, e um profano Esaú. E por outro lado, havia alguns que estavam vivendo na mesma época em que este pacto da circuncisão foi feito, e ainda ficaram de fora dele; mas, que, sem dúvida, estavam no Pacto da Graça, pessoas tais como Sem, Arfaxade, Melquisedeque, Ló e outros; portanto esta aliança nunca podia ter sido o puro Pacto da Graça.

3e3a6. Nem é essa aliança a mesma com a que é referida em Gálatas 3:17, dita ser “confirmada de Deus em Cristo”, que não poderia ser anulada pela Lei quatrocentos e trinta anos depois; a distância de tempo entre elas não concordam, mas fica aquém da data do apóstolo, 24 anos; e, portanto, não deve se referir ao pacto da circuncisão, mas a alguma outra aliança e um tempo em que foi feita; mesmo para uma exposição e manifestação do Pacto da Graça a Abraão, sobre a época de seu chamado para fora da Caldéia (Gênesis 12:3).

.....

O Pacto da Graça foi feito com Cristo, como o cabeça federal dos eleitos nEle, e isso desde a eternidade, e Cristo é o único cabeça desse Pacto, e dos pactuantes, se o Pacto da Graça foi feito com Abraão, como a cabeça da sua descendência natural e espiritual, judeus e gentios; deve haver duas cabeças do Pacto da Graça, o que se opõe à natureza de tal pacto, e a todo o fluxo da Escritura. Sim, o Pacto da Graça diz respeito à semente espiritual de Abraão, e às bênçãos espirituais para eles; e às promessas desta, foram feitas a Cristo (Gálatas 3:16). Nenhum homem é capaz de pactuar com Deus; o Pacto da Graça não é feito com qualquer homem, individualmente; e muito menos com ele, em nome de outros; sempre que lemos deste Pacto como feito com uma pessoa ou pessoas em particular, deve ser sempre entendido como a manifestação e aplicação do mesmo e das suas bênçãos e promessas a tais pessoas.

.....

3e3a7. O Pacto da Graça foi feito com Cristo, como o cabeça federal dos eleitos nEle, e isso desde a eternidade, e Cristo é o único cabeça desse Pacto, e dos pactuantes, se o

Pacto da Graça foi feito com Abraão, como a cabeça da sua descendência natural e espiritual, judeus e gentios; deve haver duas cabeças do Pacto da Graça, o que se opõe à natureza de tal pacto, e a todo o fluxo da Escritura. Sim, o Pacto da Graça diz respeito à semente espiritual de Abraão, e às bênçãos espirituais para eles; e às promessas desta, foram feitas a Cristo (Gálatas 3:16). Nenhum homem é capaz de pactuar com Deus; o Pacto da Graça não é feito com qualquer homem, individualmente; e muito menos com ele, em nome de outros; sempre que lemos deste Pacto como feito com uma pessoa ou pessoas em particular, deve ser sempre entendido como a manifestação e aplicação do mesmo e das suas bênçãos e promessas a tais pessoas.

Mas, se admitimos que a aliança de Abraão seja um pacto peculiar, e de um tipo misto, contendo promessas de coisas temporais a ele, e a sua descendência natural e de coisas espirituais para a sua descendência espiritual; ou melhor, que havia ao mesmo tempo nesta aliança da circuncisão que foi dada a Abraão e à sua descendência natural, uma revigorante manifestação do Pacto da Graça feito com ele e sua semente espiritual em Cristo. Que as bênçãos temporais deste pertenciam à sua semente natural, não está em questão; mas negamos que as bênçãos espirituais pertencem a toda a semente de Abraão, segundo a carne, e toda a descendência natural de gentios crentes. Se o pacto da graça foi feito com toda a semente de Abraão segundo a carne, então, foi feito com sua prole mais imediata, com um zombador e perseguidor Ismael, e com um profano Esaú, e com toda a sua posteridade remota; com aqueles que não criam, e cujos corpos caíram no deserto; com as dez tribos que se rebelaram contra a pura adoração a Deus; com os judeus no tempo de Isaías, descendência de malfeitores, cujos governantes são chamados os governadores de Sodoma, e as pessoas são chamadas de povo de Gomorra; com os Escribas e Fariseus daquela geração má e adúltera dos tempos de Cristo, mas que homem sério, sensato, que conhece alguma coisa sobre o Pacto da Graça, pode admitir isso? (Veja Romanos 9:6-7)... É apenas um remanescente, segundo a eleição da graça, que está neste Pacto...

3e3a8. Mas, se admitimos que a aliança de Abraão seja um pacto peculiar, e de um tipo misto, contendo promessas de coisas temporais a ele, e a sua descendência natural e de coisas espirituais para a sua descendência espiritual; ou melhor, que havia ao mesmo tempo nesta aliança da circuncisão que foi dada a Abraão e à sua descendência natural, uma revigorante manifestação do Pacto da Graça feito com ele e sua semente espiritual em Cristo. Que as bênçãos temporais deste pertenciam à sua semente natural, não está

em questão; mas negamos que as bênçãos espirituais pertencem a toda a semente de Abraão, segundo a carne, e toda a descendência natural de gentios crentes. Se o pacto da graça foi feito com toda a semente de Abraão segundo a carne, então, foi feito com sua prole mais imediata, com um zombador e perseguidor Ismael, e com um profano Esaú, e com toda a sua posteridade remota; com aqueles que não criam, e cujos corpos caíram no deserto; com as dez tribos que se rebelaram contra a pura adoração a Deus; com os judeus no tempo de Isaías, descendência de malfeitores, cujos governantes são chamados os governadores de Sodoma, e as pessoas são chamadas de povo de Gomorra; com os Escritas e Fariseus daquela geração má e adúltera dos tempos de Cristo, mas que homem sério, sensato, que conhece alguma coisa sobre o Pacto da Graça, pode admitir isso? (Veja Romanos 9:6-7).

É apenas um remanescente, segundo a eleição da graça, que está no Pacto da Graça; e se toda a semente natural de Abraão não está nesta Aliança, dificilmente pode-se pensar que toda a semente natural dos gentios crentes esteja. São apenas alguns de um e alguns do outro, que estão no Pacto da Graça; e isso não pode ser conhecido até que eles creiam, quando, então, eles demonstrarão serem a semente espiritual de Abraão. O correto é adiar a sua pretensão de qualquer suposto privilégio decorrente de participação na Aliança, até que esteja claro que eles, eles, têm uma participação.

.....

Se toda a semente natural de Abraão, como tal, e toda a descendência natural dos gentios crentes, como tal, estão no Pacto da Graça; e uma vez que todos os que estão nele, e ninguém senão os que estão nele, são aqueles que são escolhidos por Deus, redimidos pelo Cordeiro, e serão chamados, pela graça, e santificados, e perseverarão na fé e santidade, e serão eternamente glorificados; logo, a semente natural de Abraão e dos gentios crentes, devem ser todos eleitos para a graça e glória, e ser redimidos pelo sangue de Cristo, do pecado, da Lei, do inferno e da morte; todos eles devem ter novos corações e espíritos que lhes serão dados, e o temor de Deus colocado em seus corações; devem ser chamados eficazmente, terem seus pecados perdoados, suas pessoas justificadas pela justiça de Cristo, e perseverarão na graça até o fim, e serão eternamente glorificados (veja Jeremias 31:33, 34, 32:40; Ezequiel 36.:25-27; Romanos 8:30). *Mas quem se aventurará a afirmar tudo isso da semente natural de Abraão ou dos gentios crentes?*

.....

Se toda a semente natural de Abraão, como tal, e toda a descendência natural dos gentios crentes, como tal, estão no Pacto da Graça; e uma vez que todos os que estão nele, e ninguém senão os que estão nele, são aqueles que são escolhidos por Deus, redimidos pelo

Cordeiro, e serão chamados, pela graça, e santificados, e perseverarão na fé e santidade, e serão eternamente glorificados; logo, a semente natural de Abraão e dos gentios crentes, devem ser todos eleitos para a graça e glória, e ser redimidos pelo sangue de Cristo, do pecado, da Lei, do inferno e da morte; todos eles devem ter novos corações e espíritos que lhes serão dados, e o temor de Deus colocado em seus corações; devem ser chamados eficazmente, terem seus pecados perdoados, suas pessoas justificadas pela justiça de Cristo, e perseverarão na graça até o fim, e serão eternamente glorificados (veja Jeremias 31:33-34, 32:40; Ezequiel 36:25-27; Romanos 8:30). Mas quem se aventurará a afirmar tudo isso da semente natural de Abraão ou dos gentios crentes? E depois de tudo,

3e3a9. Se a participação deles no Pacto fosse determinada, isso não lhes dá o direito a uma ordenança, sem que haja uma ordem positiva e direção de Deus. Ele deu o direito de circuncisão anteriormente; pois, de um lado, havia pessoas que viviam quando essa ordenança foi instituída, que tinham uma inegável participação no Pacto da Graça; como Sem, Arfaxade, Ló e outros, em que a circuncisão não foi ordenada, e eles não tinham o direito de praticá-la. Por outro lado, houve muitos dos quais não se pode dizer que eles estavam no Pacto da Graça, e ainda assim, foram obrigados a circuncidarem-se.

A fé em Cristo e uma profissão desta, são necessárias tanto para o Batismo quanto para a Ceia do Senhor, e se a participação no Pacto dá o direito ao Batismo, daria também à Ceia... Se houvesse um mandamento semelhante para o batismo dos filhos de crentes gentios, sob o Novo Testamento, como houve para a circuncisão de bebês judeus, sob o Antigo, a questão não admitiria qualquer controvérsia; todavia, nenhum mandamento ou algo desse tipo aparece.

E assim a participação no Pacto não dá direito ao Batismo, fosse isso provado ou não, que toda a semente de infantes dos Crentes, como tal, está no Pacto da Graça, isso não lhes daria o direito ao Batismo, sem um mandamento para tal; a razão é porque uma pessoa pode estar no Pacto, e ainda não ter o pré-requisito para uma ordenança. A fé em Cristo e uma profissão desta, são necessárias tanto para o Batismo quanto para a Ceia do Senhor, e se a participação no Pacto dá o direito ao Batismo, daria também à Ceia.

Não obstante toda essa ênfase feita sobre a aliança de Abraão (Gênesis 17:1-14), esta não foi feita com ele e sua semente infantil; mas com ele e sua descendência adulta; estes eram aqueles em todas as eras posteriores, até a vinda de Cristo, sejam crentes ou incrédulos, que foram inti-

mados a circuncidar seus descendentes infantis, e não todos eles, apenas os seus homens; isso não foi feito com a descendência infantil de Abraão, que não podia circuncidar a si mesma, mas com seus pais que por este pacto, foram obrigados a circuncidá-los. Sim, outros, que não eram a semente natural de Abraão, foram obrigados a isso: “O filho de oito dias, pois, será circuncidado, todo o homem nas vossas gerações; o nascido na casa, e o comprado por dinheiro a qualquer estrangeiro, que NÃO FOR DA TUA DESCENDÊNCIA” (Gênesis 17:12).

.....

3e3a10. Não obstante toda essa ênfase feita sobre a aliança de Abraão (Gênesis 17:1-14), esta não foi feita com ele e sua semente infantil; mas com ele e sua descendência adulta; estes eram aqueles em todas as eras posteriores, até a vinda de Cristo, sejam crentes ou incrédulos, que foram intimados a circuncidar seus descendentes infantis, e não todos eles, apenas os seus homens; isso não foi feito com a descendência infantil de Abraão, que não podia circuncidar a si mesma, mas com seus pais que por este pacto, foram obrigados a circuncidá-los. Sim, outros, que não eram a semente natural de Abraão, foram obrigados a isso: “O filho de oito dias, pois, será circuncidado, todo o homem nas vossas gerações; o nascido na casa, e o comprado por dinheiro a qualquer estrangeiro, que NÃO FOR DA TUA DESCENDÊNCIA” (Gênesis 17:12). O que nos leva a observar,

3e3b. Que nada se pode concluir a partir da circuncisão de crianças judias, para o batismo dos filhos de gentios crentes. Se houvesse um mandamento semelhante para o batismo dos filhos de crentes gentios, sob o Novo Testamento, como houve para a circuncisão de bebês judeus, sob o Antigo, a questão não admitiria qualquer controvérsia; todavia, nenhum mandamento ou algo desse tipo aparece. Pois,

.....

Não é claro que mesmo as crianças judias foram admitidas no Pacto por meio do rito da circuncisão; pelo que é reivindicado que os filhos dos crentes são admitidos nele pelo batismo; pois, a semente feminina de Abraão foi incluída na aliança feita com ele, como o foi a semente masculina, mas não por qualquer “rito visível” ou cerimônia, nem a sua semente masculina foi admitida por qualquer rito, nem mesmo pela circuncisão, pois, eles não deviam ser circuncidados até ao oitavo dia, circuncidá-los mais cedo seria criminoso; e que eles estavam em aliança desde o seu nascimento, penso que não será negado; como essa era uma aliança nacional tão logo nascessem na nação tornavam-se participantes dela. Os Israelitas, com seus filhinhos em Horebe, não estavam circuncidados,

nem eles o estavam quando entraram em aliança com o Senhor seu Deus (Deuteronômio 29:10-15).

3e3b1. Não é claro que mesmo as crianças judias foram admitidas no Pacto por meio do rito da circuncisão; pelo que é reivindicado que os filhos dos crentes são admitidos nele pelo batismo; pois, a semente feminina de Abraão foi incluída na aliança feita com ele, como o foi a semente masculina, mas não por qualquer “rito visível” ou cerimônia, nem a sua semente masculina foi admitida por qualquer rito, nem mesmo pela circuncisão, pois, eles não deviam ser circuncidados até ao oitavo dia, circuncida-los mais cedo seria criminoso; e que eles estavam em aliança desde o seu nascimento, penso que não será negado; como essa era uma aliança nacional tão logo nascessem na nação tornavam-se participantes dela. Os Israelitas, com seus filhinhos em Horebe, não estavam circuncidados, nem eles o estavam quando entraram em aliança com o Senhor seu Deus (Deuteronômio 29:10-15).

A circuncisão não era o selo do Pacto da Graça sob a dispensação anterior e nem o Batismo nem é o selo desta presente dispensação. Se a circuncisão fosse um selo desta, o Pacto da Graça não teria sido feito com ninguém entre Adão a Abraão. Este é chamado de um sinal ou símbolo, mas não de um selo. Era um sinal ou marca na carne da semente natural de Abraão, um sinal típico da contaminação da natureza humana, e da circuncisão interior do coração; mas de modo algum um selo, confirmando qualquer bênção espiritual do Pacto da Graça, para aqueles que tinham esta marca ou sinal. Ele, de fato, é chamado de “um selo da justiça da fé” (Romanos 4:11), mas não um selo para a semente natural de Abraão, de sua participação naquela justiça, mas apenas para o próprio Abraão. Era um selo para ele, um sinal de confirmação, assegurando-lhe, que a justiça da fé, que ele tinha antes de ter sido circuncidado, adviria sobre os crentes gentios não circuncidados; e, portanto, foi mantido em seus descendentes naturais, até que a justiça foi anunciada, recebida e imputada aos gentios crentes.

3e3b2. A circuncisão não era o selo do Pacto da Graça sob a dispensação anterior e nem o Batismo nem é o selo desta presente dispensação. Se a circuncisão fosse um selo desta, o Pacto da Graça não teria sido feito com ninguém entre Adão a Abraão. Este é chamado de um sinal ou símbolo, mas não de um selo. Era um sinal ou marca na carne da semente natural de Abraão, um sinal típico da contaminação da natureza humana, e da circuncisão interior do coração; mas de modo algum um selo, confirmando qualquer bênção espiritual

do Pacto da Graça, para aqueles que tinham esta marca ou sinal. Ele, de fato, é chamado de “um selo da justiça da fé” (Romanos 4:11), mas não um selo para a semente natural de Abraão, de sua participação naquela justiça, mas apenas para o próprio Abraão. Era um selo para ele, um sinal de confirmação, assegurando-lhe, que a justiça da fé, que ele tinha antes de ter sido circuncidado, adviria sobre os crentes gentios não circuncidados; e, portanto, foi mantido em seus descendentes naturais, até que a justiça foi anunciada, recebida e imputada aos gentios crentes.

.....

Nem o Batismo sucede a circuncisão. Não há concordância entre um e o outro; não nos indivíduos a quem eles foram administrados; o uso de um e do outro não é o mesmo; e a forma de administração deles difere. O Batismo sendo administrado a judeus e gentios, a homens e mulheres, e a pessoas adultas somente. Enquanto a circuncisão não era assim; o uso da circuncisão foi para distinguir a semente natural de Abraão dos demais. O Batismo é o emblema da semente espiritual de Cristo, e a indagação de uma boa consciência para com Deus; e representa os sofrimentos, sepultamento e ressurreição de Cristo, aquela é pelo sangue, este é por água.

E estas ordenanças, circuncisão e Batismo, muito diferem em seus sujeitos, uso e administração; alguém nunca poderia pensar que o Batismo vem no lugar e posição da circuncisão. Além disso, o Batismo estava em uso e vigor antes que a circuncisão fosse abolida, o que não ocorreu até a morte de Cristo. Considerando que a doutrina do Batismo foi pregada, e a própria ordenança administrada, alguns anos antes da circuncisão ser abolida. Ora, aquilo que estava em vigor antes da outra tornar-se obsoleta, nunca pode com qualquer propriedade ser considerado um sucessor, ou ter tomado o lugar da outra. Além disso, se este foi o caso, como a circuncisão deu o direito de celebrar a páscoa, assim o faria o Batismo em relação à Ceia do Senhor; ainda que não seja admitido. Agora, como não há nada a ser reunido a partir do Antigo Testamento para aprovar o batismo infantil, assim, não há passagens no Novo que possam ser apoiadas a favor dele.

.....

3e3b3. **Nem o Batismo sucede a circuncisão. Não há concordância entre um e o outro; não nos indivíduos a quem eles foram administrados; o uso de um e do outro não é o mesmo; e a forma de administração deles difere. O Batismo sendo administrado a judeus e gentios, a homens e mulheres, e a pessoas adultas somente. Enquanto a circuncisão não era assim; o uso da circuncisão foi para distinguir a semente natural de Abraão dos demais. O Batismo é o emblema da semente espiritual de Cristo, e a indagação de uma boa consciência para**

com Deus; e representa os sofrimentos, sepultamento e ressurreição de Cristo, aquela é pelo sangue, este é por água.

E estas ordenanças, circuncisão e Batismo, muito diferem em seus sujeitos, uso e administração; alguém nunca poderia pensar que o Batismo vem no lugar e posição da circuncisão. Além disso, o Batismo estava em uso e vigor antes que a circuncisão fosse abolida, o que não ocorreu até a morte de Cristo. Considerando que a doutrina do Batismo foi pregada, e a própria ordenança administrada, alguns anos antes da circuncisão ser abolida. Ora, aquilo que estava em vigor antes da outra tornar-se obsoleta, nunca pode com qualquer propriedade ser considerado um sucessor, ou ter tomado o lugar da outra. Além disso, se este foi o caso, como a circuncisão deu o direito de celebrar a páscoa, assim o faria o Batismo em relação à Ceia do Senhor; ainda que não seja admitido. Agora, como não há nada a ser reunido a partir do Antigo Testamento para aprovar o batismo infantil, assim, não há passagens no Novo que possam ser apoiadas a favor dele.

3e3b3a. Nem o texto em Atos 2:39: “A promessa é para vós e para os vossos filhos”, etc. Isso é dito em referência à aliança feita com Abraão, e a uma promessa da aliança feita com ele, dando a seus filhinhos o direito à ordenança da circuncisão; e é pleiteado como uma razão para os judeus, pela qual eles e seus filhos devem ser batizados; e para os gentios, do por que eles e os seus filhos o devem ser também, quando chamado a uma condição de igreja. Mas,

3e3b3a1. Não há a mínima menção feita no texto sobre o pacto de Abraão, ou de qualquer promessa feita a ele, dando a sua semente infantil o direito à circuncisão, e menos ainda ao Batismo; nem há a menor sílaba sobre batismo infantil, nem qualquer indício disso, a partir do qual isso seja concluído; nem por “filhos” se pretende dizer que são bebês concebidos, mas a posteridade dos judeus, que são frequentemente assim chamados nas Escrituras, embora já crescidos; e, a menos que isso seja assim entendido, em muitos lugares interpretações estranhas devem ser dadas a delas; portanto, o argumento a partir desta passagem para o “pedobatismo” é renunciado por alguns homens sábios, como o Dr. Hammond e outros, como inconclusivo.

3e3b3a2. A promessa aqui, seja ela qual for, não é observada como a concessão de um direito ou pretensão de qualquer ordenança; mas como um motivo encorajador para pessoas angustiadas, sob convicção de pecado, a arrependem-se dele, e a declararem o seu arrependimento, e entregarem-se a uma sujeição voluntária à Ordenança do Batismo; quando então eles poderiam esperar que a remissão dos pecados seria aplicada a eles, e eles receberiam uma medida maior da graça do Espírito; portanto, o arrependimento e o Batismo são instados com a finalidade de gozo da promessa; e, conseqüentemente, deve ser com-

preendido por pessoas adultas, as quais, somente, são capazes de arrependimento e de uma submissão voluntária ao Batismo.

.....

A promessa não é outra senão a promessa da vida e da salvação por Cristo, e da remissão dos pecados pelo Seu sangue, e de um crescimento na graça por Seu Espírito. As pessoas a quem se discursava eram acusadas da culpa do sangue de Cristo, que eles tinham invocado sobre sua posteridade, bem como sobre si mesmos, o que lhes afligia [Mateus 27:25]; foi-lhes dito, para o seu alívio, que a mesma promessa seria transformada em bem para sua posteridade também, desde que fizessem o que eles foram direcionados a fazer; e até mesmo para todos os judeus que estivessem mais distantes, em países longínquos e eras futuras, deveriam olhar para Cristo e clamar, arrependerem-se e crerem, e serem batizados; e considerando que os gentios são por vezes descritos como aqueles que “estavam longe” [Efésios 2:13, 17], a promessa pode ser pensada como para alcançar aqueles que seriam chamados pela graça, a se arrependerem, crerem e serem batizados também; mas nenhuma menção é feita aos seus filhos; e se fossem mencionados, a cláusula limitante: “a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar”, claramente aponta e descreve as pessoas intencionadas, quer judeus, quer gentios, eficazmente chamados pela graça, que são estimulados pelo motivo na promessa a professarem o arrependimento, e submeterem-se ao Batismo, o qual só pode ser compreendido por adultos, e não por crianças.

.....

3e3b3a3. A promessa não é outra senão a promessa da vida e da salvação por Cristo, e da remissão dos pecados pelo Seu sangue, e de um crescimento na graça por Seu Espírito. As pessoas a quem se discursava eram acusadas da culpa do sangue de Cristo, que eles tinham invocado sobre sua posteridade, bem como sobre si mesmos, o que lhes afligia [Mateus 27:25]; foi-lhes dito, para o seu alívio, que a mesma promessa seria transformada em bem para sua posteridade também, desde que fizessem o que eles foram direcionados a fazer; e até mesmo para todos os judeus que estivessem mais distantes, em países longínquos e eras futuras, deveriam olhar para Cristo e clamar, arrependerem-se e crerem, e serem batizados; e considerando que os gentios são por vezes descritos como aqueles que “estavam longe” [Efésios 2:13, 17], a promessa pode ser pensada como para alcançar aqueles que seriam chamados pela graça, a se arrependerem, crerem e serem batizados também; mas nenhuma menção é feita aos seus filhos; e se fossem mencionados, a cláusula limitante: “a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar”, claramente aponta e descreve as pessoas intencionadas, quer judeus, quer gentios, eficazmente chamados pela graça,

que são estimulados pelo motivo na promessa a professarem o arrependimento, e submeterem-se ao Batismo, o qual só pode ser compreendido por adultos, e não por crianças.

3e3b3b. Nem Romanos 11:16, em diante. “Se as primícias são santas”, etc. Pois,

3e3b3b1. Por primícias, e massa, e pela raiz e ramos, não são significados Abraão e sua posteridade, ou sua semente natural, como tal; mas o primeiro entre os judeus que creu em Cristo, e colocou o primeiro fundamento de um estado de igreja evangélica, e foram primeiramente incorporados nela; Ele, sendo santo, era uma promessa da futura conversão e santidade daquele povo nos últimos dias.

3e3b3b2. Nem pela boa oliveira, depois mencionada, entende-se o estado da igreja judaica; que foi abolida por Cristo, com todas as ordenanças peculiares da mesma; e os gentios crentes nunca foram enxertados nela; o machado foi posto à raiz desse antigo cepo judeu, e está completamente cortado, e nenhum enxerto é feito sobre ele. Mas,

3e3b3b3. Por isso se indica o estado da igreja evangélica, em sua primeira fundação, composto por judeus crentes, dos quais foram deixados os judeus que não creram em Cristo, e que são os ramos cortados; nesse estado de igreja, os gentios foram recebidos e enxertados, cujo enxerto ou coligação foi pela primeira vez feita em Antioquia, quando e daí por diante, os gentios participaram da raiz e da seiva da oliveira, gozaram dos mesmos privilégios, comunicaram-se nos mesmos preceitos, e ficaram satisfeitos com a bondade e seiva da casa de Deus; e esta igreja evangélica pode ser verdadeiramente chamada, pelos judeus convertidos no último dia, de sua “própria oliveira”, em que serão enxertados; posto que a primeira igreja evangélica foi estabelecida em Jerusalém, e os congregou dentre os judeus; e assim em outros lugares, as primeiras igrejas evangélicas consistiam de judeus, os primeiros frutos daqueles convertidos. De tudo isso, parece que não há a menor sílaba sobre o Batismo, e muito menos sobre o batismo de bebês, na passagem; nem qualquer coisa pode ser concluída a partir daqui a favor dele.

3e3b3c. Nem a partir de 1 Coríntios 7:14: “Porque o marido descrente é santificado pela mulher; e a mulher descrente é santificada pelo marido; de outra sorte os vossos filhos seriam imundos; mas agora são santos”, o que é dito nesta passagem é entendido por alguns como uma santidade federal, concedendo uma reivindicação de privilégios do Pacto, e, assim, ao Batismo. Mas,

3e3b3c1. Deve ser dito o que são esses privilégios do Pacto, uma vez que, como vimos, a participação no Pacto não dá direito a qualquer ordenança sem direção Divina; nem o Batismo é um selo do Pacto; deve ser dito o que esta santidade da aliança é, que se diga ser

imaginária ou real; por alguns é chamada de “reputação”, e distingue-se da santidade interna, o que é rejeitado como sendo o sentido do texto; mas tal santidade nunca pode qualificar pessoas para uma ordenança do Novo Testamento; nem quanto ao Pacto da Graça tal santidade o faz participante; pois a santidade que caracteriza os participantes do Pacto provê, em forma de promessa, santidade real, significando a colocação das leis de Deus no coração, ao conceder novos corações e novos espíritos, e pela purificação de toda a impureza, e a produção de santidade real e interior, demonstrada em santa conversação, e os tais em que isso aparece, têm um direito inquestionável à Ordenança do Batismo, já que eles receberam o Espírito como o Espírito de santificação (Atos 10:47). Mas isso não pode ser o significado do texto, considerando,

.....

1 Coríntios 7:14: “Porque o marido descrente é santificado pela mulher; e a mulher descrente é santificada pelo marido; de outra sorte os vossos filhos seriam imundos; mas agora são santos” [...] Esta é uma santidade como a que os pagãos podem ter; maridos e esposas incrédulos são descritos como possuindo esta santidade, em virtude de sua relação com as esposas e esposos crentes, e que é anterior à santidade de seus filhos, e sobre a qual a deles depende [...] se a santidade dos filhos é uma santidade federal, a do pai incrédulo deve ser assim também, pois é de onde provem a santidade dos filhos. [...] Se as crianças, em virtude desta santidade têm o direito ao Batismo, então, muito mais os seus pais incrédulos, uma vez que são santificados antes deles, pelo jugo de seus cônjuges crentes, e são tão próximos a eles quanto os seus filhos; e se a santidade de um dá direito ao Batismo, porque não a santidade do outro? E ainda assim, um é batizado e o outro não, embora santificados, e cuja santidade é mais próxima; pela santidade citada, seja ela qual for, é derivada de ambos os pais, tanto o crente quanto o incrédulo; sim, a santidade dos filhos depende da santificação do pai incrédulo; pois, se o descrente não é santificado, as crianças são impuras, e não santas. Mas, [...] Estas palavras devem ser entendidas como santidade matrimonial, mesmo o próprio ato do casamento, que, na língua dos judeus, é frequentemente expressado por ser santificado; a palavra שדק usada para “santificar”, é usada em inúmeros lugares nos escritos judaicos, para “desposar”, e, no mesmo sentido, o apóstolo usa aqui a palavra αγιαζω, e estas palavras podem ser traduzidas como: “o marido descrente é desposado”, ou casado “pela esposa”, ou melhor, “foi desposado”, pois se refere ao ato do casamento passado, como válido; “e a mulher descrente foi desposada pelo marido”, a preposição εν, traduzida como “pela” deveria ser traduzido como “para”, como está no versículo seguinte:

“Deus nos chamou εν ειρηνη, isto é, para a paz” [1 Coríntios 7:15]; a partir disso, a inferência do apóstolo é: “de outra sorte os vossos filhos seriam imundos”, isto é, ilegítimos, se seus pais não fossem legalmente desposados e casados um com o outro: “mas agora são santos”, uma semente santa e legítima, como em Esdras 9:2 (veja Malaquias 2:15). E nenhum outro sentido pode ser colocado sobre as palavras, do que de um casamento e filhos legítimos; nada mais se adequará com o caso proposto pelo apóstolo, e com sua resposta a isso, e raciocínio sobre o assunto; e cujo sentido tem sido aceito por muitos intérpretes eruditos, antigos e modernos, como Jerônimo, Ambrósio, Erasmo, Camerarius, Musculus e outros.

.....

3e3b3c2. Esta é uma santidade como a que os pagãos podem ter; maridos e esposas incrédulos são descritos como possuindo esta santidade, em virtude de sua relação com as esposas e esposos crentes, e que é anterior à santidade de seus filhos, e sobre a qual a deles depende; mas certamente tais não serão admitidos como tendo santidade federal, e, no entanto, deve ser do mesmo modo com as suas crianças; se a santidade dos filhos é uma santidade federal, a do pai incrédulo deve ser assim também, pois é de onde provem a santidade dos filhos.

3e3b3c3. Se as crianças, em virtude desta santidade têm o direito ao Batismo, então, muito mais os seus pais incrédulos, uma vez que são santificados antes deles, pelo jugo de seus cônjuges crentes, e são tão próximos a eles quanto os seus filhos; e se a santidade de um dá direito ao Batismo, porque não a santidade do outro? E ainda assim, um é batizado e o outro não, embora santificados, e cuja santidade é mais próxima; pela santidade citada, seja ela qual for, é derivada de ambos os pais, tanto o crente quanto o incrédulo; sim, a santidade dos filhos depende da santificação do pai incrédulo; pois, se o descrente não é santificado, as crianças são impuras, e não santas. Mas,

3e3b3c4. Estas palavras devem ser entendidas como santidade matrimonial, mesmo o próprio ato do casamento, que, na língua dos judeus, é frequentemente expressado por ser santificado; a palavra שדק usada para “santificar”, é usada em inúmeros lugares nos escritos judaicos [9], para “desposar”, e, no mesmo sentido, o apóstolo usa aqui a palavra αγιαζω, e estas palavras podem ser traduzidas como: “o marido descrente é desposado”, ou casado “pela esposa”, ou melhor, “foi desposado”, pois se refere ao ato do casamento passado, como válido; “e a mulher descrente foi desposada pelo marido”, a preposição εν, traduzida como “pela” deveria ser traduzido como “para”, como está no versículo seguinte: “Deus nos chamou εν ειρηνη, isto é, para a paz” [1 Coríntios 7:15]; a partir disso, a inferência do apóstolo é: “de outra sorte os vossos filhos seriam imundos”, isto é, ilegítimos, se seus pais não

fossem legalmente desposados e casados um com o outro: “mas agora são santos”, uma semente santa e legítima, como em Esdras 9:2 (veja Malaquias 2:15). E nenhum outro sentido pode ser colocado sobre as palavras, do que de um casamento e filhos legítimos; nada mais se adequará com o caso proposto pelo apóstolo, e com sua resposta a isso, e raciocínio sobre o assunto; e cujo sentido tem sido aceito por muitos intérpretes eruditos, antigos e modernos, como Jerônimo, Ambrósio, Erasmo, Camerarius, Musculus e outros.

Existem algumas objeções feitas para a prática de Batismo adulto, que são de pequena força, e para o que uma resposta pode ser facilmente replicada.

3e3b3c4a. Que embora possa ser permitido que pessoas adultas, tais como penitentes e crentes, sejam os sujeitos do Batismo, no entanto, em nenhum lugar é dito que eles são os únicos, mas se nenhum outro pode ser descrito como sendo batizado, e as características descritivas dadas nas Escrituras sobre as pessoas batizadas são tais que somente os adultos podem enquadrar-se, e não bebês; então, pode ser razoavelmente concluído que os adultos “somente” são os sujeitos apropriados do Batismo.

3e3b3c4b. Objeta-se à nossa prática de batizar os filhos crescidos dos Cristãos, que nenhuma passagem das Escrituras pode ser dada em favor de tal prática; e é exigido que nós ofereçamos um exemplo apropriado à nossa prática; desde que os primeiros batizados eram tais que foram convertidos a partir do judaísmo ou do paganismo, sobre o Batismo de tais adultos, dizem eles, não há controvérsia. Mas a nossa prática não está, de modo algum, preocupada com os pais dos batizados por nós, sejam eles Cristãos, judeus, Turcos ou Pagãos; mas com as próprias pessoas, sejam eles crentes em Cristo ou não; se elas são filhos adultos de Cristãos, ainda não batizados, não há nenhuma objeção para nós, e se eles não forem, não há obstáculo no caminho para admiti-los ao Batismo, se eles mesmos são crentes. Muitos, e talvez seja a maior parte, daqueles que são batizados por nós, são os filhos crescidos de todos aqueles que, sem faltar com o amor, não podem ser considerados como Cristãos.

Quanto às primeiras pessoas que foram batizadas, elas não eram nem prosélitos do judaísmo nem do Paganismo; mas filhos de Cristãos, de tal forma que criam no Messias; os santos antes da vinda de Cristo, e na Sua vinda, eram tão bons Cristãos quanto os que viveram desde então; esta também foi o caso dos bons homens que viveram antes de Abraão, e antes deste até ao primeiro homem, e aqueles que viveram depois dele, até a vinda de Cristo. Eusébio [10] observa que, se alguém afirmasse que eles são Cristãos, embora não no nome, contudo na realidade, tal pessoa não diria mal. O judaísmo, até o momento da vinda de Cristo foi o mesmo que o Cristianismo, e não oposto a ele; de modo que não havia tal coisa como a conversão do judaísmo ao Cristianismo. Zacarias e Isabel, dos quais é

filho João, o primeiro batizador, e Maria, a mãe de nosso Senhor, que foi batizada por João, quando adulta, eram tão bons cristãos, e tão fortes crentes em Jesus, como o Messias, assim que nasceu e, mesmo quando no ventre da virgem, como tem sido desde então; e estes certamente devem ser admitidos ser a prole adulta de Cristãos; tais eram os apóstolos de Cristo, e os primeiros seguidores dEle, que eram os filhos adultos de tais que criam no Messias, e apegaram-se a Ele desde a primeira notícia sobre Ele, e não podem ser considerados convertidos do Judaísmo ao Cristianismo.

O judaísmo não existia até que se opôs ao fato de Jesus ser o Messias, e conseqüentemente, a partir de então, o judaísmo tornou-se geral e nacional; depois disso, em verdade, aqueles da nação judaica que criam em Cristo, pode-se dizer que eram prosélitos do judaísmo ao Cristianismo, como o apóstolo Paulo e outros, e assim aqueles que se converteram pela pregação do Evangelho entre os gentios, eram prosélitos do Paganismo ao Cristianismo; mas, então, não é razoável exigir de nós passagens da prole adulta dos tais sendo batizada, e acrescentados às igrejas; visto que a história narradas na Escrituras sobre as primeiras igrejas nos Atos dos Apóstolos, somente dão um relato do primeiro plantio dessas igrejas, e do Batismo daqueles que primeiro as compunham; mas não sobre as adições dos membros a elas em tempos posteriores; pelo que exigir de nós que ofereçamos exemplos de pessoas que nasceram deles, e foram criados por eles, sendo batizados em idade adulta, não pode ser razoável; mas, por outro lado, se os bebês fossem admitidos ao Batismo, nestes tempos, considerando a fé e o Batismo de seus pais, e se tornassem Cristãos, é estranho, estranhíssimo, que entre os muitos milhares batizados em Jerusalém, Samaria, Corinto e outros lugares, não haja um exemplo de qualquer um deles trazendo seus filhos consigo para serem batizados, e reivindicando o privilégio do Batismo para eles por causa de sua própria fé; nem de seu fazer isso em qualquer tempo posterior. Este é um caso que não requer período de tempo, e ainda assim, nem um único exemplo pode ser produzido.

Objeta-se, que nenhum tempo pode ser apontado quando os bebês foram expulsos do Pacto, ou privados do selo dele. Se por Pacto é intencionado o Pacto da Graça, deve ser primeiro provado que eles estão no mesmo, pelo fato de serem a semente natural dos crentes, o que não pode ser feito; e se isso for, é o momento oportuno para falar de serem expulsos, quando e como. Se com isso se quer dizer a aliança de Abraão, isto é, “a aliança da circuncisão” [Atos 7:8], a resposta é que a privação aconteceu quando a circuncisão deixou de ser uma ordenança de Deus, o que se deu com a morte de Cristo; se por isso se entende o Pacto nacional dos judeus, a dispersão de pais judeus, com seus filhos, foi quando Deus escreveu uma “Lo-Ami” [Oséias 1:9 — ... porque vós não sois meu povo, nem eu serei vosso Deus] sobre o povo, como um corpo político e eclesiástico; quando

Ele quebrou a Sua aliança com eles, significado por Sua quebra de Suas duas varas: Graça e União [veja Zacarias 11:10-14].

.....

3e3b3c4c. Objeta-se, que nenhum tempo pode ser apontado quando os bebês foram expulsos do Pacto, ou privados do selo dele. Se por Pacto é intencionado o Pacto da Graça, deve ser primeiro provado que eles estão no mesmo, pelo fato de serem a semente natural dos crentes, o que não pode ser feito; e se isso for, é o momento oportuno para falar de serem expulsos, quando e como. Se com isso se quer dizer a aliança de Abraão, isto é, “a aliança da circuncisão” [Atos 7:8], a resposta é que a privação aconteceu quando a circuncisão deixou de ser uma ordenança de Deus, o que se deu com a morte de Cristo; se por isso se entende o Pacto nacional dos judeus, a dispersão de pais judeus, com seus filhos, foi quando Deus escreveu uma “Lo-Ami” [Oséias 1:9 — ... porque vós não sois meu povo, nem eu serei vosso Deus] sobre o povo, como um corpo político e eclesiástico; quando Ele quebrou a Sua aliança com eles, significado por Sua quebra de Suas duas varas: Graça e União [veja Zacarias 11:10-14].

3e3b3c4d. Um ruidoso clamor é feito contra nós, como se nós cerceássemos os privilégios dos bebês, ao negar o Batismo a eles; tornando-os menos privilegiados sob a dispensação do Evangelho do que sob a Lei, e assim tornando a dispensação do Evangelho menos gloriosa. Mas, quanto à dispensação do Evangelho, é mais glorioso para as crianças serem deixadas de fora do seu estado de membro da igreja, ou seja, por esta não ser nacional e por direito de nascimento, como o era anteriormente; mas congregacional e espiritual, sendo formada não por bebês, sem entendimento, mas por homens racionais e espirituais, crentes em Cristo, e estes não de uma única região, como a Judéia, mas de todas as partes do mundo. E quanto às crianças, seus privilégios agora são muitos e ainda melhores, pois estão livres do doloroso rito da circuncisão; esta é uma rica misericórdia e um glorioso privilégio do Evangelho, que os judeus crentes e os seus filhos estejam libertos disso; e que os gentios e os seus não são obrigados a isso; o que os obrigaria a cumprir toda a Lei; a isto pode ser adicionado que nascer de pais Cristãos, receber uma educação Cristã, e ter oportunidades de ouvir o Evangelho, à medida que crescerem — e isto não vindo em um único país, mas em muitos — são maiores privilégios do que as crianças judias tinham sob a dispensação anterior.

3e3b3c4e. Objeta-se, que não existem mais mandamentos expressos na Escritura para manter o primeiro Dia da semana como o *Sabbath*; nem para mulheres participarem da Ceia do Senhor, e outras coisas, mais do que para o batismo de crianças. Quanto ao *Sabbath*, embora não haja preceito expresso para a observância do mesmo, ainda assim, há precedentes de sua observância para serviços religiosos (Atos 20:7; 1 Coríntios 16:1-2), e

embora nós não tenhamos nenhum exemplo de batismo infantil, ainda assim, se houvesse precedentes bíblicos disso, pensamos que nós mesmos seríamos obrigados a segui-los. Quanto ao direito das mulheres para participarem da Ceia do Senhor, temos prova suficiente disso; desde que estas fossem batizadas, assim como os homens; e tendo o direito a uma ordenança, tinham à outra, e eram membros da primeira igreja, se comunicavam com ela, e as mulheres, assim como os homens, foram adicionadas a ela (Atos 8:12; 1:14; 5:1, 14), temos um preceito para isso: “Examine-se, pois o homem”, *ανθρωπος*, uma palavra do gênero comum, e pode ser usada tanto para homens quanto para mulheres: “examine-se a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice” (1 Coríntios 11:28; veja Gálatas 3:28); e temos também exemplos de Maria, a mãe de nosso Senhor, e de outras mulheres, que, com os discípulos, constituíam a igreja evangélica em Jerusalém; e como eles perseveravam unanimemente na doutrina dos apóstolos e na oração, assim como na comunhão e no partir do pão; deixe a mesma prova ser dada sobre o batismo de crianças, e este será admitido.

A Antiguidade é instada a favor do batismo infantil; é pretendido que esta é uma tradição que a igreja recebeu dos apóstolos; embora nenhuma outra prova disso seja dada, senão o testemunho de Orígenes, e de nenhum outro antes desse; e isso é tomado, e não de qualquer um de seus escritos gregos genuínos, mas apenas a partir de algumas traduções latinas, confessadamente interpoladas, e assim corrompidas. É comum, alguém perde-se ao buscar encontrar Orígenes em Orígenes. Nenhuma menção é feita desta prática nos dois primeiros séculos, nenhuma instância é dada a isso até o terceiro século, quando Tertuliano é o primeiro que falou sobre batismo de bebês, e ao mesmo tempo falou contra este. E isso poderia ser levado mais alto, e pelo que a coisa debatida deva ser julgada e determinada. Sabemos que as inovações e corrupções ocorreram muito cedo, e mesmo nos tempos dos apóstolos, e o que se pretendia estar perto daqueles tempos, este deve ser mais suspeito como tradições dos falsos apóstolos; a antiguidade de um costume não concede nenhuma prova da veracidade e autenticidade do mesmo: “Os costumes dos povos são vaidade” (Jeremias 10:3).

3e3b3c4f. A Antiguidade é instada a favor do batismo infantil; é pretendido que esta é uma tradição que a igreja recebeu dos apóstolos; embora nenhuma outra prova disso seja dada, senão o testemunho de Orígenes, e de nenhum outro antes desse; e isso é tomado, e não de qualquer um de seus escritos gregos genuínos, mas apenas a partir de algumas traduções latinas, confessadamente interpoladas, e assim corrompidas. É comum, alguém per-

de-se ao buscar encontrar Orígenes em Orígenes. Nenhuma menção é feita desta prática nos dois primeiros séculos, nenhuma instância é dada a isso até o terceiro século, quando Tertuliano é o primeiro que falou sobre batismo de bebês, e ao mesmo tempo falou contra este [11]. E isso poderia ser levado mais alto, e pelo que a coisa debatida deva ser julgada e determinada. Sabemos que as inovações e corrupções ocorreram muito cedo, e mesmo nos tempos dos apóstolos, e o que se pretendia estar perto daqueles tempos, este deve ser mais suspeito como tradições dos falsos apóstolos [12]; a antiguidade de um costume não concede nenhuma prova da veracidade e autenticidade do mesmo [13]: “Os costumes dos povos são vaidade” (Jeremias 10:3). Prosseguirei a considerar,

A forma e maneira de batizar... é por imersão, mergulhando o corpo na água, e cobrindo-o com ela... a imersão é geralmente chamada de “modo” do Batismo; enquanto que esta é o Batismo em si mesmo; dizer que a imersão ou mergulho é o modo de Batismo, é a mesma coisa que dizer, que imersão é o modo de imersão, pois, como Sr. John Floyer observa: “Imersão não é nenhuma circunstância, senão ‘o próprio ato do batismo’, usado por nosso Salvador e Seus discípulos, na instituição do batismo”. E Calvino diz expressamente: “A palavra ‘batizar’ significa mergulhar; e é certo, que o rito de mergulhar era usado pelas igrejas primitivas”.

4. Em quarto lugar, a forma e maneira de batizar; provarei que que é, por imersão, mergulhando o corpo na água, e cobrindo-o com ela. O costume, e o uso comum de escrita nesta controvérsia, até agora prevaleceu, que em sua maioria, a imersão é geralmente chamada de “modo” do Batismo; enquanto que esta é o Batismo em si mesmo; dizer que a imersão ou mergulho é o modo de Batismo, é a mesma coisa que dizer, que imersão é o modo de imersão; pois, como Sr. John Floyer [14] observa: “Imersão não é nenhuma circunstância, senão ‘o próprio ato do batismo’, usado por nosso Salvador e Seus discípulos, na instituição do batismo”. E Calvino [15] diz expressamente: “A palavra ‘batizar’ significa mergulhar; e é certo, que o rito de mergulhar era usado pelas igrejas primitivas”. E quanto à aspersão, esta não pode, com qualquer propriedade, ser chamada de um modo de Batismo; seria exatamente tal, como ao bom senso dizer, aspersão é o modo de imersão, desde que batismo e imersão são a mesma coisa, disso o erudito Selden [16], que na primeira parte de sua vida pôde ver crianças mergulhadas em fontes, mas viveu para ver a imersão muito em desuso, tinha motivos para dizer: “Na Inglaterra, nos últimos anos, eu sempre pensei que o pároco ‘batizou seus próprios dedos’ em vez da criança ‘porque ele mergulhou a um, e aspergiu a outra’. Que Batismo é imersão, ou mergulho de uma pessoa em água, e cobrindo-a com ela deve ser provado,

4a. A partir da apropriada e primária significação da palavra βαπτίζω, “batizar”, que em seu primeiro e principal sentido, significa “imersão ou mergulhar”, e assim ela é traduzida pelos nossos melhores lexicógrafos, “*mergo*”, “*immergo*” “mergulhar ou imergir”, e em um sentido secundário e consequente, “*abluo, lavo*”, “lavar”, porque o que é mergulhado é lavado, não havendo lavagem adequada, senão por meio da imersão; mas nunca “*perfuno* ou *aspergo*”, “derramar ou borrifar”, assim o léxico publicado por Constantino, Budæus, etc. e aqueles de Hadrian Junius, Plantinus, Scapula, Stephens, Schrevelius, Stockius, e outros; além de um grande número de críticos; como Beza, Casanbon, Witsius, etc. que possam ser produzidos. Por cujos testemunhos unânimes a coisa está fora de questão. Tivessem os nossos tradutores, em vez de adotar a palavra grega *baptizo* em todos os lugares onde a Ordenança do Batismo é mencionada, fielmente a traduzido, e não a deixado não traduzida, como eles fizeram, a controvérsia sobre a maneira de batizar estaria finalizada, ou melhor, teria sido evitada; se eles tivessem usado a palavra *imergir*, em vez de *batizar*, como eles deveriam ter feito, não haveria nenhum espaço para um questionamento sobre isso.

Tivessem os nossos tradutores, em vez de adotar a palavra grega *baptizo* em todos os lugares onde a Ordenança do Batismo é mencionada, fielmente a traduzido, e não a deixado não traduzida, como eles fizeram, a controvérsia sobre a maneira de batizar estaria finalizada, ou melhor, teria sido evitada; se eles tivessem usado a palavra *imergir*, em vez de *batizar*, como eles deveriam ter feito, não haveria nenhum espaço para um questionamento sobre isso.

4b. Que o Batismo foi realizado por imersão, evidencia-se pelos locais escolhidos para a administração do mesmo; como o rio Jordão, por João, onde ele batizou a muitos, e onde o próprio Senhor foi batizado por ele (Mateus 3:6, 13, 16), mas por que ele escolheria o rio para batizar, e batizar nele, se ele não administrasse a ordenança por imersão? Fosse isso feito de outra maneira, não haveria motivo para qualquer confluência de água, muito menos de um rio [17]; uma bacia de água seria suficiente. João também, é dito: “batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas” (João 3:23), o que era conveniente para o Batismo, pelo que é dada esta razão; e não por conveniência, para a bebida para os homens e seus animais, o que não é expresso nem implícita; a partir do que podemos nos reunir, como Calvino o faz sobre o texto: “Esse Batismo foi realizado por João e Cristo, mergulhando todo o corpo sob a água”, e assim Piscator, Aretius, Grotius, e outros sobre a mesma passagem.

4c. Que esta era a maneira pela qual foi administrado antigamente, é claro a partir de vários

casos de Batismo registrados nas Escrituras, e as circunstâncias de participação neles; como a de nosso Senhor, de quem se diz: “E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água” [Mateus 3:16], o que indica que ele esteve nela; e assim Piscator infere de seu sair dela, que, portanto, ele desceu ao interior dela, e foi batizado no próprio rio; do que a descida não seria de nenhuma necessidade, se a ordenança fosse administrada a ele de outra forma, como por aspersão ou derramamento de um pouco de água sobre a Sua cabeça, Ele e João permanecendo no meio do rio, como o pintor e escultor ridiculamente os descrevem.

E certo é que Ele foi, então, batizado, no Jordão, o evangelista Marcos diz “no Jordão” (Marcos 1:9), não nas margens do Jordão, mas nas águas do mesmo; razão pela qual Ele entrou, e quando batizado, “subiu” do mesmo, não “de”, mas “fora” dele; απο e εξ, significando o mesmo, como em Lucas 4:35, 41. Assim, a preposição é usada na versão Septuaginta do Salmo 40:2 e απο e εξ são “aequipollent”, como vários lexicógrafos de Xenofonte observam.

O Batismo do eunuco é um outro exemplo de Batismo por imersão, quando ele e Filipe “chegaram ao pé de alguma água” [Atos 8:36], ao lado da água, o que destrói uma pequena porção de crítica, como se eles entrassem na água, depois expresso, não era outro senão ir para a beira da água, a lado da água, visto que chegaram à esta antes, e o Batismo sendo concordado, “desceram ambos à água” [v. 38], tanto Filipe como o Eunuco, “e o batizou. E, quando saíram da água” [vv. 38-39]. Agora, nós não somente raciocinamos sobre as circunstâncias, mas: “desceram à água e saíram da água”, nós sabemos que as pessoas podem descer à água, e sair dela, e nunca serem imersas nela; mas quando é dito expressamente sobre essas pessoas descendo à água, que Filipe batizou, ou mergulhou o eunuco, e quando isso foi feito, que ambos saíram dela, estas circunstâncias corroboram fortemente, sem a explicação da palavra “batizou”, que isso foi realizado por imersão; pois, estas circunstâncias, não podem concordar com qualquer outra forma de administrá-lo, senão esta. Pois, um homem, dificilmente pode ser pensado estar em seus sentidos, quem possa imaginar que Filipe desceu com o eunuco à água para aspergir ou derramar um pouco de água sobre ele e, em seguida, sair solenemente dela; portanto, como disse o erudito comentarista, Calvino, sobre este texto: “Aqui vemos claramente qual era a maneira de batizar dos antigos, pois eles mergulhavam o corpo inteiro na água; agora, o costume adquirido, o ministro apenas asperge o corpo ou a cabeça”. Assim, Barnabé **[18]**, um escritor apostólico do primeiro século, e que é mencionado em Atos dos Apóstolos, como um companheiro do apóstolo Paulo, descreve o Batismo pelo descer à e por subir da água: “Nós descemos”, diz ele, “na água cheios de pecado e sujeira; e subimos, produzindo frutos no coração, tendo temor e esperança em Jesus, por meio do Espírito”.

4d. O fim do Batismo, que é representar o sepultamento de Cristo, não pode ser atendido

de qualquer outra forma que não pela imersão, ou cobrir o corpo em água; que o Batismo é um emblema do sepultamento de Cristo, é claro a partir de Romanos 6:4 e Colossenses 2:12. Seria interminável citar o grande número, mesmo de escritores “pedobatistas”, que ingenuamente reconhecem que esta alusão a essas passagens, é o antigo rito por imersão; como ninguém, senão tais que estão mortos são enterrados, assim também ninguém, senão tais que estão mortos para o pecado e para a Lei pelo corpo de Cristo, ou que professam ser assim, devem ser enterrados no e pelo Batismo, ou ser batizados; e como ninguém pode propriamente dito ser enterrado, a menos que sob a terra, e coberto com terra; assim, ninguém pode ser dito batizado, senão os tais que são colocados debaixo de água, e cobertos com ela; e nada menos do que isso pode ser uma representação do enterro de Cristo, e nosso com ele; não aspergindo ou derramando um pouco de água no rosto; pois, um cadáver não pode ser dito ser enterrado quando apenas um pouco de terra ou pó é polvilhado ou vertido sobre ele.

4e. Isto pode ser concluído a partir dos vários Batismos figurativos e típicos mencionados nas Escrituras. Como,

.....

A partir das águas do dilúvio, o que Tertuliano chama de: o batismo do mundo, e do qual o apóstolo Pedro faz do Batismo o antítipo (1 Pedro 3:20-21). A arca em que Noé e sua família foram salvos pela água, foi ordenança de Deus; foi feita de acordo com o padrão que Ele deu a Noé, como o Batismo o é; e como aquele foi o objeto de escárnio dos homens, assim é a Ordenança do Batismo, quando administrada corretamente; e como esse representou um sepultamento, quando Noé e sua família foram cerrados nele, assim é com o Batismo; e quando as fontes do grande abismo foram abertas abaixo, e as janelas dos céus se abriram acima, a arca, com aqueles no interior, fora, como acontece neste, coberta e imersa em água; e assim era uma figura do Batismo por imersão, e como não havia ninguém, senão pessoas adultas na arca, que se salvaram da água dentro dela, assim ninguém, senão pessoas adultas são os sujeitos apropriados para o Batismo em água; e embora houvesse alguns que estavam na arca, isso foi assistido com um efeito salutar para eles, eles se salvaram pela água [1 Pedro 3:20]; assim, os tais que verdadeiramente creem em Cristo e são batizados, serão salvo, e isso “pela ressurreição de Jesus Cristo”, que foi tipificada pela saída de Noé e sua família da arca; Da qual o Batismo, como o antítipo, corresponde, sendo um emblema da mesma (Romanos 6:4-5; Colossenses 2:12).

.....

4e1. A partir das águas do dilúvio, o que Tertuliano chama **[19]** de: o batismo do mundo, e do qual o apóstolo Pedro faz do Batismo o antítipo (1 Pedro 3:20-21). A arca em que Noé e sua família foram salvos pela água, foi ordenança de Deus; foi feita de acordo com o padrão que Ele deu a Noé, como o Batismo o é; e como aquele foi o objeto de escárnio dos homens, assim é a Ordenança do Batismo, quando administrada corretamente; e como esse representou um sepultamento, quando Noé e sua família foram cerrados nele, assim é com o Batismo; e quando as fontes do grande abismo foram abertas abaixo, e as janelas dos céus se abriram acima, a arca, com aqueles no interior, fora, como acontece neste, coberta e imersa em água; e assim era uma figura do Batismo por imersão, e como não havia nin-guém, senão pessoas adultas na arca, que se salvaram da água dentro dela, assim nin-guém, senão pessoas adultas são os sujeitos apropriados para o Batismo em água; e embora houvesse alguns que estavam na arca, isso foi assistido com um efeito salutar para eles, eles se salvaram pela água [1 Pedro 3:20]; assim, os tais que verdadeiramente creem em Cristo e são batizados, serão salvo, e isso “pela ressurreição de Jesus Cristo”, que foi tipificada pela saída de Noé e sua família da arca; Da qual o Batismo, como o antítipo, corresponde, sendo um emblema da mesma (Romanos 6:4-5; Colossenses 2:12).

4e2. A partir da passagem dos Israelitas sob a nuvem e pelo mar, quando “todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar” (1 Coríntios 10:1-2). Há várias coisas neste relato que concordam com o Batismo; como o seguir do povo a Moisés, que os dirigiu para o mar, e ia adiante deles; assim o Batismo é um seguir a Cristo, que deu um exemplo para que sigamos Seu exemplo; e como os Israelitas foram batizados em Moisés, assim os crentes são batizados em Cristo, e revestem-se dEle; e essa passagem deles foi após a sua saída do Egito, e no início de sua jornada através do deserto para Canaã; assim o Batismo é administrado aos crentes, em sua primeira vinda das trevas e da escravidão, pior do que a egípcia, e quando entram inicialmente em sua peregrinação Cristã; e como a alegria seguiu a anterior: “Então cantou Moisés e os filhos de Israel”, e etc. [Êxodo 15:1], assim, muitas vezes se segue após a última; o eunuco, após o Batismo, jubiloso seguiu o seu caminho, mas principalmente essa passagem era uma figura do Batismo por imersão; como os Israelitas estavam “debaixo da nuvem”, e assim por debaixo de água, e cobertos com ela, assim são os batizados por imersão; “e passaram pelo meio do mar”, isso de pé como uma parede em ambos os lados deles, com a nuvem sobre eles; assim, cercados eles estavam, como pessoas imersas em água, e assim são ditos ser batizados; e, assim, Grotius comenta sobre a passagem.

4e3. A partir das várias lavagens, banhos ou batizados dos judeus; chamados de “vários”, por causa das diferentes pessoas e coisas lavadas ou mergulhadas, como o mesmo Grotius observa; e não por causa de diferentes tipos de lavagem, pois não há, senão uma

maneira de lavar, e esta é por meio de imersão; o que tem apenas um pouco de água aspergida ou derramada sobre ele não pode ser dito ser lavado; os judeus tinham suas aspersões, que eram distintas das lavagens ou banhos, que sempre foram realizados por imersão; é uma regra, entre eles, que: “onde quer que na lei a lavagem da carne, ou das roupas, seja mencionada, isso não significa nada mais do que *הגוף כל טבילת* ‘a imersão do corpo inteiro’ em uma pia — se qualquer homem imerge por inteiro a si mesmo, exceto a ponta de seu dedo mínimo, ele ainda está em sua impureza” [20], isto de acordo com eles.

4e4. A partir dos sofrimentos de Cristo sendo chamados de batismo: “Importa, porém, que seja batizado com um certo batismo” (Lucas 12:50), não o Batismo nas águas, nem o Batismo do Espírito Santo, pois Ele já havia sido batizado com ambos, mas o batismo de seus sofrimentos, que ainda estava por vir, Ele estava desejoso deles; estes são chamados assim em alusão ao Batismo, pois é uma imersão, e é expressiva da abundância dos sofrimentos, às vezes representados por águas profundas, e torrentes de águas, e Cristo é representado como imerso nelas, coberto e oprimido por elas (Salmos 62:7; 69:1-2).

4e5. A partir da doação extraordinária do Espírito Santo, de Seus dons e de Sua descida sobre os apóstolos no dia de Pentecostes, que é chamado de “batismo” (Atos 1:5, 2:1-2) expressivo da grande abundância deles, dos dons, em alusão ao Batismo ou imersão, em sentido apropriado, como o erudito Casaubon [21] observa: “Uma consideração é feita neste lugar ao significado apropriado da palavra *βαπτίζειν*, imergir ou mergulhar; e, nesse sentido, os apóstolos são verdadeiramente dito serem batizados, pois a casa em que isso ocorreu, foi cheia do Espírito Santo; de modo que os apóstolos pareciam estar mergulhados nela, como em alguma piscina”.

Todos os batismos típicos e figurativos, servem para fortalecer o sentido adequado da palavra, uma vez que significam uma imersão e mergulho do corpo em, e cobrindo-o em água, o que somente pode se adequar à figura usada. Nem este sentido da palavra deve ser anulado ou enfraquecido pelo uso dela em Marcos 7:4 e Lucas 11:38, no primeiro caso, é dito: “se não se lavarem, *βαπτίζονται*, *batizarem*, ou *imergirem-se*, não comem”, e nele a menção feita é de *βαπτισμων* “lavagens ou imersões” de copos e potes, vasos de bronze e de mesas ou camas; e no segundo, o fariseu é dito se maravilhar com Cristo, que Ele não havia primeiro *εβαπτισθη*, “se lavara, ou imergira, antes de jantar”, tudo o que está de acordo com as tradições supersticiosas dos anciãos, aqui referidas, e que ordenavam a imersão em todos os casos e instâncias mencionados, e assim servem, apenas para confirmar mais ainda o sentido da palavra defendida; pois os fariseus, ao tocarem as pessoas comuns ou suas roupas, em seu retorno do mercado, ou de qualquer tribunal de juiz, eram obrigados a mergulharem-se em água antes de comer; e assim os judeus samaritanos [22]: “Se os Fariseus”, diz Maimônides [23], “apenas tocarem as vestes das pessoas comuns, eles

todos se contaminavam imediatamente, como se tivessem tocado uma pessoa imunda, e precisavam de imersão”, ou eram obrigados a isso; e Scaliger [24], a partir dos judeus observa: “que a parte mais supersticiosa deles, todos os dias, antes de se sentarem à mesa, molhavam todo o corpo; daí a admiração Fariseus diante de Cristo” (Lucas 11:38).

E não somente os copos, potes e vasos de bronze eram lavados por imersão, ou colocados em água, desta forma também os vasos impuros eram lavados de acordo com a Lei (Levítico 11:32), mas até camas, travesseiros e almofadas, imundos em um sentido cerimonial, eram lavados desta forma de acordo com as referidas tradições dos anciãos; pois eles dizem [25]: “Uma cama que está totalmente corrompida, mas se um homem a ‘mergulha’, parte por parte, então a purifica”. Mais uma vez [26]: “Se ele ‘mergulha a cama’ nela (numa piscina de água), embora seus pés sejam mergulhados no espesso barro (no fundo da piscina) a cama está limpa”. E quanto aos travesseiros e almofadas, assim eles dizem [27]: “Um travesseiro ou uma almofada de pele, quando um homem levanta a boca deles para fora da água, a água que está neles será retirada; o que deve ser feito? Ele deve ‘mergulha-los’ e levantá-los por suas franjas”.

As objeções contra o Batismo por imersão, retiradas de alguns casos de Batismo registrados nas Escrituras, não possuem nenhuma força; como o caso dos três mil, em Atos 2, não em relação ao seu número; pode-se observar que, embora estes foram acrescentados à igreja em único e mesmo dia, não se segue que foram batizados em um dia; mas se eles fossem, havia doze apóstolos para administrar a ordenança, e que era, apenas duzentas e cinquenta pessoas para cada um; e, além disso, havia setenta discípulos [Lucas 10:1], administradores do mesmo; e supondo que eles fossem utilizados, o número seria reduzido para trinta e seis ou sete pessoas para cada e a diferença entre a imersão e aspersão é muito insignificante, uma vez que as mesmas palavras são usadas numa como na outra; e, portanto, podem ser feitas no mesmo dia, e em uma pequena parte dele também. Nem em relação à conveniência para a administração do mesmo; como água e locais desta, suficientes para batizar; aqui pode haver objeção, quando se observa, o número de banheiros privativos existentes em Jerusalém para a impureza cerimonial; muitas piscinas na cidade, e os vários aposentos e as coisas no templo, aptos para tal uso; como a sala de mergulho para o sumo sacerdote, o mar de fundição para os sacerdotes comuns, e as dez pias de bronze, cada uma das quais asseguravam quarenta banhos de água suficientes para a imersão de todo o corpo; tudo que eles poderiam ser permitidos utilizar, como eles eram do templo e “caíram na graça de todo o povo”.

Assim, de acordo com essas tradições, as várias coisas mencionadas foram lavadas por imersão; e, em vez de enfraquecerem, fortalecem o sentido da palavra pleiteada. As objeções contra o Batismo por imersão, retiradas de alguns casos de Batismo registrados nas Escrituras, não possuem nenhuma força; como o caso dos três mil, em Atos 2, não em relação ao seu número; pode-se observar que, embora estes foram acrescentados à igreja em único e mesmo dia, não se segue que foram batizados em um dia; mas se eles fossem, havia doze apóstolos para administrar a ordenança, e que era, apenas duzentas e cinquenta pessoas para cada um; e, além disso, havia setenta discípulos [Lucas 10:1], administradores do mesmo; e supondo que eles fossem utilizados, o número seria reduzido para trinta e seis ou sete pessoas para cada e a diferença entre a imersão e aspersão é muito insignificante, uma vez que as mesmas palavras são usadas numa como na outra; e, portanto, podem ser feitas no mesmo dia, e em uma pequena parte dele também [28]. Nem em relação à conveniência para a administração do mesmo; como água e locais desta, suficientes para batizar; aqui pode haver objeção, quando se observa, o número de banheiros privativos existentes em Jerusalém para a impureza cerimonial; muitas piscinas na cidade, e os vários aposentos e as coisas no templo, aptos para tal uso; como a sala de mergulho para o sumo sacerdote, o mar de fundição para os sacerdotes comuns, e as dez pias de bronze, cada uma das quais asseguravam quarenta banhos de água suficientes para a imersão de todo o corpo; tudo que eles poderiam ser permitidos utilizar, como eles eram do templo e “caíram na graça de todo o povo”; não com relação a roupas, e peças de roupas; isso era apenas todo mundo provendo e trazendo mudança de vestuário para si mesmo.

Outro exemplo que se opõe a imersão é o do Batismo de Saulo (Atos 9:18), deveria ser feito na casa onde ele estava, mas isso não necessariamente se segue, mas, sim, o contrário; uma vez que ele “levantou-se” do lugar onde ele estava, a fim de ser batizado; e se admitido que foi realizado em casa, é altamente provável que havia uma banheira na casa, em que este podia ser realizado; uma vez que era a casa de um judeu, com quem era usual ter banhos para lavar todo o corpo em certas ocasiões; e se tivesse sido realizado por aspersão ou derramamento de um pouco de água sobre ele, ele não precisaria levantar-se para este propósito. Além disso, ele não foi apenas ordenado a levantar-se e ser batizado, o que soaria muito estranho se feito, “seja aspergido” ou batizado por “derramamento” (Atos 22:16), mas ele mesmo diz, que ele, com os outros, foi “sepultado pelo” ou “no batismo” (Romanos 6:4).

Ainda outro exemplo é o do carcereiro e sua família (Atos 16:33), em cujo relato não há nada que torne improvável que isso tenha sido por imersão; pois parece ser um caso claro, que o carcereiro, após sua conversão, levou os apóstolos da prisão para a sua própria casa, onde eles pregaram a ele e à sua família (Atos 16:32), e depois disso eles saíram da sua

casa, e ele e os seus foram batizados, muito provavelmente no rio fora da cidade, onde se costumava fazer oração (Atos 16:13), pois é certo que, após o Batismo dele e de sua família, ele trouxe os apóstolos para sua casa novamente, e pôs a mesa diante deles (Atos 16:33-34). Ao todo, essas instâncias produzidas falham ao mostrar a improbabilidade do Batismo por imersão; o que deve evidenciar-se claro e manifesto a todo leitor atento de sua Bíblia, não obstante tudo o que tem se oposto à imersão. A próxima coisa a ser considerada é,

5. Em quinto lugar, a forma em que esta ordenança deve ser administrada; que é “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mateus 28:19), contém em si uma prova de uma Trindade de Pessoas na unidade da essência Divina, da Divindade de cada Pessoa e de Sua igualdade, e distinção entre Si; e demonstra que esta ordenança é realizada sob a autoridade de todos os Três; em que uma pessoa se submete a Ele, expressa a sua fé nEles, e invoca-Os, e entrega-se a Eles; obrigando-se a prestar obediência ao que Eles exigem dele, bem como colocando-se ao Seu cuidado e proteção. Esta forma é, por vezes, um pouco variada e expressa de outra forma; como, por vezes, apenas “em nome do Senhor Jesus” (Atos 8:16), que é uma parte da forma para o todo; e inclui nela a substância da mesma, e do Batismo Cristão; e tudo relacionado à Pessoa e ofícios de Cristo, e Sua relação e conexão com as outras duas Pessoas. Cornélio e sua família foram ordenados a serem batizados “em nome do Senhor” (Atos 10:48), isto é, em nome de Jeová: Pai, Filho e Espírito; pois κύριος, isto é, Senhor, no Novo Testamento, corresponde a Jeová no Antigo. A forma de Batismo em Mateus 28:19 é em o nome do “Pai, do Filho e do Espírito Santo”, cujo único nome denota a Deidade única, poder e substância do Pai, do Filho e do Espírito; a igual dignidade, reino coeterno, e do governo das Três Pessoas perfeitas; como está expresso na epístola sinodal do concílio geral em Constantinopla [29].

6. Em sexto lugar, as finalidades e os usos para os quais o Batismo é indicado, e que são respondidos por ele.

6a. Uma finalidade mesmo, e uma das principais, como tem sido frequentemente sugerido, é representar os sofrimentos, sepultamento e ressurreição de Cristo; que é clara e totalmente sugerido em Romanos 6:4-5 e Colossenses 2:12. Seus sofrimentos são representados por entrar na água, e ser submerso pela mesma, Seu enterro por um curto espaço de permanência sob ela, e sendo coberto com ela, e sua ressurreição por uma emersão dela.

6b. Isso foi praticado tanto por João e pelos apóstolos de Cristo, para a remissão dos pecados (Marcos 1:4; Atos 2:38), não que isso seja a aquisição e causa meritória do mesmo, pois pertence somente ao sangue de Cristo; mas quem se submete a ele, pode, por meio dele, ser conduzido, dirigido e incentivado a esperar isso da parte de Cristo. E assim,

6c. Da forma semelhante para a lavagem do pecado, e purificação a partir dele: “Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor” (Atos 22:16), isso somente é realmente feito pelo sangue de Cristo, que purifica de toda iniquidade; o Batismo nem lava o pecado original, nem o atual, ele não tem essa virtude em si [30]; mas é um meio de apontar para Cristo, o Cordeiro de Deus, que, pelo Seu sangue e sacrifício expiatório, expurgou e continua a tirar os pecados dos homens.

6d. Um uso salutar e salvífico é atribuído a ele: “Que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo”, pode ser perguntado agora, por que meios? A resposta segue: “pela ressurreição de Jesus Cristo” (1 Pedro 3:21), isto é, conduzindo a fé da pessoa batizada a Cristo, como liberta de seus crimes, e como ressurreta para sua justificação.

6e. Na mesma passagem é dito ser deste uso e servir a esse propósito: “indagação de uma boa consciência para com Deus”; um homem que acredita que o Batismo é uma Ordenança de Deus, e se submete a ele, como tal, adquire uma boa consciência, a consequência disso é alegria e paz; pois embora “por” guardar os mandamentos de Deus não haja recompensa, ainda assim, há “em” guardá-los; e esta é a sua recompensa, o testemunho de uma boa consciência, pois grande paz têm aqueles que amam a Deus e guardam os Seus mandamentos.

6f. Prestar obediência a esta ordenança de Cristo, é uma prova de amor a Deus e a Cristo (1 João 5:3), e tal que a partir de um princípio de amor a Cristo guardamos os Seus mandamentos, podemos esperar, segundo a Sua promessa, ter revigoradas manifestações de Seu amor e de Seu Pai, e ter comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito (João 14:15, 21, 23). Este é um fim a ser tido em vista, quando se dispõe a obediência em relação ao Batismo, e que deve verdadeiramente motivar alguém.

NOTAS:

- [1] Deut. Doutrina Cristã, l. 3, c. 9.
- [2] Vid. Socin. Disp. Do Batismo, c. 15, 16, 17.
- [3] Veja a Dissertação Sobre o Batismo de Prosélitos Judeus [...]
- [4] Comentário em Mateus p. 372, 375.
- [5] Comentário em Mateus 28:19.
- [6] Contra Arian. orat. 3. p. 209.
- [7] Batismo de Infantes, Um Serviço Razoável, p. 14, 15.
- [8] Exposição e Vindicação de Bostwick sobre o Batismo Infantil, p. 19.
- [9] Veja a minha exposição de 1 Coríntios 6:14. Veja os comentários sobre 1 Coríntios. 7:14.
- [10] História Eclesiástica, l. 1. c. 4.
- [11] Veja meus tratados: “O argumento da Tradição Apostólica em Favor do Batismo Infantil, Considerado”; e “Anti-pedoBatismo, ou Batismo Infantil, uma inovação”, e outros.
- [12] “Quod longinquitas temporis objicitur, major suspicio eo, debet inesse, illas emanasse traditiones um apostolis Pseudo; qui mirandum em modum conturbaverunt sanctos apostolos; quo magis cavendum est, viri Christiani”. Aonii Palearii Testimonium, c. 2. p. 238.
- [13] “consuetudo sine veritate vetustas erroris est”, Cipriano. epist. 74. p. 195.
- [14] Ensaio Para Restaurar a Imersão de Crianças no Batismo, p. 44.
- [15] Institutas l. 4. c. 15. s. 19.
- [16] Opera, vol. 6. col. 2008.
- [17] Alguns representam o rio Jordão, a partir do relato de Sandys sobre ele, como se fosse um rio raso, e insuficiente para imersão; mas o que Sandys diz sobre ele é somente que não era navegavelmente profundo, não acima de oito braças largos, nem, exceto, por acidente, impetuoso. Viagens, b. III. p. 110. Ed. 5. Mas observem, Maundrel diz, por sua amplitude, ele pode ter cerca de mais de vinte metros, e em profundidade que excedia em muito a sua altura. Viagem de Aleppo, etc. p. 83. ed. 7. vid. Reland. de Palestina, l. 1. p. 278. E Adamnan em ib. E, por conseguinte, deve ser suficiente para a imersão. E Estrabo fala de navios de carga navegando através do Jordão, Geográfica. l. 16. p. 519. E que ele era um rio a nado, e navegável, de acordo com os escritores judeus, ver Gill em “Mateus 3:5”.
- [18] Ep. c. 9. p. 235. Ed. Voss.
- [19] Deut. Batismo, c. 8.
- [20] Maimon. Hilchot Mikvaot, c. 1. s. 2.
- [21] Em Atos 1:5.
- [22] Epiph. Contra Heresias. l. 1. Heresias. 9.
- [23] Em Misn. Chagigah, c. 2. s. 7.
- [24] Deut. Emend. Temp. l. 6. p. 771.
- [25] Maimon. Hilchot Celim. c. 26. s. 14.
- [26] Misn. Mikvaot, c. 7. s. 7.
- [27] Ibid. s. 6.
- [28] Dez mil foram batizados em um dia por Agostinho, o monge, no rio Swale, se os nossos historiadores devem ser cridos. Atos e Monumentos de Fox, vol. i. p. 154. Ranulph. Polychron. l. 5. c. 10. Os doze filhos de Wolodomir, Grande Príncipe da Rússia, com vinte mil russos, no século X, foram batizados em um dia, por um missionário de Fócio, o patriarca; e os antigos russos não

permitiriam que nenhuma pessoa fosse um Cristão, a menos que tivesse sido mergulhada completamente debaixo de água. Strahlenberg. História Geográfica. Descrit. do Norte e leste da Europa e Ásia, cap. 8. p. 283, 286. Vid. Fabricii Lux Evangel. p. 475. Nenhuma expectativa duvidosa foi feita em ambos os casos; estes apenas mostram quantos podem ser batizados em um dia.

[29] Apud. Theodorit. Hist. Ecl. I. 5. c. 9 Esta forma foi primeiramente alterada e corrompida por Marcos, o herege, e seus seguidores, no século II; que batizavam em nome do desconhecido Pai de todos; em verdade, a mãe de todos; pois ele que desceu em Jesus; em união e redenção, e comunhão de poderes: o mesmo também primeiro mudou e corrompeu o modo; tomando uma mistura de óleo e de água, vertida na cabeça, e, em seguida, untando com bálsamo. Vide Ireneu Contra Heresias. I. 1. c. 18.

[30] “Non enim aqua lavat animam, sed ipsa prius lavatur a Spiritu”, Aonii Palearii Testimonium, c. 2. p. 24.

Batismo, Um Mandamento Divino a Ser Observado

Por John Gill

Um sermão pregado em Barbican, 9 de outubro de 1765, no Batismo do Reverendo
Sr. Robert Carmichael, Ministro do Evangelho em Edimburgo • Editado

O Prefácio

O discurso que segue não foi projetado para publicação; fosse ele, o seu assunto teria sido um pouco mais ampliado; e, talvez, poderia ter aparecido em uma veste um pouco melhor; porém, como a publicação dele torna-se necessária, optei por deixá-lo seguir assim como foi pregado, com aproximadamente as mesmas palavras e expressões, conforme a minha memória me auxiliar; o sentido, tenho certeza, em nenhum lugar foi perdido; para que não seja dito, que qualquer coisa que foi dita está escondida, alterada ou modificada. As solicitações mais calorosas dos meus amigos nunca teriam prevalecido sobre mim por torná-lo público, estando indisposto a renovar a controvérsia a respeito do Batismo, desnecessariamente; e sendo determinado apenas para escrever em legítima defesa, quando atacado, ou sempre que a controvérsia é renovada por outros; porque eu sou muito sensível, que o argumento de ambos os lados está muito esgotado, e raramente algo novo pode ser esperado, que seja sério e pertinente, mas o ataque grosseiro sobre o sermão em duas cartas em um jornal me determinou de uma vez a anuncia-lo ao mundo, como sendo uma refutação, por si só, sem qualquer observação em absoluto, das mentiras e falsidades, calúnias, sofismas e impertinências, com o qual as letras abundam; pelo que aparecerá para cada leitor, quão consideravelmente aquele escritor me acusa de rivalizar contra meus irmãos, e todo o mundo Cristão, e quão danoso ele me representa, como tratando a todos os que diferem de mim como tolos, iletrados, ignorantes das Escrituras e impuros. É difícil, não podemos praticar o que cremos, e falar em defesa da nossa prática, sem que sejamos maltratados, vilipendiados e insultados em um jornal de notícias públicas; sem que sejamos tratados como irmãos e escritores hipócritas, afeta-nos a classificação? E como isso responde ao falso caráter de *Candidus* que ele assume? Não vou rebaixar-me tanto, nem acho que seja adequado e decente prosseguir, e continuar a controvérsia religiosa em um jornal, e especialmente com tão inútil escritor, e alguém anônimo. Este fundamento e forma covarde de escrever, é como a maneira dos índios de lutar; que bradam em um grito medonho, disparam as armas estando por detrás de arbustos e cercas vivas, e em seguida, fogem e se escondem no mato. No entanto, se a publicação desse sermão for de qualquer utilidade para aliviar ou fortalecer as mentes de alguns, em relação ao seu dever no cumprimento da Ordenança do Batismo, estou contente de suportar as indignidades dos homens, e o reconhecerei um excedente de saldo em relação a todas as acusações e insultos deles.

J. G.

Estando prestes a administrar a Ordenança do Batismo, antes de que entremos na administração deste, eu derramarei algumas palavras sobre a ocasião, a partir de uma passagem na Escritura, que encontramos em, 1 João 5:3:

“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos;
e os seus mandamentos não são pesados.”

O que direi no seguinte sermão, muito dependerá do sentido da palavra “mandamentos”, pelo que significamos não os dez mandamentos, ou os mandamentos da lei moral entregues por Moisés aos filhos de Israel, o que, apesar de serem os mandamentos de Deus, e devem ser observados pelos Cristãos sob a presente dispensação; uma vez que não estamos sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo (1 Coríntios 9:21); e devemos ser conservados a partir de um princípio de amor a Deus, pois, o fim do mandamento é a caridade, ou amor, de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida (1 Timóteo 1:5); ainda assim, há ordenanças que não são fáceis de observar, pela fraqueza da carne, ou a corrupção da natureza; nem podem ser perfeitamente guardadas por qualquer raça caída de Adão; pois não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e não peque (Eclesiastes 7:20); e aquele que tropeça um só ponto é culpado de todos (Tiago 2:10); e é exposto à maldição e condenação da lei, que corre neste teor: “Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las” (Gálatas 3:10); portanto, esta lei em geral é chamada de lei ardente, a letra que mata, e o ministério da condenação e da morte, o que a torna terrível aos infratores; no entanto, ela pode ser deliciada pelos crentes em Cristo segundo o homem interior; nem os mandamentos da lei cerimonial são intencionados, os quais sendo muitos e numerosos, eram penosos; especialmente para homens carnis, que estavam frequentemente prontos para dizer sobre eles: “Eis aqui, que canseira!” [Malaquias 1:13]. Um de seus preceitos, a circuncisão, é chamada de um jugo, que, diz o apóstolo Pedro, nem nossos pais nem nós pudemos suportar (Atos 15:10); porque isso obriga as pessoas a guardarem toda a lei, o que eles não poderiam fazer; e o todo é dito ser um jugo de escravidão (Gálatas 5:1), e, conseqüentemente, os seus mandamentos são severos; além desta lei revogada antes que o apóstolo João escrevesse esta carta, e os seus mandamentos não deveriam ser conservados; Cristo aboliu essa lei dos mandamentos contidos em ordenanças, e agora há um anulamento de toda ela, por causa da sua fraqueza e inutilidade (Efésios 2:15; Hebreus 7:18); preferivelmente os mandamentos de fé e amor que o apóstolo fala no capítulo 3:23 podem ser designados; e o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento, ali havia exortações, injunções e mandamentos de Cristo aos Seus discípulos, que deveriam ser guardados por eles, e não eram pesados. Credes em Deus, diz Ele (João 14:1), crede também em mim, e novamente, um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros, como eu vos

amei (João 8:34); mas na medida em que Cristo, como Legislador em Sua igreja, nomeou algumas leis e ordenanças especiais e peculiares a serem observadas, e que Ele chama de Seus mandamentos, aquele que tem os Meus mandamentos e os guarda, esse é o que Me ama (João 14:21); muito em conformidade ao nosso texto; e depois de ter dado aos Seus apóstolos a missão de pregar e batizar, Ele acrescenta: ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado (Mateus 28:20); e que, entre esses mandamentos e preceitos, o Batismo e Ceia do Senhor são os superiores e principais, eu escolhi compreender o texto sobre eles **[1]**, e uma vez que estamos prestes a administrar o primeiro deles, neste momento, limitarei meu discurso principalmente a ele, e atentarei aos seguintes pontos:

I. Demonstrarei que o Batismo, o Batismo em água, é um mandamento de Deus e de Cristo, ou um mandamento Divino.

II. Sendo uma ordem Divina, ele deveria ser guardado e observado.

III. O incentivo para guarda-lo; é o amor de Deus, e este não é um mandamento pesado.

I. A Ordenança do Batismo em água é um mandamento Divino. João, o precursor de nosso Senhor, foi o primeiro administrador do mesmo, e a partir disso, foi chamado de: o Batista, e ele não o administrava de sua própria mente e vontade, mas tinha uma missão e comissão de Deus para fazê-lo: “Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João”, e ele foi enviado por Ele a batizar com água, não apenas para pregar o evangelho, mas para batizar, pois, assim ele mesmo o diz, “mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse...” (João 1:6, 33). A partir disso, Cristo colocou esta questão aos principais dos sacerdotes e os anciãos dos Judeus, “O batismo de João, de onde era? Do céu, ou dos homens? (Mateus 21:25-26), isto levou a tal dilema, que não sabiam que resposta dar, e escolheram não responder de modo algum; o propósito de nosso Senhor com a pergunta era mostrar que o batismo de João era de instituição Divina, e não humana; por isso Ele acusa os Fariseus e os escribas de rejeitarem o conselho de Deus contra si mesmos, não sendo batizados por ele (Lucas 7:30), isto é, por João, e ele em outra passagem (Mateus 3:15), fala do seu Batismo como um parte da justiça a ser cumprida, e foi cumprida por ele. Agora o Batismo de João e de Cristo eram, quanto ao mérito deles, o mesmo; o Batismo de João era permitido e aprovado por Cristo, como se evidencia através de Sua submissão a ele; e a ordenança foi confirmada pela ordem que Ele deu aos Seus apóstolos para administrá-lo: um dos discípulos de João, disse ao seu mestre: “Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tu deste testemunho, ei-lo batizando, e todos vão ter com ele” (João 3:26); porém, como é dito depois, Jesus mesmo não batizava, mas os Seus discípulos (João 4:2); ou seja, eles

batizavam por Suas ordens; e estas foram renovadas depois da Sua ressurreição dentre os mortos, dizendo: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os...” (Mateus 28:19), e estas ordens foram obedecidas por Seus apóstolos, como muitos exemplos nos Atos dos Apóstolos anunciam; e era o Batismo nas águas que eles administravam, de acordo com instruções e orientações de Cristo.

Em matéria de culto deve haver um mandamento para o que é feito; como esta Ordenança do Batismo é um ato solene de adoração, sendo executado em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Deus é um Deus zeloso e, especialmente, no que diz respeito à adoração a Ele; nem qualquer coisa deve ser introduzida nisso, senão o que Ele ordenou; e devemos ser cuidadosos acerca disso, para que Ele não diga a nós, “quem requereu isto de vossas mãos?” (Isaías 1:12), não é o suficiente que tais e tais coisas não sejam proibidas, pois neste fundamento mil tolices podem ser adicionadas na adoração a Deus, e que serão reprovadas por Ele. Quando Nadabe e Abiú ofereceram fogo estranho ao Senhor, o que ele não havia mandado, desceu fogo do céu e os destruiu. Nós devemos ter um preceito para o que fazemos, e que não provenha de homens, mas de Deus; para que não incorramos na acusação de adorar a Deus em vão, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens (Mateus 15:9), e nos envolvamos na culpa da superstição, e culto da vontade.

Portanto, o batismo de infantes deve estar errado; já que não há mandamento de Deus e de Cristo para isso; se houvesse algum, isso seria esperado no Novo Testamento, e neste somente; é absurdo enviar-nos ao Antigo Testamento para um mandamento a ser observado como uma ordenação do Novo Testamento; é um absurdo doloroso enviar-nos para tão longe quanto ao capítulo 17 de Gênesis [2] para tomarmos conhecimento de um mandado para a Ordenança do Batismo; nós poderíamos tão bem quanto isso examinar o primeiro capítulo deste livro; pois, não há ali nada relativo a essa ordenança tanto quanto neste outro. Se houvesse ali um preceito para o batismo de infantes sob o Novo Testamento, como houve para a circuncisão de recém-nascidos sob o Antigo Testamento, não haveria nenhuma objeção a isso; mas é o absurdo dos absurdos afirmar que o Batismo vem no lugar da circuncisão; desde que o Batismo estava em vigor e uso muito antes de que a circuncisão fosse abolida; a circuncisão não foi abolida até a morte de Cristo, quando esta, com outras cerimônias, foram abolidas nEle; mas o batismo foi administrado muitos anos antes a multidões, por João, pela ordem de Cristo, e por Seus apóstolos; agora, onde está o bom senso de dizer, e com que regularidade pode ser colocado, que uma coisa sucede a outra, como o batismo à circuncisão, quando um, dito ter sucedido, estava em uso e força muito antes de que a outra fosse abolida, como pode ser pretendido que o batismo sucedeu circuncisão?

Se houver qualquer preceito para o batismo infantil, deve ser no Novo Testamento; somente

ali ele pode ser esperado, mas ele não pode ser encontrado; não em Mateus 19:14: “Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus”; o que não é preceito, mas uma permissão ou concessão para que as crianças venham, ou Lhe sejam apresentadas; mas para quê? não para o Batismo. Aquilo para o qual elas foram trazidas é mencionado pelo evangelista no versículo anterior, para que Ele impusesse as Suas mãos sobre elas, e orasse, ou Lhes desse a Sua bênção; como era comum naqueles tempos, e com aquele povo antigamente, a saber, levar seus filhos para pessoas veneráveis pela religião e piedade, para serem abençoados por eles dessa maneira; e tal alguém eles consideraram ser Jesus, embora talvez não soubessem que Ele era o Messias. Dois outros evangelistas dizem, elas foram trazidas a Ele para que Ele as tocasse, como Ele às vezes tocou pessoas doentes quando Ele as curou; e essas crianças poderiam estar doentes, e trazidas a Ele para serem curadas de suas doenças; no entanto, não para serem batizadas por entusiasmos, pois Ele não batizou a ninguém; eles, antes, as teriam levado e as apresentado aos discípulos, se fosse para tal finalidade; e se fosse a prática dos apóstolos batizar infantes, eles não as teriam recusado; e todo o silêncio de nosso Senhor sobre o batismo infantil neste momento, quando era tão justa a oportunidade de falar sobre ele, e o recomendar, se fosse esta a Sua vontade, não tem aspecto favorável dessa prática. A razão dada, portanto, para a permissão de crianças achegarem-se a Ele, porque dos tais é o reino dos céus, é figurativa e metafórica; e não deve ser entendida sobre os infantes em si, mas sobre os tais como eles; os tais que são comparáveis a eles por seu comportamento humilde e vidas inofensivas; ou para usar as palavras do Senhor em outros lugares, tais que são convertidos e se tornam como meninos (Mateus 18:2) [3]. Também não há uma ordem para o batismo infantil contida na comissão para batizar (Mateus 28:19), “ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

Argumenta-se, que “uma vez que todas as nações devem ser batizadas, e as crianças são uma parte delas, então, de acordo com o mandamento de Cristo, elas devem ser batizadas”. Mas deve-se observar, que a comissão é de fato para discipular todas as nações, mas não para batizar todas as nações; o antecedente ao relativos “os”, não é todas as nações, as palavras *παντα τα εθνη*, todas as nações, são do gênero neutro; mas *αυτου*, “os”, é masculino, e não concordam; o antecedente é *μαθηται*, discípulos, o que é entendido, e presumível, e contido na palavra *μαθητευσατε*, ensinar ou fazer discípulos, e o sentido é, ensinais todas as nações, e batizai os que são ensinados, ou são feitos discípulos pelo ensino. Se o argumento acima provasse algo, ele provaria muito; e que este muito que provaria, não é provado de maneira alguma: ele provaria que não somente os filhos dos Cristãos, mas os filhos dos Turcos [Mulçumanos], Judeus e Pagãos, devem ser batizados, já que eles fazem parte de todas as nações; sim, que cada pessoa no mundo deve ser batizada, Pagãos, assim como os Cristãos, e até mesmo os mais devassos e dissolutos da humanidade, uma vez que eles fazem parte de todas as nações [4].

E como não há preceito para o batismo de infantes, assim não há nenhum precedente para ele na Palavra de Deus. Embora não houvesse ordem clara e expressa para ele, o que ainda achamos ser necessário, e é requerido, nesse caso; ainda assim, se houvesse um precedente de qualquer infante sendo batizado, seríamos obrigados a prestar uma consideração a ele; mas entre os muitos milhares batizados por João, pelos discípulos de Cristo, segundo as ordens de Cristo, e por Seus apóstolos, nenhuma única instância de um bebê sendo batizado pode ser encontrada. Lemos, de fato, sobre famílias sendo batizadas; de onde se argumenta, que haveria, e é provável que houvesse, crianças nelas, que poderiam ser batizadas; mas repousa sobre aqueles que são de uma mente diferente, provar que havia alguma criança nos domicílios. Fazer-nos provar que não haviam crianças nestas casas é algo injusto. No entanto, somos capazes de provar que nenhuma criança foi batizada [5]. Há apenas três famílias geralmente observadas, dentre tantas; a de Lídia, a do carcereiro, e aquela de Estéfanos, caso este e o carcereiro não sejam a mesma pessoa, como alguns pensam. Quanto à casa de Lídia, ou aqueles em sua casa, eles eram irmãos, os quais, posteriormente, os apóstolos foram ver, e por quem foram confortados, e, portanto, não eram crianças. Quanto à casa do carcereiro, eles foram capazes de ouvir a palavra pregada a eles, e de crer; pois é dito: alegrou-se com toda a sua casa (Atos 16:40, 34), e se alguém pode encontrar qualquer outro em sua casa, além de todos os que estavam nela, ele deve ser considerado uma pessoa muito sagaz. Quanto à família de Estéfanos, (se diferente da do carcereiro) diz-se, que eles “tem se dedicado ao ministério dos santos” (1 Coríntios 1:16; 16:15); e se este for entendido o ministério da Palavra aos santos, ou o ministério de seus bens aos pobres, eles devem ser pessoas adultas, e não bebês. Vendo, então, que não há nem preceito nem precedente para o batismo infantil na Palavra de Deus, eu desafio o mundo inteiro a dar um único precedente, ao qual não sejamos obrigados a condená-lo como anti-bíblico e injustificável [6]. Prosseguirei para,

II. Mostrar que a Ordenança do Batismo em água, sendo um mandamento Divino, deve ser guardado e observado, como prescrito na Palavra de Deus.

Primeiro, mostrarei, por quem o Batismo em água deve ser guardado e observado.

1. Por pecadores convictos, arrependidos. O Batismo de João era chamado de Batismo de arrependimento (Marcos 1:4); porque o arrependimento era anterior ao Batismo; e as primeiras pessoas que foram batizadas por ele eram tais que eram sensíveis aos seus pecados, arrependiam-se deles e sinceramente os confessavam; pois é dito, que eles eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados, e enquanto outros se vinham a ele para o Batismo, de quem ele não tinha uma boa opinião, ele exigia deles, que eles primeiro produzissem frutos dignos de arrependimento; e não pensassem de si mesmos, “te-

mos a nosso pai a Abraão” (Mateus 3:6-9); uma vez que tal apelo não seria de nenhum proveito para com ele; e as primeiras pessoas que foram batizadas depois de nosso Senhor ter dado aos Seus apóstolos a comissão para batizar, foram os penitentes; no âmbito do primeiro sermão após isso, três mil compungiram-se em seu coração, e clamaram: “Que faremos, homens irmãos?” a quem o apóstolo Pedro deu esta instrução e orientação: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo” (Atos 2:38); e, conseqüentemente, sobre o arrependimento deles, eles foram batizados.

2. Esta ordenança deve ser guardada e observada pelos crentes em Cristo. “Quem crer e for batizado será salvo” (Marcos 16:16). A fé vem antes do Batismo, e é um pré-requisito para ele; como os vários casos de Batismo registrados nas Escrituras demonstram. Filipe desceu à Samaria e pregou a Cristo ali para os seus moradores; e quando “creram em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como mulheres” (Atos 8:12).

O mesmo ministro da palavra foi ordenado a aproximar-se do carro de um Eunuco, que voltava de Jerusalém, onde ele esteve para adoração, e a quem Filipe encontrou lendo uma profecia de Isaías, e disse-lhe: Entendes tu o que lês? E ele disse: Como poderei entender, se alguém não me ensinar? E rogou a Filipe que subisse e com ele se assentasse. Filipe pregou Jesus para ele, Sua palavra, e ordenanças, como a sequência demonstra, e quando “chegaram ao pé de alguma água, e disse o Eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado? E disse Filipe: É lícito, se crês de todo o coração”. Isso demonstra que de outra forma o Batismo não seria lícito. Pois apesar de sua religião e devoção, sem a fé em Cristo, ele não tinha o direito àquela ordenança; “E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus” (Atos 8:36-37); sobre tal profissão de sua fé, ele foi batizado. O apóstolo Paulo pregou o evangelho em Corinto com sucesso; e é observado pelo historiador, que muitos dos Coríntios, ouvindo, criam e eram batizados (Atos 18:8). Primeiro eles ouviram a Palavra, em seguida, eles criam em Cristo, a soma e a essência da Palavra, e sobre a profissão de sua fé, eram batizados.

3. A Ordenança do Batismo em água deve ser recebida, e observada por aqueles que são discípulos de Cristo. Diz-se que Jesus fazia e batizava mais discípulos do que João (João 4:1). Primeiro fez discípulos e, depois, os batizava; ou seja, ordenou aos Seus apóstolos a batizá-los; com o que o Seu comissionamento a eles concorda: “fazei discípulos de todas as nações, batizando-os”, fazei discípulos, e batizem aqueles que assim são feitos. Agora, o que é ser discípulos de Cristo? Aqueles de quem isto pode ser dito são aqueles que aprenderam a conhecer a Cristo e a crer nEle; aqueles que são ensinados a negarem o eu pecaminoso, a justiça própria, o “eu” civil, por causa dEle, e tomarem a cruz e segui-LO, no exercício da graça e no cumprimento do dever, e,

4. Aqueles que receberam o Espírito de Deus, são as pessoas adequadas para observar a Ordenança do Batismo, e submeterem-se a Ele: “Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo?” (Atos 10:47); como um Espírito de iluminação e convicção, como Espírito de santificação, fé e consolo, e como Espírito de adoção.

Em segundo lugar, a seguir, consideremos de que maneira a Ordenança do Batismo deve ser guardada e observada; e,

1. Deve ser guardada em fé; pois sem fé é impossível agradar a Deus; e tudo o que não é de fé é pecado (Hebreus 11:6; Romanos 14:23).

2. Em amor, e a partir de um princípio de amor a Cristo, o que é o fim de todos os mandamentos, e deste: Se me amais, diz de Cristo, guardai os Meus mandamentos (João 14:15)

3. Deve ser guardado como foi entregue e observado, à princípio: a maneira pela que deve ser executado e submetido é a imersão, ou cobrir o corpo inteiro em água; o que concorda com o sentido primário da palavra βαπτίζω, que significa mergulhar ou imergir, como todos os homens instruídos sabem [7]; e deve ser um novato na língua grega, aquele que tomará sobre si o contradizer o que foi sinceramente reconhecido por tantos homens de conhecimento. Tivessem os nossos tradutores pensado em traduzir adequadamente esta palavra, o que eles não fizeram nas passagens onde a Ordenança do Batismo é mencionada, por razões facilmente imaginadas, mas adotaram a palavra grega *baptizo* em todos os lugares; se tivessem realmente a traduzido, aos olhos das pessoas seriam abertos, e a controvérsia ao mesmo tempo seria findada com relação a esta parte, a saber, o modo de Batismo; no entanto, temos provas suficientes de que este foi realizado, e deve ser realizado por imersão, como evidencia-se,

1. Pelos lugares onde ele foi administrado, como o rio Jordão, onde João batizou muitos, e onde o próprio Senhor foi batizado; e Enom, perto de Salim, que ele escolheu, por essa razão, a saber, porque ali havia muitas águas (Mateus 3:6; João 3:23); Agora, se a ordenança houvesse sido administrada em qualquer outra forma que não por imersão, que necessidade havia de fazer a escolha de rios e lugares em que haviam muitas águas para nos tais realizar o Batismo?

2. Nos casos de pessoas batizadas, e as circunstâncias observadas em seu Batismo, como o de nosso Senhor, de quem se disse: “E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água” (Mateus 3:16); o que, manifestamente, implica que ele havia estado dentro da mesma, do que não haveria nenhuma necessidade, se a ordenança fosse administrada a Ele em qualquer outra

forma que não por imersão; como por aspersão ou derramamento de um pouco de água sobre a cabeça, como o pintor ridiculamente descreve. O Batismo do Eunuco é outro exemplo que prova o Batismo por imersão; quando ele e Filipe chegaram ao pé de certa água, e foi acordado batizá-lo, diz-se: “...desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o batizou. E, quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe” (Atos 8:38-39). As circunstâncias de entrar em água, e sair dela, manifestamente demonstrou a forma em que o Eunuco foi batizado, ou seja, por imersão; pois, que razão pode ser dada para o porquê deles saírem da água, se o Batismo fosse realizado de outra forma?

3. **[8]** A finalidade do Batismo, que é representar o sepultamento e ressurreição de Cristo, não pode ser atendida de qualquer outra forma, senão por imersão; que o Batismo é um símbolo da morte e ressurreição de Cristo, e do sepultamento e ressurreição dos crentes em Cristo, é evidente a partir de Romanos 6:4 e Colossenses 2:12, sepultados com Ele pelo Batismo, e no Batismo. Agora, apenas uma imersão ou cobertura de todo o corpo em água, e não derramamento ou aspersão de um pouco de água sobre a face, pode ser uma representação de um sepultamento; será que algum homem em sã consciência diz que um cadáver é enterrado, quando apenas um pouco de pó ou terra é aspergido ou derramado sobre o seu rosto?

4. Os batismos figurativos, ou as alusões feitas ao Batismo nas Escrituras, mostram de que maneira ele era administrado; a passagem dos israelitas debaixo da nuvem, e através do mar, é chamado ser batizado na nuvem e no mar (1 Coríntios 10:1-2); e com grande propriedade isso pode ser chamado de um batismo, uma vez que é por imersão; pois as águas permanecendo acima, e como uma parede a cada lado deles e a estava nuvem sobre suas cabeças quando eles passaram, eles eram como pessoas imersas em água **[9]**: semelhantemente, os esmagadores sofrimentos de Cristo são apropriadamente chamados de batismo, em alusão ao Batismo por imersão, “importa, porém, que seja batizado com um certo batismo; e como me angustio até que venha a cumprir-se!” (Lucas 12:50); e que os sofrimentos de Cristo, em linguagem profética, conformemente ao Batismo por imersão, são assim descritos; “...as águas entraram até à minha alma. Atolei-me em profundo lamaçal, onde se não pode estar em pé; entrei na profundidade das águas, onde a corrente me leva” (Salmos 69:1-2) **[10]**. Uma vez mais; a doação extraordinária do Espírito no dia de Pentecostes, é chamado de ser batizado com o Espírito Santo (Atos 1:5); o emblema disso era “um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados” (Atos 2:2); de modo que eles estavam como que imersos nele, e cobertos com ele, e, portanto, muito apropriadamente chamado de Batismo, em alusão ao Batismo por imersão. Eu prossigo,

III. Para observar o encorajamento, motivos e razões dados para guardar este mandamento, bem como outros,

1. O apóstolo diz, por que este é o amor de Deus, ou seja, isso demonstra amor a Deus; é um caso evidente, que um homem ama a Deus quando ele guarda os Seus mandamentos; esta é uma evidência, que ele não ama somente em palavra, e somente de língua, mas por obras e em verdade. Outros podem dizer que amam a Deus e a Cristo; mas este é o homem que realmente ama: Aquele que tem os meus mandamentos, e os guarda; esse é o que Me ama, diz Cristo (João 14:21). E é um caso evidente, que esse homem tem um sentido de amor de Deus e de Cristo; o amor do Pai está nele; e o amor de Cristo constrange-o a observar os Seus preceitos, e a guardar os Seus mandamentos; e o tal pode esperar maiores manifestações do amor de Deus e de Cristo para eles; porque sobre os tais que guardam os mandamentos de Cristo, diz Ele: Eu o amarei, e Me manifestarei a ele, Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada (João 14:21, 23); e isto não é pequeno incentivo e encorajamento para uma observação dos preceitos e mandamentos de Cristo, e entre os demais, este do Batismo.

2. Outro motivo encorajador e razão é, os mandamentos de Deus e Cristo não são pesados, duros ou difíceis de serem realizados. A Ceia do Senhor não é; nem é o Batismo. O que é o Batismo em água, em relação ao batismo de sofrimento que Cristo padeceu por nós? E no entanto, como Ele estava desejoso de realizá-lo (Lucas 12:50). E, portanto, por que deveríamos pensar ser uma dificuldade, ou retrocedermos para cumprir a Sua vontade, de nos submetermos à ordenação do Batismo em água? Quando Naamã foi ordenado por Eliseu para mergulhar-se na Jordânia, e ser purificado; Naamã considerou como pouquíssima e insignificante coisa, e pensou que ele poderia muito bem ter ficado em sua própria terra, e se mergulhar em um dos rios da Síria, um dos seus servos, tomou para si o acalmar e reprimir o ardor de suas emoções e ressentimento, observando-se que, se o profeta ordenasse a ele fazer alguma coisa grande, que fosse árdua e difícil de ser executada, ele o teria feito prontamente; quanto mais, ele argumentou, ele deveria atender a orientação do profeta, quando ele apenas o ordenara a lavar-se no rio Jordão, e ser purificado? (2 Reis 5:13). Há muitos que irão para banhos, e mergulham por prazer ou lucro, para refrescar seus corpos, ou curá-los de distúrbios; mas o fato do mergulhar-se em água ser direcionado como uma ordenança de Deus, então, é uma coisa séria; e, de fato, nenhuma ordenança é agradável a uma mente carnal; mas para os crentes em Cristo, os caminhos da sabedoria são caminhos de delícias, e as suas veredas de paz. O jugo de Cristo, se isso pode ser assim chamado, é suave, e seu fardo, leve. Agora, para concluir com algumas palavras:

1. Que ninguém despreze este mandamento de Deus, a Ordenança do Batismo; lembre-se que é um mandamento dEle; seja para seu perigo, se você o faz; dura coisa é recalcitrar contra os aguilhões; é perigoso tratar com desprezo qualquer um dos mandamentos de Deus, e ordenanças de Cristo; “Vede, pois, que não venha sobre vós o que está dito nos profetas: Vede, ó desprezadores, e espantai-vos e desaparecei” (Atos 13:40-41).

2. Que os tais que veem que é seu dever ser batizados, não tardem, mas submetam-se imediatamente ao Batismo; apressem-se, e não prorroguem, guardem este comando; lembrando-se dos motivos e encorajamento para ele.

3. Aqueles que prestam obediência a ele, o façam em nome e no poder de Cristo; em fé nEle, por amor a Ele, e tendo em vista a Sua glória.

Notas:

[1] Que os mandamentos sejam quais eles forem, os que são principalmente intencionados no texto; no entanto, desde que o Batismo em água é um mandamento de Deus, e permitido ser assim, e o restante dos mandamentos mencionados não são negados, nem são excluídos de serem os mandamentos de Deus; não pode haver nenhuma impropriedade em lidar com o mandamento do Batismo, particular e individualmente a partir desta passagem da Escritura; e isso poderia ter escapado, alguém teria pensado ser uma zombaria de um escritor grosseiro, embora não o seja. Em um recente jornal, referido no prefácio.

[2] Isso a que estamos sempre nos referindo a este capítulo ou, para uma prova do batismo infantil, é negado, e pronunciado uma obstinação, é reclamado, pelo escritor acima mencionado, em sua segunda carta no jornal. Este homem deve ter lido muito pouco na polêmica, para ser ignorante disso. O próprio último escritor que escreveu na controvérsia, que eu saiba, evoca a aliança feita com Abraão, neste capítulo “o grande ponto de viragem, em que a questão da controvérsia muitíssimo depende, e que se a aliança de Abraão, que incluía seus filhinhos, e deu-lhes o direito de circuncisão, não era o Pacto da Graça; logo, é, pois, confessado que o ‘principal fundamento’ é tirado, em que ‘o direito das crianças ao batismo’ é afirmado; e, conseqüentemente, os principais argumentos a favor da doutrina são derrubados”. A Justa e Racional Vindicação do Direito de Crianças à Ordenança do Batismo etc., de Bostwick p. 19.

[3] O escritor das cartas acima, no jornal, observa, “que o reino dos céus significa tanto o reino, ou igreja de Cristo aqui, ou o reino da glória acima. No primeiro caso, eles são declarados, pelo próprio Cristo, sujeitos reais Seus entre os homens; neste último caso, se membros da Igreja invisível, por que não da visível?”. Mas, na verdade, eles mesmos não são intencionados, apenas, tais como eles; tais que são comparáveis a eles por mansidão e humildade; pela libertação de malícia, orgulho e ambição. Mas admitindo que as palavras sejam entendidas literalmente como bebês, o reino dos céus não pode designar o reino, ou

igreja de Cristo sob a dispensação do evangelho, que não é nacional, mas congregacional; composta de homens arrebanhados para fora do mundo, pela graça de Deus, e que fazem uma profissão pública de Cristo, o que as crianças não são capazes, e por isso não podem ser sujeitos reais do mesmo; e se fossem, elas deveriam ter o mesmo direito à Ceia do Senhor, como ao Batismo, do que eles são igualmente capazes. O reino da glória, então, sendo retirado, pergunta-se, se membros da Igreja invisível, por que não da visível? Elas podem ser, quando for evidente que elas são da igreja invisível, o que só pode ser manifesto pela graça de Deus derramada sobre elas; e há tempo suficiente para falar sobre o Batismo delas, quando isso for evidente; e quando for claro que elas têm tanto direito a, e iminência ao reino dos céus.

[4] Mas o nosso escritor da carta diz: “Quando os apóstolos receberam a sua comissão, eles não entenderiam de outra forma, além do que batizar os pais que abraçaram a fé em Cristo; através de sua pregação, e todos os seus filhos com eles, como era o costume dos ministros de Deus em épocas precedentes, pela circuncisão”; mas, se assim o entenderam, e não poderiam compreendê-lo de outras maneiras, é estranho que não eles não praticassem de acordo com isso, e batizassem os filhos com seus pais; do que não temos um exemplo. Pelos ministros de Deus em épocas precedentes, suponho, ele intenciona os sacerdotes e os profetas, sob a dispensação do Antigo Testamento; mas estes não eram os operadores da circuncisão, o que era feito pelos pais e outros; e certamente não pode ser dito, essa era a maneira habitual dos ministros batizarem os pais e seus filhos com eles nessas épocas; e é bastante inexplicável como eles os batizariam pela circuncisão, como é afirmado; isso é algo não ouvido antes, e monstruosamente ridículo e absurdo.

[5] O autor acima afirma, que a minha maneira de “provar a negativa, foi por malmente afirmar que não havia crianças em qualquer uma das famílias citadas nas Escrituras, como batizadas”. A falsidade disso aparece com as seguintes descrições, características dadas aos responsáveis em geral, famílias e os raciocínios sobre eles.

[6] Por sua vez, o escritor no jornal, “me desafia a produzir um preceito ou precedente escriturístico para adiar o Batismo de filhos de pais Cristãos; ou para batizar pessoas adultas, nascidas de tais pais. No que esta controvérsia depende”. É ridículo falar de um preceito para adiar o que não deveria ocorrer; e de um precedente para adiar o que nunca havia sido praticado. Se o mandado é requerido para batizar pessoas adultas, crentes, ele está pronto à mão (Marcos 16:16), e os precedentes são suficientes; e não sabemos de nenhum preceito para batizar qualquer outro, que eles nasçam de quem for; e quanto aos precedentes do Batismo de pessoas adultas, nascidos de pais Cristãos, isso não se pode ser esperado, nem razoavelmente exigido de nós; uma vez que Atos dos Apóstolos apenas relatam o plantio das primeiras igrejas, e o Batismo daqueles que primeiro as constituíram; e

não daqueles que no decurso de um ano foram adicionados a elas. Portanto, exigir exemplos de pessoas, nascidas de pais Cristãos, e criadas por eles, como batizados na idade adulta, o que exigiria decurso de tempo, não é razoável; e se a controvérsia gira em torno disso, essa deveria findar, e eles deveriam desistir da mesma.

[7] O escritor da carta faz-me dizer: “Todo o mundo reconhece que *baptizo*, significa mergulhar ou imergir, e nunca aspergir ou derramar água sobre qualquer coisa”, que é uma falsa representação das minhas palavras e da forma como foram pronunciadas, no entanto, isso eu afirmo, que em todos os léxicos gregos que já vi, e eu vi muitíssimos, ainda que não tenho a pretensão de ter visto todos os que foram publicados; ainda assim, no que minha pequena biblioteca me fornece, a palavra é sempre traduzida no primeiro e principal sentido por *mergo*, *immergeo*, mergulhar ou imergir; e em um sentido secundário e consequente, por *abluo*, *lavo*, lavar, porque o que é mergulhado é lavado; e nunca por *persundo* ou *aspergo*, derramar ou aspergir; como o Léxico publicado por Constantino, Budaeus, etc., aqueles de Adriano, Junius, Plantinus, Scapula, Sebreveius e Stockins, além de um grande número de críticos que poderiam ser mencionados; e se este escritor pode produzir qualquer Lexicógrafo de qualquer nota, que traduza a palavra por derramar ou aspergir, que ele o nomeie. Este jornalista ignorante coloca as seguintes questões: “Será que os judeus mergulhavam seus corpos em água, sempre antes de comer? Será que eles mergulhavam os jarros, vasos de metal e camas?”. Ele não me permite responder às perguntas, mas responde por mim: “Ele sabe o contrário”. Mas, se me permite responder por mim mesmo, devo dizer, pelos testemunhos dos próprios judeus, e de outros, que eu sei que eles o fizeram; isto é, quando eles voltavam do mercado, depois de terem tocado as pessoas comuns, ou suas roupas, imergiam-se em água; assim diz Maimonides em Misn. Chagigah. c. e. seção 7. “Se os Fariseus tocassem, apenas nas roupas das pessoas comuns, eles se contaminavam, e precisavam de imersão, e eram obrigados a isso”. E Scaliger observa, de Emend. Temp. 1.6 p. 271. “Que a parte mais supersticiosa dos judeus, todos os dias antes de que eles se assentassem à mesa, mergulhavam todo o corpo; daí a admiração do Fariseu em relação a Cristo” (Lucas 11:38). (Levítico 11:32) De acordo com a lei de Moisés, vasos sujos eram lavados, colocando-os ou mergulhando-os em água; e de acordo com as tradições da sidrá¹, a que nosso Senhor se refere (Marcos 7:4), não apenas os vasos de metais e mesas, porém mesmo camas, almofadas e travesseiros sujos, em um sentido cerimonial, eram lavados por imersão em água. Então os judeus dizem no seu Misnah, ou livro de tradições, “[quando] uma cama está totalmente corrompida, um homem a mergulha parte por parte”. Celim, c. 26. seção. 14 Veja também Mikvaot, c. 7. seção 7. [1 - Sidrá: porção semanal da Torá (Fonte: www.webjudaica.com.br)].

[8] O escritor de carta acima pergunta: “Quantas vezes eu preciso ser informado, que as partículas *eiv* e *ek* são em centenas de lugares no Novo Testamento traduzidos como até

e a partir de?"; sendo assim, não se segue, que eles devem ser assim traduzidos aqui. Partículas ou proposições gregas têm diferentes significações, de acordo com os termos e condições com as quais elas são utilizadas; nem é tão bom ou uma mais justa leitura das palavras "eles desceram até a água e saíram a partir dela"; não é nem bom nem justo; pois antes disso, eles são expressamente ditos virem a uma certa água, à beira da água; portanto, quando eles desceram, eles não foram até ela, se eles estavam ali antes, mas dentro da água; como deve ser admitida a preposição por vezes, pelo menos, significa; e as circunstâncias exigem que ela seja assim traduzida aqui, deixe-a significar o que for em outro lugar; e isso determina o sentido da outra preposição, que ela volte e deva ser traduzida por "para fora"; pois, enquanto eles iam para dentro da água, quando eles saíram, isso deve ser "para fora" dela. O que ele quer dizer com a pergunta estranha que se segue, "O que ele fará sobre Cristo entrando em uma montanha?" Eu não posso imaginar, a menos que ele ache que a tradução de Lucas 6:12 seja errada, ou absurda, ou ambos; mas este pedante nunca ouviu ou leu sobre uma caverna em uma montanha, em que os homens podem entrar, e propriamente dizer que entram na montanha; e em uma tal é altamente provável, que nosso Senhor entrou, para orar sozinho; tais como a caverna no monte Horebe, na qual esteve Elias. Mas sua excelente tradução, em tudo, é que sobre o Batismo de João no Jordão, ele supõe que poderia ser traduzido, por batizar as pessoas com o rio Jordão. Este é o homem que me reprova ao livremente encontrar falhas com os tradutores; minha reclamação é apenas sobre algo não traduzido, não de algo que esteja errado; mas este homem encontra a falha com a tradução como errada, ou seja o for que pense, acha que pode ser corrigida ou emendada, e isso em mais passagens do que em uma.

[9] O escritor da carta a que muitas vezes tenho referido afirma que "o mundo erudito universalmente sustenta, que os israelitas não tinham outras maneiras de batizar no mar, além do que por aspersão com o borrifar das ruidosas ondas, agitadas pelo vento que soprava enquanto passavam através do canal". Seja quem for o mundo erudito que sustente essa noção excêntrica, eu próprio, sou muito ignorante disso, não tendo ainda me encontrado com qualquer homem erudito que já tenha afirmou isso. É um mero conceito e uma imaginação fértil, e contrário às Escrituras Sagradas, que representam a proeza das ondas pela qual os israelitas passaram, não tão agitadas e sacudidas, mas como estando imóveis, como uma parede em cada lado deles, mesmo até o local onde os egípcios estavam; as correntes, diz o escritor inspirado, "pararam como montão; os abismos coalharam-se no coração do mar" (Êxodo 15:8). E se houvesse um borrifar contínuo das ondas agitadas, enquanto os israelitas atravessavam o canal, como eles poderiam atravessar o mar em terra seca? Como é dito que eles fazem (Êxodo 14:16, 22, 29). Este homem zomba o célebre Grotius, que é universalmente reconhecido ser um homem de erudição e sensibilidade, quando ele expressa em uma nota sobre 1 Coríntios 10:2: "foram batizados, ou seja, como se eles fossem batizados; pois havia algumas semelhanças nisso; a nuvem estava sobre suas

cabeças, e assim a água está sobre aqueles que são batizados; o mar os cercou pelos lados, e assim a água faz naqueles que são batizados”.

[10] O mesmo escritor tem o prazer de representar essa explicação do Batismo com o Espírito como ridículo; mas alguns mais eruditos do que ele, podem alega-lo, tendo assim o explicado, como particularmente Dr. Casaubon, famoso por seu grande conhecimento da língua grega; embora talvez este homem muito mesquinho chamará o doutor erudito de um estúpido pelo que ele diz; suas palavras sobre Atos 1:5 são estas: “embora eu não desaprove a palavra batizar sendo mantida aqui, do que a antítese pode ser plena; mas eu sou da opinião que consideração é tida neste lugar para a sua significação própria, pois, *baptizein* é imergir, assim como tingir ou mergulhar; e, nesse sentido, os apóstolos foram realmente ditos serem batizados; pois a casa em que isso ocorreu foi cheia do Espírito Santo, de modo que os apóstolos pareciam estar mergulhados nela como em uma piscina”. Em confirmação disso, ele faz menção em Atos 2:2 de uma observação em um comentário grego sobre ele, “o vento encheu toda a casa, enchendo-o como uma piscina; desde que foi prometido a eles (os apóstolos) que eles seriam batizados com o Espírito Santo”. Parece ser o mesmo comentário, Erasmus [Erasmus], no lugar, diz citando Crisóstomo, nessas palavras, como ele as entregou: “toda a casa estava tão cheia de fogo, embora invisível, como uma piscina é cheia com água”. Nosso jornalista, a fim de expor a noção de imersão, como usado no batismo do espírito, e fogo, condescende, por uma vez, a ler imergir, em vez de batizar; “João disse, eu de fato vos imerjo em água, mas um, mais poderoso do que eu, vem, Ele vos imergirá com o Espírito Santo e com fogo”. Mas não somente a palavra batizar deve ser lida imergir, mas a preposição deve ser traduzida como “em”: em água; e no Espírito Santo; e em fogo; e a frase sobre imergir em fogo, não é incomum, tanto em autores judeus e gregos; como eu demonstrei em minha exposição desta passagem, e de Atos 2:3.



John Stephen Piper (Tennessee, EUA, 11 de janeiro de 1946)

John Piper é um dos Batistas Calvinistas mais influentes da atualidade. Em 1980, tornou-se o pastor sênior da Igreja Batista Bethlehem em Minneapolis, Minnesota, onde ele ministrou por 33 anos, até 2013. John tem se dedicado a espalhar uma paixão pela absoluta supremacia de Deus para a alegria de todos os povos, através de Jesus Cristo – uma missão que ele continua agora para toda a Igreja, por meio de pregações e composição de livros, através do ministério DesiringGod.org. John e sua esposa, Noël, têm quatro filhos, uma filha, e um número crescente de netos.

Série de Estudos Sobre o Batismo Cristão

Por John Piper. Pastor da Igreja Batista Bethlehem, Minneapolis.

PARTE 1 - “EU VOS BATIZO COM ÁGUA”.

O Batismo de João (Mateus 3)

¹ E, naqueles dias, apareceu João o Batista pregando no deserto da Judéia, ² E dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus. ³ Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: VOZ DO QUE CLAMA NO DESERTO: PREPARAI O CAMINHO DO SE-NHOR, ENDIREITAI AS SUAS VEREDAS. ⁴ E este João tinha as suas vestes de pelos de camelo, e um cinto de couro em torno de seus lombos; e alimentava-se de gafanhotos e de mel silvestre. ⁵ Então ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judéia, e toda a província adjacente ao Jordão; ⁶ E eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados. ⁷ E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? ⁸ Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; ⁹ E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão. ¹⁰ E também agora está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo. ¹¹ E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; cujas alparcas não sou digno de levar; ele vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo. ¹² Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará. ¹³ Então veio Jesus da Galiléia ter com João, junto do Jordão, para ser batizado por ele. ¹⁴ Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim? ¹⁵ Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o permitiu. ¹⁶ E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. ¹⁷ E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.

Batismo: Parte Do Ministério De Jesus E Parte Da Nossa Missão

Hoje começamos uma breve série sobre os ensinamentos bíblicos a respeito do Batismo. Há várias razões para isso. Uma delas é que, em quase 17 anos eu nunca preguei uma série de mensagens sobre o significado bíblico de Batismo. Este é um buraco no nosso tratamento de toda a mensagem da Bíblia para o nosso tempo.

Outra razão é que Jesus fez do Batismo uma parte de Seu ministério e parte da nossa missão. O Batismo não é uma ideia do homem. Foi uma ideia de Deus. Não é algo denominacional. É algo bíblico. Tudo começou com João Batista no início de nossos Evangelhos. Ele veio, o verso 11 diz: “batizando com água para o arrependimento” Ele continuou no ministério do próprio Jesus. João 4:1 diz: “Jesus fazia e batizava mais discípulos do que João”, apesar de ter sido os discípulos, e não Jesus que fazia a imersão real (João 4:2). E a prática foi adotada pela igreja não por causa de sua própria sabedoria, mas por causa da ordem do Senhor. No final de Seu ministério terreno Jesus disse: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mateus 28:19). Então Jesus fez o Batismo ser uma parte de Seu ministério e parte da nossa missão.

Batismo: Universal Na Igreja Primitiva

Outra razão para a série é que a prática de Batismo era universal na Igreja primitiva. Não era somente para os judeus ou gentios convertidos, ou qualquer uma igreja específica. Foi praticado por todos os convertidos em todas as igrejas. Não conhecemos nenhum crente não batizado (exceto o ladrão na cruz, Lucas 23:43). Por exemplo, em Romanos 6, Paulo diz para a igreja que ele nunca tinha visitado (em resposta a uma questão para saber se os Cristãos podem pecar para que a graça abunde): “Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?” (Romanos 6:2-3).

Em outras palavras, ele baseia seu argumento de que os Cristãos não podem sair pecando voluntariamente no fato de que todos nós já morremos com Cristo, como o Batismo mostra. Homens mortos não pecam. Ele assume que os crentes romanos, todos foram batizados, e ele estava simplesmente lembrando-os do que o Batismo representava. Foi uma experiência universal, estabelecida na Igreja primitiva. Se quisermos estar em sintonia com todo o Novo Testamento e toda a Igreja primitiva, devemos levar a sério o Batismo e praticá-lo fielmente.

Finalmente, há uma razão para esta série que se relaciona com a nossa situação hoje em Bethlehem. Acreditamos que temos sido negligentes em não pedir uma declaração mais direta e pública de fé em resposta ao ministério da Palavra. A maioria dos evangélicos americanos estão familiarizados com o que Billy Graham faz no final de sua pregação, chamando as pessoas a irem à frente. Às vezes, estes são chamados de “convites”. Às vezes “chamados ao altar”. Quando você olha para algo como isto na Bíblia não existe exemplo claro. Mas o que está claro é que, quando Paulo pregou a Palavra, discursou em uma sinagoga ou no Areópago, ele uniu-se com aqueles que criam (Atos 17:4, 12, 34).

A Forma Decisiva E Pública De Tomar Uma Posição Pública

E se você perguntar qual a forma decisiva e pública de tomar uma posição Cristã como vemos no Novo Testamento, a resposta é: o Batismo. A mensagem que Pedro pregou em Atos 2 terminou com as palavras: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo” (Atos 2:38). Nossa renovada convicção é que precisamos oferecer regularmente o Batismo como uma forma decisiva e pública para as pessoas responderem publicamente ao Evangelho. Mas, para isso, sentimos que precisávamos, como igreja, de uma compreensão mais clara do que o Batismo é. Por isso, esta série sobre o Batismo.

Então, em um passo de fé e de esperança no poder salvífico de Deus entre nós durante o verão, estamos planejando ter serviços de Batismo e testemunho cada quarta-feira a partir de junho, com alguns deles acontecendo ao ar livre em lagos e piscinas. Nosso pensamento é que Deus esteve estará no trabalho entre nós para trazer as pessoas à fé e a disposição para o Batismo, e que as pessoas e as famílias que vêm ao Batismo precisam ouvir os testemunhos de como Deus trouxe as pessoas para Si mesmo e o que significa ser Cristão.

David Livingston está planejando aulas batismais para as manhãs de Domingo durante todo o verão, ele preparará uma pessoa em duas semanas para dar prosseguimento à sua profissão de fé no Batismo. Queremos manter o tempo entre a profissão de fé e o Batismo bastante curto, porque essa é a maneira como o Novo Testamento fez isso, e porque então o símbolo é sentido ainda mais como uma declaração da nova realidade da fé.

Começando Com João Batista

Hoje começamos nossa série com o ministério batismal de João Batista. Esta é a origem Neotestamentária do Batismo Cristão. Há uma continuidade estreita entre o Batismo Cristão e o Batismo de João. João começou a batizar, Jesus continuou batizando, e ordenou a igreja a continuar com a prática: apesar de que agora o ato do Batismo passaria a ser feito em Seu nome. Portanto, há coisas cruciais para aprender sobre o Batismo a partir do Batismo de João.

A coisa mais importante a aprender é que quando uma pessoa judia recebia o Batismo de João, este era um ato radical de compromisso individual de pertencer ao verdadeiro povo de Deus, com base na confissão pessoal e arrependimento, não na identidade corporativa com Israel através do nascimento.

Esta é uma das principais razões pelas quais eu sou um Batista, ou seja, este é um dos principais motivos pelo qual eu não acredito no batismo de bebês, a saber, por que eles não podem fazer esse compromisso pessoal, ou confissão, ou arrependimento. O Batismo

de João era um ataque aos próprios pressupostos usados para praticar o batismo infantil. Deixe-me tentar explicar e mostrar o que eu quero dizer a partir de Mateus 3.

Em primeiro lugar, veja o que é retratado. De acordo com os versículos 1-2, João vai ao “deserto da Judéia, dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus”. Ele está na Judéia e ele está pregando para os judeus, o povo escolhido de Deus. Ele é o profeta prometido viria e prepararia o caminho do Senhor, deixaria as coisas prontas para o Messias. É importante perceber que o ministério de João era para os judeus, e não primariamente para os gentios.

A razão pela qual isso é importante é que os judeus já são o povo escolhido de Deus em um sentido exterior, étnico. Então isso significa que o apelo radical de João ao arrependimento era dado a judeus que já faziam parte do povo histórico de Deus. Estas são as pessoas para quem João estava dizendo para arrependem-se e serem batizadas para o perdão de seus pecados. Estas eram as pessoas que faziam parte da aliança de Deus e que tinham o sinal da aliança, pelo menos os homens o tinham, a saber, a circuncisão.

Confesse Seus Pecados, Arrependa-Se, Seja Batizado

Para essas pessoas, que eram judeus étnicos, parte do povo da aliança de Deus, tendo o sinal da aliança, a circuncisão, João disse, com efeito: “Confessem seus pecados, se arrependam e simbolizem isso com o Batismo, porque a ira de Deus está sobre vocês como um machado sobre a raiz de uma árvore”. Veja o versículo 6: “E eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados”. É por isso que o seu Batismo foi chamado de “o batismo de arrependimento, para remissão dos pecados” (Marcos 1:4). Ele convocou os judeus que admitissem que eles eram pecadores e precisavam se acertar com Deus, e para admitirem que ser judeu não era garantia de ser salvo. Em outras palavras: o Batismo era um sinal de que eles estavam renunciando à sua antiga dependência étnica do Judaísmo e que passariam a confiar plenamente na misericórdia de Deus para perdoar aqueles que confessam seus pecados e se arrependem.

Você pode ver isso mais claramente no versículo 7: “E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu Batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura?”. Essa é a questão: a ira de Deus. E esta não apenas sobre as nações incircuncisas, mas mesmo sobre o próprio povo de Deus, ou seja, o Judaísmo não era garantia de salvação. Ter nascido em uma família da aliança não era garantia de ser um filho de Deus. O Batismo de João é o novo sinal de pertencimento ao verdadeiro povo de Deus, e isto não com base no Judaísmo ou no fato de ter nascido em uma família da aliança, mas com base no arrependimento e fé radicalmente pessoal e individual. Ele batizava um por

um para mostrar que eles estavam arrependidos como indivíduos, e juntando-se ao verdadeiro povo de Deus: o verdadeiro Israel, e não simplesmente ao antigo Israel étnico, mas ao verdadeiro remanescente daqueles que, pessoalmente, se arrependem e creem. Os judeus meramente tradicionais tornaram-se judeus verdadeiros e espirituais através do arrependimento, pelo menos este foi o objetivo de João.

“Nós Temos Por Pai A Abraão”

Vemos ainda mais profundamente a posição de João, quando João responde aos fariseus e Saduceus. Ele diz no versículo 8: “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento”. Então ele perscruta suas mentes, ao que parece, e diz no versículo 9: “E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão”. Agora, o que queriam os fariseus e saduceus realmente dizer com as palavras: “Temos por pai a Abraão”, estavam dizendo: “Não nos fale sobre a ira de Deus. A ira diz respeito aos gentios, e não aos descendentes de Abraão”.

Em outras palavras, eles estavam dizendo que a descendência física de Abraão garantia a segurança de sua salvação. Não havia ameaça de ira! “Temos por pai a Abraão”! Qual foi o seu raciocínio? Bem, João mostra-nos pela forma como ele responde. No versículo 9b ele diz: “eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão”. Em outras palavras, o que eles estavam pensando era que Deus tinha feito uma promessa para os filhos de Abraão de que eles seriam abençoados, e não apenas com bênçãos materiais, mas com bênçãos eternas (Ele seria o seu Deus e eles o Seu povo) e que Deus sempre os teria como o Seu povo da aliança. Uma vez que Deus não pode mentir, os filhos de Abraão estão seguros, não importa o quê, porque se Deus destruísse o Seu próprio povo, então não haveria mais ninguém para os quais cumprir as promessas feitas, e Ele viria a ser um mentiroso. Então eles usavam a fidelidade de Deus como sua garantia de segurança.

A isso, João tem uma resposta surpreendente, ele diz: vocês estão certos quanto à fidelidade de Deus, mas vocês cometem um erro terrível ao pensar que, se você morrerem debaixo de Sua ira, Ele não pode cumprir Suas promessas. Ele pode, e Ele o fará. Deus pode, se Ele quiser, suscitar filhos a Abraão destas pedras (ou de gentios!). Em outras palavras, Deus não está encaixotado ou limitado, da maneira como vocês pensam que Ele está. Ele será fiel para cumprir Suas promessas aos filhos de Abraão, mas Ele não as cumprirá para os incrédulos e impenitentes filhos de Abraão. E se todos os filhos forem impenitentes e incrédulos, Ele suscitaria das pedras filhos a Abraão que cressem e se arrependessem.

Deus Pode Suscitar Os Filhos Que Creem E Se Arrependem

Agora, o que tudo isso nos diz sobre o Batismo? Três coisas:

1. Isto nos diz que o Batismo de João não é a simples continuação da circuncisão. Isto é importante porque aqueles que defendem o batismo infantil, muitas vezes apelam para a circuncisão como o sinal da Antiga Aliança para dizer que o Batismo é o novo sinal. Um foi dado a crianças e assim deve ser o outro. A circuncisão era o sinal de pertencimento ao povo da Antiga Aliança de Deus. Cada homem judeu o recebeu. Se você nascesse judeu, você receberia o sinal da aliança como bebê no sexo masculino. Então, pelo menos, alguns dos fariseus e dos saduceus viam a circuncisão como o sinal do favor de Deus e da sua segurança como o povo da Aliança. Mas o Batismo de João era um ataque radical sobre essa falsa segurança. Ele enfureceu os fariseus, convocando as pessoas a renunciarem a dependência do sinal do pacto que tinham quando eles eram crianças, e para virem a receber mais um sinal para mostrar que eles não estavam confiando em seu nascimento dos judeus, mas na misericórdia de Deus recebida por arrependimento e fé. Um novo povo dentro de Israel estava sendo formado, e um novo sinal de uma Nova Aliança estava sendo instituído. Não era uma simples continuação da circuncisão. Era uma acusação do mau uso da circuncisão como uma garantia de salvação. A circuncisão era um sinal de continuidade étnica; o Batismo era um sinal da realidade espiritual.

2. O Batismo de João era um sinal de arrependimento pessoal e individual, e não um sinal de nascimento em uma família da Aliança. É difícil superestimar o quão radical isso foi na época de João. Os judeus já tinham um sinal da aliança, a circuncisão, e João veio chamar ao arrependimento, oferecendo um novo sinal, o Batismo. Isto foi incrivelmente ofensivo, muito mais ofensivo do que mesmo quando um Batista hoje diz que o Batismo não é um sinal a ser recebido por crianças nascidas em um lar Cristão, mas um sinal de arrependimento e fé que uma pessoa escolhe para si, mesmo que ela já tenha sido batizada quando criança, da mesma forma como os judeus eram circuncidados quando crianças. O Batismo de João é o início da radical e individual ordenança Cristã de batizar os que creem.

3. O Batismo de João se encaixa no que veremos em todo o restante do Novo Testamento, e na verdade em todos os primeiros dois séculos da era Cristã até 200 D.C., quando Tertuliano menciona o batismo infantil pela primeira vez em qualquer documento histórico, ou seja, antes disso todos os Batismos haviam sido Batismo de crentes, não de bebês. E a razão foi que o Batismo era o sinal de pertencer ao novo povo de Deus, que é constituído não por nascimento ou identidade étnica, mas, pelo arrependimento e fé em Jesus Cristo.

O caminho da salvação é o arrependimento e a fé em Cristo, e não a identidade étnica ou nascimento de pais Cristãos. Deus nos chama hoje, não importando o que os nossos pais foram, e não importa o ritual que recebemos quando crianças, Deus nos chama hoje a nos arrependermos e crermos em Cristo para a salvação e para recebermos o novo sinal da Nova Aliança do povo de Deus: o sinal de arrependimento e fé, o Batismo. Então, eu chamo

a cada um de vocês que não seguiu a Cristo, desta forma: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado” (Atos 2:38). Este é o chamado de Deus. Este é o caminho da obediência e da vida.

PARTE 2 - “SEPULTADOS COM ELE NO BATISMO, NELE TAMBÉM RESSUSCITASTES PELA FÉ”.

⁸ Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo; ⁹ Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade; ¹⁰ E estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo o principado e potestade; ¹¹ No qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo dos pecados da carne, a circuncisão de Cristo; ¹² Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos. ¹³ E, quando vós estáveis mortos nos pecados, e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoadando-vos todas as ofensas, ¹⁴ Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz. ¹⁵ E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo (Colossenses 2:8-15).

O Batismo Cristão É Paralelo À Circuncisão Do Antigo Testamento?

Esta é a segunda de uma série de quatro partes sobre o Batismo Cristão. Deixe-me contar um pouco sobre como eu estou escolhendo os textos para pregar. Eu descobri em meus tempos de seminário e de pós-graduação que minhas velhas formas de defender o Batismo de crentes não eram convincentes. Eu costumava passar o tempo lembrando que todos os Batismos descritos no Novo Testamento são Batismos de crentes e que todos os comandos para que sejam batizados são dados aos crentes. Eu costumava salientar que o batismo infantil simplesmente não é mencionado na Bíblia e que é questionável a construção de uma prática fundamental da igreja em uma inferência teológica, sem ensino bíblico explícito quando todos os exemplos vão na direção oposta.

Mas eu descobri que aqueles que batizam crianças (“pedobatistas”) não eram influenciados por essas observações, porque eles pontuam que, é claro, nós vemos somente o Batismo do crente no Novo Testamento, pois estamos lidando com o estabelecimento da primeira geração evangelizada, não com a segunda geração de seus filhos. Todos concordam que os únicos adultos que devem ser batizados são os que creem quando adultos. A questão é, o que acontece quando esses adultos Cristãos batizados têm filhos?

Então eles apontaram que todas as minhas estatísticas são irrelevantes e a questão resume-se a uma inferência teológica. Especificamente, o Batismo Cristão é paralelo à circuncisão do Antigo Testamento como sinal daqueles que se juntam ao povo da aliança de Deus, e se assim for, não devem os filhos de Cristãos receberem o Batismo do mesmo modo que os filhos de Israel receberam a circuncisão?

Por exemplo, o Catecismo de Heidelberg foi escrito em 1562 como uma expressão da fé reformada. É dito por alguns ter a intimidade de Martinho Lutero, a caridade de Filipe Melancthon e o fogo de João Calvino: três grandes reformadores do século 16. No final da seção sobre o batismo, a questão #74 pergunta: “As crianças pequenas devem ser batizadas?”. A resposta é a seguinte:

Sim. As crianças, assim como os adultos, pertencem à aliança e à igreja de Deus. Através do sangue de Cristo lhes são prometidos, da mesma forma que aos adultos, a redenção do pecado e o Espírito Santo, que opera a fé. Assim as crianças, por meio do batismo como sinal da aliança, devem ser enxertadas na igreja de Cristo e distinguidas dos filhos dos incrédulos. Na velha aliança isso era feito pela circuncisão, que, na nova aliança, foi substituída pela instituição do batismo.¹

Ora, este tem sido o entendimento padrão do batismo entre os Presbiterianos, Congregacionais, Metodistas e muitos outros por centenas de anos. Luteranos e Papistas defendem a prática do batismo infantil de forma diferente, dando mais ênfase do que essas outras igrejas têm sobre o efeito regenerador real do ato.

Novas Verdades São Reveladas Na Nova Aliança?

Assim, uma das questões mais importantes que você deve enfrentar quando refletir sobre o mandamento do Novo Testamento para ser batizado é se você acha que esse paralelo com a circuncisão resolve a questão. Ou seja, é a vontade de Deus revelada no Novo Testamento que o Batismo e circuncisão correspondam tão intimamente que o que a circuncisão significou, o Batismo significa também? Ou há novas verdades sobre a criação e a natureza do povo de Deus na Nova Aliança, que apontam para uma descontinuidade, bem como a continuidade entre circuncisão e Batismo?

Bem, em minhas lutas com esta questão ao longo dos anos, especialmente os anos de pós-graduação, quando eu estava estudando principalmente com pedobatistas, três ou quatro textos, mais do que quaisquer outros, me impediram de abraçar o argumento da circunci-

[1] Fonte: Heidelberg-Catechism.com

são. Um deles é Colossenses 2:11-12. Outro é 1 Pedro 3:21. Outro é Romanos 9:8. E outro é Gálatas 3:26-27. Tomarei o texto de Colossenses hoje e abordarei os outros nas próximas semanas.

Mas, primeiramente, asseguremos que não nos esqueceremos da floresta, pelas árvores. Este texto (Colossenses 2:10-15) é uma floresta tropical de forte madeira evangélica. Obtenha uma visão de olho de pássaro desta floresta comigo. É tudo sobre o que Deus fez por nós (na história, objetivamente por meio de Cristo), e que Ele tem feito em nós, para que possamos de fato herdar o que Ele comprou.

O Que Deus Fez Por Nós

Tiremos o primeiro objetivo, histórico e externo da obra de Deus dos versículos 14-15. Em essência, o que esses dois versículos nos dizem é que os nossos dois maiores inimigos foram derrotados na morte de Cristo. Nada mais poderoso do que a morte de Cristo já aconteceu.

O primeiro inimigo derrotado foi a “cédula que era contra nós”, que foi apresentada contra nós no tribunal do Céu. Em outras palavras, por causa do nosso pecado e rebelião, as leis de Deus tornaram-se uma testemunha mortal contra nós e nós estávamos em tal dívida profunda com Deus que não havia saída. O versículo 14 diz que Cristo cancelou essa dívida toda, pagando-a totalmente, na cruz. “Havendo [Ele] riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz”. Então, os nossos grandes inimigos: pecado, culpa e dívida; foram derrotados por Cristo. Isso aconteceu na história, objetivamente, fora de nós.

O segundo inimigo derrotado foi a hoste dos seres espirituais do mal: o Diabo e suas potestades. Versículo 15: “E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo”. É verdade que ainda temos que “lutar com os principados e potestades” (Efésios 6:12), mas, se lutarmos no poder de Cristo e Seu sangue derramado, eles são derrotados, porque o golpe que Ele desferiu foi letal. Apocalipse 12:11 diz que os crentes “venceram [o Diabo] pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte”. Temos de lutar. Mas a batalha pertence ao Senhor e o golpe decisivo foi desferido no Calvário. Satanás não pode destruir-nos.

O Que Deus Tem Feito Em Nós

Agora, além destes dois grandes triunfos objetivos, externos e históricos sobre os nossos piores inimigos (a dívida do pecado diante de Deus e a derrota do Diabo na terra), esta flo-

resta também descreve o que Deus faz em nós, não apenas para nós e fora de nós, mas em nós, para que nós nos beneficiemos do que foi feito fora de nós.

Ele usa duas imagens: uma é a circuncisão e a outra é a ressurreição. O versículo 13 se concentra principalmente na nossa ressurreição: “E, quando vós estáveis mortos nos pecados, e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-vos todas as ofensas”. Então você vê o que Ele fez em nós: estávamos mortos espiritualmente, e Ele deu-nos vida. Este é o milagre do novo nascimento. Você foi salvo porque Deus foi um doador de vida, ressuscitando-o em seu coração, pela Palavra (2 Coríntios 4:6).

A outra imagem do que Deus fez em nós é a imagem da circuncisão. Versículo 11: “No qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo dos pecados da carne, a circuncisão de Cristo”.

Agora isso é mais difícil de entender porque as ideias são muito estranhas para nós. Paulo compara a obra salvadora de Deus em nós, com a prática da circuncisão. Ele diz que é assim, só que esta é uma circuncisão feita “sem as mãos”, ele está se referindo a algo espiritual, não físico. E ele diz que o que está sendo cortado não é o prepúcio masculino, mas o “corpo dos pecados da carne”. Na linguagem de Paulo, isto é provavelmente uma referência ao domínio que o pecado e o “eu” detêm sobre o corpo. O que é cortado nesta circuncisão espiritual “sem as mãos” é o velho eu incrédulo, cego e rebelde e suas manifestações pecaminosas através do corpo. E dessa forma, Paulo está dizendo, Deus assim faz uma pessoa ser propriamente Sua.

Assim, vimos dois retratos do que Deus faz por nós, objetivamente, historicamente e externamente a nós mesmos, para nos salvar: Ele derrota nossos inimigos, a saber, o pecado e Satanás. E vimos duas figuras do que Deus faz em nós para nos tornar parte desta salvação: Ele nos ressuscita dos mortos espiritualmente e Ele circuncida nosso coração, tira fora o velho e rebelde eu, e nos faz novas criaturas.

Batismo e Circuncisão

Agora, naquela floresta da gloriosa Noa Notícia, aqui vai a pergunta sobre a árvore do Batismo: o Batismo nas águas é a contrapartida Cristã à circuncisão do Antigo Testamento? É a continuidade de tal forma que, assim como a circuncisão foi dada aos filhos de povo da aliança de Deus, assim, o Batismo deve agora ser dado aos filhos do povo pactuado de Deus?

Os versos-chave são os versos 11-12. Observe a ligação das duas ideias sobre circuncisão e Batismo: “...No qual [Cristo] também estais circuncidados com a circuncisão não feita por

mão no despojo do corpo dos pecados da carne, a circuncisão de Cristo; sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos”.

É claro que há uma ligação aqui entre o Batismo e a circuncisão. Mas não é, eu acho, o que muitos batizadores infantis pensam que é. Observe que tipo de circuncisão é mencionada no versículo 11: é precisamente a circuncisão “não feita por mão”. Isso significa que Paulo está falando sobre uma contraparte espiritual do ritual físico do Antigo Testamento. Em seguida, o Batismo está vinculado no versículo 12 como contraparte espiritual para a circuncisão do Antigo Testamento. Isto é extremamente importante. Tente compreendê-lo.

O que é a contrapartida do Novo Testamento ou o paralelo com o rito do Antigo Testamento da circuncisão? Resposta: não é o rito do Batismo do Novo Testamento; é o acontecimento espiritual Neotestamentário da circuncisão de Cristo que corta “do corpo dos pecados [a velha pecaminosidade] da carne”. Então, o Batismo é apresentado como a expressão externa dessa realidade espiritual. Isso é precisamente o que a ligação entre os versículos 11 e 12 diz. Cristo faz uma circuncisão sem mãos; a qual é, no Novo Testamento, a realização espiritual da circuncisão do Antigo Testamento. Então, o versículo 12 estabelece o paralelo entre essa satisfação espiritual e o rito externo do Batismo.

Observe o que o versículo 11 intenciona sobre a nova obra de Cristo ao circuncidar: é uma circuncisão “sem mãos”. Mas o Batismo na água é enfaticamente um ritual feito “com as mãos”. Se nós simplesmente dizemos que esta ordenança do Novo Testamento sobre o Batismo feita com as mãos corresponde ao ritual do Velho Testamento da circuncisão feito com as mãos, então perdemos a verdade mais importante: algo novo está acontecendo na criação do povo de Deus chamado, a Igreja de Cristo. Eles estão sendo formados por uma “circuncisão não feita por mão” pelo próprio Deus. Eles estão sendo ressuscitados dos mortos por Deus e o Batismo é um sinal disto, e não uma repetição do sinal do Antigo Testamento. Há um novo sinal da aliança, porque o povo da aliança está sendo constituído de uma nova maneira: pelo nascimento espiritual, não pelo nascimento físico.

“Através Da Fé”

Uma das evidências mais claras para isso é a pequena frase “pela fé” no versículo 12. Atente para isto cuidadosamente. Isso é o que me preservou do pedobatismo através de anos de luta, até que eu vi mais e mais motivos para não me juntar aos pedobatistas. O versículo 12 liga a circuncisão espiritual e “não feita por mão” do Novo Testamento, que aparece no versículo 11, com o Batismo, e depois liga o Batismo com a fé: “Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos”.

Se o Batismo fosse apenas um paralelo do rito do Antigo Testamento sobre a circuncisão não teria que acontecer “pela fé”, já que as crianças não recebiam a circuncisão “pela fé”. A razão pela qual a ordenança do Novo Testamento sobre o Batismo deve ser “pela fé” é que ela não representa o ritual externo do Antigo Testamento, mas no Novo Testamento representa a experiência interior e espiritual da circuncisão “não feita por mão”.

Essas duas palavras: “pela fé”, que aparecem no versículo 12 são a decisiva e definitiva explicação da forma como fomos sepultados com Cristo no Batismo e como fomos ressuscitados com Ele no Batismo, e isto acontece “pela fé”. E isso não é algo que os bebês experienciam. A fé é uma experiência consciente do coração que se rende à obra de Deus. Os bebês não são capazes disso e, portanto, não são sujeitos apropriados para o Batismo, que é “pela fé”.

Então eu peço àqueles de vocês que ainda não chegaram à fé em Cristo a considerarem a floresta de boas notícias nestes versos, a saber, que Cristo morreu e ressuscitou para cancelar a nossa dívida com Deus e para triunfar sobre Satanás; e que Ele ressuscita as pessoas espiritualmente mortas desde a sepultura e circuncida o coração pecaminoso, e Ele faz tudo isso por meio da fé. Ele nos leva a confiar nEle, mostrando-nos quão verdadeiro e belo Ele é. Olhe para Ele e creia.

E então Ele nos convida a expressar essa fé no Batismo. Se você quer se preparar para dar este passo de obediência, você pode vir até aqui depois do serviço, ou você pode verificá-lo na agenda dos serviços de adoração, ou você pode vir para a classe de preparação para o Batismo no próximo Domingo, que durará duas semanas.

Que o Senhor possa chamar muitos de vocês para o gozo desta plena obediência “pela fé”.

PARTE 3 - “O QUE É O BATISMO e ELE SALVA?” (Pedro 3:18-22).

“Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito; ¹⁹ No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; ²⁰ Os quais noutro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água; ²¹ Que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus

Cristo; ²² O qual está à destra de Deus, tendo subido ao céu, havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências”.

A Controvérsia É Essencial E Mortal

Deixe-me começar hoje com uma breve palavra de introdução sobre a controvérsia. A principal coisa que eu quero dizer é que a controvérsia doutrinária é essencial e mortal. E a atitude em relação à controvérsia em vários grupos de Cristãos depende em grande medida qual destes dois eles sentem mais fortemente. Isso é essencial ou é mortal? Meu apelo é que em Bethlehem creiamos e reconheçamos a ambos. A controvérsia é essencial onde a preciosa verdade é rejeitada ou distorcida. E a controvérsia é mortal onde a disputa sobre a verdade domina a exultação na verdade.

A razão pela qual a controvérsia é essencial em face da rejeição e distorção é que Deus ordenou que a verdade seja mantida em todo o mundo, em parte, pela defesa humana. Por exemplo, Paulo diz em Filipenses 1:7 que ele está na prisão para a “defesa e confirmação do evangelho”. E Judas 1:3 diz que devemos “batalhar pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”. E Atos 17:2-3 diz que o costume de Paulo na sinagoga era “disputar” as Escrituras e “expor e demonstrar” que Jesus era o Cristo. Assim, a preservação e transmissão da verdade preciosa de pessoa para pessoa e de geração a geração pode exigir polêmica onde a verdade é rejeitada ou distorcida.

Mas a controvérsia também é mortal porque ela reconhece a ameaça e assim tende a provocar defensividade e ódio. É mortal também porque incide sobre as razões para a verdade e a realidade por trás da verdade, e assim tende a substituir a exultação na verdade pela disputa sobre a verdade. Isso é mortal, porque pensando justamente sobre a verdade, ela não é um fim em si mesmo; é um meio para o objetivo final, que é, amor e adoração. Paulo disse em 1 Timóteo 1:5 que “o fim do mandamento é o amor”. E orou em Filipenses 1:9-11 que o nosso “amor cresça mais e mais em ciência e em todo o conhecimento”. A controvérsia tende a ameaçar tanto o amor quanto o louvor. É difícil deleitar-se com um poema de amor, enquanto discutindo com alguém sobre se o seu amado o escreveu ou não.

John Owen Na Controvérsia

Assim, a controvérsia é essencial neste mundo caído, e a controvérsia é mortal em um mundo caído. Devemos fazê-lo e nós devemos temer ao fazê-lo. Um conselheiro sábio para nós quanto a isso é John Owen, o pastor Puritano de 340 anos atrás. Ele estava envolvido em muitas controvérsias em sua época — teológica, confessional e política. Mas

ele nunca deixou de ser um profundo amante de Deus e um pastor fiel de um rebanho. Ele nos aconselha a respeito desta controvérsia doutrinária:

“Quando o coração é lançado de fato no molde da doutrina que a mente abraça; quando a evidência e a necessidade da verdade permanecem em nós; quando o sentido das palavras não está apenas em nossas cabeças, mas o significado da coisa permanece em nossos corações; quando temos comunhão com Deus na doutrina que nós disputamos; então seremos guarnecidos pela graça de Deus contra todos os assaltos dos homens.”

Eu acho que esta foi a chave para a vida e ministério de Owen: ele não apenas luta pela doutrina; ele amava e comungava com o Deus por trás da doutrina. A frase-chave é esta: “Quando temos comunhão com Deus na doutrina que disputamos; então seremos guarnecidos pela graça de Deus contra todos os assaltos dos homens”. Em outras palavras, não devemos deixar que a disputa substitua a contemplação e a exultação.

Estou consciente de que esta série de mensagens sobre o Batismo é mais controversa do que o habitual. Eu também estou zeloso para que este púlpito evite dois grandes erros: a perda da verdade na busca pela exultação; e perca a adoração no ruído da disputa. Então, oremos todos para que em nossas vidas e em nossa igreja nós andemos na corda bamba equilibrados pela necessidade da controvérsia, por um lado, e os perigos dela, no outro.

A própria Bíblia é uma grande ajuda para isso porque ela ensina sobre o Batismo, por exemplo, em contextos que são tão ricos com boas novas, que torna-se relativamente fácil exultarmos enquanto nós lidamos com a prática do Batismo. De fato, o próprio Batismo é significado, como a Ceia do Senhor, para apontar para realidades que são tão grandiosas e tão maravilhosas que ao longo de toda a controvérsia, devemos ouvir a canção da gloriosa bondade e graça de Deus.

Exultando Na Substituição De Cristo Por Nós

O nosso texto está em 1 Pedro 3:18-22. Encaixando o ensino sobre o Batismo nos versículos 19 a 21, há as mesmas grandes verdades a respeito de Cristo e Sua morte e ressurreição que vimos na semana passada em Colossenses 2. Coloquemos estes diante de nós, por causa da exultação, antes que olhemos para a necessária disputa.

Versículo 18: “Porque também Cristo padeceu [literalmente: sofreu] uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas

vivificado pelo Espírito”. Agora, aqui há algo que vale a exultação. Colocando-o em cinco partes.

1. Nós somos separados de Deus.

Em primeiro lugar, o maior problema do mundo, o maior problema em sua vida e na minha, é que somos separados de Deus. Não temos o direito de nos aproximar dEle. Estamos alienados dEle. Vocês veem isso por trás das palavras de Pedro quando ele diz que o objetivo do sofrimento de Cristo foi “para levar-nos a Deus”. Agora, se Cristo teve que morrer para que pudéssemos ser levados a Deus, é claro que sem Cristo estamos separados de Deus. Este é o grande problema. Não enchentes, e não o câncer, e não o crime, e não a guerra, e não o nosso trabalho ou casamento ou filhos. A grande questão é que estamos separados de Deus, nosso Criador. E se esse problema não for resolvido, então a ira de Deus cairá sobre nós e nossa eternidade será miserável.

2. É o pecado que nos aliena de Deus.

Em segundo lugar, nós vemos qual é o problema que nos aliena de Deus, a saber, o pecado. Pedro diz: “Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados... para levar-nos a Deus”. São os nossos pecados que nos afastam de Deus. Isso é verdade legalmente e é verdade emocionalmente, como todos sabemos. Legalmente, Deus é um justo juiz e não simplesmente declara o inocente culpado e o culpado inocente. Ele é santo e não relaxa na sala de estar com os rebeldes. Todo pecado é grave e afasta-O para mais longe. E emocionalmente, sabemos que as nossas consciências estão contaminadas pelos pecados, de modo que nos sentimos tão imundos na presença de Deus que não podemos levantar nossos rostos.

3. Deus substituiu o Seu Filho por nós.

Em terceiro lugar, Deus tomou a iniciativa de subjugar essa alienação dEle, oferecendo Cristo para padecer em nosso lugar. Vocês veem esta grande realidade da substituição nas palavras: “Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos”. Aqui está o grande fundamento da nossa esperança, que nós realmente podemos e vamos voltar para casa, para Deus. Oh, exultemos nisso acima de todas as obras de Deus, que Ele substituiu Seu Filho justo em nosso lugar. Este é o grande Evangelho. Isto é o que nos mantém tarde da noite e cedo pela manhã, quando o pecado e Satanás nos atacam com suas acusações e dizendo: “você não pode orar a Deus, muito menos ir para o céu. Olhe para você! Você é um pecador!”. A isso dizemos: “Sim, mas a minha esperança não está em eu não ser um pecador; encontra-se em uma substituição do Justo pelos injustos”.

4. A Substituição foi de uma vez por todas.

E para aumentar a glória disso, em quarto lugar, Pedro, assim como o livro de Hebreus (7:27; 9:12; 10:10), diz que esta substituição do Justo pelos injustos foi “uma vez”, de uma vez por todas. Esta não precisa ser, e não pode ser repetida, porque isso foi perfeita e completa na primeira e única vez em que foi realizada. A dívida de todos os meus pecados — passados, presentes e futuros — foi paga em um único sacrifício, de uma vez por todas. Oh, a glória de um Evangelho objetivo, consumado, de uma vez por todas realizado por Deus em Seu Filho, fora de mim, à parte de minha inconstância psicológica.

5. Deus foi satisfeito com a Substituição de Cristo.

E em quinto lugar, depois que Ele mesmo ofereceu de uma vez por todas, o Justo pelos injustos, Deus lhe deu vida. “Mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito”. Isso significa que, no mínimo, Deus estava satisfeito com a substituição de Cristo. O que significa que, se você O amar como o fundamento de sua vida, Deus estará satisfeito com você, em Cristo. Deus deu a vida a Cristo em pelo menos dois sentidos: um é que Deus lhe deu vida no espírito durante os três dias, enquanto seu corpo estava no túmulo. Sabemos disso porque Jesus disse ao ladrão arrependido na cruz, “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lucas 23:43). Atualmente, não em três dias, mas hoje mesmo. A outra maneira pela qual Deus deu a vida a Cristo é que Ele O ressuscitou o Seu corpo dentre os mortos, e o transformou em um “corpo espiritual” — um novo tipo de corpo, sem a limitação da velha “carne” — um corpo adequado para o reino espiritual, o qual a “carne e sangue” não podem herdar (1 Coríntios 15:50). Então Deus deu um poderoso SIM à substituição de Cristo, ressuscitando-O dentre os mortos.

Essa é a parte superior do encaixe em torno do ensino de Batismo: “Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus”. Bem-vindo ao lar, são as palavras mais doces do mundo, quando Deus fala-as à nossa alma.

Exultando Com A Sujeição Dos Inimigos De Cristo (E Nossos)

A parte inferior do sanduíche é o versículo 22: “O qual está à destra de Deus, tendo subido ao céu, havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências”. Aqui vemos o outro efeito da morte e ressurreição de Cristo. Primeiro, foi a substituição por nossos pecados, agora vemos uma sujeição de Seus inimigos. Primeiro a substituição, depois a sujeição. (Crianças, perguntem à mamãe e o papai na hora do almoço de hoje, “Quais eram as duas palavras que começavam com ‘s’ para descrever a obra de Cristo?”)

Agora, não esqueçam isso: nós vimos a mesma coisa na semana passada, em Colossenses 2:15. Quando Cristo morreu e ressuscitou, todos os anjos maus, e autoridades, e potências foram submetidos a Ele de uma maneira nova. Desde o início da criação, Ele era soberano sobre eles. Isso não é novo. Mas agora Ele anulou a única coisa que eles poderiam usar para nos destruir, o nosso pecado. É como se o mundo demoníaco tivesse muitas armas para nos prejudicar, mas apenas um grande reservatório de veneno que poderia destruir os filhos de Deus. E quando Cristo foi à cruz, Ele tomou todo o depósito.

Oh, há muito a lutar por aqui, mas, por agora, nesta manhã, simplesmente nos exultemos nisso. Comunguemos com o nosso Deus nisso. Deleitemo-nos com esta realidade. Que a morte vicária e ressurreição corporal de Jesus Cristo sujeitaram os anjos, e autoridades, e potências a Ele, o que significa que nEle, os eleitos de Deus não podem ser destruídos por estes inimigos. Nossos grandes inimigos são sujeitos à vontade dAquele que morreu para nos salvar, e Ele nos salvará. Ele não deixará a Sua obra de substituição ou de sujeição ter sido feita em vão.

O Batismo Salva?

Agora, colocadas entre essas duas grandes verdades sobre Cristo (a substituição para os pecadores e a sujeição dos inimigos) estão as palavras sobre o Batismo. Eu preguei sobre este texto em 25 de Setembro de 1994. Então, eu vos encaminho para o gabinete se quiserem mais, porém eu só tenho tempo aqui para ir direto ao ponto em questão, ou seja, o significado do Batismo. No versículo 19, Pedro lembra aos leitores que, em Espírito, Jesus fora pregar ao povo nos dias de Noé, cujos espíritos estão agora na prisão aguardando julgamento (eu não tomo a posição de que o versículo 19 refere-se à pregação de Jesus no inferno entre a Sexta-feira Santa e a Páscoa). Mas houve um tremendo mal e dureza nos dias de Noé e apenas oito pessoas entraram na arca para a salvação do julgamento, por meio da água.

Agora Pedro percebe uma comparação entre as águas do dilúvio e as águas do Batismo. O versículo 21 é o versículo chave: “Que também [a água do dilúvio] como uma verdadeira figura, agora vos salva, o Batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo”. Agora, existem algumas denominações que amam este versículo porque parece à primeira vista apoiar a chamada “regeneração batismal”. Ou seja, o Batismo faz algo pelo candidato: ele salva por operar novo nascimento. Assim, por exemplo, uma das liturgias batismais para crianças diz: “Vendo agora, irmãos amados, que esta criança é regenerada, e enxertada no corpo da Igreja de Cristo, vamos dar graças”.

Agora o problema com isto é que Pedro parece muito consciente de que as suas palavras são abertas ao perigoso mau uso. É por isso que, logo que elas saem de sua boca, por assim dizer, ele as caracteriza antes que as tomemos para o lado errado. No versículo 21, ele diz: “O batismo agora vos salva”, o que soa como se a água tivesse um efeito salvífico em si e de si mesma, à parte da fé. Ele sabe com o que isso parece e, por isso, ele acrescenta imediatamente, “não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo” (ou a sua versão pode ter: “a solicitação de uma boa consciência para com Deus”).

Mas o ponto parece ser o seguinte: Quando eu falo sobre o Batismo salvando, diz Pedro, eu não quero dizer que a água, a imersão do corpo e limpeza da carne, é de qualquer efeito salvífico; o que quero dizer é que, na medida em que o Batismo é “uma solicitação a Deus por uma boa consciência”, (ou é “uma solicitação de uma boa consciência para com Deus”), ele salva. Paulo disse em Romanos 10:13: “Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Paulo não quer dizer que a fé sozinha falha em salvar. Ele quer dizer que a fé clama por Deus. Isso é o que a fé faz. Ora, Pedro está dizendo: “O batismo é o ordenado por Deus, expressão simbólica desse clamor a Deus. É um apelo a Deus, quer sob a forma de arrependimento ou sob a forma de compromisso”.

O Que É O Batismo?

Agora, isso é fundamentalmente importante em nossa compreensão do que é o Batismo no Novo Testamento. James Dunn está certo, penso eu, quando ele diz que “1 Pedro 3:21 é a abordagem mais próxima de uma definição de Batismo que o Novo Testamento oferece” (Batismo no Espírito Santo, p. 219). O que é o Batismo? O Batismo é uma expressão simbólica de “apelo” do coração a Deus. O Batismo é um clamor a Deus. É uma maneira de dizer a Deus com todo o nosso corpo: “Eu confio em Ti para me conduzir a Cristo, como Noé foi levado para a arca, e fazer de Jesus o Substituto pelos meus pecados e me trazer por meio destas águas, da morte e do julgamento para a vida, nova e eterna, através da ressurreição de Jesus, meu Senhor”.

Isto é o que Deus está chamando você a fazer. Você não salva a você mesmo. Deus salva você através da obra de Cristo. Mas você recebe a salvação por invocar o nome do Senhor, confiando nEle. E é a vontade de Deus, em todo o mundo e em todas as culturas, não importa quão simples ou quão sofisticadas, que este apelo a Deus seja expresso no Batismo. “Senhor, eu estou entrando na arca de Cristo! Salve-me, enquanto eu passo pelas águas da morte!”. Amém.

PARTE 4 - “O QUE O BATISMO SIMBOLIZA?” (Romanos 5: 20-6:4).

Hoje é a última mensagem desta pequena série sobre o Batismo. Eu sei que há muito mais a dizer. Desculpem-me se eu deixei sem resposta algumas de suas perguntas. Mas teremos mais oportunidades em diversas ocasiões para discutir essas coisas.

Lembrem-se de que um dos nossos principais motivos para colocar esta série aqui, no início do verão, é que nós acreditamos que o Novo Testamento chama as pessoas a virem a Cristo aberta e corajosamente. Queremos ver as pessoas que creram, venham e testemunhem publicamente e queremos ver as pessoas se tornarem crentes através de seu testemunho e pelo ministério da Palavra ministrada aqui, durante todo o verão.

Por Que Jesus Ordena O Ato Do Batismo?

Às vezes a gente pode se perguntar por que Jesus ordenou o ato de Batismo. Porque é que existe tal coisa como o Batismo? Se a salvação é pela graça mediante a fé, por que instituir um ritual exigido ou um símbolo para representar a fé? Essa é uma pergunta que a Bíblia não responde. Mas a experiência ensina algumas coisas interessantes.

Por exemplo, depois da minha primeira mensagem há três semanas, uma ex-missionária para as Filipinas veio até mim e expressou seu agradecimento pela série e, em seguida, disse o porquê. Ela disse que, nas Filipinas, onde há um bom bocado de Catolicismo nominal e sincrético, convertidos foram tolerados e malmente notados por sua família, até vir a batizarem-se. Em seguida, as previsões bíblicas de hostilidade e separação aconteceram. Há algo sobre este ritual público de nova fé que deixa claro onde a pessoa está e o que ela está fazendo. Em outras palavras, em muitas culturas hoje a situação é muito parecida com a situação ocorrida com João Batista. Ele veio pregando o Batismo de arrependimento e aqueles que pensavam já ter tudo o que precisavam, muitas vezes se enfureceram.

Naquela mesma semana esta revista de missões (O Relatório do Amanhecer [*“The Dawn Report”*], 30 de maio) chegou. Na página 7, há uma imagem de um homem batizando em um ambiente missionário em um rio, com esta legenda da foto: “Serviços ao ar livre e Batismos em rios às vezes são os melhores meios para o crescimento”. Nós simplesmente não sabemos toda a constelação de razões que Deus tinha em Sua sabedoria para a prescrição de Batismo como uma forma normativa de expressar a fé em Cristo e de identificação com Ele e Seu povo. Podemos pensar em várias razões por que isso é uma coisa boa, mas é provável que não possamos chegar a nos aproximar em pensamento de todos os bons efeitos que Deus pretende. No fim das contas, é um ato de confiança em nosso Pai que Ele sabe o que está fazendo e estamos felizes em agir sob o Seu comando.

Imersão Ou Aspersão?

Mas hoje eu tentarei mostrar a partir de Romanos 5:20-6:4 um pouco mais sobre o significado deste ato. Isso também abordará a questão de alguns de vocês a respeito do modo de Batismo, ou seja, a imersão em vez da aspersão. Na verdade, deixe-me começar com uma palavra geral sobre o modo de imersão em oposição à aspersão. Há pelo menos três tipos de evidência para acreditarmos que o sentido do Novo Testamento e a prática do batismo eram por imersão. 1) O significado da palavra baptizo no grego é essencialmente “mergulhar” ou “imersão”, e não aspergir. 2) As descrições de Batismos no Novo Testamento sugerem que as pessoas desceram à água para serem imersas em vez de terem água derramada sobre si e com um recipiente por meio de derramamento ou aspersão (Mateus 3:6: “no rio Jordão”, 3:16: “[Jesus] saiu logo da água”, João 3:23: “muitas águas”, Atos 8:38: “desceram ambos à água”). 3) Imersão se adequa ao simbolismo de ser sepultado com Cristo (Romanos 6:1-4, Colossenses 2:12).

Não vamos perder tempo com isso, mas deixe-me dizer uma palavra sobre como podemos olhar para o fato de que a nossa igreja e nossa denominação fazem o Batismo por imersão algo que define o pertencimento à comunidade da aliança local (mas não necessariamente ao corpo universal de Cristo). Nós não acreditamos que o modo de batismo é um ato essencial para a salvação. Então, nós não colocamos em questão que uma pessoa se faz Cristã apenas com base no modo de seu Batismo. Poderíamos, então, perguntar: você não deve, então, aceitar como membros aqueles que são verdadeiramente nascidos de novo, mas que foram aspergidos como crentes? Há duas maneiras de explicar por que não o fazemos.

1) Será que devemos chamar de Batismo um método artificial de “batismo”, se acreditarmos em boa evidência de que se afasta da forma que Cristo inaugurou? Será que não estamos correndo o risco de minimizar a importância que o próprio Cristo investiu nesta ordenança?

2) As comunidades Cristãs locais, chamadas de igrejas, são construídas em torno de convicções bíblicas compartilhadas, algumas das quais são essenciais para a salvação e algumas das quais não são. Nós não definimos nosso pacto de convivência apenas pelo mais próximo possível estabelecimento de crenças que alguém tem para ser salvo. Acreditamos, sim, que a importância da verdade e da autoridade das Escrituras são mais honrados quando as comunidades de fé Cristã se definem por conjuntos de convicções bíblicas e se fundamentam nelas, ao invés de redefinir o seu significado de membresia a cada vez que alguma de suas convicções é contestada. Quando diferentes comunidades Cristãs podem fazer isso ao expressar amor e afeição fraternal para com os outros crentes, tanto a verdade e o amor são bem servidos. Por exemplo, o fato de que muitos dos oradores que convidamos para a Conferência Bethlehem para Pastores [*Bethlehem Conference for*

Pastors] podem não ser membros desta igreja diz que levamos o amor e a união a sério, e que também levamos a verdade a sério.

Que pontos não-essenciais serão incluídos de geração em geração na definição de várias comunidades depende em grande parte de várias circunstâncias e várias avaliações de que as verdades precisam ser enfatizadas.

O Que O Batismo Simboliza?

Com esse pano de fundo, olhemos para Romanos 5:20-6:4 para ver o que o Batismo simboliza, e apenas secundariamente as implicações que isso tem para o modo de Batismo. Meu objetivo aqui é ajudar você a ver a gloriosa realidade para a qual aponta o Batismo, para que, principalmente, a própria realidade lhe apreenda, e que, em segundo lugar, a beleza e o significado do ato suba para sua mente e coração. Romanos 5:20-6:4:

²⁰ Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; ²¹ Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor. ¹ Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? ² De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? ³ Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? ⁴ De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.

Uma das grandes coisas sobre este texto é que ele mostra que, se você entender o que o Batismo simboliza, você entende o que realmente aconteceu com você quando você se tornou um Cristão. Muitos de nós viemos à fé e fomos batizados em um momento em que não tínhamos muito conhecimento. Isso é bom. Espera-se que o Batismo aconteça no início da caminhada Cristã, quando você não conhece muito. Por isso, também é esperado que você aprenda mais tarde, mais e mais o que o Batismo significa.

Não pense, “Oh, eu tenho que voltar e ser batizado de novo. Eu não sabia que tinha todo esse significado”. Não. Não. Isso significaria que você deveria ser rebatizado com cada novo curso que você toma em Teologia Bíblica. Antes, alegre-se por ter expressado sua fé simples em obediência a Jesus e agora estar aprendendo mais e mais a respeito de todo o seu significado, que é o que Paulo está fazendo aqui: ele está esperando que seus leitores saibam o que o seu Batismo significava, mas ele vai em frente e os ensina assim mesmo, no caso de não saberem ou haverem esquecido. Aprenda com estes versos o que você uma vez simbolizou aos olhos de Deus, e o que realmente aconteceu com você ao se tornar um Cristão.

Eu lidarei com apenas duas coisas que o Batismo simboliza, de acordo com esses versículos.

1. O Batismo Simboliza a Nossa Morte na Morte de Cristo.

Versos 6:3-4a: “Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte”. Aqui está uma grande verdade sobre nós, Cristãos. Nós morremos quando Cristo morreu, Ele morreu a nossa morte, isso significa pelo menos duas coisas: 1) Uma delas é que não somos as mesmas pessoas que éramos antes; nosso velho homem morreu. Nós não somos mais os mesmos. 2) Outra é que a nossa futura morte física não terá o mesmo significado para nós que ela teria se Cristo não tivesse morrido nossa morte. Uma vez que já morremos com Cristo, e Ele morreu a nossa morte por nós, nossa morte não será a coisa horrível que teria sido. “Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” (1 Coríntios 15:55). A resposta é que o aguilhão e a vitória da morte foram tragados por Cristo. Lembre-se da semana passada. Ele bebeu o cálice. Observe a repetição da palavra “em” nos versículos 3 e 4 batizados “em Cristo Jesus”, e batizados “na sua morte” (versículo 3), e do Batismo “na morte” (verso 4a). O que isto diz é que o Batismo retrata a nossa união com Cristo, isto é, estamos unidos a Ele espiritualmente para que Sua morte se torne a nossa morte e Sua vida se torne nossa vida. Como podemos experimentar isso? Como você sabe se isso aconteceu com você? A resposta é que ela é vivida pela fé. Você pode ouvir isso nos versos paralelos. Gálatas 2:20 faz a conexão com a fé: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus...”. Em outras palavras: “o ‘eu’ que morreu era o velho ‘eu’, incrédulo e rebelde, e o ‘eu’ que agora vive é o ‘eu’ da fé — “a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus”. E a base de tudo isso é a união com Cristo, “Cristo vive em mim” e eu vivo nEle, em união espiritual com Ele. Sua morte é a minha morte e Sua vida está sendo vivida em minha vida.

Outro exemplo disso seria Colossenses 2:6-7a: “Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele, arraigados e edificados nele, e confirmados na fé”. Aqui novamente você pode ver novamente que a fé em Cristo é a forma pela qual você pode experimentar a união com Cristo. Quando você O recebe como Senhor e Salvador, em sua fé, você está unido a Ele e anda “nEle” e é edificado “nEle”.

Então, quando Romanos 6:3-4 diz que somos batizados em Cristo e na Sua morte, eu tomo esta passagem para dizer que o Batismo expressa a fé na qual experimentamos a união com Cristo. É provavelmente por isso que Deus criou o modo de Batismo para simbolizar

um sepultamento. Ele representa a morte que experimentamos quando estamos unidos a Cristo. É por isso que somos imersos: é um sepultamento simbólico.

Então saiba, crente, que você já morreu. O velho “eu” incrédulo e rebelde foi crucificado com Cristo. Isto é o que o seu Batismo significou e significa.

2. O Batismo Simboliza a Nossa Novidade de Vida em Cristo.

Versículo 4: “De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida”. Ninguém fica sobre a água do Batismo. Nós saímos para fora da água. Depois da morte vem a vida nova. O velho “eu” de incredulidade e rebelião morreu quando eu me uni a Cristo através da fé. Mas no instante em que o velho “eu” morreu um novo “eu” foi trazido à vida, uma nova pessoa espiritual foi, por assim dizer, ressuscitada dentre os mortos.

O comentário mais importante sobre essa verdade é Colossenses 2:12, Paulo diz: “Sepultados com ele no Batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos”. Observe: Estamos ressuscitados com Cristo justamente como Romanos 6:4 diz que andamos em novidade de vida. E há a obra de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos, assim como Romanos 6:4 diz que Cristo foi ressuscitado pela glória do Pai, e isso acontece por meio da fé no poder de Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos.

Então, Colossenses 2:12 torna explícito o que Romanos 6:4 deixa implícito, a saber, que o Batismo expressa nossa fé no poder de Deus para ressuscitar Jesus dentre os mortos. Acreditamos que Cristo reviveu do sepulcro e está reinando hoje à mão direita do Pai no céu, donde voltará em poder e glória. E que a fé na obra de Deus — a glória de Deus, que é como Paulo se refere a isso — é o meio pelo qual nós compartilhamos a novidade de vida que Cristo tem em Si mesmo.

Na verdade, a novidade de vida é a vida de fé na glória e no poder de Deus.

“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus” [Gálatas 2:20]. A novidade de vida é a vida que dia após dia está confiando na obra de Deus, a glória de Deus.

O Batismo simboliza o que aconteceu conosco quando nos tornamos Cristãos Então vamos resumir isto e chegarmos a uma conclusão. O Batismo simboliza o que aconteceu conosco quando nos tornamos Cristãos. Isto é o que aconteceu conosco: fomos unidos a Cristo. Sua

morte se tornou a nossa morte. Nós morremos com Ele. E, no mesmo instante, Sua vida se tornou nossa vida. Estamos agora vivendo a vida de Cristo em nós. E tudo isso é experimentado através da fé.

Isso é o que significa ser um Cristão: viver na realidade do que nosso Batismo retrata, dia após dia devemos olhar para fora de nós mesmos em direção a Deus e dizer: “Por causa de Cristo, Teu Filho, eu venho a Ti nEle. Pertencço a Ti. Estou em casa conTigo. Ele é a minha única esperança de aceitação por Ti. Receba esta aceitação de novo todos os dias. Minha esperança é baseada em Sua morte por mim e minha morte nEle. Minha vida nEle é uma vida de fé em Ti, Pai. Por causa dEle eu confio em Sua obra por mim e para mim. O mesmo poder e glória que Tu usaste para ressuscitá-LO dentre os mortos Tu usarás para me ajudar. Nessa promessa de graça futura eu acredito, e nela eu espero. Isto é o que faz minha vida ser nova. Oh! Cristo, como eu me glorio no que o meu Batismo simboliza! Obrigado por morrer a minha morte por mim, e dar-me nova vida. Amém”.

Irmãos, Magnifiquem o Significado do Batismo

1 de janeiro de 1995, por John Piper

Recordo-me de um belo dia, em 1973. O Professor Leonhard Goppelt havia convidado seu seminário universitário sobre o Batismo a um retiro no sul de Munique, no sopé dos Alpes da Baviera. Ele era Luterano e eu era o único americano, e um Batista. Nós nos conhecemos em um mosteiro e por várias horas debatemos a questão do batismo infantil versus Batismo de crentes. Foi um espetáculo de dois homens: uma espécie de Davi e Golias. Só não havia israelitas Batistas me aplaudindo. Nem o Professor Goppelt caiu. Mas até hoje eu acredito que o lançar das minhas pedras era verdadeiro e que somente o poder impermeável de uma tradição do século XVII protegia o bastião do pedobatismo.

Mas agora, eu vi que a “batalha da Baviera” foi travada no nível errado. Desde que cheguei à Igreja Batista de Bethlehem, em Minneapolis, eu ensinei cerca de dez classes, de quatro semanas, de membresia. Quase todas as vezes, tem havido Luteranos ou Católicos ou Presbiterianos ou Aliancistas ou similares que foram “batizados” como crianças, mas querem ser unir à nossa igreja. Mês a mês o meu entendimento do porquê eu aceito o batismo de crentes aumentou. E agora eu vejo que eu nunca cheguei à raiz na Baviera.

Aqui está a forma como o meu pensamento progrediu. Houve três estágios (não muito diferentes da infância, adolescência e maturidade).

Fase 1: Os Sujeitos Do Batismo

Primeiro, eu vi que todo Batismo registrado na Bíblia foi o Batismo de um adulto que havia professado fé em Cristo. Em nenhum lugar na Bíblia há qualquer exemplo de uma criança sendo batizada. Os “batismos de casas” (mencionados em Atos 16:15, 33 e 1 Coríntios 1:16 são apenas exceções a isso, se supõe-se que a “família” incluía crianças. Mas, de fato, Lucas nos afasta deste pressuposto em Atos 16:32, dizendo que Paulo primeiro “lhes pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua [do carcereiro] casa”.

Além da ausência do batismo de crianças na Bíblia, eu também percebo (como todo estudante Batista sabe) que a ordem do comando de Pedro era “Arrependei-vos, e sejam batizados” (Atos 2:38). Eu não via razão alguma vez para inverter a ordem.

Mas, eu gradualmente passei a ver que essas observações eram apenas sugestivas, não convincentes. Que nenhuns batismos infantis são registrados não prova que não houve nenhum. E que Pedro disse: “Arrependei-vos, e sejam batizados”, para um público adulto não

descarta a possibilidade de que ele dissesse algo diferente sobre as crianças. Então eu cresci em minha segunda etapa e decidi: “É melhor afastar-me dos exemplos de Batismo para o ensino sobre o Batismo”. Talvez o significado da narrativa de Lucas seja esclarecido pela exposição de Paulo e Pedro.

Fase 2: O Significado Do Batismo

Evidentemente Romanos 6:1-11 veio à mente. Mas essa foi a arma favorita do Professor Goppelt, porque isso não contém nem uma palavra sobre a fé ou sobre qualquer resposta consciente a Deus até o versículo 11; e ali a resposta veio após o Batismo. Assim, ele usa Romanos 6 como a defesa clássica do batismo infantil. Para mim, isso avança a partir de qualquer forma ao isolamento.

Mas, Colossenses 2:12 e 1 Pedro 3:21 me pareciam ser devastadores para o ponto de vista Pedobatista. Paulo compara o Batismo com a circuncisão e diz: “Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos”. Isto diz claramente: no Batismo somos ressuscitados por meio da fé. O Batismo é eficaz como uma expressão de fé. Eu não vejo como uma criança poderia receber corretamente este sinal de fé.

Em seguida, 1 Pedro 3:21 diz: “Que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo”. Este texto assusta muitos Batistas porque parece aproximar-se da noção Católica, Luterana e Anglicana que o rito em si salva. Mas, ao fugirmos deste texto, desperdiçamos um argumento poderoso para Batismo de Crentes. Porque, assim como J. D. G. Dunn diz, esta é a coisa mais próxima que temos de uma definição que inclui a fé. O Batismo é “um apelo a Deus”. Ou seja, o batismo é o clamor de fé a Deus. Nesse sentido e a esse nível, ele participa dos meios de salvação de Deus. Isso não deve nos assustar mais do que a frase: “Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus [...] serás salvo” [Romanos 10:9]. O movimento dos lábios no ar e o movimento do corpo em água salvam apenas no sentido de que eles expressam o apelo e a fé do coração em direção a Deus.

Assim, pareceu-me que Colossenses 2:12 e 1 Pedro 3:21 costuraram o caso contra o batismo de infantes, que ainda não podiam crer em Cristo ou apelar a Deus.

Mas é aí que a minha batalha Bavariana parou. Desde então, tenho demonstrado por uma longa sucessão de argumentos em minhas aulas de membresia que mesmo esses textos deixam em aberto a possibilidade [remota!] que uma criança possa ser batizada com a força da fé de seus pais e na esperança de sua própria eventual “confirmação”. É tão possível

que essas passagens tenham relevância apenas para o estabelecimento missionário onde os adultos estão sendo convertidos e batizados. Se Paulo e Pedro houvessem abordado a questão dos lactentes em lares Cristãos, talvez eles teriam se saído como bons Presbiterianos.

Fase 3: A Descontinuidade Do Batismo

Eu duvido disso. Por agora, há uma terceira fase de raciocínio em favor do Batismo de Crentes. Há uma grande resposta bíblica e Batista para o Catecismo de Heidelberg, que diz que as crianças de pais Cristãos “pertencem ao pacto e ao povo de Deus [...] elas também devem ser batizadas como um sinal da aliança, serem enxertadas na igreja Cristã e distinguidas dos filhos dos incrédulos, como foi feito no Antigo Testamento pela circuncisão, no lugar do qual o Batismo é nomeado no Novo Testamento”. Em outras palavras, a justificação do batismo infantil nas igrejas reformadas paira sobre o fato de que o batismo é o homólogo do Novo Testamento da circuncisão.

Há, de fato, uma continuidade importante entre os sinais da circuncisão e Batismo, mas os representantes Presbiterianos da teologia Reformada têm desvalorizado a descontinuidade. Esta é a diferença radical entre Batistas e Presbiterianos sobre o Batismo. Eu sou um Batista, porque acredito que nesse aspecto, honramos tanto a continuidade e descontinuidade entre Israel e a igreja e entre seus respectivos sinais da aliança.

A continuidade é expressa assim: Assim como a circuncisão foi administrada a todos os filhos físicos de Abraão que compunham o Israel físico, assim, o Batismo deve ser administrado a todos os filhos espirituais de Abraão que compõem o Israel espiritual, a Igreja. Mas quem são esses filhos espirituais de Abraão, que constituem o povo de Deus em nossa época?

Gálatas 3:7 diz: “Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão”. A coisa nova, uma vez que Jesus veio, é que o povo da Aliança de Deus não é mais uma nação política, étnica, mas um corpo de crentes.

Por Que A Inauguração Da Nova Aliança Importa?

João Batista inaugurou esta mudança e introduziu o novo sinal do Batismo. Ao chamar todos os judeus a se arrependerem e serem batizados, João declarou poderosa e ofensivamente que a descendência física não forma uma parte da família de Deus e que a circuncisão, que significa uma relação física, será agora substituída pelo Batismo, que significa uma relação espiritual. O apóstolo Paulo abordou essa nova ênfase, especialmente em Romanos 9, e diz: “Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em

Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência” (vv. 7-8).

Portanto, uma mudança muito importante ocorreu na história da redenção. Há uma descon-tinuidade, bem como uma continuidade.

Zwinglio e Calvino e seus herdeiros têm tratado os sinais da Aliança como se nenhuma mudança significativa houvesse ocorrido com a vinda de Cristo. Mas Deus compõe hoje o Seu povo hoje de forma diferente do que quando Ele se empenhou com um povo étnico chamado Israel. O povo de Deus não é formado através de parentesco natural, mas por conversão sobrenatural à fé em Cristo.

Com a vinda de João Batista, e Jesus e os apóstolos, a ênfase agora é que o estado espiri-tual de seus pais não determina a sua participação na comunidade da Aliança. Os beneficiá-rios das bênçãos de Abraão são aqueles que têm a fé de Abraão. Estes são aqueles que pertencem à comunidade da Aliança.

E estes são os que devem receber o sinal da Aliança: o Batismo de crentes. Então, se eu pudesse voltar atrás e ir à Baviera novamente, chegaria à raiz depressa. Este é o lugar onde a nossa “defesa e confirmação” serão ganhas ou perdidas. Mas, o Senhor nos conduz pela infância, adolescência e maturidade por uma razão. Cada fase do raciocínio é útil. Conheçam a sua audiência, irmãos, e magnifiquem o significado do Batismo.

Como a Circuncisão e Batismo Correspondem?

29 de Agosto de 1999, por John Piper

Série: Romanos: A Mais Grandiosa Carta já Escrita

“Vem, pois, esta bem-aventurança sobre a circuncisão somente, ou também sobre a incircuncisão? PORQUE DIZEMOS QUE A FÉ FOI IMPUTADA COMO JUSTIÇA A ABRAÃO. ¹⁰ Como lhe foi, pois, imputada? Estando na circuncisão ou na incircuncisão? Não na circuncisão, mas na incircuncisão. ¹¹ E recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé quando estava na incircuncisão, para que fosse pai de todos os que creem, estando eles também na incircuncisão; a fim de que também a justiça lhes seja imputada; ¹² E fosse pai da circuncisão, daqueles que não somente são da circuncisão, mas que também andam nas pisadas daquela fé que teve nosso pai Abraão, que tivera na incircuncisão” (Romanos 4:9-12)

Falarei hoje sobre a relação entre a Circuncisão do Antigo Testamento e o Batismo do Novo Testamento. Uma das razões pelas quais somos chamados Batistas é que nós acreditamos que o Novo Testamento nos ensina a batizar os crentes, mas não os filhos infantis dos crentes.

Algumas Razões Pelas Quais Os Batistas Não Batizam Infantes

Há muitas razões para essa convicção. Deixe-me mencionar cinco que eu falarei de forma rápida para que eu possa entrar na questão principal em Romanos 4:11, onde alguns daqueles que acreditam no batismo infantil constroem o seu caso. Eu passo por estes rapidamente porque eu lidei com eles antes na série de sermões sobre o Batismo, na primavera de 1997. Você pode obter esses sermões e lê-los ou ouvi-los.

1. Em cada ordem e exemplo de Batismo no Novo Testamento, a exigência da fé precede o Batismo. Assim, crianças incapazes da fé não devem ser batizadas.
2. Não há casos explícitos de batismo de crianças em toda a Bíblia. Nos três “batismos de casas” mencionados (casa de Lídia, Atos 16:15; casa do carcereiro de Filipos, Atos 16:30-33; família de Estéfanos, 1 Coríntios 1:16) nenhuma menção é feita a crianças, e no caso do carcereiro de Filipos, Lucas diz explicitamente: “E lhe pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa” (Atos 16:32), o que implica que os familiares que foram batizados conseguiram entender a Palavra.

3. Paulo (em Colossenses 2:12) explicitamente definiu o Batismo como um ato feito por meio da fé: “Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus [...]”. No Batismo, fostes ressuscitados com Cristo por meio da fé, a sua própria fé, e não a fé de seus pais. Se ele não é “pela fé”, se não é uma expressão exterior da fé interior, não é Batismo.

4. O apóstolo Pedro, em sua primeira carta, definiu o Batismo desta forma: “[...] não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo” (1 Pedro 3:21). O Batismo é “a indagação de uma boa consciência para com Deus”. É um ato exterior e expressão de confissão interior e oração a Deus por purificação, o que quem está sendo batizado faz, e não seus pais.

5. Quando a igreja do Novo Testamento debateu em Atos 15 se a circuncisão ainda seria exigida dos crentes, como parte de se tornarem um Cristão, é surpreendente que nenhuma vez por todo esse debate ninguém diz nada sobre o Batismo permanecer no lugar da circuncisão. Se o Batismo é a simples substituição da circuncisão como um sinal da Nova Aliança, e, portanto, válido para crianças, bem como para os adultos, como a circuncisão era, certamente esse teria sido o momento para desenvolver o argumento e assim mostrar que a circuncisão não era mais necessária. Mas isso nem é sequer é mencionado.

Essas são algumas das razões pelas quais os Batistas são resistentes a abraçar os argumentos teológicos mais elaborados para o batismo infantil. Mas agora estamos aqui em Romanos 4:11 e muitos daqueles que batizam crianças veem neste versículo um pilar para a sua posição. Deixe-me tentar mostrar-lhe o que eles veem e, em seguida, por que eu não sou persuadido.

Por Que Muitos Na Tradição Reformada Endossam O Batismo Infantil?

Nós estamos lidando aqui com uma grande tradição Reformada, voltando a João Calvino e Ulrich Zwinglio e outros reformadores. Eu não desprezo esta tradição. E por muitos anos eu tenho tentado ser justo com os argumentos, especialmente porque a maioria dos meus heróis está neste território.

A principal razão pela qual esta grande tradição Reformada aprova o batismo de infantes dos crentes é que parece haver no Novo Testamento uma correspondência entre a circuncisão e o Batismo. Assim como a circuncisão foi dada como um sinal para os “filhos da aliança”, no Antigo Testamento, então o Batismo — o novo sinal da aliança — deveria ser dado aos “filhos da aliança” hoje. Por exemplo, em Colossenses 2:11-12, parece haver uma ligação entre a circuncisão e o Batismo: “No qual [Cristo] também estais circuncidados com

a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo dos pecados da carne, pela circuncisão de Cristo; sepultados com Ele no batismo [...]”. Assim, por causa do argumento, vamos admitir que há alguma correlação entre a circuncisão e o Batismo.

O que devemos fazer com esta correlação? Bem, há 400 anos um argumento bastante elaborado foi feito de que o Batismo substitui a circuncisão como o sinal da aliança e que ele deve ser aplicado na igreja da maneira que foi aplicado em Israel, ou seja, aos filhos dos membros da aliança — Israelitas, na ocasião, Cristãos agora. Assim, por exemplo, a Diretriz de Westminster para o Culto Público a Deus (criada há 350 anos), diz: “A semente e a posteridade dos fiéis nascidos dentro da Igreja têm por seu nascimento um interesse [uma participação] na aliança e direito ao selo da mesma e aos privilégios externos da igreja sob o Evangelho, e não menos do que os filhos de Abraão, no tempo do Antigo Testamento”.

Em outras palavras, os filhos dos Cristãos hoje pertencem à igreja visível em virtude de seu nascimento e devem, então, receber o sinal e selo do pacto, assim como aos oito dias de idade, aos filhos de israelitas era feito no Antigo Testamento. Esse é o principal argumento.

Por Que Romanos 4:11 É O “Elemento Chave” Para Muitos Dos Que Batizam Infantes?

Agora, que relevância Romanos 4:11 tem aqui? Permitam-me citar uma carta, uma carta muito boa (em espírito e conteúdo) que recebi de um defensor do batismo infantil depois que eu preguei minhas mensagens sobre o Batismo, na primavera de 1997, ele lamentou que eu não houvesse lidado com Romanos 4:11. Aqui está o porquê: “Para mim Romanos 4:11 é o ‘elemento chave’ na doutrina do pedobatismo [batismo infantil]. Remova-o, e toda a doutrina cai”.

Agora o que é que ele e os outros veem aqui que faz deste versículo tão convincente em defesa do batismo infantil? Eu tentarei explicar. Olhemos para o texto. No versículo 9, Paulo nos lembra que “Porque dizemos que a fé foi imputada como justiça a Abraão”. Ou seja, ele foi justificado e acertou-se com Deus através da fé. Então o versículo 10 salienta que isso aconteceu antes de Abraão ter sido circuncidado. “Como lhe foi, pois, imputada? Estando na circuncisão ou na incircuncisão? Não na circuncisão, mas na incircuncisão”. O ponto é que a justificação de Abraão não foi operada através da circuncisão, que veio mais tarde, mas, sim, por meio da fé.

Em seguida, vem o crucial versículo 11, que funciona como uma espécie de definição da circuncisão: “E recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé quando estava na incircuncisão”. Assim, a circuncisão de Abraão é descrita aqui como “o sinal [...] um selo da justiça da fé”.

Agora, por que isso é importante? É importante porque dá um sentido espiritual para a circuncisão, que é como o significado do Batismo no Novo Testamento: “o sinal e selo da justiça da fé”. Nós dizemos que o Batismo é uma expressão da fé genuína e correta relação com Deus que temos pela fé, antes de sermos batizados. Isso parece ser o que a circuncisão significa também, de acordo com Paulo em Romanos 4:11. A circuncisão é um sinal e selo de uma fé que Abraão tinha antes de ser circuncidado.

Então vocês veem o que isso significa? Se a circuncisão e o Batismo significam a mesma coisa — ou seja, a fé genuína —, então você não pode usar este significado do Batismo por si só como um argumento contra batizar crianças, porque a circuncisão foi dada às crianças. Em outras palavras, você não pode simplesmente dizer: “O batismo é uma expressão e sinal de fé; crianças não podem ter fé; portanto, não batizamos crianças”. Você não pode simplesmente dizer isso, porque Romanos 4:11 diz que a circuncisão significa a mesma coisa, um sinal de fé, e foi dado a crianças.

É por isso que Romanos 4:11 é considerado por alguns como o elemento chave da defesa do batismo infantil. Ele define a circuncisão de uma forma que lhe dá o mesmo significado básico do Batismo, no entanto, sabemos a partir de Gênesis 17 que a circuncisão foi designada por Deus para as crianças de todo o povo judeu.

¹⁰ Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós, e a tua descendência depois de ti: Que todo o homem entre vós será circuncidado [...] ¹¹ e isto será por sinal da aliança entre mim e vós. ¹² O filho de oito dias, pois, será circuncidado, todo o homem nas vossas gerações; o nascido na casa, e o comprado por dinheiro a qualquer estrangeiro, que não for da tua descendência (Gênesis 17:10-12).

Assim, mesmo que a circuncisão seja descrita por Paulo como um sinal e selo da justiça da fé de Abraão, ela deveria ser dada aos seus filhos infantis, e seus filhos, e até mesmo para os seus servos que não eram judeus por nascimento.

Assim, se a circuncisão pode ser um sinal de fé e justiça, e ainda ser dada a todas as crianças do sexo masculino dos israelitas (os quais, por eles mesmos, ainda não têm fé), então por que o Batismo não pode ser dado aos filhos de Cristãos, mesmo este sendo um sinal de fé e justiça (o que eles ainda não têm)?

O Que Diremos A Isso?

O principal problema com este argumento é uma suposição errada sobre a semelhança entre o povo de Deus no Antigo Testamento e o povo de Deus hoje. Assume-se que a ma-

neira como Deus reuniu Seu povo da Aliança, Israel, no Antigo Testamento, e a forma que Ele está reunindo Seu povo da Aliança, a Igreja, hoje, é tão semelhante que os diferentes sinais da Aliança (Batismo e circuncisão) podem ser administrados da mesma forma para ambos os povos. Porém, esta é uma suposição equivocada.

Existem diferenças entre o povo da Nova Aliança, chamado a Igreja, e o povo da Antiga Aliança, chamado Israel. E essas diferenças explicam por que convinha dar o sinal do pacto da circuncisão para os filhos de Israel, e por que não é apropriado dar o sinal da Nova Aliança, o Batismo, às crianças da Igreja. Em outras palavras, mesmo que haja uma sobreposição de significado entre o Batismo e a circuncisão (visto em Romanos 4:11), a circuncisão e o Batismo não têm o mesmo papel a desempenhar para o povo da Aliança de Deus, pois a maneira que Deus constituiu Seu povo no Antigo Testamento, e da forma que Ele está constituindo a Igreja de hoje são fundamentalmente diferentes.

**Paulo Deixa Isso Claro Em Vários Lugares. Vejamos Dois Deles.
Venha Comigo Até Romanos 9:6-8:**

⁶ Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas; ⁷ Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. ⁸ Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência.

O que é relevante neste texto para o nosso propósito é que havia dois “Israelis”: um Israel físico e um Israel espiritual. Verso 6b: “porque nem todos os que são de Israel [ou seja, o verdadeiro Israel espiritual] são israelitas [ou seja, o Israel físico, religioso]”. No entanto, Deus ordenou que o todo, amplo, físico, religioso, nacional povo de Israel fosse conhecido como Seu povo da aliança e recebesse o sinal da aliança e as bênçãos exteriores da aliança, como, por exemplo, a terra prometida (Gênesis 17:8).

O povo da Aliança do Antigo Testamento era misturado. Eram todos israelitas físicos, os que foram circuncidados, mas dentro desse grupo nacional étnico houve um remanescente do verdadeiro Israel, os verdadeiros filhos de Deus (v. 8). Esta é a maneira que Deus designou ser: Ele se uniu por aliança a um povo étnico e seus descendentes; Ele deu-lhes, a todos, o sinal da aliança, a circuncisão, mas Ele operou dentro desse grupo étnico para chamar um verdadeiro povo para Si mesmo.

Como A Igreja É Uma Continuação De Israel?

Agora, a questão para nós é: A Igreja do Novo Testamento — a Igreja de hoje — é uma continuação do grupo misto mais amplo, do Israel étnico, religioso, nacional, ou a Igreja é

a continuação do remanescente dos verdadeiros filhos de Abraão que são filhos de Deus pela fé em Cristo? Somos uma nova comunidade da aliança nascida do Espírito, com a lei de Deus escrita em nossos corações e estabelecidos pela fé? Nós não precisamos conjecturar sobre isso.

Paulo Deixa Claro A Resposta Em Gálatas 4:22-28:

²² Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava [Ismael, nascido de Agar], e outro da livre [Isaque, nascido de Sara]. Todavia, o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas, o que era da livre, por promessa [...] ²⁸ Mas nós, irmãos, somos filhos da promessa como Isaque.

Agora, quem é “nós, irmãos”? Eles são a Igreja. A Igreja não deve ser uma herança mista como a semente de Abraão. A Igreja não deve ser como Israel, uma multidão física e nele um pequeno remanescente de verdadeiros santos. A Igreja são os santos, por definição. A Igreja continua o remanescente. Como o versículo 28 diz, a Igreja é “como Isaque, filhos da promessa”.

O povo da aliança no Antigo Testamento foi composto de Israel segundo a carne, um povo étnico, nacional, religioso, contendo “filhos segundo a carne” e “filhos de Deus”. Por isso convinha que a circuncisão fosse dada a todos os filhos da carne.

Mas o povo da Nova Aliança, chamado de Igreja de Jesus Cristo, está sendo construída de uma forma fundamentalmente diferente. A Igreja não se baseia em nenhuma distinções nacionais étnicas, mas sobre a realidade da fé, pela graça somente, no poder do Espírito Santo. A Igreja não é uma continuação de Israel como um todo; é uma continuação do verdadeiro Israel, o remanescente; não os filhos segundo a carne, mas os filhos da promessa.

Portanto, não é apropriado que as crianças nascidas apenas segundo a carne recebam o sinal da aliança, o Batismo.

A igreja é a nova comunidade da aliança, “Este cálice é o novo testamento no meu sangue” (Lucas 22:20, 1 Coríntios 11:25), dizemos quando tomamos a comunhão. A nova aliança é a obra espiritual de Deus, ao colocar o Seu Espírito dentro de nós, escrever a Lei em nossos corações, e levar-nos a andar em Seus estatutos. É uma comunidade espiritual autêntica. Ao contrário da comunidade da Antiga Aliança, é definida pela verdadeira vida espiritual e fé. Tendo essas coisas, é o que significa pertencer à Igreja. Portanto, dar o sinal da aliança, o Batismo, para aqueles que são apenas filhos segundo a carne e que não dão nenhuma evidência do novo nascimento ou a presença do Espírito ou a Lei escrita em seu coração

ou da vital fé em Cristo é contradizer o significado da nova comunidade da Aliança e retroceder na história da redenção.

A Igreja não é uma repetição de Israel. É um avanço em Israel. Administrar o sinal da Aliança, como se esse avanço não tivesse ocorrido é um grande erro. Nós não batizamos os nossos filhos segundo a carne, não porque nós não os amamos, mas porque queremos preservar-lhes a pureza e o poder da comunidade espiritual, que Deus ordenou para a igreja crente no Cristo vivo.

Eu oro para que vocês sejam convencidos dessas coisas, e que muitos dos que estão resistindo sejam batizados, não para cumprir qualquer constituição da igreja, mas pela fé e obediência, para glorificar a grande obra Divina da Nova Aliança em sua vida. Vocês foram lavados pelo sangue do Cordeiro? Os seus pecados foram perdoados? Vocês já morrerão com Cristo e ressuscitaram pela fé para andar em novidade de vida? O Espírito de Cristo habita em vós? A Lei está escrita em vosso coração? Venham, então, e simbolizem isso no Batismo, e glorifiquem a grandiosa obra Divina da Nova Aliança em sua vida.

Fortalecidos Para Sofrer: Cristo, Noé e o Batismo

25 de setembro de 1994, por John Piper.

Série: 1 Pedro: Cresci na Graça e no Conhecimento de Cristo.

“Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito; no qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; os quais noutro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água; que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo; o qual está à destra de Deus, tendo subido ao céu, havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências” (1 Pedro 3:18-22)

A Conexão Do Que Precede E Sucede

Para entender sobre o que é todo este parágrafo, nós precisamos ver como ele se relaciona com o que vem antes e com o que vem depois. Pouco antes, no versículo 17, Pedro chama os Cristãos a sofrerem, se essa for a vontade de Deus para eles: “Porque melhor é que padeçais fazendo bem (se a vontade de Deus assim o quer), do que fazendo mal”. Às vezes, é a vontade de Deus que nós soframos por fazer o que é certo. Isso não é uma coisa fácil de ouvir. Precisamos ser ajudados quanto a isso. Precisamos de entendimento e nós precisamos de encorajamento e esperança, se Deus quiser que nós soframos por fazer o que é certo.

Então, no versículo 18, Pedro começa este parágrafo, dizendo: “Porque também Cristo padeceu [sofreu] uma vez pelos pecados [...]”, A palavra “porque” nos mostra que Pedro começa a explicar por que às vezes é a vontade de Deus que soframos por fazer o que é certo. Assim, o parágrafo começa como uma explicação ou uma razão para o chamado a sofrer como um Cristão por fazer o que é certo.

Então olhe para a conexão entre o parágrafo e o que segue em 4:1. A próxima unidade começa assim: “Ora, pois, já que Cristo padeceu por nós na carne, armai-vos também vós com este mesmo pensamento”, ou seja, o propósito de sofrer por fazer o que é certo, como Cristo fez. Então, pouco antes do texto (em 3:17) e logo após o texto (em 4:1), o ponto é: prepare-se para sofrer por fazer o certo, se isso for a vontade de Deus. Arme-se com este pensamento.

Pedro Está Nos Preparando Para Sofrer

Entre estes dois chamados para sofrermos, vem o nosso texto, versículos 18-22. Portanto, o ponto principal destes versículos é ajudar a nos prepararmos para sofrer com Jesus por fazer o que é certo, não por fazer o que é errado. Para todas as coisas difíceis nestes versículos, não devemos esquecer este ponto principal: a intenção de Pedro neste texto é ajudar a nos armarmos com a fé para sofrermos por amor de Cristo e de Seu reino.

A Norma Ao Longo Da História

Se isso soa irrelevante para você, pode ser porque você, como a maioria dos norte-americanos, está isolado do grande mundo fora de nosso próprio pequeno país (cerca de 5% do total) e fora de nossa própria pequena época americana (cerca de 5% dos últimos 6.000 anos). Na maior parte do mundo e na maior parte da história, ser um Cristão não era seguro. Stephen Neil diz em sua História das Missões Cristãs (p. 43) que, nos três primeiros séculos, quando a Igreja estava se espalhando como fogo, “Todo Cristão sabia que mais cedo ou mais tarde ele poderia ter que testemunhar a sua fé com o custo de sua vida”.

Somente pense nisso! Imagine-se indo evangelizar num contexto em que você não poderia fazer promessas para as pessoas que as coisas melhorariam para eles na terra, mas que se elas crerem no que você ofereceu, elas estariam arriscando suas vidas. Isso nos diz alguma coisa sobre nossa mensagem e métodos de evangelização? Isso era normal no contexto desta carta, e na maioria dos lugares do mundo, na maioria das vezes, incluindo hoje.

Mas nós inventamos nomes para os lugares onde é perigoso ser um Cristão. Nós os chamamos de países “fechados”. O que, de fato, é estranho. Nós tomamos a nossa falsa suposição de que a segurança é normal, e usamos essa falsa suposição para definir onde a missão da igreja pode avançar. Pedro e Paulo teriam achado a ideia inteiramente incompreensível.

A Norma Na Maior Parte Do Mundo

Hoje é normal na maioria dos lugares sofrer por serem Cristãos. Ser seguro e respeitado é a exceção, não a regra. Apenas um exemplo. Missionários evangélicos entraram no Camboja na década de 1920. No momento em que eles foram expulsos em 1965, havia cerca de 600 crentes. Entre 1965 e 1975 durante a guerra civil da população Cristã aumentou para cerca de 90.000. Foi um trabalho incrível de Deus. Mas, quando o Khmer Vermelho assumiu o controle e Pol Pot desencadeou sua fúria sobre a nação, a maioria destes Cristãos morreu ou fugiu do país.

Esta história pode ser contada centenas de vezes mais e mais em todo o mundo e ao longo dos séculos. É normal, e não anormal, para os Cristãos serem odiados. Jesus disse a coisa mais radical em Mateus 24:9: “e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome”. Há uma advertência para nós aqui na América. Tenho a impressão de que estamos em um amargo estado de espírito reacionário, como Cristãos, nos Estados Unidos. A atmosfera parece ser uma de rudeza, rancor e ânimo mesquinho em praça pública, como se os liberais, humanistas, seculares, elites culturais relativistas tivessem tomado o nosso mundo Cristão de nós.

Eu penso que este é o momento certo para uma forte dose de ensino em 1 Pedro, como em 4:12. “Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse”. Pedro está se esforçando nesta carta para dizer que somos estrangeiros e peregrinos aqui e que NÃO é surpreendente, e não é anormal, quando os poderes culturais injuriam o Cristianismo. “Se chamaram Belzebu ao pai de família, quanto mais aos seus domésticos?” (Mateus 10:25).

Portanto, neste texto de hoje, e em toda a carta, Pedro está labutando para nos ajudar a estar prontos para sofrer, se Deus o quiser. É por isso que os versículos 18-22 foram escritos.

Cinco Maneiras pelas quais Pedro nos Prepara para o Sofrimento

Vejamos cinco maneiras que Pedro nos fortalece para essa possibilidade.

1. Lembre-Se Que Cristo Sofreu

Em primeiro lugar, ele insiste que não nos esqueçamos de que Cristo, nosso grande Rei e Salvador sofreu.

Versículos 17-18: “Porque melhor é que padeçais fazendo bem (se a vontade de Deus assim o quer), do que fazendo mal. Porque também Cristo padeceu uma vez...”. Em todo o Novo Testamento, a mentalidade do Cristianismo é: nosso Senhor sofreu, vamos segui-LO no sofrimento.

Você tem Paulo dizendo, “Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte” (Filipenses 3:10). Você tem em Hebreus: “E por isso também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta. Saíamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério” (Hebreus

13:12-13). Você tem Jesus dizendo: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me” (Marcos 8:34). Eu carrego a cruz; você carregará a cruz.

O primeiro grande incentivo para nos preparar para sofrer por fazer o que é certo é que isso é o que aconteceu com Jesus, o homem mais grandioso, amoroso, atencioso, sincero, santo que já viveu.

2. Cristo Triunfou E Nos Levou Em Segurança Para Deus

Pedro nos fortalece para sofrer dizendo-nos que Cristo triunfou sobre o nosso maior inimigo e nos levou seguros para Deus.

Alguém poderia perguntar: “Por que alguém se tornaria um Cristão, se o que você poderia oferecer-lhes é que as coisas deste mundo, provavelmente, serão piores para eles e que suas vidas estariam em risco?”. A resposta é que as maiores necessidades humanas não são a longa vida sobre a terra e estar em conforto. As maiores necessidades humanas são: como ter os nossos pecados perdoados e superar a nossa separação de Deus e viver para sempre com alegria em Sua presença, em vez de viver para sempre em miséria no inferno. Isso é dez mil vezes mais importante do que viver muito tempo sobre a terra e estar confortável por um percentual milésimo de sua existência.

Isto é o que a morte de Jesus realiza. Versículo 18: “Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus”. Observe quatro coisas.

1. Cristo morreu “pelos pecados”, Isso é, por aquilo que me separa de Deus. Esta é a minha maior necessidade. Estes são o meu maior inimigo, e não Satanás. Isaías 59:2: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus”. Isso é muito mais aterroizante do que sofrer por causa da justiça: a sofrer a ira de Deus, porque meus pecados não foram perdoados. Mas Jesus morreu “pelos pecados”. Esta é a melhor coisa do mundo. Eu não tenho que morrer em meus pecados. Há perdão. É por isso que as pessoas creem em Jesus, mesmo que lhes custasse a vida.

2. Cristo morreu “o justo pelos injustos”. Sua morte foi substitutiva. Ele tomou o meu lugar. Ele ficou sob a ira e penalidade que eu merecia e as suportou por mim. Sua morte foi totalmente inocente. Isso foi tudo pelos pecados de outros, e não Seus próprios.

3. Cristo morreu “uma vez”, ou seja, Sua morte foi final e toda-suficiente para realizar o perdão de todos os que creem nEle. Ele não tem que alguma vez oferecer outro sacrifício. Foi consumado. Foi tudo o que era necessário para tirar a culpa dos meus pecados. A dívida está paga na íntegra.

4. Tudo isso me leva a Deus. “Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus”.

Este é o grande conforto de mártires e sofredores Cristãos. Nosso pior inimigo — o pecado — foi derrotado. E Jesus assegurou que estaremos em casa, seguros com Deus. Ele nos levou a Deus. A separação foi removida. Deus está perto de nós, e Ele é por nós. Nossas vidas estão escondidas nEle.

Como isso nos ajuda a sofrer? Porque uma das terríveis tentações do Diabo no sofrimento é fazer-nos pensar que Deus nos abandonou. O que Pedro está dizendo aqui é: O sofrimento não é sinal de que Deus nos abandonou e voltou-se contra nós! Cristo levou o nosso pecado, absorveu a ira de Deus, e nos levou seguros para Deus.

3. Lembre-Se Dos Dias De Noé

A terceira maneira que Pedro nos fortalece para o sofrimento é com a situação nos dias de Noé.

Depois de se referir a Jesus sendo vivificado no espírito (v. 18), os versículos 19-20 dizem:

No qual [ou seja, no espírito] [Jesus] também foi, e pregou aos espíritos em prisão; ²⁰ Os quais noutro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água.

Há muita controvérsia sobre a que isso se refere. Eu direi a você o que eu penso e como isso se relaciona com o ponto principal. Eu penso que se refere ao tempo em que as pessoas, nos dias de Noé, eram desobedientes, zombando dele como um homem justo obedecendo a Deus (como a situação de vida dos leitores de Pedro), e que Jesus, no espírito, foi enviado por Deus naqueles dias para pregar a essas pessoas através de Noé.

Assim como em 1:11 o Espírito de Jesus estava sobre os profetas do Antigo Testamento que predisseram a Sua vinda, assim o Espírito de Jesus estava em Noé pregando para as pessoas desobedientes dos dias de Noé. Eles agora estão na prisão, isto é, em um lugar de tormento aguardando o seu julgamento definitivo (Lucas 16:24). Eu não tomo este versículo para referir-se a Jesus indo para o lugar dos mortos e pregando aos espíritos ali, embora muitas pessoas sábias e boas o considerem dessa forma. Uma das principais razões é a seguinte: se o ponto de Pedro é que Jesus foi pregar para todos os mortos, por que ele diria que eles eram desobedientes nos dias de Noé? Havia milhares e milhões de espíritos ali que não viveram nos dias de Noé.

Então, eu tomo isso como significando que Jesus foi pregar nos dias de Noé para as pessoas que, por terem rejeitado aquela pregação, estão agora na prisão aguardando o Julgamento Final.

Há Três Maneiras Que Isso Nos Fortalece Para O Sofrimento

1. Uma é que isso assegura a grandeza de Cristo. Ele não é limitado pelo tempo e espaço. Ele estava lá pregando milhares de anos antes e Ele está falando aqui hoje. Ele estará com você, como Ele disse, até o fim dos tempos; na China, na Guiné, no Congo, em Bangkok, no Cazaquistão, no Uzbequistão, no Japão, em Papua-Nova Guiné, na Sibéria, nas Filipinas, na Costa do Marfim, na Áustria, no Chipre, na Alemanha e em Minneapolis, onde quer que você sofra, tanto agora e para sempre.

2. Segundo, é melhor obedecê-IO e sofrer do que desobedecer e ser lançado na prisão do versículo 19. Isso é o que aconteceu com os espíritos nos dias de Noé. Eles pensaram que era tolice atender ao chamado de Deus como Noé fez. Então eles permaneceram confortáveis e respeitáveis até que a chuva começou. Isso é mais uma vez por que as pessoas podem ser convertidas com uma mensagem que apela para o sofrimento, é um sofrimento que as manterá fora da prisão eterna.

3. Terceiro, não é nenhuma desvantagem para você ser uma pequena minoria rejeitada. Esse é o ponto no versículo 20, onde diz que “poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água”. Ele pode ter se sentido tolo em ser uma pequena minoria assim. Mas o ponto é: se você é uma minoria com Deus, você será salvo e as mesas serão viradas. Assim, quando o sofrimento vem, não jogue fora a sua confiança, a qual tem uma grande recompensa.

4. Conheça O Significado Do Batismo

A quarta forma que Pedro nos fortalece para o sofrimento é por descrever o significado do Batismo.

As águas do dilúvio que trouxeram julgamento sobre o mundo nos dias de Noé lembram Pedro do Batismo Cristão. Versículo 21: “Que também, como uma verdadeira figura [o dilúvio], agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo”.

O versículo 18 diz que Cristo morreu pelos nossos pecados e nos levou a Deus. Em outras palavras, Cristo nos salva. Mas a questão é: quem somos nós? A quem a morte de Cristo realmente salva? Isso é o que o versículo 21 responde: os que são batizados. Mas Pedro sabe que isso será mal interpretado se ele não o qualificar. Então, quando ele diz: “O ba-

tismo agora vos salva”, acrescenta, “não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência”. Isso é praticamente uma definição de Batismo. O batismo é uma expressão externa de um apelo interior e espiritual a Deus por pureza. Em outras palavras, o Batismo é uma maneira de dizer a Deus: “Eu confio em Ti, aplique a morte de Jesus a mim por meus pecados e me traga, através da morte e julgamento, para a vida nova e eterna, pela ressurreição de Jesus”.

O Batismo pode limpar o corpo, porque foi por imersão. Mas não é por isso que diz-se que ele salva. Ele salva por uma razão: é uma expressão de fé. É um apelo da fé. Paulo disse em Romanos 10:13 que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. O Batismo é uma tal invocação. É um apelo ao Senhor.

Como Isso Nos Fortalece Para Sofrer Com Cristo?

Semelhante a isso: Quando nós viemos através da água do Batismo, nós passamos através da morte e julgamento. Fomos sepultados com Cristo e nós ressuscitamos com Ele. Nós já passamos da morte para a vida. O julgamento é passado. O sofrimento que estamos vivendo não pode ser a condenação de Deus. Isso já foi experimentado por Cristo em nosso lugar. Recebemos isso pela fé e expressamos a nossa fé através do Batismo. Isso permanece como um lembrete constante de que o pior sofrimento foi evitado. Cristo o suportou por nós. Nunca entraremos em condenação. Agora não há condenação. Nós já morremos a-quela morte em Cristo e fomos ressuscitados por Ele. Por isso o nosso sofrimento presente não é a ira de Deus, mas a disciplina amorosa de nosso Pai, e a preparação para a glória.

5. Olhe Para Cristo À Mão Direita De Deus, Governando Sobre Todos

Uma última maneira pela qual Pedro nos fortalece para o sofrimento: ele nos mostra que Cristo está à mão direita de Deus governando sobre todos os anjos, autoridades e potências.

Versículo 22: “O qual está à destra de Deus, tendo subido ao céu, havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências”.

Tome este pensamento com você, em preparação para o seu sofrimento. Nenhum demônio assediando, oprimindo, enganando, acusando é livre para fazer o que quiser. Todos os anjos, as autoridades, os poderes, diabos, espíritos malignos, demônios e o próprio Satanás estão sujeitos a Jesus Cristo.

Quando Pedro diz no final de sua carta (5:9) que o Diabo, anda em derredor, como leão procurando a quem devorar, resistir-lhe firme na fé, ESTA é a fé a qual ele tem em mente. A fé de que todos os anjos, autoridades e poderes estão sujeitos a Jesus. Isso é com o que repreendemos e resistimos ao Diabo: “Você está sujeito a Jesus. Jesus reina à direita de Deus e você está sob Ele. Você não pode fazer nada sem a Sua permissão. Você é um gato em uma coleira. Você não pode me tocar, a menos que Ele permita. E Ele só permitirá que você chegue a este nível se o seu toque se tornar para o meu bem e para Sua glória”.

Então, permaneçam firmes crentes. Permaneçam firmes nesta grande fé, e armem-se com o pensamento de Cristo. O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate de muitos. Vamos segui-IO.

O Que É O Batismo, E Quão Importante Ele É?

20 Julho de 2008 por John Piper.

Série: Batismo e Membrosia da Igreja.

“Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo; porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade; e estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo o principado e potestade; no qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo dos pecados da carne, pela circuncisão de Cristo; sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos. E, quando vós estáveis mortos nos pecados, e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-vos todas as ofensas, havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz. E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo” (Colossenses 2:8-15).

[...] A nota que eu quero atingir imediatamente, o tom e a verdade que eu quero definir, em primeiro lugar, é que o Batismo tem seu sentido e sua importância a partir da morte de Jesus Cristo, o Filho de Deus, em nosso lugar e por nossos pecados e do Seu triunfo sobre a morte na ressurreição, que garante a nossa vida nova e eterna. O Batismo tem significado e importância somente porque a morte e ressurreição de Jesus são infinitamente importantes para o nosso resgate da ira de Deus e nossa alegria eterna em Sua presença gloriosa. Essa é a nota que deve ser atingida em primeiro lugar.

Nós não estamos falando principalmente sobre o ritual religioso aqui, nem estamos falando principalmente sobre a tradição da igreja. Estamos falando principalmente de Jesus Cristo e de Sua magnífica obra de salvação, ao morrer por nossos pecados e ressuscitando para a nossa justificação. Falar sobre o Batismo significa falar sobre como Jesus nos ensinou a expressar a nossa fé em Jesus e Sua grande salvação. Portanto, não há pequenos pensamentos enquanto nós começamos. Há grandes pensamentos. Grandes pensamentos sobre a grande realidade, Jesus Cristo, o Filho de Deus, crucificado para tirar os pecados de milhões e ressuscitado para dar-lhes a vida eterna nos novos céus e na nova terra.

O Que Nós Acreditamos Sobre O Batismo?

Para responder à pergunta “O que é Batismo e como é que ele é importante?” vamos ler

novamente o que os anciãos presbíteros de Bethlehem alegremente afirmam na Declaração de Fé Batista dos Presbíteros da Igreja Batista Bethlehem (Seção 12.3), e então olhemos para alguns dos fundamentos bíblicos quanto a isso.

Nós cremos que o Batismo é uma ordenança do Senhor pelo qual aqueles que se arrependeram e vieram à fé expressam sua união com Cristo na Sua morte e ressurreição, ao serem imersos em água em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Este é um sinal de pertencimento ao novo povo de Deus, o verdadeiro Israel, e um emblema de sepultamento e pureza, significando a morte para a velha vida de incredulidade, e purificação da contaminação do pecado.

Consideremos Cinco Partes Dessa Afirmação E Olhemos Para A Base Bíblica Para Elas

1. Batismo É Uma Ordenança Do Senhor

Em primeiro lugar, “Nós cremos que o Batismo é uma ordenança do Senhor”. O que queremos dizer com isso é que o Senhor Jesus o ordenou, Ele o ordenou, de uma forma que fizesse disso uma prática contínua da igreja. Encontramos isso mais explicitamente em Mateus 28:19-20: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado”.

“Fazei discípulos” é o verbo principal: “Tendo ido, fazei discípulos de todas as nações”. Os participios determinantes são “batizando-os” e “ensinando-os”. Assim, a igreja é ordenada a fazer isso a todos os discípulos. Fazer discípulos de todas as nações inclui batizá-los.

E o intervalo de tempo é definido pela promessa de ajuda de Cristo no versículo 20: “e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”. A promessa de ajuda é até quando durar esta era. Assim, o mandamento que Ele promete ajudar-nos a cumprir é tão longo quanto durar esta era.

Assim, o Batismo é um mandamento, e ordenança do Senhor Jesus a ser realizado ao fazer discípulos até que Cristo retorne no fim deste tempo.

2. Batismo Expressa A União Com Cristo

Em segundo lugar, o Batismo “expressa união com Cristo em Sua morte e ressurreição”. O ensinamento mais claro sobre isso é Romanos 6:3-4.

“Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida”.

No contexto mais amplo de Romanos, eu penso que seria um erro dizer que o Batismo em água é o meio de nós sermos unidos a Cristo. Em Romanos, a fé é o meio pelo qual somos unidos a Cristo e justificados. Mas nós mostramos esta fé — nós declaramos esta fé, significamos esta fé e simbolizamos esta fé, com o ato do Batismo. A fé une a Cristo; o Batismo simboliza a união.

Uma analogia seria dizer: “Com este anel eu te desposo”. Quando dizemos isso, não queremos dizer que o anel ou a colocação do anel no dedo é o que nos torna casados. Não, isso mostra a aliança e simboliza a aliança, mas o realizar os votos da aliança é que fazem o casamento. Assim é com a fé e o Batismo.

Assim, semelhantemente Paulo está dizendo: “Com esse Batismo você está unido a Cristo”. E o ponto que nós estamos enfatizando aqui é que estamos unidos a Ele na Sua morte, sepultamento e ressurreição. “Fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida”. Assim, as imagens do Batismo são a morte, sepultamento e res-surreição. Cristo foi sepultado e ressuscitado para uma nova vida.

No Batismo, pela fé, somos unidos com Cristo em Sua morte, sepultamento e ressurreição. O Batismo retrata de forma dramática o que aconteceu espiritualmente quando você recebeu a Cristo: Seu velho eu de incredulidade e rebelião e idolatria morreu, e um novo você de fé e submissão e consideração em grande estima a Cristo surgiu. Isso é o que você confessa para o mundo e para o céu quando é batizado.

3. Batismo É Imersão Em Água

Em terceiro lugar, acreditamos que esta expressão de união com Cristo na morte e ressurreição acontece “por estar imerso em água”. A evidência mais clara para isso são as palavras de Romanos 6:3-4 que descrevem o ato de Batismo como sepultamento e ressurreição dos mortos. Isso é mais naturalmente entendida como significando que você é sepultado debaixo d’água e, em seguida, emerge da água para significar o levantar-se do túmulo.

A palavra batismo no grego significa mergulhar ou imergir. E a maioria dos estudiosos concorda que esta é a forma que a igreja primitiva praticava o Batismo. Só após muito mais

tarde é que a prática da aspersão ou derramamento surgiu, tanto quanto nós podemos dizer a partir da evidência.

Há alguns outros indicadores para a imersão, além do significado da palavra e da figura da morte e sepultamento. Em Atos 8:37-38, o eunuco etíope veio à fé enquanto andava com Filipe em seu carro e diz: “Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?” Filipe concordou, e é dito: “E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o batizou”.

Que eles “desceram à água” faz mais sentido se eles estivessem indo para baixo, para imergi-lo, não para aspergi-lo. Da mesma forma, diz-se em João 3:23: “Ora, João batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas”. Você não precisa de água em abundância, se você está simplesmente aspergindo. Você só precisa de um frasco.

Então há realmente muito pouca disputa que esta era a forma pela qual a igreja primitiva batizava. Eles fizeram isso por meio de imergir o novo crente em água para significar a sua morte e ressurreição com Jesus.

4. Batismo É Em Nome Da Trindade

Em quarto lugar, o Batismo significa fazer esta imersão em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Isso é o que Jesus disse em Mateus 28:19: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Isto significa que não exatamente qualquer imersão é Batismo. Há um apelo sagrado a Deus Pai e Deus Filho e Deus Espírito Santo para que estejam presentes neste ato e o tornem verdadeiro e real no que ele diz sobre a obra dEles na redenção. Não há salvação sem o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Quando invocamos o Seu nome, nós dependemos dEles e Os honramos e dizemos que este ato é por causa dEles e por Eles e para Eles.

5. Batismo É Para Os Crentes Somente

Em quinto lugar, o Batismo é uma expressão de fé e, portanto, somente para os crentes. A frase-chave na Afirmação dos Presbíteros de Bethlehem diz: “Nós cremos que o Batismo é uma Ordenança do Senhor pelo qual aqueles que se arrependeram e vieram à fé expressam sua união com Cristo na Sua morte e ressurreição”. Então, o nosso entendimento do Novo Testamento é que o significado do Batismo inclui o fato de que ele é uma expressão da fé de quem está sendo batizado. Não é algo que um incrédulo pode fazer. Não é algo que um bebê pode fazer. É por isso que não batizamos infantes.

Há várias passagens que tiveram a maior influência sobre mim ao longo dos anos em me convencer da visão Batista. Uma das mais importantes é Colossenses 2:11-12.

No qual [Cristo] também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo dos pecados da carne, pela circuncisão de Cristo [assim Paulo fala da circuncisão em termos “não feita por mão”. A circuncisão hoje tem significado para o Cristão, e não como um ato físico, mas como um ato espiritual de Cristo, no qual Ele corta o corpo pecaminoso do velho corpo de pecado, e faz-nos novos. É praticamente sinônimo do novo nascimento. Em seguida, ele fala de Batismo]; sepultados com ele no Batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos.

Assim, a imagem da circuncisão espiritual está intimamente ligada com a imagem do batismo: “Estais circuncidados... tendo sido batizados...”. O velho “corpo de carne” foi cortado na conversão; você morreu e ressuscitou no Batismo.

O Argumento Para O Batismo Infantil

É provavelmente certo, portanto, dizer que o Batismo substituiu a circuncisão como a marca de ser parte do povo de Deus. No Antigo Testamento, os homens foram circuncidados para significar adesão no povo da velha aliança de Deus, e no Novo Testamento, homens e mulheres são batizados para significar o pertencimento ao povo de nova aliança de Deus.

Isso tem levado muitos Cristãos a assumirem que, uma vez que a circuncisão foi dada aos filhos homens do povo da antiga aliança, portanto, o Batismo deve ser dado aos filhos homens e mulheres do povo da nova aliança. Essa é a essência do argumento.

Por Que Ele Não Funciona?

Mas textual e factualmente, ele não funciona. Olhem atentamente para Colossenses 2:12: “Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé...”. As palavras pela fé são totalmente importantes sobre esta questão. Paulo diz que quando você emerge da água, significando o ser ressuscitado com Cristo, isso está acontecendo por meio da fé. Versículo 12: “...nele [no batismo] também ressuscitastes pela fé”.

O Batismo como uma dramatização da morte e ressurreição com Cristo obtém o seu sentido a partir da fé que ele expressa. No Batismo você é “ressuscitado pela fé”.

Pela Fé!

Paulo mostra a mesma forma de pensar sobre o Batismo e a fé em Gálatas 3:26-27: “Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo”. Tornamo-nos filhos de Deus pela fé e de nenhuma outra forma. Então ele diz, “porque”, conectando esta maneira de nos tornarmos filhos de Deus, com o Batismo: “Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo”.

Essa explicação com a palavra *porque* apenas faz sentido se o Batismo for entendido como um ato de fé. “Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo”. Ou, para invertê-lo: Desde que vocês foram batizados em Cristo, portanto, sabemos que em Cristo todos vocês são filhos de Deus pela fé. Por quê? Porque é isso que o Batismo significa: Você foi batizado em Cristo pela fé. O Batismo sem fé era inconcebível para Paulo.

Participação Na Nova Aliança Pelo Nascimento Espiritual

Assim, quando a mudança aconteceu na história redentora, da antiga aliança para a nova aliança e da circuncisão ao Batismo, houve uma mudança, do enfoque étnico em Israel e apenas aos homens sendo dado o sinal de pertencimento ao povo, para um foco espiritual, na igreja de todas as nações, a ambos os sexos, masculino e feminino, sendo dado o sinal de pertencimento ao povo, ou seja, o Batismo.

A membresia no povo de Deus da nova aliança não é por nascimento físico, mas pelo nascimento espiritual. Esse novo nascimento acontece pela palavra de Deus, o evangelho (1 Pedro 1:23-25). Portanto, a igreja deve ser composta não de crentes e seus infantes, mas apenas de crentes. E o sinal de membresia no povo da nova aliança não é um sinal para infantes, mas um sinal para crentes.

A Membresia Na Igreja Local

Assim, nós podemos ver como o significado do Batismo é tecido em conjunto com a membresia ao povo de Deus. E uma vez que a igreja local é uma expressão daquelas pessoas, o Batismo está intimamente ligado à membresia na igreja local. No Novo Testamento, ser um Cristão, ser batizado, pertencer ao povo de Deus, da nova aliança de Deus, e ser membro de uma igreja local, estavam interligados. Se você tentasse retirar um daqueles (não um Cristão, ou não batizado, ou não alguém que seja do povo da nova aliança, ou não membro da igreja local), isso não teria feito nenhum sentido. Eles pertencem um ao outro.

Assim, O Batismo É Importante

- Ele foi inflexivelmente ordenado pelo Senhor Jesus.
- Ele foi universalmente administrado aos Cristãos unidos à igreja primitiva.
- Ele foi singularmente conectado à conversão, como uma irrepetível expressão da fé salvadora.

Que Deus Nos Conceda Sabedoria

Então, agora, depois de dois sermões, temos duas coisas que são importantes. O Batismo é importante. E a natureza da igreja local como uma expressão sagrada do corpo universal de Cristo é importante.

Deixar de ser batizado é grave. Exclusão de crentes genuínos da igreja local é grave.

Há seguidores de Jesus piedosos, que creem na Bíblia, que exaltam a Cristo, centrados em Deus, que não conseguem ver o pavor de não serem batizados como crentes. E seguidores de Jesus piedosos, que creem na Bíblia, que exaltam a Cristo, centrados em Deus, que não conseguem ver o horror de excluir tais pessoas da membresia da igreja.

A pergunta que nós devemos fazer não é apenas difícil de responder, mas é difícil de formular. Talvez o Senhor, em Sua misericórdia nos mostrará como fazer ambos, em uma forma que desatará este nó para a Sua glória. Que o Senhor conceda a sabedoria como a de Salomão ou, melhor ainda, uma sabedoria como a dAquele que é maior do que Salomão [Mateus 12:42].

Amém.



Charles Haddon Spurgeon (1834 - 1892)

C. H. Spurgeon foi um pregador Batista Calvinista, que pregou e viveu o Evangelho da Graça de Deus, tal como ele é em Jesus Cristo. Nascido em Kelvedon, Essex na Inglaterra. Aos quinze anos de idade olhou para Jesus Cristo e foi Salvo. Aos vinte anos, Spurgeon foi chamado para ser pastor na capela de New Park Street, Londres, que mais tarde viria a chamar-se Tabernáculo Metropolitano. A excelência na pregação nas Escrituras lhe deram o título de O Príncipe dos Pregadores e O Último dos Puritanos. Uma vida gasta pela causa de Cristo e da Verdade. Casou-se em 1856 com Susannah Thompson e teve dois filhos, os gêmeos Thomas e Charles. Até o último dia de pastorado, havia batizado 14.692 pessoas.



The Young Lion of the pulpit.
O Jovem Leão do púlpito.

Quem Deve Ser Batizado?

(Sermão Nº 2737)

Destinado para ser lido no Dia do Senhor, 28 de julho de 1901.

Pregado por C. H. Spurgeon, em uma noite de quinta-feira, no verão de 1859.

Em New Park Street Chapel, Southwark.

“É lícito, se crês de todo o coração.” (Atos 8:37)

Não é minha prática pregar o que as pessoas comumente chamam de “sermões de Batismo”. É muito raro que eu sequer mencione o assunto do Batismo em minha pregação, pois eu acho que muitos dos meus ouvintes aprendem o ensino bíblico a respeito dele sem muito de minha ajuda. Daqueles que têm vindo a unirem-se a nós na comunhão da Igreja, uma proporção muito grande é composta de pessoas que têm procurado a verdade de Deus sobre este assunto por si mesmas, e nenhum sábio delineamento deles poderia alterar a opinião em relação a qualquer apontamento meu, mas eles têm visto a ordenança claramente revelada na Sagrada Escritura. Este é um método de se chegar à verdade que eu prefiro muito a qualquer instrução transmitida por mim mesmo, pois, no caso de pessoas assim Divinamente ensinadas, eu sei que a sua fé não se apoia “na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” [1 Coríntios 2:5]. Eu me recusei, em uma ocasião, a ir para a Irlanda quando convidado por um irmão que deu como a razão pela qual ele queria que eu fosse: que indo lá eu aumentaria significativamente a denominação Batista. “Não”, eu disse, “eu não atravessaria a rua, muito menos atravessaria o mar, apenas para fazer das pessoas, Batistas”. Onde quer que eu esteja, eu me esforço, como diante dos olhos de Deus, a fim de lidar com os homens de forma a trazê-los para Cristo, deixando o Espírito de Deus tomar as coisas de Cristo e revelá-las a eles.

No entanto, não ousa estar completamente em silêncio a respeito do Batismo dos Crentes. Se eu fizesse uma prova completa do meu ministério e pregasse todo o Evangelho, como está contido no Novo Testamento, devo proclamar a verdade de Deus em relação a essa grande ordenança de nosso Senhor Jesus Cristo, que Ele tem, Ele mesmo, colocado em uma posição tão importante acoplando-a com a fé e a salvação: “Quem crer e for batizado será salvo” [Marcos 16:16]. Ainda assim, permitam-me assegurar-vos, queridos amigos, que eu não introduzi esse tema em qualquer espírito polêmico, pois isso eu abominaria, mas apenas porque eu sinto que isso seja “o fardo do Senhor”, que pesa sobre mim e, já que é uma parte da santa Palavra de Deus, eu devo pregá-la.

Na excelente e estimável Igreja Presbiteriana, antes da administração da Ceia do Senhor, é normal ter um sermão para o propósito que é chamado de “cercar a mesa”. Essa vedação

é uma grande parte do dever do ministro Cristão em muitas outras questões paralelas à Comunhão. Todas as doutrinas da Bíblia, todas as promessas de Deus e também as ordenanças de Cristo, precisam ser cercadas! Ao cercar a mesa do Senhor, o principal tema do pregador é: Quem são os sujeitos aptos para a recepção da Ceia do Senhor? Quem pode aproximar-se e participar do pão e do vinho simbólicos, e quem não pode se aproximar?

Agora, como a Comunhão deve ser cercada, assim também deve ser a Piscina Batismal, assim devem ser as promessas de Deus e também essas grandes e gloriosas doutrinas que são as essências de nossa fé! E eu acredito que a única barreira que é apropriada e bíblica é aquela que é dada em nosso texto: “É lícito, se crês de todo o coração”. Se um homem me diz: “Posso reconhecer-me como sendo um dos eleitos?”, eu respondo: “Deus certamente tem um povo eleito, mas você não tem o direito de considerar-se como um deles a menos que você creia de todo o coração”. Depois, há a doutrina do chamado eficaz, e se alguém me pergunta se ele é eficazmente chamado, eu respondo: “Se você crê de todo seu coração, então você certamente tem uma participação nesta gloriosa doutrina da graça de Deus”. Assim, no que diz respeito à doutrina da redenção pelo sangue de Cristo, que é a base e o fundamento de todas as nossas esperanças, não vejo justificativa para dizer a qualquer homem que ele é resgatado até que eu possa levá-lo a dar uma resposta completa e satisfatória para esta pergunta: “Você crê no Senhor Jesus Cristo de todo o coração?” Parece-me que as doutrinas do Evangelho não têm nenhuma mensagem realmente reconfortante para qualquer homem, até que ele creia em Cristo de todo o coração.

Assim também é com as promessas de Deus. Elas são comida rica, saborosa e espiritual que Ele espalhou sobre a mesa de Sua sala do banquete, mas ninguém que não crê em Cristo de todo o seu coração tem o direito de lançar mão das “grandíssimas e preciosas promessas”, que Deus registrou para o consolo de Seu próprio povo. Eu sei que existem alguns convites amorosos e graciosos que são dirigidos ao pecador, e agradeço a Deus que seja assim, mas eu também sei que o pecador não pode nunca perceber a doçura deles até que ele creia em Jesus. Estou certo de que ele não pode atender ao convite, exceto crendo de todo o coração; e que ele deve ser um estranho para as promessas da graça e convites encorajadores até que ele venha e coloque a sua confiança em “Jesus somente”.

Estou plenamente convencido de que isso se aplica às ordenanças de nosso Senhor Jesus Cristo. A mesa do Senhor não deve, em qualquer pretensão, ser abordada por aqueles que não creem nEle de todo o seu coração. “Afastese você, profano!”. Seria o brado do ministro Cristão quando ele está prestes a dispensar os emblemas sagrados. Crente em Cristo, você é muito bem-vindo! Você tem o direito de vir à mesa do seu Senhor, se você crê nEle de todo o coração. Seja quem for, ou seja o que você for, a única barreira que pode justamente ser estabelecida diante de você recai sobre esta inscrição: “É lícito, se crês de todo o cora-

ção”. Não, se você crê, não há nenhuma barreira, assim, venha e seja bem-vindo! Nós não ousamos estabelecer diante da mesa de nosso Senhor qualquer barreira que o próprio Deus não colocou ali, por isso, convidamos a ela todos os que têm crido em Jesus, mas nós solenemente advertimos a todos aqueles que vêm e participam desta ordenança sem fé em Cristo que eles estão comendo e bebendo condenação para si mesmos, não discernindo o corpo do Senhor, pois ninguém tem o direito de se aproximar de Sua mesa, senão todos aqueles que, com um coração verdadeiro, creem em Cristo e somente nEle.

É igualmente assim no que diz respeito à outra ordenança, o Batismo dos Crentes. Sejam quais forem as opiniões que diferentes homens sustentem a respeito dele, a Palavra de Deus deve permanecer e é nosso dever pregar tudo o que ali está revelado para nós. Um ponto que é muito simples é que ninguém tem o direito a esta ordenança, até que ele seja um crente em Cristo. Estou surpreso que qualquer Cristão alguma vez tenha imaginado que essa regra poderia ser flexibilizada, em qualquer caso, e tenho muitas vezes ficado intrigado pelo fato de que todos os Calvinistas não vejam que o Batismo pertença ao povo de Deus, e apenas a este. Não é verdade que, com razão, ensinam que as doutrinas da Bíblia são para o consolo e instrução do crente? Que as promessas de Deus são, via de regra, para o crente? Não é, de fato, todo o plano de dispensação da graça de Deus em nome do crente, e somente do crente? Então, eu não consigo entender em que fundamento qualquer única exceção seja feita à regra Divina, e que se imagine que essa ordenança solene seja deixada em aberto a todo o mundo, e não apenas a todos os habitantes inteligentes do mundo, mas também seja deixada tão aberta que até uma criança inconsciente pode tornar-se sujeito da mesma!

Não que esse seja o único argumento convincente comigo, mas, como eu o entendo, todo o Evangelho de Cristo é dirigido a indivíduos inteligentes. Eu não consigo ver nada que eu poderia fazer para qualquer finalidade dele, se eu fosse chamado para pregar a uma pessoa inconsciente. O Evangelho apela à compreensão e ao coração dos homens, mas se todos os seus poderes mentais estão em uma condição dormente, eu não vejo o que eu, como um pregador, posso fazer em tal caso, ou que auxílio o próprio Evangelho oferece a essas pessoas. Surpreende-me que um bebê inconsciente seja feito participante de uma ordenança que, de acordo com o claro ensino das Escrituras, requer o consentimento consciente e completa confiança de coração do destinatário! Pouquíssimos, se houverem, argumentam que as crianças devem receber a Ceia do Senhor, mas não existe nenhum mandado mais bíblico para trazê-las para a uma ordenança do que há para trazê-las para a outra!

O Catecismo da Igreja da Inglaterra está correto quando diz que o arrependimento e a fé são requeridos das pessoas a serem batizadas, mas sua prática não está de acordo com que é o ensino bíblico. O padrinho e a madrinha da criança, quando a levam à fonte, prometem em seu nome, que ela deve se arrepender e crer, e que ela deve renunciar ao Diabo e

a todas as suas obras, isso é mais do que a própria criança poderia prometer fazer, e mais do que eu mesmo poderia prometer fazer! Ou, se eu dissesse isso, eu seria um mentiroso a Deus e à minha própria alma, pois seria totalmente impossível eu cumprir tal promessa! A teoria da Igreja do Estado é que esta promessa de arrependimento e fé é semelhante ao dinheiro de papel que temos em circulação. É verdade que não há a moeda corrente do arrependimento e da fé, no entanto, é válida, a promessa de que a criança deve se arrepender e crer é suficiente! Isto parece-me ser uma invenção estranha para que qualquer criatura racional endosse!

Colocarei o caso assim: suponha que há um rei que tem domínio absoluto sobre seus súditos, e suponha que haja um certo trabalho a ser feito. Refiro-me, à inserção de vidro em uma janela que tenha sido quebrada. Além disso, imagine que há dois operários, para ambos os quais o rei dá o comando: “comecem a trabalhar e consertar a janela”. Um deles diz: “Eu não vou”. O outro diz: “Eu vou”, ainda assim, logo se penduram teias de aranha nos lugares quebrados. Parece-me que não há muita diferença na desobediência nos dois casos! E é o mesmíssimo com aqueles que se recusam positivamente a obedecer o que sabem ser os claros mandamentos da Palavra de Deus a respeito do Batismo, aqueles praticamente desobedecem os mandamentos, por substituir a aspersão de bebês em vez de imersão de crentes, e, em seguida, trazendo a ficção do apadrinhamento para apoiar a sua alteração da ordem Divina! Para mim, é uma vã tentativa de iludir o cumprimento de uma ordem pura e simples e, portanto, é pior do que seria a desobediência declarada. Eu posso entender a posição de um homem que não tem, em sua própria consciência, sentido que esta é uma ordenança que é limitada para o crente, mas eu não posso compreender a consistência de quem diz que o arrependimento e a fé são necessários antes do Batismo e que em seguida, levam a criança inconsciente em seus braços, borrija algumas gotas de água sobre a testa e declara que ela se tornou um filho de Deus, e um herdeiro do Reino dos Céus! Isso me parece ser não somente o cúmulo do absurdo, mas ser também um pecado abominável aos olhos de Deus, o Altíssimo.

Repito o que já eu disse, que o cerco a ambas ordenanças de Cristo pode ser feito pela condição que repousa em nosso texto: “É lícito, se crês de todo o coração”. Eu não posso afastar os meus irmãos e irmãs da mesa do Senhor se eles creem nEle com todo o seu coração, nem posso reter o Batismo de qualquer criança que crê em Jesus de todo o seu coração. Mas, por outro lado, embora ele seja grisalho e venerável, se ele não é um crente no Senhor Jesus Cristo, não é o meu negócio, como um servo do Senhor, alterar as leis do meu Rei, a fim de agradar-lhe, mas, sim, dizer-lhe: “Afasto-se até que você esteja em uma condição apta para obedecer aos mandamentos de meu Mestre! Você ainda não tem o direito de partilhar dos privilégios que pertencem à família de Deus. Até que você tenha crido em Jesus e assim, provado ser um de Seus filhos, eu não posso admiti-lo como um participante de uma das ordenanças que Ele comandou”.

Agora, estou praticamente transportando o ensino do texto, de forma a breve e afetuosamente abordar os nossos queridos amigos que estão prestes a ser batizados. A observância desta ordenança despertará em muitas de nossas mentes, lembranças de ocasiões similares no passado. Esta gravado em minha lembrança um rio em Cambridgeshire, com uma grande assembleia de espectadores nas margens, e um jovem andando em meio à corrente a fluir e ali se entregando, espírito, alma e corpo, ao serviço do seu Mestre. Recorda-me a hora em que eu, portanto, declarei publicamente a minha lealdade ao Rei dos reis e posso me juntar com John Newton ao dizer ao meu querido Senhor e Mestre:

*“Muitos dias se passaram desde então,
Muitas mudanças eu tenho visto.
No entanto, tenho sido preservado até agora
Quem poderia me sustentar, senão Tu?”*

Talvez outros, que assim, “revestiram-se de Cristo”, podem ser animados, e revigorados, e despertados pelo discurso que eu agora farei àqueles que, em breve, entrarão no Tanque Batismal.

I. Ao explicar o texto, vamos considera-lo quase palavra por palavra e, em primeiro lugar, queridos amigos, observem A IMPORTÂNCIA DA FÉ PESSOAL. Ser batizado “é lícito, se crês de todo o coração”.

Vocês creem em Cristo por vocês mesmos? É inútil para vocês dizerem que são filhos de pais piedosos, filhas de pais e mães piedosos. A menos que vocês mesmos creiam em Jesus, vocês serão lançados no inferno tão certamente quanto os impiedosos descendentes de homens e mulheres ímpios! A fé de seus pais pode ser abençoada por Deus como o meio pelo qual vocês serão levados a Cristo, mas se vocês não são trazidos a Ele, toda a fé dos outros não aproveitará para sua salvação. Embora vocês tivessem Abraão como seu pai, e Sara por sua mãe, ainda assim, vocês não seriam salvos sem a sua própria fé pessoal no Senhor Jesus Cristo. Quão inclinados nós somos, por ocuparmos o banco da família na Casa de Deus, pelo fato de que desde nossa infância fomos trazidos para ouvir a Palavra pregada, a imaginar que há uma espécie de santidade familiar que pode beneficiar a todos nós e a crer que porque nossos pais foram Cristãos, nós também somos salvos! No entanto, não é assim, não há tal coisa como uma família Cristã que seja suficiente para salvá-los no último grande dia, a menos que vocês, que pertencem a ela sejam vocês mesmos Cristãos! E não há tal coisa como uma nação Cristã, a menos que os indivíduos que compõem a nação sejam todos Cristãos.

Os homens estão sempre propensos a falar de religião em massa, mas, amados, lembrem-

se que vocês terão que entrar no Céu, um por um, se vocês de fato forem para lá. “De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus” [Romanos 14:12]. Nenhum olho, exceto o seu próprio lhe aproveitará em olhar para a cruz, ou ao chorar pelo seu pecado. Nenhum outro arrependimento de coração pode tomar o lugar da tristeza segundo Deus do seu próprio coração pelo pecado. Nenhum lábios, senão os seus próprios podem suspirar a oração penitencial em seu nome: “Deus tenha compaixão de mim, um pecador”. Vocês têm que ser levados a sentir a sua própria necessidade de um Salvador. Vocês mesmos devem ser habilitados pelo Espírito Santo para colocarem a sua confiança em Jesus, ou então vocês com certeza se perderão, como se tivessem nascido em uma cabana Hotentote, de pais que não conheciam nem amavam o Senhor.

A religião pessoal é um pré-requisito essencial para a admissão na Igreja de Cristo, ou para qualquer um dos preceitos que Ele instituiu. Eu tremo quando vejo homens que não são Cristãos tomando para si as promessas que são dirigidas aos crentes. Eu ouvi um homem dizer sobre um sermão, o qual foi feito para o consolo dos filhos de Deus, “Oh, quão doce foi para mim!”, contudo ele estava comendo doces roubados aos quais ele não tinha direito. “É lícito, se crês de todo o coração”, vocês podem sugar o mel das promessas. Se vocês creem, vocês podem caminhar para lá e para cá na Canaã espiritual, desde Dã até Berseba, pois é toda sua. Do alto das colinas às profundidades máximas dos vales, tudo é seu. Sim, desde o centro do Céu à sua circunferência, ou aos seus limites mais distantes, tudo é a sua própria posse. Mas se vocês não creem, sua linhagem não aproveita nada! Sua filiação piedosa não lhe aproveitará no último grande dia; não, nem mesmo agora, pois a ira de Deus permanece sobre vocês, porque não creram em Seu Filho, Jesus Cristo, a quem Ele enviou ao mundo como um e único Salvador dos pecadores!

Coloquem as suas mãos em seus corações, então, meus queridos irmãos e irmãs, e examinem e vejam se vocês realmente creem por si mesmos, pessoalmente. Suponham que o eunuco Etíope houvesse dito: “Eu mesmo não creio em Jesus, mas meu pai e minha mãe creem”! Filipe teria respondido: “A fé deles não vale para você. Somente se você acreditar de todo o coração, você pode ser batizado”. A religião é um assunto pessoal, as ordenanças de Cristo devem ser observadas somente pelos crentes, de acordo com sua posição individual nEle. Não é de qualquer utilidade para vocês falarem de seus pais estarem no Pacto da Graça, vocês estão no Pacto? Vocês podem dizer, com Davi: “Deus, contudo estabeleceu comigo uma aliança eterna, que em tudo será bem ordenado e guardado” [2 Samuel 23:5]? “Vocês creem no Filho de Deus?”. Porque, se vocês não creem, então não podemos admitir vocês na comunhão com o Seu povo, e não podemos permitir que vocês sejam batizados em Seu nome.

II. Notem, a seguir, O GRANDE PRÉ-REQUISITO para o Batismo. Ser batizado “é lícito, se crês de todo o coração”.

Portanto, a questão que cada um de vocês tem que responder é esta: Você crê no Senhor Jesus Cristo? “Bem”, diz alguém, “eu tento servir ao Mestre o melhor que posso”. Eu estou contente em ouvir isso, e se o seu serviço é o resultado da fé em Cristo, eu louvo a Deus por isso, mas, se não for baseado em fé e não for fruto da fé, ele é inútil. Todo o serviço de homens incrédulos é apenas pecado caído. Pode parecer virtude, mas é apenas uma falsificação inferior, não a moeda genuína. Mais uma vez, eu coloco a pergunta para você: Você crê no Senhor Jesus Cristo?

“Bem”, diz outro, “eu aceito todas as Doutrinas da Graça, começando com a Predestinação e terminando com Perseverança Final. Eu sou um crente tão ortodoxo quanto os que já viveram”. Isso não é tudo que eu quero saber de você. A fé em Cristo não é a recepção de uma ortodoxia seca e morta; crer em Jesus não é simplesmente ser um Calvinista de dezesseis onças por libra¹. A fé salvadora não é a mera recepção de um credo ou forma de qualquer tipo. Crer é confiar e ninguém realmente acredita, no sentido da palavra no Novo Testamento, até que ele seja levado a confiar em Cristo somente, e tome toda a sua religião em confiança, dependendo não do que ele vê, nem do que ele é, mais do que é revelado na Palavra de Deus e não sobre o que ele é, ou pode ser, ou deva ser, nem sobre o que ele faz ou pode fazer, nem sobre o que ele sente ou não sente, mas dependendo unicamente do que Cristo fez, está fazendo e ainda fará. Agora, queridos irmãos e irmãs, vocês creem assim no Senhor Jesus Cristo, de todos os vossos corações? Embora vocês tenham sobre si o traje de candidatos ao Batismo, peço que vocês se retirem deste tanque se vocês não creem em Cristo. Acho que vi uma lágrima em seus olhos e lhes ouço dizer: “Bendito seja Deus que, com muitas imperfeições, eu ainda posso olhar para Cristo, e dizer:

*“Nada em minhas mãos eu trago;
Simplesmente à Tua cruz me agarro;
Despido, venho a Ti por veste;
Desamparado, olho para Ti por graça;
Sujo, para a fonte eu voo,
Lava-me, Salvador, ou eu morro.”*

[1] Dezesseis onças por libra: essa expressão denota exatidão, pois uma libra é igual a exatamente 16 onças; uma expressão equivalente seria como dizer: 12 unidades por dúzia. O que está sendo dito aqui é que a exatidão e ortodoxia do credo de alguém não é certeza de que ele possua a fé salvífica.

Bem, caro amigo, se você pode realmente fazer essa declaração, embora sua fé possa ser fraca, esta ordenança é para você, a mesa da Comunhão é para você, as doutrinas do Evangelho são suas, as promessas de Cristo são suas, sim, o próprio Cristo é seu! E Cristo é tudo, por isso, “tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus” [1 Coríntios 3:22-23].

Seu objetivo, no Batismo, deve ser agradar a Deus. “Sem fé é impossível agradar-lhe” [Hebreus 11:6]. Como pode o que não é agradável a Ele ser contabilizado como a observância de uma de Suas ordenanças? Mas “é lícito, se crês de todo o coração”. Observem isso e sua observância será aceitável aos Seus olhos. Se Cristo é o único pilar de sua esperança, o apoio solitário e esteio de sua confiança; se sua fé diz que real e verdadeiramente, “em nada senão em Jesus, posso confiar para a salvação”, venha aqui, venha e seja bem-vindo! “Entra, bendito do Senhor; por que estás fora?” [Gênesis 22:1].

Alguns anos atrás, um homem veio até mim e disse que queria ser batizado. Eu fiz essa pergunta a ele: “Por que você quer isso?”. Ele respondeu: “Porque eu quero ser um Cristão”. “Mas”, eu perguntei, “você acha que o Batismo fará de você um Cristão?” “Sim”, disse ele. “Então”, eu respondi, “você está grosseiramente enganado. Nós não batizamos ninguém, senão aqueles que professam já ser salvos, mediante a fé em Jesus Cristo. O Batismo não pode ter efeito possível para ajudá-lo no caminho para o Céu”. O homem parecia estar totalmente duvidoso dessa ideia, pois ele tinha de alguma forma em sua cabeça a ideia que havia algo de eficaz na própria ordenança. E quando eu tentei explicar-lhe que as Escrituras não contêm nenhum mandato para tal pensamento como esse e, portanto, nós não batizamos qualquer que não cria que já estava salvo, o homem foi embora titubeando. No entanto, espero que ele também foi embora resolvido a perguntar a si mesmo tais perguntas solenes como estas: “Como é isso, que eu não sou um Cristão? Como é que eu não sou um seguidor de Cristo, e que, portanto, o ministro se recusa a batizar-me, pedindo-me, primeiramente, para buscar o Reino de Deus e a sua justiça, e depois disso passar pelo Batismo, mas não antes?”.

Deus não permita que qualquer um de vocês, queridos amigos, deva por um único momento achar que há alguma virtude salvífica na água deste batistério! Se você fosse batizado no próprio rio Jordão, de que isso poderia beneficiá-lo? Mesmo que as águas do Batismo descessem do Jardim do Éden, elas não poderiam lavar a mancha do pecado! Nada além do sangue de Jesus pode fazer isso! Aquele que foi mergulhado nesta:

*“Fonte cheia de sangue,
Extraído das veias de Emanuel”*

também pode ser mergulhado no Tanque Batismal. Quando alguém crê, deixe que ele seja

batizado. Mas se você não crê, fique para trás! Este é um círculo sagrado em que nenhum incrédulo pode ser autorizado a entrar. “Se você crê”, venha aqui, e confesse a sua fé como seu Senhor ordenou. Mas se você não crê, tome cuidado para que você não destrua a sua própria alma por se intrometer com a ordenança que não é para você, em sua condição atual.

III. Agora, em terceiro lugar, observe O TIPO DE FÉ QUE É AQUI MENCIONADA. “É lícito, se crês de todo o coração”.

Há uma grande diferença entre fé e fé. Um tipo é a fé da cabeça e a outra é a fé do coração. Alguns homens têm toda a sua religião em sua cabeça, como pobres, miseráveis, estudantes atingidos pela pobreza, eles limitam sua religião à sua cabeça e ali a deixam alimentando-se de algum pensamento seco ou especulação vazia. Mas a fé do verdadeiro Cristão ocupa o melhor salão do coração. Esta tem a sua cidadela na parte mais interna de seu ser. Ela mora em casa, em sua alma mais profunda.

O Diabo tem a fé da cabeça. Ele crê e estremece. Ele é tão ortodoxo como muitos teólogos mui eruditos. Enquanto a mera declaração da teologia está em causa, eu poderia confiar no Diabo para elaborar um credo. Eu acredito que ele é completamente sólido e que ele sabe muito mais sobre a Palavra de Deus do que a maioria de nós. Ele pode citá-la corretamente quando lhe agrada, embora ele também é adepto de citá-la incorretamente para os seus próprios fins. Eu não acho que o Diabo alguma vez foi um Arminiano, ou que ele alguma vez será um, ele entende as Doutrinas da Graça, pelo menos na sua cabeça, muito bem por sinal. Em um aspecto, ele é melhor do que alguns Antinomianos, pois eles acreditam e presumem, enquanto que ele acredita e treme. Ainda assim, Satanás e Antinomianos nunca seriam mui grandes inimigos. Maravilho-me que eles falam sobre o Diabo estar tentando-lhes, eu acredito que eles tentam a si mesmos, ou que tentam o Diabo a tentá-los, se ele realmente os tenta de algum modo!

No entanto, o Diabo muito odeia aquilo que ele acredita com a cabeça. Há, por exemplo, a doutrina da eleição. “Ah”, ele diz, “eu não sou capaz de negar a verdade daquela doutrina, mas eu a odeio, porque eu sei que eu não sou um dos eleitos”. É a mesma coisa com a redenção. O Diabo diz: “Eu detesto essa doutrina! Sei que Cristo redimiu o Seu povo com o Seu sangue, mas eu não sou um deles. A cruz de Cristo é gloriosa, e eu sou obrigado a admitir o Seu poder, pois eu o senti muitas vezes, e eu ainda sinto-o mais e mais, porém eu odeio a cruz, pois ela me esmaga, e leva multidões de meus escravos para longe de mim. Eu sei que Jesus é o Filho de Deus. Gostaria que Ele não fosse e se eu pudesse, eu

O arrancaria de Seu trono e O expulsaria de Seus domínios”. Então, você vê, o Diabo acredita com a cabeça o que ele muito odeia com seu coração.

A fé em Cristo nunca é verdadeira a menos que seja a fé do coração, a menos que o coração, assim como a cabeça consinta com ela, a menos que a verdade não seja somente criada, mas também seja amada. Vocês, queridos amigos, assim creem na verdade de Deus com os seus corações? Vocês não somente estão convencidos dela, mas ela é a sua alegria e prazer? Vocês sabem que são pecadores, e vocês lamentam esse triste fato? Vocês conhecem esta verdade experimentalmente? Vocês também conhecem a Cristo como seu Salvador? Vocês já O receberam em seus corações mais íntimos como uma posse de vital importância para vocês? Vocês apreciam a Sua presença, e gloriam-se em tê-LO sempre com vocês? Vocês sabem que o sangue de Jesus apaga o pecado? Vocês aprenderam esta verdade de Deus, não apenas como uma doutrina Escriturística, mas como uma questão de experiência sentida na medida em que os seus pecados foram assim apagados? Vocês creem, em vosso coração, que o Espírito Santo é o santificador? Vocês sinceramente acreditam nesta verdade e, portanto, vocês oram: “Senhor, renova-me e santifica-me pelo Teu Espírito gracioso, no homem interior?”.

Se não, seja qual for a fé que você pense ter, não lhe dá direito ao Batismo, e muito menos ao Céu! Portanto, fique para trás! Se por si só a sua cabeça está cheia do que é são, correto e verdadeiro, mas seu coração está vazio da fé em Cristo, de amor a Deus e à Sua verdade. Fique para trás deste batistério, pois você não deve invadir o lugar que é reservado para os seguidores de Cristo!

Filipe disse ao eunuco: “Se você crê de todo o coração, você pode ser batizado”. Receio que alguns que foram batizados neste batistério não creram de todo o coração. Eles disseram que sim, mas eu questiono se era verdade a respeito de todos eles. E, amados, se nós honestamente examinarmos a nós mesmos, alguns de nós teremos causa grave para saber se temos o direito à Ordenança do Batismo dos Crentes. Você, amigo, acredita em Cristo de todo o seu coração? Cristo terá todo o seu coração ou absolutamente nada dele! Ele nunca se contentará em ter parte, e deixar que o Diabo se aposses do restante. Crentes verdadeiros darão todo o seu coração a Cristo, mesmo que eles ainda não tenham a inteira posseção deste por Ele. O fato é que em muito do coração do crente acontece como ocorreu com os israelitas em Canaã, toda a terra pertencia a eles, mas eles não puderam tomar posse de toda ela por um tempo, eles tinham que lutar contra os Cananeus e expulsá-los. Agora, candidatos ao Batismo, vocês podem dizer sobre o vosso coração que vocês desistiram de tudo por Cristo? Pode cada um de vós dizer ao seu Senhor:

“O ídolo mais querido que eu conheci,

*Seja qual for o ídolo,
Ajuda-me a derrubá-lo de Teu trono,
E adorar somente a Ti”?*

Você pode desistir de tudo: vida, corpo, alma, saúde, riqueza ou talento; você pode desistir de tudo por Cristo? Se você não puder, você não tem crido nEle de todo o coração, há uma parte que você reteve. Se você crê de todo seu coração, sua rendição será de todo o seu coração. “Oh”, diz alguém, “eu desejo entregar tudo a Cristo”. Então, meu irmão, você tem dado tudo para Ele, você tem realmente feito isso, com efeito, e será seu privilégio praticamente realizar o seu desejo, por diariamente fazer uma entrega total de si mesmo a Deus.

Notem apenas um outro aspecto do texto. Você tem alguma outra confiança além da que você tem em Cristo? Existe até mesmo um pouco de autoconfiança em seu coração no que diz respeito à salvação, ou um pouco de confiança em suas próprias boas obras ou em quaisquer cerimônias que você possa observar? Então, devo dizer a você: “Afaste-se deste batistério até que você creia em Cristo de todo o coração, e possa dizer-Lhe:

*“Toda a minha confiança em Ti está firme,
Toda a minha ajuda de Ti eu espero.”*

Se você pode verdadeiramente dizer isso, venha e bem-vindo! Se não, fique para trás! Aqui eu posso encontrar consolo para mim, pois, seja o que for que eu não possa dizer, eu posso verdadeiramente dizer que eu creio em Jesus de todo o meu coração. Não tenho mais nada em que confiar. Outros podem confiar em suas boas obras, mas não tenho nenhuma para que eu possa confiar. Alguns podem considerar as suas orações, mas eu tenho que chorar, pois as minhas são tão poucas e tão débeis. Alguns podem descansar em cerimônias, mas muitas vezes tenho provado a futilidade mesmo da melhor delas. Na mesa do Senhor em si, eu não ousou confiar em qualquer bênção recebida através dos emblemas do corpo partido do meu Salvador e sangue derramado, minha confiança deve estar sobre Ele somente. Minha própria força é fraqueza completa. Eu não posso confiar nela, ou em qualquer coisa, senão Cristo. Vocês não podem dizer o mesmo, queridos irmãos e irmãs? Então vocês podem descer à água sem medo. Mas se vocês não creem de todo o coração, fiquem para trás deste batistério!

Ao encerrar o meu discurso, gostaria de mui carinhosamente colocar esta questão a todos os meus ouvintes, deixando-a para o Espírito Santo aplicá-la ao seu coração: Não parece, a partir desta passagem, que a fé é necessária antes do Batismo e que, se este eunuco não houvesse crido em Jesus, Filipe não o teria batizado? “Falo como a entendidos; julgai vós mesmos o que digo” [1 Coríntios 10:15].

Se alguns de vocês são incrédulos, não se aventurem a pensar que em seu estado atual, vocês podem ser batizados, de forma Escriturística. Mas, se vocês são crentes, e não foram batizados, deixe-me falar às suas consciências vocês acham que é certo negligenciar esta ordenança de Cristo? Esse é um assunto sério para que vocês pensem; isso repousa entre o Salvador e sua própria alma! Oro ao Senhor para nos guiar a uma decisão acertada. Se estamos errados, Ele pode nos endireitar, e se vocês estiverem errados, que Ele possa bem endireitá-los! A oração de um certo estudioso foi muito sábia e eu a recomendo a vocês. Em uma grande disputa na qual ele estava envolvido, ele foi observado estar escrevendo com frequência, de forma que alguém lhe disse: “Eu posso ver as suas notas?”, “Certamente”, respondeu ele. Quando as notas foram examinadas, constatou-se que elas simplesmente consistiam nas palavras: “Mais luz, Senhor, mais luz!”. Eu acho que é um pedido que podemos apresentar para muitos de nossos irmãos e irmãs, e, certamente, para nós mesmos, “mais luz, Senhor, mais luz!”.

...

Uma Exposição de Atos 8:4-40 — Por C. H. Spurgeon

Versos 4-6. Mas os que andavam dispersos iam por toda a parte, anunciando a palavra. E, descendo Filipe à cidade de Samaria lhes pregava a Cristo. E as multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia, porque ouviam e viam os sinais que ele fazia. Nós não podemos dizer o quanto o solo havia sido preparado para a semeadura da semente do Evangelho com a visita de nosso Senhor à Sicar, uma cidade de Samaria. A influência dos convertidos naquele lugar pode ter inclinado o povo da cidade de Samaria a dar mais atenção à pregação de Filipe. O trabalho de um grande e bom homem pode, por vezes, parecer morrer, mas seus efeitos permanecem e podem se estender além do lugar onde ele trabalhou.

7-11. Pois que os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paráliticos e coxos eram curados. E havia grande alegria naquela cidade. E estava ali um certo homem, chamado Simão, que anteriormente exercera naquela cidade a arte mágica, e tinha iludido o povo de Samaria, dizendo que era uma grande personagem; ao qual todos atendiam, desde o menor até ao maior, dizendo: Este é a grande virtude de Deus. E atendiam-no, porque já desde muito tempo os havia iludido com artes mágicas. Ele conseguiu garantir grande influência sobre o povo, e ele os cativou sob seu domínio perverso.

12-17. Mas, como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como mulheres. E creu até o

próprio Simão; e, sendo batizado, ficou de contínuo com Filipe; e, vendo os sinais e as grandes maravilhas que se faziam, estava atônito. Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo (Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido; mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus). Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo. Assim, aqueles milagrosos dons foram concedidos a eles. Claro, que já era manifesto entre eles aquela operação Divina do Espírito de Deus, pelo qual os homens são convertidos, e trazidos para a fé em Cristo, mas eles não conheciam o poder especial, certificador, maravilhoso do Espírito até que os apóstolos vieram entre eles. Um bom trabalho foi feito assim, mas não era tudo plenamente como os apóstolos poderiam ter desejado que fosse...

18-26. E Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro, Dizendo: Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo. Mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro. Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, dessa tua iniquidade, e ora a Deus, para que porventura te seja perdoado o pensamento do teu coração; pois vejo que estás em fel de amargura, e em laço de iniquidade. Respondendo, porém, Simão, disse: Oraí vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes venha sobre mim. Tendo eles, pois, testificado e falado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém e em muitas aldeias dos samaritanos anunciaram o evangelho. E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te, e vai para o lado do sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserta. Ele deve ter se questionado ao receber tal ordem como essa. Pois, ser direcionado para ir para uma cidade, ele podia entender, mas ser enviado para uma estrada que atravessava o deserto, deve ter soado estranho para ele. No entanto, ele obedeceu as ordens de seu Senhor.

27. E levantou-se, e foi. Sempre faça o que lhe é dito por seu Senhor. A primeira qualificação para um bom servo de Jesus Cristo é a obediência imediata.

27, 28. E eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, e tinha ido a Jerusalém para adoração, regressava e, assentado no seu carro, lia o profeta Isaías. Ele era um homem devoto que estava buscando descanso de coração, mas não conseguiu encontrá-lo. Ele havia se juntado em todos os serviços solenes da fé judaica, mas ele ainda não tinha descoberto o grande segredo da vida eterna. Ele ainda estava procurando por isso e enquanto ele percorria ao longo do caminho acidentado, ele estava lendo o livro do profeta Isaías.

29, 30. E disse o Espírito a Filipe: Chega-te, e ajunta-te a esse carro. E, correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías, e disse: Entendes tu o que lês? Essa é a principal coisa! Uma religião que não se baseia em entendimento em breve chegará ao fim. Uma religião emocional, que não é nada mais que emoção, será religião temporária e transitória. Assim, Filipe perguntou ao eunuco: “Entendes tu o que lês?”.

31-34. E ele disse: Como poderei entender, se alguém não me ensinar? E rogou a Filipe que subisse e com ele se assentasse. E o lugar da Escritura que lia era este: Foi levado como a ovelha para o matadouro; e, como está mudo o cordeiro diante do que o tosquia, assim não abriu a sua boca. Na sua humilhação foi tirado o seu julgamento; e quem contará a sua geração? Porque a sua vida é tirada da terra. E, respondendo o eunuco a Filipe, disse: Rogo-te, de quem diz isto o profeta? De si mesmo, ou de algum outro? Essa foi uma pergunta muito importante, ela foi para a própria raiz da questão. Era inútil para ele ler sobre uma pessoa desconhecida, ele devia saber sobre quem o profeta havia escrito.

35. Então Filipe, abrindo a sua boca, e começando nesta Escritura, lhe anunciou a Jesus. Você pode começar em qualquer lugar na Bíblia e pregar a Jesus. Você pode começar no primeiro capítulo de Gênesis, ou no último capítulo de Malaquias, no primeiro de Mateus ou no último de Apocalipse e ainda pregar a Jesus, pois Ele é a soma e a substância de toda a Escritura!

36-40. E, indo eles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado? E disse Filipe: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus. E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o batizou. E, quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, e não o viu mais o eunuco; e, jubiloso, continuou o seu caminho. E Filipe se achou em Azoto e, indo passando, anunciava o evangelho. Vejam como ele manteve o seu único empreendimento onde quer que ele estivesse, em Samaria, no caminho do deserto, ou na cidade de Azoto? “Anunciava o evangelho”.

40. Em todas as cidades, até que chegou a Cesaréia. Oh, que o mesmo espírito sincero esteja em todos nós que professamos ser seguidores de Cristo, para que possamos pregar a Ele onde quer que estejamos!

O Batismo É Essencial Para A Obediência

(Sermão Nº 2339)

Um sermão destinado para ser lido no Dia do Senhor, 17 de dezembro de 1893.

Proferido por C. H. Spurgeon, no Tabernáculo Metropolitano, Newington.

Na noite do Dia do Senhor, 13 de Outubro de 1889.

“Quem crer e for batizado será salvo.” (Marcos 16:16)

Se nossas congregações fossem o que deveriam ser, seria uma questão muito simples pregar, pois um sermão precisaria somente ser como as ordens dadas por um comandante às suas tropas: curtas, agudas, simples, claras e distintas! Nossos ouvintes não precisariam de ilustrações e metáforas, eles simplesmente pediriam que fosse dito o que eles deveriam fazer para serem salvo, e quanto mais claramente isso pudesse ser dito, mais satisfeito eles ficariam. Eu tentarei, nesta noite, pregar esse tipo de sermão, mergulhando o pregador na caixa de boas notícias, falando claramente acerca do caminho da salvação. Se você quer ser salvo, ouça a minha mensagem. Se você não se importa com a salvação, ainda assim, talvez, quando você ouvi-la, você pode sentir desejo, e Deus o abençoe. Meu texto é precedido e seguido por outras palavras importantes, “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado”.

O Evangelho, então, é para “toda criatura”. Onde quer que haja um homem, mulher ou criança — uma criatura inteligente — o Evangelho deve ser pregado a tal pessoa. Vocês que estão reunidos hoje estão claramente dentro dessa descrição e, portanto, o Evangelho deve ser pregado a vocês. Mas se somos ordenados a pregar, fica implícito que vocês estão ordenados a ouvi-lo! Pois, ouvi-lo sem prestar atenção, ouvi-lo sem estar determinado a obedecê-lo, será um trabalho inútil. Ouçam-no, portanto, como eu desejo prega-lo, lembrando que Cristo está aqui para me ouvir pregar e observar como vocês aceitarão a mensagem dEle mesmo que eu estou lhes comunicando em Seu nome.

Este Evangelho deve ser enviado a toda a criatura, porque cada criatura precisa dele. Quer a criatura saiba ou não, ela está perdida, perdida por natureza e perdida por suas práticas também, tão perdida que ela não pode salvar a si mesma! Ela precisa ser salva. Todos vocês acreditarão nisso? Se você não acredita em Cristo, você está perdido, e você não pode salvar a si mesmo. Comece por acreditar neste fato. Mas alegre-se pelo fato de que é enviado a você um Evangelho que pode salvá-lo, um Evangelho que é adaptado e destinado para a salvação justamente de uma pessoa como você, pois a ti Deus diz: “Quem crer

e for batizado será salvo”. Meus irmãos em Cristo, vocês que acreditaram em Cristo, é tempo de nos apressarmos, pois nós não temos pregado o Evangelho a toda a criatura, ainda, nem mesmo por imaginação! Algumas pessoas nunca pregaram a ninguém; algumas, quero dizer, das próprias pessoas que receberam o mandamento de pregar a toda criatura! Um pregador pitoresco disse que, se a alguns do povo de Deus fosse pago dez dólares por hora por tudo o que eles têm feito para o seu Senhor, eles não ganhariam o suficiente nem mesmo para comprar um bolo de gengibre, e eu tenho medo de que esta afirmação seja verdadeira. Então, algumas pessoas, têm de fato feito muito pouco pela propagação do Evangelho, de forma que o mundo não é melhorado por eles estarem nele! Falo muito severamente? Se eu o faço, você pode facilmente ignorar o que eu digo, mas se não, se há assim, aquele que nunca jamais, ainda que clara e diretamente, falou sobre Jesus Cristo, comece de uma vez!

Quando chegar em casa, hoje à noite, fale do Evangelho a seu parente mais próximo, e saindo, amanhã, fale ao seu vizinho do lado, ou para o amigo que lhe é mais acessível, e diga a eles sobre a boa notícia que o Senhor tem revelado a você, e assim ajude a pregar o Evangelho a toda criatura! Um capelão do Exército disse isto uma vez para o Duque de Wellington: “Você acha que isto é de qualquer utilidade, refiro-me ao fato de levarmos o Evangelho às tribos na Índia? Será mesmo que eles o receberão?”. O duque respondeu: “Quais são as suas ordens de marcha?”. Essa foi a única resposta que ele deu! Disciplinador severo como o grande soldado era, ele só precisava de ordens de marcha e ele obedecia, e ele quis dizer que todos os soldados da cruz devem obedecer as ordens de marcha de Cristo, seu grande Comandante. Ide, pois, na medida em que a sua posição e recursos lhe permitem, e diga a toda a criatura a palavra do Evangelho, como está registrado no meu texto, “Quem crer e for batizado será salvo”. Eu quero fazer a minha parte, hoje à noite, tanto quanto a minha fraca voz me permite. E eu falarei algumas palavras, em primeiro lugar, a respeito do crer. Em segundo lugar, concernente ao Batismo. E, em terceiro lugar, acerca de ser salvo. Abordaremos todo o texto claramente, ao considerar esses três pontos.

I. Em primeiro lugar, CONCERNENTE AO CRER. Este é o ponto principal. Este é o eixo da salvação, pois aquele que crê em Cristo não é condenado, aquele que nEle crê tem a vida eterna.

Agora, a respeito de crer, deixe-me, perguntar, em primeiro lugar, o que significa crer para você? Bem, você deve acreditar que você quebrou a Lei de Deus e que, portanto, você está sob condenação. Mas que Deus, em Sua infinita misericórdia, enviou Seu Filho, Jesus Cristo, ao mundo e que você pode viver por meio dEle. Seu Divino Filho, seu Filho unigênito, nasceu de Maria, como um Homem da substância de sua mãe, sentindo e sendo como nós, em todos os aspectos, verdadeiramente homem. Estando aqui, Ele obedeceu a vontade do

Pai e, quando chegou a hora, Ele deu a Si mesmo como um sacrifício pelos homens culpados. Ele morreu, “o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus” [1 Pedro 3:18]. Sendo Ele mesmo sem pecado, tomou sobre Si o pecado de Seu povo: “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” [1 Pedro 2:24]. Tendo sido o pecado humano imputado a Ele, Ele sofreu no lugar daqueles cujos pecados Ele levou. Na cruz Seu sangue foi derramado, pois sem derramamento de sangue não há remissão de pecado, e por este derramamento de sangue Ele apagou a iniquidade de todos aqueles que depositam sua confiança nEle. Isto é o que você tem que acreditar, que:

*“Ele levou, o que você nunca poderia suportar,
A justa ira de Seu Pai.”*

Ele foi colocado no túmulo e no terceiro dia Ele saiu do túmulo, ressurgindo, mais uma vez, para a justificação de Seu povo, posto que Ele havia sido crucificado por seus crimes. Depois de um tempo, Ele subiu ao mais alto dos céus e Ele está agora entronizado lá, Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Ele está sentado à direita de Deus, o Pai, e Ele suplica e intercede pelos pecadores. Creia nisso, a saber, “que por este se vos anuncia a remissão dos pecados” [Atos 13:38]. Ele está exaltado nas alturas, a Príncipe e Salvador, para dar arrependimento e remissão dos pecados. Isso é o que deve ser crido. Eu poderia mencionar um grande número de detalhes, mas não vou fazê-lo esta noite. A essência do que é para ser crido é que Jesus Cristo é dado por Deus a nós, para que pela Sua morte Ele possa aniquilar o pecado e para que possamos ser reconciliados com Deus, e para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna!

Para que eu possa responder melhor a esta pergunta, deixe-me corrigi-la ou transformá-la em outra e, em seguida, respondê-la. A questão não é tanto o que deve ser crido, mas em quem se está crendo? Pois, deveras, o crer em uma determinada coisa como sendo verdadeira, embora possa ser útil, não é o todo da questão. Eu, crendo que uma coisa seja verdade, confio a mim mesmo a esta verdade, isto é a fé, o ato de confiar. Mas se quisermos ser salvos, precisamos confiar em uma Pessoa! Devemos confiar no Senhor Jesus Cristo. Você não é tanto salvo crendo numa doutrina como pela confiança numa Pessoa, você deve acreditar no dogma, ou você não confiará na Pessoa, porém, à medida que você crê na doutrina, então você vem, e coloca a sua confiança na Pessoa sobre quem a doutrina ensina. Se você quiser ser salvo, confie a si mesmo a Jesus Cristo! Ele, que morreu, vive, e, “portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus” [Hebreus 7:25]. A fé consiste em confiar no Senhor Jesus Cristo, confiar nEle verdadeiramente, totalmente, exclusivamente, constantemente, confie nEle agora! Contemple-O, então, o Filho de Deus, entronizado na glória! Coloque sua alma e todos os seus pecados em Seus queridos pés e confie nEle para salvá-lo, e Ele o fará!

Muitos farão uma terceira pergunta: Por que Ele deve ser crido? Gostaria de responder a isso com outra pergunta: Por que Ele não seria confiável? Quando alguém me disse noutro dia: “Eu não posso confiar em Cristo”, então lhe perguntei, “Você pode confiar em mim?”. E quando a resposta foi rápida, como deveria ser de um ouvinte para um ministro: “Sim, senhor, eu confio em você”, eu disse: “Bem, então, certamente você pode confiar no Senhor Jesus Cristo, pois Ele é infinitamente mais digno de ser confiável do eu jamais poderia ser”. Você não pode confiar em Cristo? Essa é uma maravilhosa peça da ilusão satânica! Posso dizer, hoje, que eu não posso apenas confiar a minha alma a Cristo, mas que se eu tivesse tantas almas como existem grãos de areia da praia do mar, eu poderia cegamente confiar todas elas a Ele! Por que não deveria? Ele é o “Deus sobre todos, bendito para sempre”, e Ele é Homem, terno e gentil. Ele, portanto, deve ser confiável. Oh, meu ouvinte, você pode olhar para o Cristo crucificado, na face, e dizer que você não pode confiar nEle? Você pode ver o suor de sangue no jardim? Você pode contemplar as mãos e os pés pregados, e lado trespassado deste Homem de dores, que é, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, e ainda assim você pode dizer que é difícil confiar nEle? Oh, não! Ele é tão verdadeiro, tão nobre, tão generoso, tão fiel que rogo-te a confiar nEle, e confie nEle agora!

Isso levanta outra questão: Quando é que se deve confiar em Cristo? E a resposta é, AGORA! Ele nunca foi mais digno de confiança do que Ele é hoje à noite e você nunca precisou mais de um Salvador do que você precisa hoje. Você, talvez, fala sobre confiar em Cristo, em algum momento futuro. Você me diz que você não confia em tal e tal coisa, mas que você espera confiar nEle em algum dia. Eu não dou um centavo por tal esperança como esta! Não, amigo, se em algum momento futuro, você julgará que Cristo seja digno de sua confiança, Ele é digno de sua confiança, hoje à noite, pois Ele é o mesmo ontem, hoje e sempre. Assim como você está, neste banco, ou sentado no corredor, Cristo merece a sua confiança, e oro para que você confie nEle. Lance sua alma culpada sobre Ele neste exato momento! Não viva nem um segundo na incredulidade, pois esta incredulidade é uma calúnia sobre meu Senhor, uma injúria grave ao Seu amor querido e fiel. Agora, enquanto a palavra está deixando meus lábios, uma vez que atinge os seus ouvidos, se determine a dizer isto: “Eu creio. Eu confiarei em Jesus. Eu me entrego a Cristo e o tomo como meu Salvador”.

“Se eu fizer isso”, diz alguém, “Quando é que a bênção vem?” O texto diz: “Quem crer e for batizado será salvo”, a bênção virá imediatamente! Rápido como o relâmpago é o ato que salva a alma! Em um momento, um homem pode estar sujo com o pecado acumulado, e no momento seguinte ele pode ser branco como a neve. Não leva tempo para Deus apagar a iniquidade. Passamos em um instante da morte para a vida, das trevas para a maravilhosa luz! Estou orando para que quando eu falar com você em fraqueza, Deus possa trabalhar com Sua onipotência: com a mão direita que rasgou o Mar Vermelho em duas partes, para que os remidos do Senhor pudessem atravessar a pé enxuto! Que Ele possa vir e salvar o

povo preparado por Sua graça nesta noite, por Seu glorioso poder, levando-os imediatamente a crer e dando-lhes, ao mesmo tempo, como resultado de sua fé, a reconciliação com Deus e justificação por Cristo Jesus!

Aqui, deixe-me corrigir um erro em que algumas pessoas caem. Eles dizem: “‘Você nos exorta a crer?’. Eu o faria, de fato, com todo o meu coração, ‘mas, Senhor, a fé é a obra do Espírito de Deus’”. Sim, quando foi que eu disse que não era? Eu insisto continuamente que sempre que houver alguma fé é porque foi operada em nós pelo Espírito de Deus. Mas ouça: Eu já te disse que o Espírito de Deus crê por nós, ou você já leu alguma coisa na Escritura que se aproxime desta afirmação? Não, o Espírito de Deus nos leva a crer, mas nós pessoalmente cremos, e é a nossa fé que nos salva; não é que o Espírito Santo creia em nosso lugar, e nós permanecemos inertes, como um homem sob a faca de um cirurgião. Oh, querido, não! Toda faculdade é despertada e vivificada pelo Espírito de Deus! Vemos que Cristo pode salvar se cremos nEle. Acreditamos que Ele salvará e nós confiamos nEle para que nos salve. É nossa própria ação e ato, que não pode ser ação e ato de nenhum outro. Você não pode acreditar por outra pessoa! Não pode haver nada como patrocínio, aqui, e o Espírito Santo, Ele mesmo, não pode crer por você! Não está escrito: “Deixe o Espírito Santo crer por você”. Isso seria um absurdo! Mas está escrito: “Cria”. “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo” [Atos 16:31]. Com sua própria mente e coração você tem que crer em Jesus Cristo, e, então, você será salvo.

Eu não sei o que eu preciso dizer mais a respeito de crer. Eu sempre tentei explicar isso, mas eu tenho medo que eu nem sempre tenha deixado claro como eu pretendia. Apenas deixe-me avisá-lo para não dizer, “Eu entendo o plano de salvação muito bem. Caro senhor, eu tenho certeza que eu entendo! Eu não preciso que me explique, eu o entendo perfeitamente”. Meu caro amigo, uma coisa é entender o plano de salvação, e outra coisa é crer em Jesus Cristo para a salvação de sua alma. É uma noite cruel, a chuva está caindo e aqui está um homem, sentado no meio da rua, exposto ao tempo e doente, e ele tem um plano de uma casa ali no pavimento molhado. E Ele diz: “Eu estou bem! Eu entendo o plano de uma casa muito bem”. Você vê, ele está olhando para o plano que tem vista para a frente da casa, ele sabe onde as janelas e portas devem estar. E ele tem uma planta baixa também! Ele pode ver onde fica a cozinha e a passagem para a cozinha. E ele sabe o arranjo de todos os quartos, mas, meu caro amigo, você está se molhando por completo por causa da tempestade, por que você não vai para a casa de abrigo? “Não fale dela para mim”, diz ele, “eu entendo o plano de uma casa muito bem”. O homem é um insensato se ele fala assim! Toda a gente conclui que ele está fora de sua mente e quem é que se contenta com a compreensão do plano de salvação, mas que, antes não vem a Cristo e coloca a sua confiança em Deus? Venha a Ele agora, rogo-te! Você que não sabe muito sobre o plano de salvação, venha para Jesus, venha e confie nEle, confie nEle agora!

II. Agora, em segundo lugar, um pouco CONCERNENTE AO BATISMO: “Quem crer e for batizado será salvo”. Observe que eu não fiz o texto. Talvez se eu o tivesse feito, eu teria deixado de fora esta parte sobre o Batismo, mas eu não tive participação na criação da Bíblia, assim sou obrigado a tomar a Palavra de Deus como eu a encontro. E aqui eu li estas palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, “Quem crer e for batizado será salvo”. “Não fale sobre o Batismo”, diz alguém: “deixe isso de fora”. Isso é o que você diz, meu caro senhor. Eu não posso ver seu rosto, mas eu não acredito que você seja o meu mestre. Meu Mestre é o Senhor que ensinou homens santos a escrever este Livro e eu só posso me guiar pelo Livro! O Livro contém o Batismo, então eu devo ficar com a verdade de Deus, pois está no livro: “Quem crer e for batizado será salvo”.

Primeiro, deixe-me lembrá-lo que estas palavras de nosso Salvador nos ensinam que o Batismo sucede a fé: “Quem crer e for batizado”. Nunca negligencie a ordem das coisas na Bíblia! Se Deus estabelece a ordem: um, dois, três, você não deve colocá-los na ordem: três, dois, um. Você nunca teve uma serva, eu penso, que tenha distorcido as suas ordens, ou as tenha mudado. Alguma vez você disse a ela: “Maria, agora vá varrer a sala, e depois pegue o espanador e tire a poeira da mesa, e das prateleiras e dos livros”. E ela veio para você, algum tempo depois, dizendo: “Senhora, eu fiz como você me mandou. Eu espanei a mesa, as prateleiras e os livros, e depois eu varri o quarto”? Toda boa dona de casa aqui sabe o que aconteceria se as ordens fossem invertidas de cabeça para baixo desta forma!

Agora, um grande número de pessoas na Igreja Cristã, nos dias de hoje, tem colocado assim: “Aquele que for batizado e crer”. Eu não sou uma dessas servas. Não me atrevo a inverter de cabeça para baixo as ordens de meu Mestre! Você não tem o direito de batizar as pessoas, até que creiam em Cristo como seu Salvador. Lembre-se como Filipe disse para o eunuco etíope quando esse digno homem disse: “Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?”, respondeu a Filipe: “É lícito, se crês de todo o coração” [Atos 8:36-37]. E se você não crê com todo seu coração, você não deve ser batizado, você não tem direito a essa ordenança de Cristo, a menos que você seja um Cristão! “Quem crer e for batizado”, esta é a ordem bíblica. Leia o Novo Testamento com imparcialidade e você sempre encontrará que aqueles que foram batizados eram crentes. Eles creram no Senhor Jesus Cristo e, em seguida, eles foram batizados em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Em seguida, eu gostaria que você percebesse que esta questão do Batismo é frequentemente associada com a fé. Muitas e muitas vezes é colocado assim, no Novo Testamento! Há passagens que não vou citar nesta noite, em que o Batismo tem uma importância peculiar que lhe é dada em conexão com a obra de salvação. Poderia ter sido colocado: “Aquele que crê e chega à Mesa da Comunhão será salvo”, mas não está escrito assim. Algumas igrejas têm exaltado o que eles chamam, “A Sagrada Eucaristia”, em uma posição muito

elevada, na verdade, muito além do que as Escrituras já concederam a esta, ainda assim, a Ceia do Senhor nunca teve dada a ela, na Palavra de Deus, a posição de estar lado a lado com a fé como o Batismo é nesta e em outras passagens. Eu não vou me debruçar sobre esse ponto, nesta noite. Eu simplesmente digo o que é o ensinamento do Novo Testamento. Você dará o seu próprio relato disto, se quiser, mas o nosso apelo é, “à Lei e ao testemunho!”

Devo também dizer que não é possível que haja algo de salvífico no Batismo, em si mesmo. O ato de aplicação de água de qualquer maneira, portanto, não pode lavar um único pecado! Isso seria voltar para o antigo Pacto de Obras, as antigas cerimônias da Lei Mosaica. Todas as lavagens nos termos da lei, e elas eram muito numerosas, nunca lavaram nem mesmo um único pecado! Nem pode a lavagem em água tirar o pecado de qualquer homem. Mesmo as lágrimas de Cristo, nunca são ditas como colocadas sobre o pecado. É Seu sangue precioso, sozinho, que limpa o pecado dos homens. Em meu texto, ao mesmo tempo que diz: “Quem crer e for batizado será salvo”, contudo, quando a condenação for anunciada, é dito simplesmente: “mas quem não crer será condenado”, e o assunto do batismo não é mencionado, pois há muitos que creem, mas que não são batizados, e que não o poderiam ser, como o ladrão moribundo, por exemplo, porém, ainda assim eles são seguramente salvos. No entanto, aqui está o meu texto e eu não posso alterá-lo: “Quem crer e for batizado será salvo”.

Por que você acha que o Batismo é colocado nesta posição de destaque? Acho que é por esta razão: O Batismo é a expressão exterior da fé interior. Aquele que crê em Cristo com o coração confessa a sua fé diante de Deus e da Igreja de Deus ao ser batizado. Agora, a fé que fala assim não é uma fé tola. Não é uma fé covarde. Não é uma fé furtiva. Paulo coloca a questão assim: “Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação” [Romanos 10:9-10].

Mas por que é a confissão tão necessária para provar a verdadeira fé? Eu respondo que é necessária para a própria existência da Igreja de Deus, porque, se eu posso ser um crente e nunca confessar a minha fé, você pode ser um crente e nunca confessar a sua fé, e todo devemos, portanto, ter uma companhia de homens crendo, mas nenhum deles confessando! E onde estariam as ordenanças exteriores da Igreja de Cristo? Onde estaria um ministro? Onde estaria a criação e crescimento do Reino de Cristo? Por cem razões, é absolutamente necessário para o Reino de Cristo que o crente confesse abertamente sua fé. Você não vê isso? E, portanto, o Batismo sendo a forma prescrita por Deus é uma maneira de confessarmos abertamente nossa fé, Ele exige que a confissão seja adicionada à fé, que a fé seja uma fé confessional e não uma fé covarde, que a fé seja manifesta, e não uma fé

particular, que assim a fé possa ser uma operosa, influenciando a nossa vida e a vida dos outros, e não uma mera tentativa secreta de auto-salvação pela fé silenciosa, que não se atreve a reconhecer Cristo. Lembre-se daquelas palavras do Senhor Jesus: “Portanto, qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. Mas qualquer que me negar (esta passagem significa: “Aquele que não me confessar”) diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai, que está nos céus” [Mateus 10:32-33]. Não há, portanto, nenhuma eficácia regeneradora sobre a água, ou no que diz respeito à imersão, ou em qualquer forma de Batismo, mas é necessário que haja esta manifestação exterior e visível da fé espiritual e interior pelo que a alma é salva!

E, queridos amigos, mais uma vez, o Batismo é muitas vezes o teste de obediência. Aquele que crê em Cristo, toma-O para ser seu Mestre, bem como seu Salvador. E Cristo, portanto, diz-lhe: “Vá e faça assim e assim”. Se o homem se recusa a fazê-lo, ele, assim, prova que ele não tem a intenção de ser o discípulo do Mestre. “Oh!”, diz alguém, “você sabe que o Batismo não é algo essencial”. Não tenho eu implorado para que cessem de pronunciar tal fala ociosa e ímpia como esta? Você tem uma serva? Você vai para a seus negócios no início da manhã? Você gostaria de uma xícara de chá, às seis horas, antes ir para a cidade? A empregada não a traz para você e, então, você pergunta: “Por que você não trouxe o meu chá?” “Oh”, ela responde, “isso é algo não essencial. Você pode fazer seus negócios muito bem sem essa xícara de chá”. Deixe essa resposta repetir-se, ou deixe que seja dada apenas uma vez, e eu vou dizer o que será algo não essencial! Será algo não essencial que você mantenha essa menina por mais tempo em sua casa! Você desejará outra empregada, porque você dirá: “É claro que ela não é minha empregada! Ela faz de si mesma a dona da casa, pois ela começa a julgar os meus mandamentos e dizer que este é essencial, e que aquele não é essencial”.

O que você quer dizer com “não-essencial”? “Eu quero dizer que eu posso ser salvo sem ser batizado”. Você se atreverá a dizer esta frase ímpia mais uma vez? “Eu quero dizer que eu posso ser salvo sem ser batizado”. Você, criatura ímpia! Então, você não fará nada que Cristo manda, se você pode ser salvo sem fazê-lo? Malmente está valendo a pena salvar-lhe, em absoluto! Um homem que sempre precisa ser pago pelo que faz, cuja uma ideia de religião é que ele fará o que é essencial para a sua própria salvação, só se preocupa em salvar a própria pele e insinua que Cristo pode ir onde ele quiser! Está claro que você não é um servo de Cristo! Você precisa ser salvo deste vergonhoso e miserável estado de mente, e que o Senhor possa te salvar!

Muitas vezes, eu acredito que esta pequena questão do Batismo dos Crentes é o teste da sinceridade de nossa profissão de amor a Ele. Teria sido tudo a mesma coisa, pode ser, se o Senhor Jesus Cristo houvesse dito: “Pegue seis pedras do chão e carregue-as em seu

bolso e você será salvo”. Alguém teria dito: “pegar as pedras não é algo essencial”. Isto torna-se essencial assim que Cristo o ordena! É desta forma que o Batismo, se não essencial para a sua salvação, é essencial para a sua obediência a Cristo. Se você se tornou Seu discípulo, você é obrigado a obedecer a todos os mandamentos de seu Mestre: “Fazei tudo quanto ele vos disser” [João 2:5].

III. Agora, por último, ACERCA DE SER SALVO: “Quem crer e for batizado será salvo”.

O que é esse ser salvo? Bem, isso significa, é claro, o que todos querem que ele signifique, a salvação do castigo do pecado. “Quem crer e for batizado será salvo”. Suas transgressões serão perdoadas, a sua iniquidade será apagada, ele não deve ser levado para a condenação, e no último grande dia, ele estará justificado em Cristo. Não, ele é justificado agora, como diz o apóstolo: “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo” [Romanos 5:1]. Essa é certamente uma parte desse ser salvo.

Isso significa, logo, que aquele que crer e for batizado será salvo do domínio de sua velha natureza. Quando você crê em Cristo, surgirá de repente em você uma nova vida, um novo princípio; um poço será cavado dentro do seu ser e uma fonte de água viva começará a brotar dentro de você, a saltar para a vida eterna! Um milagre será operado em você, o Espírito Santo entrará em seu coração e nele habitará para recriar você, criar dentro de sua alma um novo trono sobre o qual reinará um novo Rei! O antigo domínio do pecado será quebrado como com vara de ferro e haverá uma nova ordem de coisas dentro de seu coração: a justiça começará a reinar ali por Jesus Cristo.

“Quem crer e for batizado será salvo”. Ou seja, ele obterá a salvação dos seus antigos pecados. Ele deixará de ser escravo da embriaguez. Ele terá o amor se apossando dele, como que lhe tomando pelo pescoço. Ele terá suas mentiras, sua raiva, sua concupiscência debaixo de seus pés. “Quem crer e for batizado” verá todos os seus antigos adversários derrotados; o que ele não podia fazer, pela fraqueza de sua carne, será, agora, feito por ele, pelo poder do Espírito de Deus! E pela graça Divina que ele deve dominar seus pecados. Ele deve começar a viver para Deus, sob novos impulsos, fortalecido com um novo poder e por isso ele deve ser liberto de seus antigos pecados.

Ouçá novamente, pois isso é maravilhoso. “Quem crer e for batizado será salvo”, ele será salvo de voltar para seus antigos pecados. Se não fosse pela Perseverança Final dos Santos, eu acharia que o meu Evangelho seria um evangelho pobre para ser pregado, mas aquele que verdadeiramente crê em Cristo tem uma tal mudança operada nele, a ponto de que tal bendita obra nunca será desfeita! Meu Senhor acende uma vela em seu coração

que o Diabo, ele mesmo, nunca será capaz de apagá-la! Cristo virá para você com tanto poder e autoridade e estabelecerá o Seu trono eterno dentro de sua alma com tal poder e majestade Divina que você deverá pertencer a Ele tanto no tempo quanto na eternidade. Não pregamos sobre nenhuma salvação temporária, nem sobre alguma obra da graça que, por isso e aquilo, poderá enfraquecer e perder o poder! Nós pregamos acerca de uma obra de graça que deverá capacitar a você que crer a prosseguir de força em força, de glória em glória, até que todo o pecado em você seja expulso e você seja perfeitamente como o seu Senhor! Então, você deverá contemplar Sua face em justiça e estar com Ele para sempre.

Mais uma vez, “Quem crer e for batizado será salvo”, ele deve ser salvo do presente século em que ele vive. “Mas”, diz alguém, “Eu não quero ser salvo deste”. Você não quer? “Não”. Mas se você for seguir conforme o curso do presente século e andar com o mundo, você cairá como que das Cataratas do Niágara, nas quais o presente século mau está agora caindo para a destruição à qual este mundo está condenado! Não valorize a amizade do mundo que matou o Seu Senhor, pois o mundo e as obras que nele há serão queimadas. Você se lembra como Pedro disse, no dia de Pentecostes, “Salvai-vos desta geração perversa”? Isso é o que eu quero que você faça hoje à noite! “E com muitas outras palavras isto testificava, e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa” [Atos 2:40].

Um homem que deseja ser um homem e que deseja ser um homem salvo, tem que pegar em armas contra este século mau! Aquele que quer provar a si mesmo como estando vivo para Deus deve nadar contra a corrente dos tempos! Peixes mortos são levados correnteza abaixo, você não pode vê-los? Eu vejo as barrigas brancas dos peixes mortos boiando por miríades! Mas o peixe vivo sobe contra a corrente, e encontra o caminho para as mais puras águas! Amados, aquele que crê em Jesus Cristo com todo o seu coração será feito agir como homem, onde homens são agora tão escassos, e a manter-se firme por Deus e Sua verdade onde os outros se rendem ao poder satânico, e será santo, onde a impiedade, como uma poderosa torrente, agora varre para baixo nossas ruas! “Quem crer e for batizado” no nome adorável de Jesus, jura, como um Cavaleiro da Cruz Vermelha, seguir a Cristo e Cristo somente, acreditando nEle e que todo homem é um mentiroso, e decida-se a viver por Ele, e a morrer para Ele e nEle encontrar esperança aqui e felicidade eterna no além! Este é o homem que deve ser salvo do presente século mau e levado para a glória de Deus Pai.

Toda essa grande obra é operada pela fé em Cristo, que é o único caminho para a salvação! “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna” [João 3:36]. Creia nEle, como os homens às vezes dizem, “até o fim”. Acredite em Sua Humanidade simpatizando com você. Acredite em Sua Divindade que é capaz de ajudá-lo. Creia neste sangue limpando você. Creia na Sua vida eterna trazendo vida eterna para você. Deus abençoe a cada um de vocês, por causa do seu querido Filho! Amém!

Batismo

Por Charles Haddon Spurgeon

[Excertos do Artigo “*Baptism*”, por Charles Haddon Spurgeon.
Editado, e com subtítulos acrescentados para facilitar compreensão do texto].

A Forma Do Batismo Cristão

Batismo, não duvidamos, é imersão. Isso é ensinado por todo o uso grego dos termos escolhidos pelo Espírito de inspiração para designar esta ação. Admite-se por quase todo Pedobatista erudito que até o tempo de Cristo a palavra *baptizo* não teve outro significado. Este requeria que o “o elemento abrangesse o seu objeto”.

Nem o uso desta palavra por pagãos ou Cristãos gregos, nas épocas imediatamente posteriores aos tempos apostólicos, incentiva a ideia de um significado modificado adotado por escritores inspirados, o que alguns de forma vã imaginam. Qualquer pessoa que sustenta essa mudança de significado em um escrito não inspirado, é obrigado a provar que, em uma ou mais instâncias, a palavra é divinamente utilizada em outro sentido, sendo o significado anterior (imersão), certamente inadmissível. Não há tal ocorrência.

O batismo de Israel, na nuvem e no mar, e o batismo do Espírito por Cristo, são batismos não literais em água. Pelo mar e a nuvem, juntos, os filhos de Israel foram cobertos. Que os discípulos, quanto aos seus corpos, no dia de Pentecostes, não foram abrangidos com o fogo emblemático, é incapaz de prova, enquanto todos admitem que suas almas foram, por assim dizer, imersas no Espírito Divino. O cumprimento de um previsto e abundante derramamento pode, portanto, constituir-se uma imersão, como ao corpo e à alma, ou isto pelo que por nenhuma outra palavra pode ser mais apropriadamente designado. Uma previsão da aspersão de água ou derramamento do Espírito pelo Ser Divino sobre os homens, não é prova de que a palavra no Novo Testamento descreve a ação divinamente ordenada de homem em relação a homem, seja ou aspersão, ou derramamento, ou imersão [...].

O fato de que as palavras gregas *baptizo*, *baptisma* e *baptismos*, não passaram por nenhuma mudança de significado quando usadas pelos escritores inspirados, é evidente a partir de expressões como que João batizou “no Jordão”, e “em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas” [Marcos 1:9, João 3:23]; que Filipe e o eunuco “desceram ambos à água” [Atos 8:38]; que após Filipe ter batizado o eunuco, eles “saíram da água” (v.39); que nós somos sepultados com Cristo “pelo Batismo”, e “no Batismo”, no qual também nós “somos ressuscitados com ele” [Romanos 6:4; Colossenses 2:12]. Se as palavras sepulta-

dos e ressuscitados são aqui usadas no sentido figurado, há uma alusão às literais imersão e emersão que ocorreram. A referência aos esmagadores sofrimentos de Cristo e Seus apóstolos, como sendo um Batismo, é consistente apenas com sendo imersão. O uso comum e necessário de uma palavra que significa imergir, e a evidenciada distinção disso da asper-são ou derramamento, necessariamente evitaria a sua alteração de um para o outro, ou de significar o uso de um líquido, como alguns têm sustentado, “em qualquer forma”.

Se os escritores inspirados tivessem usado a palavra grega em outro sentido, certamente a prática entre os Cristãos dos tempos imediatamente posteriores teriam confirmado isso. Mas nem os gregos, que são supostamente melhores para compreender a sua própria língua, nem os latinos, nem quaisquer bárbaros, prestam o mínimo apoio a uma suposta alteração por mandado Divino ou qualquer outro, do significado de *baptizo* e das palavras derivadas deste. Nem o batismo do judeu prosélito, se este se originou antes, ou como muitos eminentes Pedobatistas acreditam, após os tempos apostólicos, dão a mínima aprovação a qualquer coisa menos do que imersão como Batismo.

O primeiro afastamento registrado de imersão como Batismo é um desvio conhecido, uma imperfeição reconhecida, em que isso era crido [como] necessário à misericórdia de Deus e necessidade especial para a sua adoção. Isso aconteceu mais ou menos na metade do terceiro século. O Batismo foi então crido necessário, a fim de obter a certeza da salvação. Um homem morrendo pode ser incapaz de ser batizado. Um substituto para o batismo em tais circunstâncias era admitido, com desvantagens concedidas se a vida fosse poupada. Isso longamente foi imposto como Batismo, como a própria coisa que Deus requer, ou tudo o que Ele exige de qualquer um! E, posto que consideram como uma cruz o ser uma vez imerso em nome de Jesus, especialmente nessas regiões frias e ao norte, a conveniência e a decência da aspersão são louvadas até aos céus. E há alguns que falam da imersão como se não pudesse ser realizada sem uma violação de delicadeza, afirma-se que a imersão é uma das ações envolvidas na palavra divinamente escolhida, quando “batizar” é ordenado.

A ideia de que há necessariamente indecência na “imersão de alguém”, ou de perigo a menos que em tribulação, ou circunstâncias especiais, a prática de nossa própria terra e em outros países é continuamente e em alta voz condenada. Onde o perigo ou incapacidade realmente proíbem, acreditamos que Deus não exige; mas Ele não autoriza nenhum substituto, nestas circunstâncias, também não é um subterfúgio mais reles concebível do que a aspersão de um pouco de água no rosto seja substancialmente batizar uma pessoa. Seja grande ou pequena a importância que atribuímos ao Batismo, somos obrigados a observá-lo, e praticar o que Deus ordena. Pois, se o servo de um mestre terreno realizasse

seus próprios gostos, em vez das solicitações de seu mestre, seria um insulto que ninguém toleraria. O pretexto para aspersão e derramamento baseado em sua não proibição, é uma escandalização do que Deus ordenou, ao escolher uma invenção humana, rejeita-se uma determinação Divina. Se Deus é infinito em sabedoria e amor, uma firme adesão aos Seus preceitos é a nossa sabedoria e proveito. “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados” [1 João 5:3].

Considerações Sobre Os Sujeitos Do Batismo Cristão

Os sujeitos Divinamente aprovados do Batismo Cristão podem ser determinados apenas a partir do Novo Testamento. A comissão de Cristo, confirmou como o seu significado pela prática anterior e, especialmente, posterior, e por qualquer referência a esta ordenança nos oráculos de Deus, é a “lei” e “o testemunho”. Uma tentativa de provar os sujeitos legítimos do Batismo Cristão a partir da Palavra de Deus e do batismo de judeus prosélitos, é imitar o apelo papal à Escritura e à tradição. Além disso, nenhum homem sobre a terra sabe que o batismo de prosélitos existiu nos tempos apostólicos, enquanto que cada um pode saber que sua origem é “dos homens”, e não “do céu”; e que somente a Bíblia é a regra de fé e prática do homem. Nós admitimos toda inferência legítima, a partir de todas as partes da Escritura Sagrada.

Nós sustentamos que os únicos sujeitos apropriados do Batismo Cristão são crentes em Cristo, aqueles que são convertidos à Cristo, discípulos de Cristo; ou, uma vez que não temos, e não somos obrigados a ter acesso ao coração, aqueles que fazem uma profissão confiável de fé em Cristo. Isso, nós acreditamos ser ensinado no preceito Divino: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em [no] nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado” [Mateus 28:19-20]; e é confirmado pelo registro, “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado” [Marcos 16:15-16].

Na compreensão desta passagem, se seguirmos a ordem, onde acima de todos os lugares a ordem mais exata seria esperada, temos que entender que a vontade de Cristo é que primeiro façamos discípulos, e somente depois os batizemos, etc. [...]. Ao fazer discípulos, a comunicação e a aceitação da verdade, o ensino e o recebimento das boas novas, são necessários. Após isso e o Batismo, o ensino não deve cessar “ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado”. Também não há nada na passagem exigindo uma outra interpretação [...]. Efetivamente, foi dito que “eles” depois de “batizar”, tem “todas as nações” por seu antecedente, de forma que o discipulado e o Batismo são de igual extensão, abrangendo as mesmas pessoas, mesmo cada indivíduo em todas as nações.

A tendência do Pedobatismo, como nós podemos claramente mostrar, é perverter o significado de um discípulo de Cristo, ensinando que um bebê inconsciente, que uma criança que pode responder a certas perguntas, sim, que um homem ou uma mulher conhecidos por serem ímpios, podem, pelo Batismo, tornarem-se discípulos de Cristo! Assim, enquanto alguns conformistas sustentam a justificação pela fé, são inconsistentes, ensinando que o Batismo regenera e converte em um filho de Deus; alguns não-conformistas, mantendo a verdade divina da salvação pela graça mediante a fé, ensinam este Batismo de discípulos de Cristo! A correta interpretação do discipulado exclui os infantes da comissão.

João “batizou com o batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo” (Atos 19:4). Eles “eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados” (Marcos 1:5). Esse foi um Batismo “de arrependimento”, já que este era o estado professado por eles, enquanto confessando os seus pecados e sendo batizados.

Até a comissão de nosso Senhor, as Escrituras não falam de nenhum Batismo do céu, em adição ao de João, exceto o que Cristo ordenou aos Seus discípulos. Quanto a isso, o registro inspirado é que, em primeiro lugar, “Ele batizou” (João 3:22) e, por outro, que “[...] Jesus fazia e batizava mais discípulos do que João (Ainda que Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos)” (João 4:1-2). Ele batizou discípulos. Ele fez e batizou-os. A instrução a partir deste Batismo só pode ser a favor de primeiro fazer discípulos, batizando-os depois. Toda a revelação Divina em relação a todo Batismo do céu que os apóstolos tinham anteriormente testemunhado ou praticado, confirma a nossa crença de que eles certamente compreenderam as palavras de Cristo de acordo com o seu significado natural já indicado.

Nós finalmente sustentamos que a nossa visão da comissão é correta, porque os apóstolos, assim a compreenderam, como a sua conduta posterior e escritos evidenciam abundantemente. Pedro no dia de Pentecostes primeiro pregou o Evangelho de Cristo, e depois ensinou os interrogadores ansiosos a se arrependerem e serem batizados em nome de Jesus Cristo. Eles deveriam mudar as suas mentes, tendo sido descrentes em relação a Jesus como o Messias e Salvador, e sobre esta fé em Cristo, a que o Espírito de Deus estava atraindo e ajudando-os, ser batizados, assim, em obediência a Cristo, confessando a sua crença nEle como o Messias e Salvador. E depois de adicional exortação e instrução de Pedro: “De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas, E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações” (Atos 2:41-42).

O próximo registro de Batismo diz assim: “Mas, como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como

mulheres. E creu até o próprio Simão; e, sendo batizado, ficou de contínuo com Filipe; e, vendo os sinais e as grandes maravilhas que se faziam, estava atônito” (Atos 8:12-13).

O próximo Batismo registrado é aquele do orante “irmão Saulo”, a quem o Senhor havia encontrado em seu caminho para Damasco. O próximo Batismo registrado é o de Cornélio e “os seus parentes e amigos mais íntimos”, de quem o Batismo Pedro julgou que todos aprovariam, desde que ouvindo Pedro as palavras de instrução divina que o Senhor tinha-os batizado com o Espírito Santo, e eles foram ouvidos “falar em línguas, e magnificar a Deus”.

Os próximos Batismos registrados são aqueles em Filipos e Corinto, estes são apresentado pelo Sr. Watson como uma prova de que os apóstolos, ao batizarem “famílias inteiras”, batizaram “filhinhos” e “servos” [...]. Admitimos que, no caso de Lídia, temos o registro de que “ela foi batizada, ela e a sua casa”, e o registro anterior sobre ela, “Ihe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia” [Atos 16:14], enquanto nada é dito a respeito da característica de “sua casa”. Isso não prova que Lídia tinha marido ou filho. A família desta “vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira”, podia consistir inteiramente de servos. O silêncio aqui não prova nem confirma nada em favor do pedobatismo. Não tendo nenhum registro sobre a característica desta casa, somos obrigados a acreditar que a prática apóstólica aqui foi de acordo a prática apostólica anterior e posterior.

O próximo Batismo, aquele do carcereiro “e todos os seus”, é um do qual os infantes são claramente excluídos. Paulo e Silas “pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa”; e depois do Batismo, “na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa” [Atos 16:34]. O próximo registro é igualmente explícito, e oposto ao Batismo de infantes ou descrentes. “E Crispo, principal da sinagoga, creu no Senhor com toda a sua casa; e muitos dos coríntios, ouvindo-o, creram e foram batizados” [Atos 18:8]. O Batismo de “alguns discípulos” em Éfeso, de quem lemos: “E estes eram, ao todo, uns doze homens” [Atos 19:5-7], igualmente rejeita apoio ao batismo de infantes, enquanto que “a família de Estéfanos”, de quem Paulo diz: “que se tem dedicado ao ministério dos santos” [1 Coríntios 16:15], não pode ser trazido como auxílio aos nossos adversários.

Argumentos a partir de referências ao Batismo na Palavra de Deus são tão frívolos como os dos preceitos e exemplos, em referência ao apoio ao batismo de infantes. O apóstolo dos gentios apela a todos os “santos” em “Roma”, que como “mortos para o pecado”, eles foram “batizados em Jesus Cristo”, “batizados na sua morte”, e “sepultados com ele pelo batismo na morte”. O terem sido batizados exigia que eles deveriam andar também em novidade de vida [Romanos 6:14]. Isso é aplicável aos infantes? Para as igrejas da Galácia, ele escreveu: “Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo”

[Gálatas 3:27]. Sobre os Colossenses ele escreve: “Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos” [Colossenses 2:12]. A última menção de Batismo é por Pedro, que fala do Batismo como “indagação de uma boa consciência para com Deus” [1 Pedro 3:21]. Assim, todo o Novo Testamento é condenatório ao Pedobatismo.

Nem a promessa Pentecostal de Pedro pode ser provada ter qualquer conexão com, ou referência ao pacto Abraâmico, admitindo que, como algumas promessas se assemelham a outras, essa e a imediatamente seguinte pode nos lembrar das previsões de que em Abraão e à sua descendência todas as nações e todas as famílias da terra serão abençoadas. Que todos os descendentes de Abraão eram eleitos para a salvação ninguém acredita; nem é menos evidente que os filhos de pais ímpios receberam o sinal da aliança, assim como os filhos de pais crentes; e em todos os casos além deste dos filhos de Abraão, e não a partir de relação filial, mas a partir de relação com Abraão.

“Os filhos de Davi”, como diz o Dr. Halley, “foram circuncidados de acordo com a mesma lei, e, portanto, pela mesma razão que os filhos daquele adorador de Baal, Acabe, e daquela mulher ímpia, Jezabel”. Nem era a aliança de Deus com Abraão e sua descendência uma aliança com a sua semente como infantes, mas com os seus descendentes. Se o sinal da aliança fosse desobedientemente negligenciado, poderia em qualquer idade, e independentemente da característica em seu destinatário ou pais, ser realizado a partir da relação com Abraão. Nenhum da semente natural de Abraão é outro Abraão, nem é um crente. Mas todos os crentes podem ser mencionados como os filhos (crentes) do crente Abraão. Que Deus entrou graciosamente em aliança com os todos descendentes de Abraão por causa dele, e instituiu um sinal a ser fixado em cada homem, não é evidência de que Deus entrou em aliança com os filhos naturais de cada crente, e com cada filho, por causa do pai, e que o batismo de infantes de crentes, do sexo masculino e feminino, é o sinal nomeado dessa aliança. Onde há tal lei, senão nos escritos de Pedobatistas?

Os filhos de crentes, se não batizados, não estão em “uma condição pior” do que estavam os filhos de crentes circuncidados antes da dispensação Cristã. A graça não é, e nunca foi, hereditária. “Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” [João 1:13]. Em todos os tempos, os homens se tornam “filhos de Deus pela fé” [Gálatas 3:26]. Esta fé tem sido mais forte, e brilhado mais ostensiva e gloriosamente, em alguns do que em outros; mas “sem fé é impossível agradar a Deus”, e assim sempre tem sido (Hebreus 11:6, etc.). A aplicação disto apenas para aqueles que são capazes de crer, ninguém pode duvidar. É igualmente claro que a fé de alguns teve como referência um Messias vindouro, e a de outros um Messias que já havia vindo [...].

Não há a menor insinuação na Palavra de Deus que “os filhos dos crentes”, ou “a semente infantil dos crentes”, em distinção dos filhos ou semente infantil de incrédulos, constituam ou pertençam à “eleição da graça”. A tentativa de fundar uma tal hipótese sobre a aliança com Abraão e sua descendência, requer a crença de que a graça é hereditária, que toda a posteridade de Abraão é, desde a infância, composta de filhos de Deus e herdeiros do céu através de sua relação com Abraão, independentemente da sua piedade ou impiedade subsequentes, salvação ou condenação; que a graça divina, através de Abraão, natural e eficazmente se propagou através de toda a sua descendência, ou, se isso é preferido, por toda a sua descendência na linhagem de Isaque e Jacó, até a vinda de Cristo, quando a semente infantil dos crentes tem o mesmo “direito ao Pacto da Graça que seus pais; e tendo o direito do pacto, não pode, com justiça, ser-lhes negado o batismo”. O que é possível inferir a partir deste raciocínio, senão que toda a semente infantil de Abraão a Cristo, que não descendeu de Abraão, foi herdeira do inferno? e que esta é agora, e desde o tempo de Cristo tem sido, a condição de todas as crianças que têm pais incrédulos? [...] Podemos também perguntar a alguns: podem as bênçãos do pacto, para aqueles nascidos no pacto, os quais têm as suas bênçãos assinaladas e seladas para eles, escaparem de suas mãos?

Nós não negamos a união entre Cristo e Seu povo, de modo que Ele vive neles, mas negamos uma união entre pais e filhos, de modo que quando o pai ou a mãe é convertido, a criança torna-se uma “nova criatura”, ou torna-se nessa ocasião, e não antes, “potencialmente regenerada”. Nós sustentamos que o homem torna-se potencialmente regenerado, não através da unidade orgânica com qualquer homem crente, mas como pertencente àqueles a quem Deus instituiu uma economia da graça, nenhum homem se torna potencialmente regenerado, senão através do sacrifício do Filho de Deus, que expia pecados e fixa a aplicação do Espírito Divino [...]. Há tanta evidência de que uma criança é batizada no Batismo do pai, quanto que ela é regenerada na regeneração do pai; sim, que toda a vida e o caráter da criança, e sua eterna salvação ou condenação, são a do pai.

Acreditamos que a circuncisão, não apenas de adultos do sexo masculino, mas de crianças do sexo masculino, foi divinamente ordenada, e que a inconsciência da criança não constituía nenhum obstáculo para uma realização do desígnio desta instituição; e não questionaríamos o direito de Deus, se Lhe parecesse por bem, instituir um rito sob a dispensação Cristã, que abrangesse o inconsciente, machos e fêmeas; mas negamos a sombra de evidência de que Ele o tenha assim promulgado.

As Escrituras que falam sobre o Batismo, registrando a sua designação, sua prática, sua natureza, propósito, ou benefício, são aquelas a partir da qual os seus sujeitos divinamente aprovados podem ser conhecidos. Estas falam sobre confissão de pecado, arrependimento, fé em Cristo, o discipulado, uma boa consciência, como características do batizado. Nem

uma palavra é constituída me relação aos pais ou outras pessoas como representantes para o “engajamento pessoal da criança” [...]. Nós mesmos, nossos filhos e tudo o que possuímos, são propriedade de Deus; e em tudo, como “Seus servos”, Deus tem o direito soberano de lidar. O dever do Batismo não é aprendido com esse fato, mas a partir da revelação da vontade de Deus.

Aqueles que falam sobre o batismo infantil como colocando o nome do filho em testamento pelo pai, precisam ser lembrados da prerrogativa de Deus, e do caráter de Seu governo, como revelado nas palavras: “Eis que todas as almas são minhas; como o é a alma do pai, assim também a alma do filho é minha: a alma que pecar, essa morrerá” [Ezequiel 18:4]. Quem, crendo neste testemunho, pode também crer que as crianças não batizadas são “lactentes pagãos”, enquanto aqueles que gentilmente batizados por influência dos pais são lactentes Cristãos?

O Batismo de crentes, nós cremos ser um serviço razoável, escriturístico e proveitoso, projetado para fortalecer e perpetuar cada correto sentimento e conduta. Mas seja qual for a estima que temos do equivocados Pedobatistas, e embora cordialmente nós o digamos, e esperamos sempre dizer: “A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade”, somos obrigados a pensar e falar sobre o batismo infantil de acordo com um escritor antes citado. “No que não há consciência, nem vontade, não há serviço razoável. Este [O batismo de bebês] alia pessoas sem o seu consentimento, ou até mesmo sua inteligência, a um credo religioso; isso os força a um serviço irracional e involuntário; impõe-lhes uma profissão inconsciente; antecipa a conduta dos anos mais maduros a um grau que a natureza e as Escrituras condenam; e é, portanto, uma violação dos seus justos direitos”. É um benefício para a criança quando nenhum substituto ilusório foi realizado sobre ela, impedindo, ou ajudando a prevenir a sua obediência pessoal, consciente, voluntária e aceitável à ordem de Deus.

Cada registro de Batismo na Sagrada Escritura, e toda referência ao Batismo, é uma confirmação do Batismo de crentes como “um só batismo” para pais e filhos, para todas as gerações, e para todos semelhantemente, até a consumação dos séculos.

A Necessidade de Reformar a Prática Anti-Bíblica do Batismo de Bebês

(Por C. H. Spurgeon — Excerto do Sermão Nº 238, Reforma)

Eu quero que você seja caridoso com os outros, mas não seja demasiado caridoso consigo mesmo. Deixe que os outros sigam as suas próprias convicções de consciência, mas lembre-se, não é a sua consciência que deve ser seu guia, mas a Palavra de Deus!

E se a sua consciência está errada, você deve trazê-la para a Palavra de Deus, para que possa ser reprovada e “transformada pela renovação da vossa mente”. Você deve fazer o que Deus lhe diz, quanto Deus lhe diz, quando Deus diz e como Deus diz para você!

Perdoe-me por um momento, se eu deveria arriscar o desprazer de alguém que eu amo por referir-me a uma ordenança da Igreja sobre a qual estamos propensos a discordar. O rito sagrado do Batismo é administrado em um grande número de Igrejas a pequenas crianças sobre a responsabilidade de seus tutores ou amigos, enquanto muitos de nós consideram que a Sagrada Escritura ensina que somente os crentes (sem distinção à sua idade absolutamente) são os sujeitos apropriados do Batismo e isso, após uma profissão pessoal de sua fé em Cristo.

Eu vejo um homem pegar uma criança inconsciente em seus braços e dizer que ele a batiza! Quando volto para a minha Bíblia, eu não posso ver absolutamente nada deste tipo lá! É verdade que eu encontro o Senhor Jesus, dizendo: “Deixai vir a Mim as criancinhas”, mas isto não permite nenhum precedente para o transporte de uma criança para o ministro, que não poderiam vir, que era jovem demais para andar, muito menos para pensar e entender o significado dessas coisas! Ainda mais, quando Jesus disse: “Deixai as crianças virem a Mim e não as impeçais, porque das tais é o reino dos céus”, elas vieram até Ele. Mas eu não acho que Ele batizou ou aspergiu a elas todas! Ele lhes deu a Sua bênção e elas foram embora. Estou certo de que Ele não as batizou, pois é expressamente dito: “Jesus Cristo não batizava, mas os seus discípulos”. Assim, então, é bastante claro que a passagem não favorece o Pedobatista!

Estou informado, no entanto, que a razão pela qual as crianças são batizadas é que nos é dito na Bíblia que os filhos de Abraão foram circuncidados. Isso me intriga! Eu não consigo ver qualquer semelhança entre as duas coisas. Mas quem eram as pessoas circuncidadas? Elas eram israelitas. Por que eles foram circuncidados? Porque eles eram israelitas. Essa é a razão! E eu digo que eu não hesitaria em batizar qualquer Cristão, ainda que seja um

bebê em Cristo, assim que ele conhecesse o Senhor Jesus Cristo! Fossem apenas oito dias de vida na fé, se ele prova que é um israelita no espírito, vou batizá-lo.

Eu não tenho nada a ver com o seu pai ou a sua mãe na religião! A religião é um ato pessoal durante todo o tempo! Outro homem não pode crer por mim, não pode se arrepender por mim e outra pessoa pode não dar-me a resposta de uma boa consciência para com Deus no Batismo e tê-lo feito em meu nome! Temos que agir em nossa própria responsabilidade individual na religião, pela graça de Deus, ou então a coisa praticamente não é feita.

Agora, eu acredito que muitas pessoas piedosas sinceramente cultuam a Deus neste altar do Batismo Infantil.

Mas sou igualmente convicto que é meu dever fazer o meu melhor para acabar com isso, pois não é altar de Deus! O altar de Deus é o Batismo dos Crentes.

O que disse Filipe para o eunuco? “É lícito, se crês de todo o coração”. “Eis aqui água”, disse o eunuco. Sim, mas isso não era tudo. Deve haver fé, bem como água antes de poder haver Batismo legítimo. E cada Batismo que é administrado a qualquer homem, a não ser que ele assegure a si mesmo sobre uma profissão de fé em Cristo, é um altar em que eu não poderia adorar, pois eu não acredito que ele seja o altar de Deus, mas um altar construído originalmente em Roma, padrão que foi adotado aqui para deteriorar a união da Igreja e para grande prejuízo das almas!

Agora, tudo que eu peço daqueles que divergem de mim em opinião é simplesmente que olhem para o assunto honesta e calmamente. Se eles puderem encontrar Batismo Infantil na Bíblia, então, deixe-os praticar isto e cultuar ali! Se não puderem, que eles sejam honestos, e voltem, e adorem no altar de Jerusalém e ali somente!

A uma senhora já foi prometida uma Bíblia se ela pudesse encontrar um texto que sancionasse o Batismo infantil. Ela só pôde encontrar um, que foi este: “Sujeitai-vos a toda autoridade humana por amor do Senhor” [1 Pedro 2:13]. O ministro deu-lhe a Bíblia por sua ingenuidade, admitindo que era uma ordenança do homem e não engano.

Cito este exemplo do Batismo infantil como apenas uma entre muitas corrupções que se infiltraram em nossas Igrejas. É bastante claro que todas as denominações não podem estar certas. Elas podem estar certas quanto aos principais pontos essenciais para a salvação, embora em suas discrepâncias umas com as outras revelem erros.

Eu não quero que você acredite que eu estou certo. Em vez disso, volte para as Escrituras

e veja o que é certo. O dia virá quando Episcopais, Independentes, Wesleyanos e todos os demais sistemas devem ser lidos pela Palavra de Deus e abandonaram toda forma não aprovada diante do Altíssimo.

Espero ser sempre capaz de levantar a minha voz contra a caridade crescente em nosso meio a qual não é apenas uma instituição de caridade para as pessoas, mas uma instituição de caridade para com as doutrinas. Tenho caridade fervorosa por cada irmão e irmã em Cristo, que difere de mim. Eu amo-os por causa de Cristo e mantenho comunhão com eles por causa da verdade, mas eu não posso ter caridade para com os seus erros, nem eu desejo que eles tenham qualquer caridade pelos meus.

Eu digo a eles olhando diretamente em seu rosto: “Se seus sentimentos contradizem o meu, ou eu estou certo e você está errado, ou você está certo e eu estou errado. E é tempo que devamos reunir-nos e procurar a Palavra de Deus para ver o que é certo”.

É necessário para todos nós virmos para o modelo da Palavra de Deus e quando chegarmos a isso, seguiremos juntos. Venhamos todos à “lei e ao testemunho” [Isaías 8:20]. Deixe o Batista; deixe o Independente; deixe o Congregacional, deixem todos de lado os seus antigos pensamentos, seus velhos preconceitos e suas velhas tradições e que cada um busque por si mesmo, como que diante dos olhos de Deus todo-poderoso e alguns dos altares cairão, pois eles não podem ser todos conformes o tipo Divino quando a dissimilaridade é tão palpável!

Eu falo como a homens instruídos. Julguem o que eu digo, e que Deus possa guiá-los corretamente.

Eu Considero O Batismo De Crianças Como Sendo Uma Mentira E Uma Heresia!

(Por C. H. Spurgeon — Excerto do Sermão Nº 172, Examinai as Escrituras)

É muito mais o costume das pessoas dizerem: “Não fui eu nascido na Igreja da Inglaterra? Não deveria, por isso, continuar nela?”. Ou, por outro lado, “não foi a minha avó uma Imercionista? Porventura não convinha que eu, por isso, continue na denominação Batista?”. Deus não permita que eu diga alguma coisa contra seus veneráveis e piedosos parentes; ou que vocês retribuam qualquer desrespeito ao seu ensino! Nós sempre respeitamos os seus conselhos, mesmo quando não podemos recebê-los, para o bem da pessoa que o oferece a nós; conhecendo a sua formação, eles devem mesmo ter se enganado, no entanto, foram bem intencionados.

Mas reivindicamos para nós, como homens, que não devemos ser alimentados com doutrinas como fomos alimentados em nossa infância indefesa, com comida escolhida para nós. Afirmamos que temos o direito de julgar se as coisas que temos recebido e ouvido são de acordo com este Livro Sagrado. E se descobirmos que em algo a nossa formação tem sido errônea, não consideremos que estamos violando qualquer princípio de afeto se ousarmos vir diante de nossas famílias e participarmos de uma denominação que sustenta princípios muito diferentes daqueles que nossos pais haviam defendido!

Lembremos, cada um de nós, de como Deus deu a cada homem uma cabeça sobre seus ombros; todo o homem é obrigado a usar sua própria cabeça e não a de seu pai. Deus deu juízo ao seu pai. Bem e bom. Ele julgou por si mesmo. Ele deu-lhe um julgamento: julgue por si mesmo também! Diga sobre tudo o que você recebeu em sua infância: “Bem, eu não comungarei ligeiramente com isso, pois pode ser de ouro esterlino, mas, ao mesmo tempo, eu não vou guardá-lo cegamente, pois pode ser moeda falsa. Vou sentar-me para estudar o Livro Sagrado e eu me esforçarei, tanto quanto eu puder, comigo mesmo para fazê-lo sem preconceitos. Vou ler a Bíblia como se eu nunca tivesse ouvido qualquer pregador falar, ou nunca houvesse sido ensinado por um dos pais. E eu, então, esforçar-me-ei para descobrir o que de Deus se diz e o que Deus diz, seja o que for, eu acreditarei e abraçarei, esperando que por Sua graça eu também possa sentir o poder disto em minha própria alma”.

Lembre-se, também, de trazer os pregadores do Evangelho a este padrão. Uma grande maioria de vocês conhece apenas muito pouco sobre o que é Evangelho. A noção geral das massas é que somos, cada um de nós, corretos, que, apesar de hoje eu possa contradizer alguém e outra pessoa possa me contradizer, ainda assim todos nós estamos

certos! E embora seja traição ao senso comum acreditar em tal coisa, todavia isso é uma ideia comum!

Agora, meus queridos amigos, eu reivindico para mim, quando eu entro neste púlpito, o direito de ser ouvido. Mas eu não reivindico o direito de ser crido, a menos que as palavras que eu vos falar estejam de acordo com este Sagrado Livro. Eu desejo que vocês me ouçam como eu gostaria que vocês ouçam a toda a gente, trazendo cada um “à lei e ao testemunho”. Agradeço a Deus pela minha Bíblia eu não tenho necessidade de estar envergonhado. Eu às vezes me envergonho desta tradução dela, quando vejo como, em alguns pontos importantes, não é fiel à Palavra de Deus. Mas é a própria Palavra de Deus, eu posso dizer que é o homem da minha mão direita, a minha meditação de dia e de noite, e se há algo que eu pregue que seja contrário a esta Palavra, jogue na lama, e, cuspiendo, despreze-o!

A verdade de Deus está aqui. Não é o que eu digo, mas o que o meu Deus diz que é exigido que você receba! Ponho-me e coloco todos os meus irmãos na peneira. Lance-nos cada um no fogo. Coloque-nos no cadinho da verdade. E o que não está de acordo com a Palavra de Deus deve ser consumido como escória!

Gostaria de ter uma Bíblia feita para os dispositivos de seu próprio coração? Se tivesse, seria uma coisa inútil! Você deseja ter um Evangelho de acordo com seus desejos? Nesse caso, com alguns de vocês isto seria um Evangelho que permitiria lascívia! Você deseja ter uma Revelação feita que deva mimá-lo em suas concupiscências e satisfaça-o em seu orgulho? Se assim for, sei disso, Deus nunca vai se inclinar para alimentar sua arrogância ou libertinagem! A Bíblia é um livro Divino. Ele exige a sua fé nela. E mesmo que você esmerneie contra ela, esta pedra nunca poderá ser quebrada. Mas, preste atenção, você pode ser quebrado sobre dela! Sim, ela poderá cair sobre você e reduzi-lo a pó. Traga, então, peço-lhes, seus próprios pensamentos e seus próprios sentimentos para a pedra de toque da verdade de Deus, porque “se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles”.

Além disso, examine as Escrituras e traga tudo que você ouve para este grande teste, porque ao fazê-lo você terá uma rica colheita de bênçãos para sua própria alma. Acho que não há praticamente um texto na Sagrada Escritura, que não tem sido o instrumento da salvação de uma alma. Agora, aquele que caminha entre os sábios será sábio. E aquele que anda no meio dos sábios que escreveram a Sagrada Escritura fica pelo menos com maior probabilidade de ser feito sábio para a salvação!

E agora eu posso apenas sugerir uma ou duas peculiaridades no que eu já lhes preguei,

peculiaridades estas que eu desejo que vocês anseiem investigar mais. Agora não levem nada de segunda mão de mim, mas experimentem tudo isso pela Palavra escrita.

- Eu acredito e eu ensino que todos os homens, por natureza, estão perdidos pela Queda de Adão. Veja se isso é verdade ou não.
- Eu sustento que os homens estão tão desgarrados que nenhum homem deseja ou pode vir a Cristo se o Pai não o trouxer. Se eu estiver errado, exponha-me!
- Creio que Deus, antes de todos os mundos, escolheu para Si um povo que nenhum homem pode contar, por quem o Salvador morreu, a quem o Espírito Santo é dado e que, inevitavelmente serão salvos. Você pode não gostar desta doutrina — eu não me importo — veja se não está na Bíblia! Veja se não há a declaração de que somos “eleitos segundo a presciência de Deus Pai”, e assim por diante.
- Eu acredito que cada filho eleito de Deus deve certamente ser trazido através da conversão da graça a partir das ruínas da Queda e deve certamente ser “guardado pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação”, fora do perigo de alguma vez cair totalmente! Se eu estiver errado aí, pegue sua Bíblia e refute-me em suas próprias casas.
- Eu sustento ser um fato que todo o homem que se converte levará uma vida santa e ainda ao mesmo tempo não colocará nenhuma dependência em sua vida santa, mas confiará apenas no sangue e justiça de Jesus Cristo.
- E eu defendo que todo o homem crente tem o dever de ser imerso.
- Eu considero o batismo de crianças como sendo uma mentira e uma heresia!
- Eu reivindico essa grande ordenança de Deus, o Batismo de crentes, que ele deve ter o exame das Escrituras!
- Eu sustento que ninguém, senão os crentes podem ser imersos e que todos os crentes têm o dever de serem imersos. Se eu estiver errado, muito bem, não acredite em mim. Mas se eu estiver certo, obedeça à Palavra com reverência!

Eu não terei nenhum erro, mesmo em cima de um ponto que alguns homens pensam ser sem importância, pois um grão de verdade é um diamante e um grão de erro pode ser de consequência grave para nós, para nosso prejuízo e dor.

- Eu sustento, então, que ninguém senão os crentes têm direito à Ceia do Senhor.
- Eu sustento que é errado dar a Ceia do Senhor de forma indiscriminada a todos, e que ninguém além dos Cristãos tem o direito quer às doutrinas, aos benefícios, ou às ordenanças da Casa de Deus. Se estas coisas não são assim, condene-me como você quiser!

Mas se a Bíblia está comigo sua condenação é inútil.

APÊNDICES



- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes – Fred A. Malone
- Do Pedobatismo ao Credobatismo – Entrevista com Gary Grampton
- “O Melhor Sermão Sobre o Batismo Que Eu Já Ouvi” – William Carey [Editado por Evan Burns]
- O Batismo Infantil e o Princípio Regulador do Culto – por Fred Malone
- A Revisão Revisada – por David Kingdon (Artigo em resposta a uma crítica (“revisão” [resenha]) feita ao seu Clássico *Os Filhos de Abraão*)
- Ide, Fazei Discípulos, Batizando-os – por John Piper
- Uma Celebração de Batismo – por John Piper
- O Batismo Infantil e a Comunidade da Nova Aliança – por John Piper
- Considerações Sobre o Batismo – por John Piper
- Quão Antigo é o Batismo Infantil? – por John Piper
- O Batismo de Casas, Batismo de Arrependimento – por William Teixeira

Um Cordão De Pérolas Soltas

Uma Jornada Teológica No Batismo De Crentes

Por Fred A. Malone

Prefácio

Este folheto não se destina a ser uma obra definitiva sobre o Batismo. Originalmente escrito em 1977, é simplesmente um diário narrado para mim mesmo e para os meus amigos que estão interessados em entender por que eu mudei de uma posição pedobatista (batismo infantil) a uma Batista (Batismo de discípulos/confessores somente). Este artigo foi editado para uso como um livreto, mas eu tenho reservado uma revisão completa para um próximo livro¹.

Qualquer discussão sobre o Batismo, como acontece com outras doutrinas nas Escrituras, é inútil a menos que todas as partes estejam dispostas a sentar-se com Bíblias abertas, mentes abertas e corações mantidos em oração. O batismo infantil é uma questão emocional, pois envolve nossos filhos e as promessas de salvação para eles. Peço simplesmente que aqueles que desafiam minhas conclusões sincera e caridosamente estudem meus argumentos antes que eles comecem a fazer julgamentos.

Teria sido fácil passar sobre este tema polêmico e permanecer na esfera da Igreja Presbiteriana. Ainda entristece meu coração que meus votos obrigaram-me a retirar-me voluntariamente dessa arena do serviço com seu companheirismo e oportunidades. No entanto, a minha consciência e prática devem ser governadas pelo próprio Cristo por meio da orientação de Sua Palavra escrita e por nenhum outro homem, tradição ou extensão lógica. Por isso, este artigo apresenta o que entendo ser a Sua orientação para mim através das Escrituras.

Estabelecido brevemente, como um teólogo pactual eu vim a crer que, de acordo com a Bíblia, os únicos sujeitos apropriados para o Batismo Cristão são discípulos de Cristo. Jesus e Seus discípulos “fazia e batizava mais discípulos do que João” (João 4:1). Primeiro, eles se tornavam discípulos, em seguida, eles eram batizados. Jesus e os apóstolos batizavam as pessoas que haviam se tornado crentes (“discípulos”). Além disso, a Grande Comissão ordena a “ide, fazei discípulos de todas as nações [indivíduos de todas as nações, não as entidades nacionais], batizando-os [aqueles que foram feitos discípulos, ênfase minha]...

[1] Este próximo livro ao qual o Sr. Malone se refere é o clássico *Batismo de Discípulos Somente*.

Ensinando-os [os discípulos, ênfase minha] a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado” (Mateus 28:19-20). Isso é exatamente o que aconteceu no dia de Pentecostes. Somente aqueles que “foram batizados os que de bom grado receberam a sua [de Pedro] palavra” (Atos 2:41), e não filhos pequenos dos crentes. Na Confissão de Westminster e na [Segunda Confissão Batista de Londres](#), o Batismo e seus sujeitos estão incluídos como elementos de culto sob o princípio regulador de culto, instituídos positivamente por Deus e “limitados por Sua própria vontade revelada” (Confissão de Westminster capítulo 21, seção 1; Segunda Confissão Batista de Londres, capítulo 22, seção 1). A única forma de Batismo que se encaixa neste princípio é a que foi “instituída” e “prescrita na Sagrada Escritura”, ou seja, o Batismo de discípulos/confessores, não de bebês.

Introdução

A maior luta em minha teologia não foi, por incrível que pareça, os cinco pontos do Calvinismo e da fé Reformada. Encontro isso claro e bem definido de Gênesis ao Apocalipse. Ao invés disso, o meu “espinho na carne” teológico foi o Batismo.

Embora eu tenha crescido como um Batista, no seminário eu vim para a posição pedobaptista por causa de vários pontos da teologia. Estes incluíram a aliança com Abraão, a relação entre circuncisão e Batismo, a suposta disjunção entre Batismos de João e Jesus e o Batismo Cristão, o argumento do silêncio, os textos-prova a respeito das crianças no Pacto, e o testemunho da tradição. A obra que mais me influenciou foi o “*Christian Baptism*” (Batismo Cristão), de John Murray.

Quando olho para trás para aqueles dias como um estudante de seminário sincero e investigador, muitas vezes me pergunto se eu fui tão honesto pela busca da verdade como eu pensei que era. Pois no cadinho difícil da rejeição, por vezes amarga, pelos meus amigos Batistas sobre as doutrinas da soberana graça, e na comunhão calorosa dos meus irmãos pedobatistas de minha mesma opinião, é mais do que possível que eu permiti que sentimentos subjetivos influenciassem a minha interpretação da verdade objetiva sobre o batismo. Eu não acredito que eu sou o único Batista, que se tornou um Presbiteriano sob estas circunstâncias. Na verdade, eu acredito que muitos Batistas, frustrados com a superficialidade doutrinária, deixaram igrejas Batistas para encontrar um lar confortável, teologicamente são em igrejas Presbiterianas. No entanto, os sacramentos nunca são questões menores da doutrina, e é minha esperança que este panfleto convencerá muitos a permanecer, ajudará a reforma e construção de igrejas Batistas mais sólidas.

Em qualquer caso, após a graduação eu reexaminei a minha posição sobre o batismo de infantes e encontrei muitas inconsistências que, por algum motivo, eu não encontrei no

seminário. Tentei deixar a maior parte de meu trabalho ser o mais original possível. No entanto, dois livros me ajudaram a verbalizar muitas coisas já descobertas, estes são *Bebês Devem Ser Batizados?* por T. E. Watson, e *Os Filhos de Abraão*, de David Kingdon. Eu recomendo essas obras aos meus amigos pedobatistas e Batistas.

Eu lidei apenas com os sujeitos apropriados do Batismo, porque eu creio que este seja o fator mais importante com o qual começar. O próprio João Calvino acreditava que a Bíblia ensina a imersão e que a igreja primitiva praticava a imersão (Institutas Livro IV. cap. XV, seção 19). Eu aceito a análise de Calvino embora ele tenha permitido diversas práticas.

Enquanto eu percorro cada ponto da teologia em uma forma de narrativa informal, espero dar glória a Deus, deixando que a Sua infalível Palavra seja a autoridade absoluta e final para cada conclusão. Minha oração contínua é para que o Espírito Santo ilumine a minha mente e a mente do leitor enquanto nós olhamos juntos para a mente de Deus revelada na Palavra escrita.

O Espinho

A mudança para convicções Batistas começou enquanto eu estava lendo Êxodo 12, como parte de meus exercícios devocionais. Certamente eu havia lido muitas vezes antes, mas desta vez uma questão importunou a minha alma. Na instituição da festa da Páscoa, eu li: “Portanto guardai isto por estatuto para vós, e para vossos filhos *para sempre*” [ênfase adicionada] (Êxodo 12:24). A minha pergunta diz respeito à participação das crianças na festa, que é um prenúncio da Ceia do Senhor. E se eles participavam, com que idade eles começavam? Além disso, o que isso tem a dizer sobre a participação das crianças na Ceia do Senhor? Enquanto eu meditava, eu me perguntei se isso não poderia ser simplesmente um comando para continuar a ordenança de pai para filho em gerações inteiras. Por isso, decidi pesquisar a questão para obter uma compreensão mais clara.

Concluí que o texto pode favorecer a participação na festa das crianças da família de qualquer idade, bem como ser um comando para continuar a ordenança indefinidamente. Que a palavra “sempre” implica a perpetuidade da ordenança é óbvio. Mas, no contexto da família da Aliança, o hebraico vav conjunção (“e”) parece definir a ordenança como sendo para todos os filhos da casa também. O contexto parece apoiar essa inclusão das crianças na refeição porque não havia outros pães ázimos e carnes permitidas para estarem presentes no domicílio (12:19, 20, 28). Com a exceção dos bebês lactentes, não havia literalmente nada para as crianças comerem, senão a refeição da Páscoa! Alguns especulam que o questionamento das crianças sobre a refeição (v. 26) indica sua falta de participação na mesma. No entanto, elas certamente poderiam ter participado da refeição e ainda fazer

a pergunta sobre ela muito antes de terem a capacidade conceitual para compreender seu significado.

Achei interessante como Berkhof e Murray diferiam em relação a esta situação, mas ambos discordavam da pedocomunhão. Berkhof afirma:

As crianças, embora fossem autorizados a comer a Páscoa nos dias do Antigo Testamento, não podem ser autorizadas a participar da mesa do Senhor, uma vez que não podem cumprir os requisitos para a participação digna. (Teologia Sistemática, p. 656)

Embora admitindo que as crianças do Antigo Testamento participavam da Páscoa, Berkhof as excluía da Ceia do Senhor, porque o Novo Testamento prescreve o autoexame e o discernimento do corpo.

Murray, por outro lado, desconsidera a interpretação que as crianças participavam da Páscoa, por duas razões: (1) não há nenhuma menção de crianças no texto, e (2) a dieta não era adequada para crianças. Um problema com as objeções de Murray é que o mesmo raciocínio pode ser aplicado de forma coerente com o silêncio a respeito bebês no Batismo de famílias. Além disso, sua afirmação é presunçosa no que se refere a afirmar que as crianças tinham uma idade para entender o significado da Páscoa, quando perguntaram o que ela significava. Quantas vezes nossos próprios filhos fizeram perguntas sobre Cristo ou Ceia do Senhor e não foram capazes de entender as respostas? Além disso, Murray não reconhece que as crianças são capazes de ingerir o pão ázimo e a carne, enquanto crianças antes de um ano de idade (Batismo Cristão, pp. 76-79).

Portanto, concluo a partir do texto, contexto e apoio de comentário Reformado que os filhos da casa que eram capazes de ingerir carne e pão ázimo partilhavam da festa da Páscoa, simplesmente pela sua posição na família da Antiga Aliança.

Quais são as implicações desse fato? Maravilhou-me que eu corri através de um artigo na *Open Letter* (Carta Aberta) no mês seguinte (1977), usando este mesmo fato para fundamento da comunhão de “Filhos do Pacto”. Esta publicação pela *Fraternidade Pactual de Presbiterianos* imprimiu um artigo do pastor do *Canal Street Presbyterian Church*, em Nova Orleans, defendendo a passagem da alteração da P. C. U. S. (Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos) que permite criancinhas batizadas a virem à mesa do Senhor, logo que eles sejam capazes de tomar os elementos! O argumento foi baseado na transformação da circuncisão em batismo infantil como o princípio que transformar os sujeitos da Páscoa nos sujeitos da Ceia do Senhor.

Quando comecei a assimilar e analisar este artigo, vários argumentos contra as suas conclusões vieram à mente. Os dois mais evidentes eram que (1) há o comando biblicamente instituído para examinar a si mesmo antes de participar, e (2) não existe nenhum comando positivo para incluir bebês e crianças pequenas na Ceia. O primeiro é um argumento de preceito de acordo com o princípio regulador da Escritura, e o segundo um argumento de silêncio e de inferência. Ambos os argumentos parecem limitar a participação na observância da Ceia do Senhor aos discípulos batizados que são capazes de compreender o significado da Ceia e são capazes de examinar a sua motivação espiritual interior ao tomá-la. Cheguei à conclusão, juntamente com a maioria dos teólogos Reformados, que estes dois argumentos são suficientes para mostrar o erro da comunhão infantil ou pactual.

Qual é agora o meu ponto? Simplesmente isto: Por que a regulamentação do Novo Testamento é suficiente para definir os sujeitos da Ceia do Senhor, mas não os do batismo infantil? Supondo que as crianças da família, na administração da Antiga Aliança, eram autorizadas a participar da festa da Páscoa tão logo elas fossem capazes de consumir os elementos, e assumindo que os filhinhos da família, na administração da Nova Aliança, não são autorizados a participar até professarem a fé e o autoexame são evidentes, minhas perguntas são:

- O que mudou na aplicação do conceito de família da Aliança a partir da Antiga Aliança para a Nova Aliança?
- Por que a criança da família participa da Páscoa e não da Ceia do Senhor?
- O filhinho de crentes na Nova Aliança tem menos bênçãos do que a criança da família na Antiga Aliança?
- Quais são exatamente as bênçãos da Aliança para a criança da família na Nova Aliança, se houver alguma?

Um Cordão De Pérolas

Enquanto eu reconhecia a discordância relativa à conclusão que as crianças da Antiga Aliança participavam da Páscoa pela posição pactual, permaneceu em minha mente um crescente desejo de reexaminar a base bíblica para o batismo infantil. Eu pensei que talvez Deus estava me guiando para estudar novamente a doutrina, de forma que eu seria confirmado disso em minha própria mente no início do seminário, se eu não tivesse deixado influências subjetivas guiarem minha busca pela verdade objetiva. No entanto, eu pensava que se eu viesse a ser um Batista eu não perderia nada em aceitar a verdade de Deus na Palavra. De qualquer forma, eu estaria mais forte no final.

Enquanto todos os teólogos pactuals pedobatistas que li concordam plenamente que não

há mandamento positivo para batizar crianças da Aliança, eles citam o que pode parecer ser um número impressionante de pérolas individuais que podem ser amarradas juntas, como um colar bonito e unificado. Este é o princípio da hermenêutica chamado “boa e necessária inferência”. John Murray afirmou este princípio para o batismo infantil:

Uma das objeções mais convincentes e uma que conclui o argumento para um grande número de pessoas é que não há nenhuma ordem expressa para batizar bebês e nenhum registro no Novo Testamento de um caso claro de batismo infantil... A evidência para o batismo infantil se enquadra na categoria de boa e necessária inferência, e por isso é completamente indefensável demandar que a prova exigida esteja na categoria de ordem expressa ou instância explícita (Batismo Cristão, p. 72).

O problema com esta afirmação é que ela admite inferência do Antigo Testamento a partir da aliança com Abraão para anular o mais evidente e final cumprimento, prescrição e instituição Neotestamentária, pela revelação. De acordo com Murray, alguém teria que apresentar uma ordem ou exemplo contra o batismo infantil para anular sua inferência do Antigo Testamento, mesmo que este nunca fora praticado. Esta é uma posição hermenêutica absurda.

O princípio da “boa e necessária inferência” é legitimamente usado para apoiar a cessação de tais coisas como a revelação escrita e apóstolos modernos. No entanto, nestes casos, a base para tal conclusão é sempre a revelação do Novo Testamento, não implicação do Antigo Testamento. “O Novo está no Antigo, velado; e o Antigo está no Novo revelado” é um acordo sobre hermenêutica, que coloca mais autoridade sobre a instituição do Novo Testamento do que sobre a inferência do Antigo Testamento.

Pode haver uma impressionante coleção de pérolas amarradas no cordão da “boa e necessária inferência”, mas ambos, T. E. Watson e Herman Hoeksema (*Crentes e Sua Descendência*) já demonstraram amplamente que há discordância suficiente entre os teólogos pactuais pedobatistas em cada pérola específica para justificar um reexame da “boa e necessária inferência” que lhes amarra todas juntas. Uma vez que este é um breve artigo, simplesmente usarei o livro bem documentado de Watson (*Bebês Devem Ser Batizados?*²) para mostrar que há um sério desacordo em relação a Escrituras específicas entre os principais teólogos Reformados em quase todo ponto e base de apoio ao batismo infantil.

[2] *Bebês Devem Ser Batizados?*, da autoria de Thomas Edward Watson (Thomas E. Watson), está publicado em português pela Editora Fiel. Recomendamos veemente a aquisição deste livro, pois a argumentação bíblica primorosa e bem documentada do Sr. Watson dá a mais bíblica e plena resposta à questão levantada em seu título: NÃO!

Então, quais são as pérolas no cordão? Desde que eu estou lidando com a minha própria aceitação do pedobatismo, aqui estão as pérolas cuja beleza me fizeram adicioná-las ao meu cordão:

1. A Teologia Pactual Do Antigo E Novo Testamentos
2. A Relação Entre Circuncisão E Batismo
3. Os Textos De Prova Em Relação Ao Batismo
4. Atitude De Jesus Para Com As Crianças
5. A Santificação Dos Filhos De Crentes
6. A Disjunção Do Batismo De João E O Batismo Cristão
7. O Argumento Do Silêncio
8. O Argumento Das Bênçãos Ampliadas
9. O Testemunho Da Tradição

Eu não lidei com o modo neste artigo, pois a questão dos sujeitos bíblicos do Batismo é algo muito mais importante.

1

A Primeira Pérola

Teologia Pactual no Antigo e Novo Testamentos

A principal base para o batismo de filho da aliança é reivindicada ser encontrada na promessa pactual de Deus de abençoar Abraão e a sua “semente”. Abraão foi justificado pela fé, crendo nas promessas de Deus para ser o seu Deus e fazê-lo o pai de muitas nações (Gênesis 12-17; Romanos 4). Ele e sua “semente” herdariam Canaã, em posseção perpétua. E, o mais importante de tudo, o Senhor prometeu ser o Deus de Abraão e de sua “semente”. Então, Deus concedeu o sinal desta aliança, a circuncisão, a Abraão e à sua “semente” para sempre. Este sinal também deveria ser administrado a todos os homens na família, nascidos e comprados. Desde que Abraão é chamado de “pai de todos nós” (Romanos 4:16), e uma vez que os Cristãos são chamados de “descendência de Abraão” (Gálatas 3:29) e “herdeiros segundo a promessa”, parece “bom e necessário” inferir que o sinal do Batismo, do Novo Testamento, deve ser aplicado aos filhos de Abraão “semente” da fé como a circuncisão foi aplicada aos filhos de Abraão “semente” da carne (Colossenses 2:11-12). Esta é uma pérola que compele ao batismo infantil.

Os Participantes Da Aliança

Várias questões, no entanto, devem ser colocadas a esta conclusão. Em primeiro lugar, se os Cristãos judeus ou gentios são a “semente” de Abraão, devemos tanto reivindicar Canaã física como o nosso legítimo território e também a posseção “eterna”? Em segundo lugar, se a circuncisão é um sinal “para sempre” da aliança Abraâmica, então por que a “semente” Neotestamentária de Abraão não continua a circuncisão como um ato religioso? E, em terceiro lugar, os Cristãos devem batizar não somente os filhos, mas também todos os homens comprados ou nascidos em suas casas?

Tem sido frequente a objeção de que não é legítimo identificar tanto filhos e terra física na mesma categoria em relação às promessas pactuais a Abraão. Concordo plenamente. No entanto, o que acontece com os 318 funcionários do sexo masculino da família de Abraão que foram circuncidados, em virtude de que eles estavam na casa de Abraão? Como é este

aspecto sobre *pessoas* na família da Aliança, não sobre *terras*, na aplicação Neotestamentária do Pacto de Abraão?

Havia uma questão teológica a respeito do batismo dos escravos no período pré-Guerra Civil do Sul entre os Presbiterianos. Meredith Kline tenta lidar com esta questão da aplicação da autoridade pactual doméstica na administração da Nova Aliança sobre a aliança Abraâmica, em seu livro, *Por Juramento Consignado* (pp. 94-102). No entanto, Kline não é claro sobre se o batismo de escravos é ou não uma aplicação legítima na administração da Nova Aliança. Ele se esquia de dizer que esta prática é legítima por causa do silêncio do Novo Testamento e a dificuldade de disciplina eclesiástica (p. 98). Por outro lado, no mesmo parágrafo, ele parece permitir a plausibilidade do batismo de servo em determinadas situações de missão pela conveniência cultural temporária. A decisão parece ser deixada para a chefe individual da aliança em sua aplicação dos princípios da cultura, da família e da igreja com a sua situação particular. A questão sobre qual é a maneira bíblica de lidar com os próprios escravos nesse sentido realmente não é atendida. O participante da teologia pactual e da Nova Aliança é tão vagamente definido?

Junto com a maioria dos teólogos pactuais, concluo que estes elementos de terra e servo da aliança Abraâmica atualmente não se aplicam ao Novo Testamento Cristão e à igreja, uma vez que o reino de Cristo “não é deste mundo” nem é uma nação teocrática, ainda assim continua sendo o “Israel de Deus” (Gálatas 6:16). A maioria de nós acredita que os Cristãos possuirão Canaã nos Novos Céus e Nova Terra, mas não na atual administração das coisas. Nem qualquer um acredita seriamente no batismo de servo.

Deve-se entender que só porque houve uma mistura de elementos físicos e espirituais no Pacto de Abraão, não segue implicitamente que os mesmos elementos se aplicam à Nova Aliança. Todos nós sabemos que alguém tornava-se membro da aliança com Abraão pela circuncisão física, mas Deus também convocou a semente de Abraão a circuncidar espiritualmente os seus corações também (Deuteronômio 10:16). Que a Nova Aliança enfatiza a circuncisão espiritual não implica automaticamente que deve haver membros físicos na Nova Aliança, sem um tal coração. Como o pastor Walter Chantry da Grace Baptist Church, Carlisle, Pensilvânia, bem disse: “Na Antiga Aliança, tudo o que era espiritual era identificado com uma nação exterior. Na Nova Aliança, tudo o que é exterior é identificado com uma nação espiritual”.

Portanto, aqueles que aplicam a inclusão Abraâmica de filhos físicos à Nova Aliança como base para o batismo de infantes dos filhos de Cristãos, devem também lidar honestamente com as implicações “para sempre” de Canaã, circuncisão e membresia adulta doméstica na Nova Aliança. Há muita inconsistência aqui para fazer um argumento válido.

Portanto, a questão principal para mim é: como a Escritura aplica as promessas do Antigo Testamento que são dadas a Abraão e à sua “semente” ao cumprimento da Nova Aliança ao Cristão e à igreja? Continuando, para o momento, assumo que o Batismo é a contrapartida Neotestamentária da circuncisão, vamos definir a partir da Escritura a essência da Nova Aliança e quem é exatamente a “semente” de Abraão, os que devem receber o sinal e as bênçãos da Nova Aliança.

A Nova Aliança Descrita

Uma das principais passagens que deve ser considerada na definição do significado da Nova Aliança é Jeremias 31. Nos versículos de 27 a 30, Deus declara que, após o cativeiro profetizado, cada homem arcará com a responsabilidade por sua própria condição espiritual diante de Deus de uma maneira nova. Dando continuidade a essa mudança de ênfase para a responsabilidade individual nos vv. 31-34, Deus define uma nova base para a participação na aliança e bênção no Novo Pacto, que é diferente da base para a adesão e bênção na Antiga Aliança. Ao contrastar a Antiga e Nova Aliança, a definição de Deus sobre a diferença é a de renovação do coração em cada um dos membros da Nova Aliança.

Inicialmente, para se tornar um participante da aliança Abraâmica e sua continuação no Sinai, alguém simplesmente teria que nascer na descendência física de Abraão. A membresia física nesta aliança foi representada pela circuncisão, mas alguém era cortado da salvação da aliança se ele não circuncidasse seu coração também (Deuteronômio 10:16). No entanto, é importante notar que muitos cujos corações nunca foram circuncidados continuaram a participar do Israel visível. No entanto, eles não foram visivelmente cortados do povo da Aliança de Deus. Assim, a doutrina do remanescente fiel do Israel físico surgiu nos profetas (Jeremias 23:1-6; 31:7). Este remanescente viria à fruição e cumprimento durante o reinado de “um Renovo de justiça” da linhagem de Davi. É esse remanescente fiel que é erguido nos dias da Nova Aliança (Jeremias 31:7, 32-34).

A participação na Nova Aliança, que “não é semelhante” à Antiga Aliança, é definida como o experimentar da realidade da Religião do coração em cada membro (Jeremias 31:33-34). A Nova Aliança não apenas introduz novas bênçãos. Em vez disso, todos os membros da Nova Aliança, em verdade, têm a Lei escrita em seus corações (“Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração”), recebem o perdão dos pecados (“porque lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados”) e conhecem o Senhor (“porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor”).

Esta definição não diz nada sobre a participação nas bênçãos da Nova Aliança por descendência física somente. Em vez disso, os participantes que Jeremias descreve são o verda-

deiro “Israel” (Gálatas 6:16). Eles são os “filhos da promessa”, um remanescente fiel de acordo com a “eleição da graça” de Deus (Romanos 9:6-8), em que cada verdadeiro membro conhece o Senhor. Esta Nova Aliança, na qual Deus escreve a Sua Lei no coração de cada um na Aliança também é definida em Ezequiel 36:24-28 como o tempo em que Deus coloca o Seu Espírito no interior e dá um novo coração que terá o cuidado de observar os Seus preceitos. Esta promessa do Espírito também é falada para toda a casa de Israel, indicando que este novo coração ficará evidente na nação como um todo. De fato, Gálatas 3:14, 29 define o cumprimento da promessa feita a Abraão, na Nova Aliança, como o dom do Espírito para toda a sua “semente”, ou seja, os judeus e gentios crentes (Romanos 4, veja também a exposição sobre a promessa em Atos 2:39 abaixo).

O teólogo pedobatista, Herman Ridderbos, acredita que o ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus e de Seus membros nascidos de novo é “determinado pela ideia de Aliança”. A referência de Jesus à Nova Aliança sobre Jeremias 31 na Última Ceia afirma este entendimento. Assim, a ideia do povo de Deus toma um significado mais restrito na Nova Aliança:

O povo de Deus são aqueles por quem Cristo derrama o Seu sangue da Aliança. Eles compartilham da remissão dos pecados trazida por Ele e da comunhão inquebrantável com Deus na Nova Aliança, que Ele tornou possível... À luz de todo o Evangelho, eles são as pessoas que aceitaram a pregação do Evangelho em fé e conversão. São eles, e *ninguém mais* (grifo meu), os que recebem a salvação do reino. Eles são “Israel”, “povo de Deus”, e é a eles que todas as promessas do pacto aplicam-se (Ridderbos, “*The Coming of the Kingdom*” [A Vinda do Reino], p. 202).

Portanto, com base em Jeremias 31:31-34 e sua descrição sobre a regeneração dos participantes da Nova Aliança, e à luz da definição dos requisitos de entrada para o reino de Cristo (João 3:5-6) e igreja (Mateus 16:16-18), eu não posso dizer que os filhos de crentes estão “dentro” da Nova Aliança, igreja ou reino ou “povo de Deus” até que eles mostrem, por confissão exterior, evidência de regeneração.

Tem sido objetado que, talvez, Jeremias 31:34 seja uma referência escatológica por causa da declarada falta de necessidade de que alguém ensine o seu próximo e irmão. Portanto, o argumento conclui que isso descreve a Igreja triunfante. Não precisamos ensinar uns aos outros na Nova Aliança? Claro! Mas no discurso a Israel, Deus está se referindo ao próximo e irmãos na Israel da Nova Aliança! Não há necessidade de evangelizar os participantes na Nova Aliança, porque todos conhecem o Senhor! É claro que ensinamos uns aos outros a observar tudo o que Cristo nos ordenou (Mateus 28:18-20). Mas não há necessidade de ensinar os da Nova Aliança a “conhecer o Senhor”, porque eles já O conhecem, tendo sido

ensinados pelo próprio Deus (João 6:44-45; 1 João 2:27; 1 Tessalonicenses 4:9). Por esta razão, o “menor até o maior”, daqueles na Nova Aliança, é maior do que João Batista, que foi regenerado no ventre (Mateus 11:11). Portanto, eu não estou disposto a admitir que o filho de um crente esteja automaticamente na Nova Aliança e seja, assim, maior do que João, o Batista, até que ele ou ela mostre evidências de regeneração por uma profissão de fé em Cristo. Mesmo que o nosso Deus soberano regenerasse os filhos de crentes no útero, eles não deveriam ser considerados “na” Nova Aliança até que eles mostrassem a evidência de regeneração por meio do arrependimento e da fé. Isto é a ordem e exemplo padrão do Novo Testamento, e precede o Batismo Neotestamentário.

O Sacrifício Da Nova Aliança

Dizer que todos os filhos físicos dos crentes estão “na” Nova Aliança, como os filhos de Abraão estavam “nos” Pactos Abraâmico e do Sinai viola a doutrina da redenção particular. Hebreus 9 nos lembra que a Aliança de Deus requer a mediação através do sangue. O Cordeiro Pascal trouxe libertação física para todo o Israel, porque todos comeram. A expiação anual (Levítico 16) era oferecida em nome de toda a assembleia, de todo o Israel. É claro que esses sacrifícios não poderiam purificar a consciência, mas seu propósito era para o povo da Aliança de Deus no Velho Testamento. Se o sacrifício de Cristo é oferecido apenas por Seu povo eleito como “o novo testamento no Meu sangue” (Lucas 22:20; Marcos 14:24), como podem os filhos não-regenerados dos crentes serem ditos estar “na” Nova Aliança, igreja, e reino, sem um mediador eficaz? Eles não podem. Na verdade, Hebreus 9:15 define Cristo como um Mediador eficaz da Nova Aliança para assegurar que “aqueles que são chamados recebam a promessa da herança eterna”. Alguém pode ser dito estar “na” Nova Aliança ou igreja sem um Mediador? Não sobre o fundamento do conceito de igreja no Novo Testamento. Embora todos concordem que os falsos professores foram referidos como membros da igreja pela qual o eficaz sangue de Cristo foi derramado, ainda assim, eles foram assim referidos com base em sua profissão, não com base na fé de seus pais. Mesmo assim, eles deveriam ser expulsos da igreja, se a sua profissão fosse provada ser falsa pelas suas vidas. Entretanto, houve alguma evidência exterior para designá-los como estando “na” igreja. Mas não há nenhuma base clara para dizer que filhos de crentes estão “na” igreja, a menos que também eles estejam dispostos a dizer que eles estão “na” “igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue” (Atos 20:28). Não, se uma criança é dita estar “na” administração do Novo Pacto de uma Aliança de graça e “na” igreja, sem a mediação eficaz, grave violência é feita à verdade bíblica de que “Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela” [Efésios 5:25]. Pode ser dito de uma criança não-regenerada que ela está “na” igreja através da mediação eficaz de Cristo e nunca receber a salvação? Absolutamente não. Portanto, violência é feita à doutrina da redenção particular.

A Aliança da graça requer o sangue de um Mediador eficaz. Cristo é a Circuncisão e o Isa-que da aliança Abraâmica. Cristo é o Cordeiro Pascal e a expiação anual para a sua continuidade através do Sinai. E Cristo é o único Mediador do cumprimento da Nova Aliança como o sacrifício eficaz para todos aqueles considerados como estando “na” Nova Aliança, a igreja redimida de Cristo. Estas pessoas redimidas e apenas estas são os participantes da Nova Aliança.

A Semente De Abraão

Isso nos leva à próxima pergunta: exatamente quem são a “semente” da Aliança Abraâmica que devem receber a contrapartida Neotestamentária da circuncisão? Em Romanos 4, onde Abraão é chamado de “o pai de todos nós”, vemos que Deus cumpriu a Sua promessa a ele para se tornar o pai de muitas nações, definindo sua “semente”, como aqueles que são “da fé de Abraão” (v. 16). Sejam eles incircuncisos ou circuncidados, sua “semente” são aqueles que possuem “a justiça da fé quando estava na incircuncisão” (vv. 11-12). Não há menção aos descendentes físicos de crentes como incluídos no cumprimento Neotestamentário da aliança com Abraão; antes, é somente aqueles que realmente têm obtido “a justiça da fé” ao receber Jesus Cristo (cf. João 1:12-13).

Em Gálatas 3, Paulo indica claramente que a descendência física e circuncisão não têm nenhuma relação necessária para o cumprimento do Pacto de Abraão na Nova Aliança. As promessas da aliança com Abraão foram feitas a Abraão e à sua única “semente”, a saber, Cristo (3:16). Portanto, o cumprimento Neotestamentário da promessa de fazer Abraão o pai de muitas nações é através de Cristo, a sua “semente” e foi cumprida e todos os que têm fé nEle. A definição real de “semente” de Abraão é: “aqueles que são da fé” (vv. 7, 9). Se você pertence a Cristo, então você é “semente”, “herdeiros de Abraão, segundo a promessa” (v. 29). A única definição de “semente” de Abraão na Nova Aliança é Cristo e sua “semente” que têm experimentado a realidade da fé salvadora, ou seja, a promessa Abraâmica do Espírito (vv. 14, 29).

Quem é a “semente” de Cristo, a quem pertencem as promessas da Aliança com Abraão? São aqueles que pertencem a Cristo (Gálatas 3:29) e estes somente são revelados por sua fé. Os únicos que têm uma reivindicação à herança de Deus são os filhos de Deus pela regeneração do Espírito (Romanos 8:9, 14-17; João 1:12-14). Portanto, ninguém é considerado um herdeiro das promessas Abraâmicas até que pela fé ele dê evidência de ser uma “semente” de Abraão por meio de Cristo, que é o cumprimento literal da semente de Abraão. E nós “pertencemos a Cristo” somente através da fé que evidencia a regeneração (Gálatas 3:22, 29).

Além disso, se continuarmos a assumir que o Batismo é a contrapartida da circuncisão, somos confrontados com o problema do versículo 27, onde todos (sem distinção entre crianças e adultos) que fomos batizados em Cristo somos revestidos de Cristo. É somente o preconceito que impede de definir isso em termos de Batismo em água (veja Marston, *“Are You a Biblical Baptist?”* [Você é um Batista Bíblico?] pp. 21-22). Paulo está aludindo à sua experiência de união com Cristo, simbolizada por sua experiência confirmatória do Batismo em águas. Ninguém diria que todos os participantes da circuncisão da Antiga Aliança experimentaram a realidade da fé salvadora. Nem alguém afirmaria que todos os que recebem o Batismo de discípulos têm a fé salvadora. No entanto, o cumprimento Neotestamentário da promessa de Abraão é a uma “semente”, que consiste de todos os que são “da fé”, os quais recebem a promessa Abraâmica do Espírito, e que confessam a sua fé através do Batismo como o sinal exterior.

A Aliança com Abraão foi introduzida pela circuncisão; a Nova Aliança é introduzida pela fé em Cristo. Na Nova Aliança, somente a “semente” Abraâmica da fé deve receber o sinal Neotestamentário do Batismo.

Agora, você pode estar pensando: Será que isso realmente diz algo que verdadeiramente proíbe a administração do sinal pactual do Batismo aos filhos da “semente” Neotestamentária de Abraão? Antes de responder a essa pergunta, primeiramente examinemos as Escrituras para determinar o significado da circuncisão em relação à Nova Aliança.

2

A Segunda Pérola

A Relação entre Circuncisão e Batismo

A circuncisão é a segunda pérola no cordão da “boa e necessária inferência”. Qual é exatamente a contrapartida da circuncisão na Nova Aliança? É o Batismo em água? O que exatamente diz a Escritura sobre as implicações da circuncisão na Nova Aliança?

A Circuncisão Física E A Circuncisão Do Coração

Em Romanos 2:28-29, encontramos que a circuncisão sempre intencionou representar a obra interior do Espírito no coração. De acordo com os princípios de interpretação tipológica, a circuncisão física é o tipo e a regeneração é o antítipo ou cumprimento. Esta foi a definição de um verdadeiro judeu, seja de ascendência judaica ou gentílica. O sinal exterior da circuncisão deveria simbolizar o que Deus desejava interiormente no coração. Porém, mais do que isso, a realidade do símbolo também tinha que estar presente para que uma pessoa fosse um verdadeiro judeu ou para receber todas as bênçãos da Aliança de Deus.

Esta mesma verdade é ensinada em Romanos 9:6-8, onde Paulo diz que “nem todos os que são de Israel são israelitas”. Esta é mais uma referência à ideia do remanescente fiel que começou na nação física dos descendentes de Abraão e chegou a ser concretizado nos membros da Nova Aliança ou igreja. Isto é explicado em Romanos 4:12, onde a “semente” prometida de Abraão não consiste daqueles que são da descendência física apenas, mas daqueles que são da fé de seu pai Abraão. Estes, e estes somente são o cumprimento da “semente” (Romanos 4:23). Aqueles que são da fé, judeus e gentios, são a “semente” de Abraão. Em todas estas Escrituras, os verdadeiros judeus, ou “semente” de Abraão em cumprimento da promessa de Deus a ele, são aqueles que têm a circuncisão do coração pelo Espírito, a qual é exibida pela fé em Cristo.

A Circuncisão Do Coração E O Batismo

Qual é então a contrapartida da circuncisão na Nova Aliança? O texto mais citado para vincular a circuncisão e o Batismo em água é Colossenses 2:9-12:

Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade; ¹⁰ e estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo o principado e potestade; ¹¹ no qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo dos pecados da carne, pela circuncisão de Cristo; ¹² sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos.

Este texto, no entanto, tem sido mal interpretado por muitos pedobatistas pactuais.

Paulo ensina que todos os Cristãos têm recebido a circuncisão, a circuncisão de Cristo. O que é “a circuncisão de Cristo”? Isso pode ser interpretado como a morte de Cristo objetivamente ou a circuncisão do coração do crente por Cristo. De qualquer forma, Paulo está falando da maneira pela qual o crente tem sido “também circuncidado” através da morte e ressurreição de Cristo. Por causa da morte de Cristo, recebemos uma circuncisão melhor do que a dos judaizantes, “...no despojo do corpo dos pecados da carne [...] Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes *pela fé* [ênfases adicionadas] no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos” (Colossenses 2:11-12).

Aqui está um vínculo definitivo entre circuncisão e Batismo. Os Cristãos têm sido circuncidados “também” por serem sepultados com Cristo no Batismo. Mas Paulo está se referindo apenas à água real do Batismo como o cumprimento direto da circuncisão? Citando Paulo: “De modo nenhum!”. Esta circuncisão realizada é “feita sem mãos”. Não há mão humana envolvida na sua administração, seja por faca ou pela água. Sua definição completa do cumprimento Cristão da circuncisão é “no despojo do corpo dos pecados da carne... Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes *pela fé* [ênfases adicionadas] no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos” (Colossenses 2:11-12).

Para resumir, a circuncisão do Cristão é aquela união com a morte e ressurreição de Cristo, simbolizado pelo Batismo, o que é evidenciado pela fé exterior! Os versículos 13 e 14 também apoiam este ponto de vista, definindo os que receberam a “circuncisão”, como aqueles que realmente experimentaram o novo nascimento e a remissão dos pecados. Esta nova vida de fé é a circuncisão do coração na Nova Aliança, “a circuncisão de Cristo”, que cumpre o tipo da circuncisão na Antiga Aliança. Somente essas pessoas estavam “sepultadas com Cristo no batismo”, de acordo com esta passagem, porque seu coração havia sido circuncidado; e isso era exibido por sua fé. Seu Batismo em água simbolizava o precedente batismo espiritual.

Alguns pedobatistas consideram a união com Cristo no Batismo em Romanos 6:3-4 como referência secundária ao Batismo em águas, considerando-o principalmente uma referência à regeneração. No entanto, contraditoriamente, eles usam o mesmo conceito de união com Cristo no Batismo em Colossenses 2:11-12 como referência principal para a relação

do Batismo em águas para a circuncisão, em vez de sua clara intenção de relacionar a circuncisão à regeneração. Minha conclusão é que Paulo definiu a circuncisão dos Cristãos em Colossenses 2:9-12 principalmente como a união com Cristo pela fé, secundariamente simbolizado no seu Batismo em água, como em Romanos 6:3-4.

Se a circuncisão é o sinal e selo da aliança Abraâmica, qual, então, é a sua contrapartida na Nova Aliança? Eu acredito que as Escrituras a definem como a circuncisão do coração pelo Espírito exibida em fé. É por isso que Paulo proibiu a circuncisão física. Eles haviam recebido a sua realidade no novo coração (Gálatas 3:3). Paulo diz aos Gálatas que eles não precisam da circuncisão para entrar na relação de aliança com Deus, porque já entraram naquela relação de aliança pela circuncisão de Cristo, um novo coração, pela união com a Sua morte e ressurreição. Portanto, como a circuncisão (a sombra ou tipo) era o sinal de entrada no Pacto de Abraão e o selo da fé salvadora de Abraão, assim a regeneração (a substância ou antítipo) é o sinal de entrada na Nova Aliança e o selo da fé do crente (Efésios 1:13-14; João 3:5-6).

O Batismo então, é o cumprimento *indireto* da circuncisão física somente através de sua associação com o cumprimento *direto*, a circuncisão espiritual. É por isso que vemos somente Batismo de confessores no registro do novo Testamento. Era fácil saber quem entrava no Pacto de Abraão; eles eram nascidos na casa e eram circuncidados exteriormente. Mas como se pode saber se alguém entrou na Nova Aliança e passou pela circuncisão espiritual? Somente pelo seu arrependimento e fé, simbolizados pelo sinal exterior da circuncisão e purificação realizadas, o Batismo em águas. Atos 2:37-42 é a prova exegética clara que os únicos batizados foram aqueles que receberam a palavra de Pedro em arrependimento e fé em Cristo (Atos 2:38, 39, 41). Eles demonstraram exteriormente a circuncisão interior, e, em seguida, eram batizados. É assim que Cristo ordenou construir a Sua Igreja (Mateus 16:16-18; 28:19).

O Batismo em água, então, é o sinal exterior da circuncisão interior do coração, em vez de ser a contrapartida exterior da circuncisão exterior, na carne. Assim como a “semente” de Abraão na Antiga Aliança entrava inicialmente na aliança pela circuncisão física e o confirmava pela circuncisão espiritual, a sua “semente” na Aliança Nova inicialmente entra no pacto pela circuncisão espiritual e a confirma através do Batismo. Aos descendentes físicos da “semente” de Abraão na Nova Aliança não deve ser permitido o sinal do Batismo até que eles demonstrem pela fé que eles também se tornaram a “semente” espiritual de Abraão. O livro de David Kingdon, “*Children of Abraham*” (Filhos de Abraão), é um estudo mais aprofundado desse conceito. A regeneração pelo Espírito, e não o batismo da “semente” infantil de crentes é o cumprimento da promessa de dar uma multidão de nações a Abraão como seus descendentes. A fé vem primeiro como a evidência de regeneração, em seguida, vem o Batismo, e não o contrário.

3

A Terceira Pérola

Textos Específicos de Prova

Tendo concluído, até agora, que a “semente” de Abraão na Nova Aliança consiste somente daqueles “da fé” e do Espírito, e que a circuncisão da Nova Aliança não é a de Abraão, mas a circuncisão de Cristo na regeneração, evidenciada pela fé e externamente simbolizada pelo Batismo, permita-me agora lidar com a pérola de específicos textos de prova que têm sido utilizados para apoiar o batismo de filhos da Aliança.

Atos 2:39

“Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar”. Este é um texto fundamental para o batismo infantil. Pedobatistas como Berkhof, Murray e Marston às vezes cortam o texto em “A promessa é para vós e para os vossos filhos...”, exclamando que esses judeus assumiram imediatamente que o sinal pactual do batismo era para seus filhos. No entanto, o texto também inclui “todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar”. Duas coisas devem ser definidas neste texto: (1) qual é a “promessa”, e (2) quem deve recebê-la?

Primeiro, a palavra *epaggelia* (promessa) no v. 39 é usada no contexto para identificar a promessa do Espírito Santo, através da mediação de Cristo, evidenciada exteriormente através do arrependimento e fé (v. 38; veja também Lucas 24:49; Atos 1:4 e 2:33). Se alguém aponta que estes eram judeus que pensariam de imediato sobre a promessa feita a Abraão e sua “semente”, ele estaria certo. Pois nós encontramos que a “promessa” a Abraão incluía o derramamento do Espírito em sua “semente”, judeus e gentios (Gálatas 3:14), dado apenas para aqueles que creem (Gálatas 3:22).

Indo mais longe, somos herdeiros de acordo com a “promessa” e descendência de Abraão se e somente se nós pertencemos a Cristo (Gálatas 3:14, 29). Romanos 4:16 afirma que a “promessa” a Abraão é assegurada a todos e cada um da “semente” de Abraão, judeus e gentios, pela fé, para que seja segundo a graça e não segundo a carne. Romanos 9:6-8

declara que é somente os filhos da “promessa” (ou seja, regenerados pelo Espírito Santo), que são considerados como “semente” de Abraão e o verdadeiro Israel. E isto está no contexto da eleição soberana, que determina quem recebe a “promessa”, até mesmo dentro da família da aliança de Isaque.

Para resumir: a “promessa” feita a Abraão que ele se tornaria “o pai de muitas nações” se cumpre na Nova Aliança pelo seguro derramamento do Espírito prometido sobre a sua “semente” que vem a Deus através do arrependimento e fé na mediação perfeita de Jesus Cristo. Somente aqueles que recebem a “promessa” do Espírito através do arrependimento e fé em Cristo são verdadeiramente a “semente” de Abraão e “herdeiros”. Somente estes têm o direito ao sinal da Nova Aliança, que é o Batismo.

Mais uma vez, a quem é oferecida a promessa do Espírito, por meio do arrependimento e da fé em Cristo em Atos 2:38? A todos aqueles mencionados no versículo 39, “a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar”. Mas essa é uma garantia indiscriminada que cada um daqueles mencionados certamente receberá a promessa? Não. Apenas “a quantos Deus nosso Senhor chamar”. Aqui está a condição para receber a promessa: o chamado eficaz de Deus.

A verdadeira questão é, a quem *hosous an* (a quantos) se refere? Será que *hosous an* (a quantos) refere-se apenas “os que estão longe” (geralmente entendidos como uma referência aos gentios), ou refere-se a toda a frase, incluindo “a vós, a vossos filhos”? De acordo com o léxico grego por Arndt e Gingrich, *hosous an* introduz uma cláusula relativa condicional que denota a ação do verbo como dependente de alguma circunstância ou condição. Ou seja, nomeadamente, a vontade soberana de Deus no chamado eficaz expressa no subjuntivo de *proskaleo* (pode chamar). *Hosous* é o plural masculino acusativo para o verbo *proskaleo*. E desde *teknois*, *humin* e *pasin* (filhos, vós e todos) são coletivamente oferecidos a promessa pela utilização da conjunção *kai* (e), nós podemos referir a esses três plurais dativos como o objeto indireto composto. Além disso, como *teknois* e *pasin* são masculinos, *hosous an* (a quantos) pode legitimamente modificar ambos. Portanto, a todas as três classes são oferecidas a promessa do Espírito através do arrependimento e fé. No entanto, em *hosous an*, a condição do recebimento por todos os três devem depender do soberano chamado eficaz de Deus. Não há maior promessa para os filhos daqueles a quem se dirigia do que aos pais judeus e gentios presentes. Nem todos aqueles endereçados receberam a promessa e foram batizados, mas apenas aqueles que “receberam” a palavra de Pedro em arrependimento e fé, pelo chamado eficaz de Deus, incluindo os filhos (2:41).

Uma objeção à minha linha de raciocínio é que não haveria necessidade de mencionar “e a vossos filhos”, se eles devessem receber a mesma promessa como seus pais teriam sido

incluídos no “vós”, que se dirige à multidão. Portanto, o argumento segue, a menção de “e a vossos filhos” é uma prova da continuação do conceito de família da Aliança e da aplicação do sinal do pacto sobre os filhos da mesma. No entanto, a simples menção de filhos como uma categoria separada indica que o apóstolo queria enfatizar que não houvesse malentendido, de forma que eles não recebessem o Batismo, a menos que eles se arrependessem e cressem como o versículo 38 exige claramente. A segunda resposta a essa objeção é que todos aqueles que eram batizados participavam da Ceia do Senhor imediatamente depois (v. 42). Se os filhinhos fossem batizados com seus pais, eles também participariam do partir do pão? A objeção não se sustenta.

Outra objeção comum define que Atos 2:39 deve primeiro ser lido através dos olhos da aliança Abraâmica. Entretanto, é minha convicção de que a revelação mais completa da Nova Aliança deve definir como a aliança Abraâmica é cumprida, ao invés de deixar a aliança Abraâmica interpretar a revelação do cumprimento da Nova Aliança. É um princípio de interpretação que está em questão aqui. Nós ensinamos este princípio às nossas crianças, descrevendo a relação entre os Testamentos, com um pouco de rima:

O Novo está no Antigo velado.

O Antigo está no Novo revelado.

Atos 2:38-39 e 41 apoiam o princípio de que a revelação da Nova Aliança deve definir os participantes de seu cumprimento na Nova Aliança do Pacto de Abraão e não vice-versa. Apenas aquelas crianças no meio da multidão que receberam a palavra de Pedro foram batizadas. Não há outra possibilidade exegética no texto e contexto.

Independentemente da sua idade, apenas aqueles que receberam a palavra de Pedro e reivindicaram a promessa de Deus foram batizados. Não há nenhuma menção nesta passagem de bebês sendo batizados juntamente com seus pais. Na verdade, essa passagem depende explicitamente da recepção da promessa do Espírito sobre o soberano chamado eficaz de Deus, que é evidenciado pelo arrependimento e fé. Estes e somente estes foram batizados em comunhão da igreja.

Atos 2:39 define o cumprimento da “promessa” apenas naqueles que são eficazmente chamados por Deus, aqueles que recebem a Palavra em arrependimento e fé. Somente estes devem ser batizados.

Os Textos De “Batismos De Casas”

A questão do Batismo de casas tem sido muito utilizada para apoiar o pedobatismo. Estes

são os Batismos das casas de Cornélio, de Lídia, do carcereiro de Filipos, Estéfanos e Crispo.

A Casa De Cornélio (Atos 10:22; 11:12, 14)

O relato de Pedro pregando o Evangelho à casa de Cornélio não apoia o batismo infantil. Pedro pregou o Evangelho a toda a casa, e “toda” a casa foi salva. Como sabemos disso? Atos 10:44 e 11:15 o testificam. O Espírito Santo desceu sobre “todos” eles e levou-os ao arrependimento e fé (11:17-18). Na verdade, Pedro explicitamente declarou em 10:47 que ele batizou somente aqueles que “também receberam como nós o Espírito Santo”. Esta extensão do Pentecostes para os gentios claramente definiu quem foi batizado. Não há nenhuma menção de infantes no domicílio, mas somente aqueles que “ouviam a palavra” (10:44). Bebês podem ser regenerados por Deus (por exemplo, João Batista), e alguns podem ter estado presentes. Mas eles não são capazes de ouvir o Evangelho e de “falar em línguas e magnificar a Deus” (Atos 10:46). Apenas as pessoas que fizeram isso receberam o Batismo como um sinal da “promessa” Abraâmica do Espírito (Gálatas 3:14). Concluo que o episódio na casa de Cornélio não apenas não apoia o batismo infantil, mas também é um forte indicador para o Batismo de discípulos/confessores.

A Casa De Lídia (Atos 16:15)

O caso de Lídia é inconclusivo. Onde estava o marido de Lídia? Ela pode não ter se casado de modo algum. Apenas mulheres são mencionados na margem do rio. E parece que ela e sua família foram batizados no rio antes que ela levasse Paulo de volta para sua casa. Isso abre a possibilidade de que haviam apenas mulheres em sua casa (cada membro que esteve, provavelmente, na margem do rio com ela), e que ela era uma comerciante solteira ou viúva. Mesmo que isso não seja inteiramente exato, não há nenhuma menção de bebês ou crianças mais velhas em sua casa. Mesmo muitos pedobatistas tomam esta instância de Batismo de casas como inconclusiva para a posição deles.

A Casa Do Carcereiro De Filipos (Atos 16:30-34)

O relato do carcereiro de Filipos é provavelmente a melhor possibilidade para a inclusão de infantes no Batismo de casas. Toda a sua casa foi batizada, mas é errado aplicar a promessa do versículo 31 ao “batismo da Aliança” à família baseada na fé do carcereiro. Isto é claramente demonstrado nos versículos seguintes, onde está registrado que Paulo e Silas pregaram o Evangelho “a todos os que estavam em sua casa” (v. 32) e que “toda a sua casa” (v. 34) acreditou em Deus com ele.

Há um problema de tradução com este texto que precisa ser examinado. J. A. Alexander (Atos) concorda que o v. 31 é simplesmente uma promessa de salvação pela fé para o carcereiro e sua família sobre a crença por ambos. O versículo 34 é mais complicado. As traduções NVPA, NVI, VKJ, Williams, e Beck indicam que a fé que foi compartilhada por toda a sua família foi a base para a alegria deles “tendo crido em Deus... com toda a sua casa”. No entanto, o particípio é masculino, singular e parece descrever a fé do carcereiro: “ele se alegrou muito com toda a sua casa, tendo crido [isto é, o carcereiro] em Deus”. A ênfase parece ser que a família se alegrou com ele porque ele havia crido (RSV, NEB).

Mesmo que a última interpretação seja correta, ainda temos o problema da alegria dos infantes. É verdade que as crianças podem detectar e participar da alegria em uma casa. Mas infantes podem se alegrar porque eles percebem que o pai creu em Deus? Esta pode muito bem ser a base para a alegria de toda a família. No entanto, por causa do contexto de pregação da Palavra a todos na casa e porque todos foram consequentemente batizados, eu creio que a alegria deles era a mesma do regozijo do carcereiro, a evidência de uma fé recém-encontrada e redenção expressa na alegria da regeneração pelo Espírito Santo. Porque todos eles ouviram o Evangelho, foram batizados, e se alegraram, é uma conclusão legítima de que todos eles creram. Ele e “toda a sua casa” foram batizados porque todos creram. Infantes podem ouvir a Palavra e responder em fé? Não. Se crianças estavam presentes, sobre o que não há nenhuma prova, o contexto nega que elas foram batizadas. De fato, o contexto sugere que nenhum infante estava presente. Este caso de Batismo de casa realmente dá apoio ao Batismo de confessores.

A Casa De Crispo (Atos 18:8)

Um caso relatado que apoia a mesma conclusão, refiro-me à família de Crispo. Aqui há um relato definitivo a respeito do Batismo, no qual toda a família, juntamente com Crispo, creu no Senhor. Também deve ser notado que, no mesmo versículo, os outros Coríntios que foram batizados, primeiramente creram. Parece evidente que toda a família creu em primeiro lugar e, depois, foram batizados. Este caso também apoia positivamente o Batismo de confessores dentro das famílias.

A Casa De Estéfanos (1 Coríntios 1:16)

O último Batismo de casas mencionado no Novo Testamento é o de Estéfanos, por Paulo. A ênfase deste texto é que os crentes batizados estavam em divisão e controvérsia sobre quem os batizara. Parece que eles eram capazes de saber quem os batizou, excluindo assim as crianças. Além disso, 1 Coríntios 16:15 descreve a “família de Estéfanos” como tendo se dedicado ao ministério aos santos. Os bebês não podem conscientemente dedica-

rem-se de tal maneira. No entanto, mesmo se isso não impede as crianças na família de Estéfanos, o máximo que se pode dizer é que não sabemos se as crianças estavam presentes. Na melhor das hipóteses, esse relato não é conclusivo para o batismo infantil.

Em resumo, os relatos das casas de Lídia e Estéfanos não são conclusivos, enquanto que os relatos das casas de Cornélio, Crispo e do carcereiro de fato apontam para a crença consciente e regeneração antes do Batismo. Portanto, concluo que o peso dos Batismos de casas inclina-se para o Batismo de confessores.

4

A Quarta Pérola

A Atitude de Jesus para com as Crianças

Um conjunto de textos de prova tem sido muitas vezes usado para indicar que Jesus ensinou a inclusão de filhos dos crentes na Aliança da Graça. Estas são as passagens que mostram Jesus com as crianças.

Mateus 18:1-10

O primeiro conjunto de passagens consiste de Mateus 18:1-10, Marcos 9:33-37 e Lucas 9:46-48. Em cada uma delas, Jesus pôs uma criança diante de Seus discípulos para ensinar-lhes uma lição. O problema contextual era a arrogância deles ao discutir qual era o maior discípulo. Em Mateus 18:2 vemos que *paidion* (menino) respondeu ao chamado de Jesus no verbo *proskalesamenos* (chamando a Si mesmo). Este é o mesmo verbo de Atos 2:39, que condiciona a recepção da promessa de Deus por meio do arrependimento e da fé pelo chamado eficaz de Deus. Isto significa que o menino não era um bebê, mas que foi capaz de responder ao chamado de Jesus.

Neste contexto, Jesus ensinou três coisas aos Seus discípulos. Primeiro de tudo, eles devem ser convertidos e tornarem-se “como meninos” para entrarem no reino dos céus. O uso da criança como uma ilustração de sua humildade necessária é claramente precedido pela necessidade de conversão para entrada no reino dos céus (18:2-5). Esse uso passivo de *strepho* (converter ou mudar) estabelece um requisito para entrar no reino dos céus que é semelhante ao novo nascimento em João 3. Suas reivindicações vãs de grandeza traíram seus corações orgulhosos.

Jesus definiu o que Ele quis dizer no versículo 3 pelo inferencial *oun* (portanto) do versículo 4. Eles devem ser convertidos e humilharem-se “como meninos” para entrarem e serem grandes no reino dos céus. Esta criança veio a Jesus em Seu chamado sem levar em conta qualquer coisa dentro de si mesmo; ele veio humildemente.

Em segundo lugar, Jesus ensinou aos discípulos que eles devem receber até mesmo crianças que vêm a eles, como recebendo a Ele mesmo. Eles devem honrar o menor entre eles como eles honrariam o próprio Cristo, em vez de pensarem de si mesmos como sendo os maiores (cf. Jeremias 31:33, 34; Mateus 11:11).

Em terceiro lugar, Jesus ensinou aos discípulos que escandalizar um “destes pequeninos que creem em Mim” era uma ofensa contra Deus e acarretaria a Sua ira. Estas passagens não têm nada a ver com os infantes no pacto porque este *paidion* (menino) respondeu ao chamado de Jesus, *proskaleo*, como um crente nEle. Esta humilde submissão da criança a Cristo como Senhor era o que Ele estava tentando ensinar aos Seus discípulos a respeito das atitudes e disposições que caracterizam o Seu reino. Não é nenhuma instância de algum apoio ao batismo infantil.

Mateus 19:13-15

Um segundo conjunto de passagens tem sido objeto de apelo mais frequentemente como um apoio aos privilégios no batismo de infantes na Aliança: Mateus 19:13-15; Marcos 10:13-16 e Lucas 18:15-17. Os discípulos repreendiam as pessoas por trazerem os meninos a Jesus. Em Lucas 18:16 lemos que Jesus chamou os meninos para Si (*proskalesamenos*), “chamando-os para si” (esta é a mesma palavra encontrada em Atos 2:39), assim como Ele fez nas anteriores passagens citadas. Em seguida, Ele ordenou os discípulos a não impedirem as crianças de virem até Ele.

Embora alguns apontaram que Lucas chama os meninos mencionados nesta passagem de *brephe* (infantes), ainda assim o pronome reflexivo *auta* (eles) define aqueles que foram impedidos de chegar a Jesus como os *brephe*, não os pais que os estavam trazendo. O contexto define esses “meninos” como capazes de responder ao chamado de Jesus. Além disso, deve-se salientar que Paulo lembrou a Timóteo que ele conhecia as Escrituras desde *brephous* (um bebê), ou seja, desde a infância. Isso mostra que *brephe* pode ser usado para descrever uma criança que tem idade suficiente para aprender as Escrituras. Essa criança certamente teria idade suficiente para chegar a Jesus quando chamada por Ele.

A cena parece ser que os pais traziam os filhos para serem abençoados, e em seguida, Jesus chamou as crianças para chegarem-se a Ele. Os meninos que vieram a Ele foram tocados e abençoados. Mais uma vez, Jesus ensinou que se deve “receber” o reino de Deus como uma criança o recebe para entrar no reino. Não há promessa aqui para essas crianças, a menos que elas venham a Jesus e recebam o Seu reino também. Na verdade, se alguma passagem da Escritura ensinasse a falácia do pedobatismo deveria ser esta.

Nem Jesus nem os Seus discípulos batizaram estas crianças. Em vez disso, o Senhor as abençoou.

Em resumo, Jesus abençoou os filhos enquanto eles eram apresentados a Ele por seus pais. No entanto, nenhuma promessa de entrada no reino é feita para essas crianças, a menos que elas também venham a Jesus e recebam o Seu reino da mesma forma que adultos devem receber. O máximo que pode ser visto nestas passagens é que os infantes foram abençoados. Sem dúvida, não há nenhum apoio ao batismo infantil.

5

A Quinta Pérola

A Santificação dos Filhos dos crentes

“Mas aos outros digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher descrente, e ela consente em habitar com ele, não a deixe. E se alguma mulher tem marido descrente, e ele consente em habitar com ela, não o deixe. Porque o marido descrente é santificado pela mulher; e a mulher descrente é santificada pelo marido; de outra sorte os vossos filhos seriam imundos; mas agora são santos. Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão; mas Deus chamou-nos para a paz. Porque, de onde sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? ou, de onde sabes, ó marido, se salvarás tua mulher?” (1 Coríntios 7:12-16).

1 Coríntios 7:12-16 é uma passagem frequentemente utilizada para ilustrar a situação especial dos filhos de crentes “na” Igreja e Aliança da graça, e para defender o direito deles ao Batismo, pela linhagem física. No entanto, há pelo menos mais duas explicações credíveis que permitem que as crianças sejam chamadas “santas”, e ainda impedir o direito ao Batismo até que o arrependimento e fé sejam evidenciados.

Em primeiro lugar, o contexto dessa passagem em particular relaciona-se a um Cristão que é casado com incrédulo. Todo o contexto refere-se a Cristãos permanecendo na condição em que estão, quando eles são salvos (7:17-40). Eles deveriam permanecer casados ou o Cristão deveria deixar o incrédulo? Paulo declara que eles devem permanecer casados porque Deus santifica o descrente. Toda a Escritura estabelece claramente que a única maneira pela qual alguém é salvo e, assim, “santificado” em sentido salvífico é pela fé pessoal e salvífica em Cristo. Nesta passagem, no entanto, Paulo está usando o termo “santificado”, no sentido de receber o reconhecimento Divino de um casamento legítimo. Este é o ponto principal!

Um ponto adicional de Paulo é que os filhos não são *akatharta* (impuro), mas *hagia* (santo) à luz da santificação do cônjuge incrédulo por sua relação com o crente. Muitos viram isso como uma referência para a posição especial dos filhos de crentes em relação a Deus. No

entanto, o contexto e uso de *akatharta* (imundo) deve ajudar a definir o sentido de *hagia* (santo) aqui. O pensamento principal diz respeito ao reconhecimento do casamento por Deus. Se o casamento não fosse aceito por Deus, então seria ilegítimo e impuro, e assim seriam os filhos.

O único outro uso de *akatharta* no Novo Testamento, em referência a uma pessoa está em Atos 10:28. Ali Pedro disse a Cornélio, quando este ainda não era um crente em Cristo, que Deus o havia instruído a não considerar nenhum homem como *akatharta*. Embora Cornélio fosse temente a Deus, e pudesse ser chamado de “santo” por causa dos pais (Romanos 11:16), ainda assim ele não era “santo” em virtude de estar “dentro” da Nova Aliança, tendo, assim, o direito ao Batismo. Aqui está um exemplo onde uma pessoa que não foi considerada impura e, possivelmente, “santa” por causa dos pais, contudo, ainda assim não estava “dentro” do Pacto da Graça.

Portanto, tanto o contexto quanto estudo da palavra sugerem que *hagia* (santo) referem-se à legitimidade ou sanção do casamento e dos filhos, em vez de, necessariamente, às promessas da aliança de salvação e santificação. Além disso, qual é a idade dos filhos deste casamento legitimado? Eles são crianças, adolescentes ou adultos? Se isso abre o caminho para o batismo pactual, todos os filhos que ainda vivem em casa devem ser considerados *hagia* (santos) e batizados em relação pactual, mesmo que sejam adolescentes ou adultos? Certamente não, de acordo com o restante das Escrituras sobre o Batismo de confessores. Quaisquer tentativas arbitrárias para definir as idades de responsabilidade, a fim de limitar o batismo de criancinhas nesta casa também encontram problemas. Ismael foi circuncidado aos treze anos, e Israelitas até quarenta anos de idade foram circuncidados por Josué (Josué 5). Nenhuma dessas situações exigiram uma boa confissão antes da circuncisão. Se 1 Coríntios 7:14 prescreve o batismo de filhos “santos” simplesmente por causa de sua descendência física, então até mesmo os filhos adultos devem ser incluídos. Diante dessas dificuldades, é melhor entender esta passagem como falando sobre a legitimidade dos filhos diante de Deus.

Em segundo lugar, existe uma alternativa para a posição de legitimidade que ainda não inclui qualquer dos cônjuges ou criança “na” da Nova Aliança.

A verdadeira questão aqui é como pode um cônjuge incrédulo ser “santificado”, e como pode o filho de um Cristão ser chamado de “santo” sob a administração da Nova Aliança da graça? Se o significado básico de ambas as palavras é “separado” para Deus, então, mais perguntas surgem a respeito de como cada uma das partes é “separada” para Deus e em que relação cada um está na Nova Aliança.

A maioria concorda que o cônjuge descrente não está na Nova Aliança até a regeneração (Atos 26:18). No entanto, Kline (Por Juramento Consignado, pp. 94-102) tem que ser um pouco arbitrário, a fim de explicar como a autoridade pactual conjugal do marido crente mudou a partir da inclusão de sua esposa na Antiga Aliança, enquanto ela não é incluída na Nova Aliança. No entanto, ele afirma que a autoridade parental e pactual do marido crente ainda é válida na Nova Aliança como base para que seus filhos estejam “dentro” da Aliança e recebam o batismo. Tal lógica intrincada é demasiado arbitrária para ser convincente. Em vez disso, parece que pela união com o crente, Deus reconhece o casamento como sagrado e promete aceitar o marido ou a esposa do incrédulo “separando” aquele casamento para cumprir Seus propósitos.

No caso dos filhos neste casamento misto, a maneira em que são “separados” é mais difícil de determinar. Dois textos frequentemente utilizados para apoiar a participação das crianças no cumprimento, na Nova Aliança, da aliança Abraâmica são: Romanos 11 e Efésios. 6:1-4. Eles merecem nossa consideração.

Primeiro, Paulo declara em Romanos 11:16 que seus parentes na carne, os ramos atualmente cortados da participação na oliveira da Nova Aliança, são ainda “santos” porque sua raiz é “santa”. No entanto, esses “amados por causa dos pais” (v. 28) serão enxertados novamente, se não permanecerem na incredulidade (v. 23). Aqui é o caso dos descendentes físicos de Abraão e das promessas da Aliança (9:1-5) que embora “santos”, contudo não estão “na” Nova Aliança e Reino até que eles creiam. Aqui está um uso de “santo” aplicado à “semente” física aos que estão fora da Nova Aliança por causa da incredulidade deles. Isso apoia a visão de que os filhos de 1 Coríntios 7:14 podem ser considerados “santos” por causa de seus pais e sua herança nas bênçãos do Evangelho e ainda não estarem “dentro” da Nova Aliança até que eles creiam. Portanto, eles podem ser considerados “santos”, como é a “semente” física de Abraão (Romanos 11:16), no entanto, serem impedidos quanto ao sinal da Aliança até que eles professem arrependimento e fé.

Em segundo lugar, se estritamente dito (como muitos pedobatistas dizem) que os filhos de Efésios 6:1-4 foram abordados e aceitos como santos (1:1), também devemos dizer rigorosamente que eles haviam crido e foram selados com o Espírito Santo da promessa (1:13). Dificilmente este é um argumento sobre a inclusão de crianças na igreja, sem que também seja afirmado a regeneração e a conversão. O fato de que os filhos poderiam entender a exortação de Paulo, foram chamados de santos, e foram selados pelo Espírito, torna perfeitamente plausível que ele estava falando com filhos professos que eram membros reais da Igreja da Nova Aliança.

No entanto, também é possível que Paulo estivesse se dirigindo aos filhos na reunião da

congregação que estava assentada sob a pregação da Palavra de Deus, embora eles ainda não estivessem pessoalmente “na” Igreja da Nova Aliança. Obediência ao quinto mandamento é exigida de todos os filhos, crentes e não crentes, semelhantemente. Não é incomum que os pastores tratem as igrejas como os “santos” mesmo quando há uma criança na assembleia que não faz parte da igreja, e que possui pais descrentes. A exortação de Paulo é inaplicável a eles? Claro que não. Apelar para Efésios 6:1-4 como o ensino que as crianças não crentes são membros da Nova Aliança e da igreja é “agarrar-se em palhas”³.

Se vamos fazer dos filhos em Efésios 6 membros da igreja, há melhor prova de que eles são considerados crentes e, por isso, foram batizados (Efésios 1:13; 4:4-6.). O apelo inadequado para Efésios apoia apenas ainda mais a possibilidade de que os filhos a que se refere podem ser considerados “separados” como privilegiados por sua herança e exposição evangélicas, ainda assim, não estando realmente “na” Igreja da Nova Aliança, nem possuindo direito ao Batismo.

A minha conclusão é que 1 Coríntios 7:14 está se referindo tanto à legitimidade dos filhos aos olhos de Deus, ou, no máximo, à sua “separada” posição por uma questão de herança evangélica dos pais, e não à sua participação na Aliança. E como podemos conceder dois significados distintos para a santificação dos filhos, por um lado, e não para o pai incrédulo, por outro lado, se não o fizermos de forma arbitrária? É impossível fazer o mesmo, exceto por um tratamento danoso ao texto. Este versículo não faz nenhuma menção do batismo pactual de infantes, mesmo que essa tivesse sido uma oportunidade perfeita para Paulo explicar esta prática àqueles gentios Coríntios. O uso deste texto para apoiar o batismo infantil é completamente injustificado.

Depois de examinar a importante pérola dos textos de prova para o batismo infantil, eu prossigo com mais dúvidas do que provas. O que eu encontro com consciência honesta e transparente é que esses textos usados para tentar provar o pedobatismo apoiam o Batismo dos crentes muito mais do que o batismo infantil.

[3] Esta expressão no original “*grasp at straws*” denota “tentar usar qualquer método, mesmo aqueles que não são susceptíveis de ter sucesso, pelo fato de que você está em uma situação muito ruim”.

6

A Sexta Pérola

A Disjunção do Batismo de João e Jesus e o Batismo Cristão

Muitas vezes existe uma tentativa de diferenciar a intenção e sujeitos dos Batismos de João e de Jesus e a intenção e assuntos do Batismo Cristão. Esta é uma diferenciação antibíblica e errônea.

É geralmente admitido pelos Batistas e Pedobatistas que, semelhantemente, João batizou somente sob a condição de arrependimento (Mateus 3:6; Marcos 1:4) para remissão dos pecados. Atos 19:4 também revela que João encaminhou os homens a Jesus. Também está claro que os discípulos de Jesus somente batizaram aqueles que anteriormente haviam se tornado discípulos (João 4:1). Não há nenhuma menção, nem evidências para o batismo infantil dos filhos daqueles que eram feitos discípulos, nem nos Batismos de João ou de Jesus. Qual, então, é a relação entre o Batismo de João e de Jesus, e o Batismo Cristão? E o que esta relação tem a nos dizer sobre o pedobatismo?

Uma questão que trata deste aspecto é esta: quem batizou os discípulos de Jesus no Batismo Cristão? Não poderia ter sido Jesus (João 4:1-2). João batizou no mínimo André e outro discípulo (João 1:35, 40), ainda assim, não há registro de rebatismo deles por Jesus ou por outras pessoas no dia de Pentecostes. Apolo é outro caso de um dos discípulos de João dos quais não há registro de rebatismo no Batismo Cristão (Atos 18:24-28). De fato, no dia de Pentecostes, somente aqueles que conversavam com Pedro e que receberam a sua palavra foram batizados (Atos 2:37-42). Parece que os discípulos de Cristo e os 120 no cenáculo não foram rebatizados no Batismo Cristão, pois teria sido repetitivo para esses crentes perguntar: “Irmãos, o que faremos?” Na verdade, estes 120 podem ter ajudado a batizar os 3.000 recém-convertidos.

O único caso possível para rebatismo no Novo Testamento está em Atos 19:1-7 (e Calvino discorda). Parece que estes discípulos batizados no Batismo de João não receberam toda a mensagem de João sobre Jesus e o Espírito Santo quando foram batizados. Talvez a receberam posteriormente. Por isso, eles foram rebatizados em Cristo por Paulo. Calvino diz que esse rebatismo não foi necessariamente por água, mas pelo Batismo de Cristo com

o Espírito Santo. Ele aponta para a ação de Paulo de imposição de mãos e para o fato de nenhuma menção de água ter sido feita, para sustentar sua posição. Há muita discordância sobre este texto. Mas se dissermos que o Batismo de João não era suficiente para o Batismo Cristão, ainda temos os problemas apresentados pelo Batismo de Apolo, que foi aparentemente aceito por Áquila e Priscila em Éfeso, e pelo Batismo dos fiéis antes do Pentecostes.

Não parece haver uma linha de demarcação entre o Batismo de João, de Jesus, e o Cristão. Isto é ainda atestado pela verdade de Marcos 1:1, que define o início do Evangelho de Jesus Cristo com a vinda de João no versículo 2, portanto, os sujeitos dos Batismos evangélicos de João e de Jesus devem ser aplicados também ao Batismo Cristão; ou seja, os sujeitos são limitados exclusivamente aos discípulos ou professos. Jesus afirmou isso na Grande Comissão, quando Ele deu a ordem de fazer discípulos de todas as nações, batizando e ensinando-“os” (Mateus 28:19). “Os” refere-se apenas àqueles que se tornam discípulos. Cada uso da palavra “discípulo” no Novo Testamento refere-se ao seguir consciente e intencional de um professo. Quando Cristo comissionou Seus seguidores para batizar discípulos, Ele estava estabelecendo ainda mais a prática do Batismo dos crentes.

Pode-se acrescentar que Jesus definiu claramente a base para a construção de Sua Igreja em Mateus 16:16-19, 24-26 por meio do evento da confissão de Pedro. Este também é um grande apoio para os sujeitos do Batismo intencionados na Sua igreja na Grande Comissão. Se chamamos o Batismo de uma instituição de Cristo para sinal exterior de admissão em Sua igreja confessional, não deveríamos também confiar em Seus preceitos instituídos sobre os sujeitos do Batismo em vez de recorrer a uma dependência mui questionável da “boa e necessária inferência”? É minha crença de que as instruções Instituídas por Cristo para fundar Sua Igreja devem interpretar a aplicação do Pacto de Abraão ao Batismo e não vice-versa, por meio de inferência.

Alguns tentaram negar que Jesus definiu o Batismo de confessores apenas neste texto, afirmando que Suas palavras referem-se exclusivamente à instituição inicial do Batismo. Portanto, se o raciocínio procede, nós deveríamos esperar um Cristo de ânimo missionário dando instruções para o Batismo de confessores, naturalmente admitindo o batismo de suas crianças a seguir. No entanto, permanece o fato de que Cristo instituiu o batismo e o praticou (através de Seus discípulos) muito antes da Grande Comissão (João 4:1). Em seu Batismo anterior, claramente foram batizados por Seus discípulos apenas aqueles que eram feitos discípulos, excluindo suas criancinhas. Se vamos supor que a Grande Comissão é a instituição oficial do batismo cristão, então o batismo de Cristo não era Cristão? E por que Ele não adicionou “batizando-os e aos seus filhos”? A prática e comando do batismo de Jesus, juntamente com João, nomeia os crentes, somente, como os sujeitos do batismo. Eu, por exemplo, não estou preparado para contradizer o ensino ou o exemplo de Cristo.

Concluo, então, que os Batismos de João, de Jesus e o Batismo Cristão não devem ser separados artificialmente, como tem sido feito muitas vezes. Não há nenhuma boa evidência dessa pérola nas Escrituras e, portanto, nenhuma evidência de que os sujeitos do Batismo depois do Pentecostes fossem diferentes dos sujeitos anteriores. Em ambos os casos eles eram discípulos que creram.

7

A Sétima Pérola

O Argumento do Silêncio

Um dos argumentos mais utilizados para apoiar a prática do pedobatismo é o silêncio a seu respeito que aparece no Novo Testamento. A principal linha de raciocínio é assim: Era tão óbvio que uma parte do pacto de graça era administrar o sinal da aliança às crianças da Aliança no Antigo Testamento que não havia nenhuma razão para mencioná-lo ou defendê-lo no Novo Testamento. Assim, supostamente, o caso é comprovado. No entanto, este princípio de hermenêutica que atrai “boas e necessárias inferências” a partir do silêncio pode ser bastante subjetivo e pode levar a erros mui rapidamente. É, evidentemente, um princípio legítimo se não houver nenhum preceito claro para contradizer a sua inferência. No entanto, o princípio regulador do culto reformado requer instituição positiva para os sacramentos (veja a Confissão de Westminster, capítulo 20, seção 5).

É minha disputa que este argumento para o pedobatismo não permanece quando analisado à luz de dois grandes princípios de hermenêutica: 1) o peso do preceito regulador e instituído, e 2), ironicamente, o próprio argumento do silêncio quando corretamente utilizado.

O Preceito Regulador

Consideremos o peso do preceito regulador. Se estivéssemos buscando por preceitos do Novo Testamento para o pedobatismo nossa pesquisa se provaria inútil. Como o grande teólogo Presbiteriano B. B. Warfield disse: “É verdade que não há nenhuma ordem expressa para batizar crianças no Novo Testamento, não há registro expresso de batismo de crianças, e nenhuma passagem tão rigorosamente implicando que devemos inferir a partir deles que crianças foram batizadas” (*“Studies in Theology”* [Estudos em Teologia], p. 399). Os reais preceitos relativos ao Batismo só podem ser aplicados aos discípulos porque o arrependimento e a fé são necessários para o Batismo na Nova Aliança. Muitos pedobatistas admitem isso. No entanto, o argumento pedobatista vai além ao concluir que uma vez que estes preceitos estão no contexto de uma igreja missionária, é lógico que haveria apenas chamadas para o arrependimento e a fé antes do Batismo. Por isso, dizem eles, os

preceitos de arrependimento e fé não se aplicam aos filhos dos crentes em uma igreja estabelecida. Para o pedobatista, seria necessário um preceito expresso que proibisse especificamente as crianças de receberem o sinal pactual do batismo, por causa do preceito anterior de Abraão. No entanto, esses mesmos pedobatistas (a saber, Berkhof e Murray) citam o comando para examinar a si mesmo como preceito suficiente, junto com o argumento do silêncio a respeito da comunhão pactual, para negar que as crianças não-regeneradas, que na aliança Abraâmica comeram a Páscoa no Antigo Testamento, comam a Ceia do Senhor, que é o cumprimento da Páscoa no Novo Testamento.

Esta inconsistência em empregar esse preceito proibitivo é exposta à luz de Atos 2:41-42, onde todos os batizados eram autorizados participar no partir do pão, a Ceia do Senhor. Se o batismo infantil for admitido em Atos 2, então assim também deve ser admitida a comunhão de infantes e bebezinhos. Foram muitos anos depois, quando os preceitos do autoexame por causa da participação irreverente foram dados. Assim, na posição pedobatista, há confusão sobre o fundamento para participação na Ceia do Senhor — é o Batismo ou o autoexame? E como os anciãos sabem a quem a Ceia do Senhor deve ser servida se o fundamento principal é o autoexame? À luz dessas considerações, o preceito do autoexame antes de participar da Ceia do Senhor (que é de fato legítimo) não se compara em força com os preceitos do arrependimento e da fé antes do Batismo. Há uma grande incoerência aqui e grande perigo em ser arbitrariamente seletivo na aplicação destes princípios hermenêuticos.

Parece que há preceito muito mais conclusivo para excluir os filhinhos dos crentes do Batismo do que da Ceia do Senhor. Os preceitos do Batismo de confessores proíbem expressamente as crianças do sinal do pacto pela sua delimitação positiva de sujeitos confessores (Mateus 28:18-20). Deixar o silêncio a respeito do batismo infantil subjugar os preceitos claros sobre o Batismo de confessores é um método hermenêutico perigoso e uma clara violação do princípio regulador do culto.

O Argumento Do Silêncio

Na verdade, se o argumento do silêncio for aplicado de forma consistente, há um apoio maior para o Batismo de discípulos. O concílio de Jerusalém em Atos 15 foi chamado para lidar com os judaizantes, que requeriam a circuncisão para os novos Cristãos. A resposta do conselho relativo à circuncisão foi que somos salvos pela graça, sem circuncisão (15:11), e que é bom abster-se “das contaminações dos ídolos, da fornicação, do que é sufocado e do sangue” (v. 20). Se o Batismo for a contrapartida direta da circuncisão, por que o conselho simplesmente não disse: “Vocês e seus filhos foram circuncidados no Batismo de Cristo, e portanto, não precisam da circuncisão”? Aqui o argumento do silêncio fala contra

o Batismo como a contrapartida direta da circuncisão e em favor da salvação pela graça ou regeneração como contrapartida direta e ab-rogação (15:11).

Além disso, Paulo escreveu a carta inteira aos Gálatas para lidar com os judaizantes, que estavam exigindo que a igreja da Galácia fosse circuncidada (Gálatas 5:2-3). Por que Paulo não simplesmente disse: “Depois de crer, vocês e seus filhos foram batizados; assim, vocês já receberam a contrapartida da Nova Aliança da circuncisão e não precisam mais disso?”. Aqui, novamente o argumento do silêncio fala contra o Batismo como a contrapartida direta da circuncisão e fala a favor do recebimento do Espírito pela pregação da fé como sua contrapartida e fundamento para a revogação (Gálatas 3:2-3).

Uma objeção a esse argumento é que Paulo não alude ao Batismo como a razão para não receber a circuncisão porque isso colocaria o Batismo na classe de salvação pelas obras, como os judaizantes alegavam ser o caso da circuncisão. Eu não concordo. Paulo poderia facilmente ter explicado que nem a circuncisão nem o Batismo contribuem para a salvação de qualquer forma, mas o Batismo em água é o cumprimento da circuncisão, e esta não é mais aplicável na administração da Nova Aliança. Mas Paulo não fez isso. Depois de afirmar claramente que a circuncisão não tem relação com a salvação, ele explicou que a regeneração é a resposta para os judaizantes para a entrada à verdadeira circuncisão, o Israel de Deus (Gálatas 6:15-16; Filipenses 3:3). Todo o ensinamento de Gálatas é que não são os filhos da carne e circuncisão, mas os filhos da fé e regeneração que são o Israel de Deus e os verdadeiros filhos de Abraão (Gálatas 3:14, 29; 6:14-16). Assim, o argumento do silêncio no concílio de Jerusalém e em Paulo não favorece uma identidade direta da circuncisão na Nova Aliança com o Batismo e, portanto, também não implica de modo nenhum no batismo infantil.

Alguns tentaram legitimar o argumento do silêncio para o batismo infantil, alegando um silêncio do Novo Testamento a respeito, por exemplo, do Sabath Cristão e da admissão de mulheres à Ceia do Senhor. No entanto, o quarto mandamento foi ensinado por Jesus no Novo Testamento (Mateus 12, Marcos 2), e há referências explícitas ao Dia do Senhor como sendo observado pelos Cristãos no primeiro dia da semana (Atos 20:7; Apocalipse 1:10). Há também mais princípios correlacionando os Dez Mandamentos à prática Cristã (Romanos 2:14-15, 7:7, 8:4; Jeremias 31:31-34). Além disso, quanto à admissão de mulheres à Mesa do Senhor, Paulo se dirige claramente a homens e mulheres na primeira parte de 1 Coríntios 11. Quando ele passa a discutir a responsabilidade de tomar a Ceia do Senhor corretamente, ele ainda está escrevendo, tanto para homens quanto para mulheres. Não há tais evidências bíblicas para o batismo infantil. Nestes dois casos, o argumento do silêncio não é tão silencioso quanto no caso do batismo infantil.

O argumento do silêncio é certamente um princípio hermenêutico legítimo, contudo a instrução clara sobrepõe supostas inferências lógicas. Pessoas como John Murray nunca seguiriam tal hermenêutica sobre outros assuntos. A minha conclusão é que a “pérola” do silêncio não é boa o suficiente para o cordão.

8

A Oitava Pérola

O Argumento das Bênçãos Ampliadas

Uma das grandes pérolas que brilha tão resplandecente quanto as demais encontra-se em perguntas retóricas, tais como: Se às crianças da Antiga Aliança fora concedido o sinal do pacto, nesta época de bênçãos ampliadas e cumprimento, da Nova Aliança, devemos proibir o sinal do pacto aos filhos dos crentes? Será que os nossos filhos da Nova Aliança são menos abençoados e privilegiados do que as crianças da Antiga Aliança? Tais questões são certamente legítimas e estão no centro da questão do pedobatismo.

O poder principal de tais questões como um argumento decorre do fato de que nenhum Cristão quer proibir preciosos bebês das bênçãos de Deus ou limitar a bondade de Deus na concessão de favor às crianças. Estes pensamentos atraem nosso coração e nos constroem a dizer “sim” ao sinal da Aliança em nossos filhos. No entanto, a Palavra de Deus, e não nosso bem-intencionado sentimentalismo, deve determinar as respostas a tais perguntas como aquelas do parágrafo acima.

Se Deus assim deseja conceder a filhos físicos o sinal do pacto na sombra da Antiga Aliança e proibir o sinal do pacto aos filhos físicos no cumprimento da Nova Aliança, Ele tem o soberano direito de fazê-lo. Isso também não implica necessariamente que os nossos filhos da Nova Aliança são menos favorecidos ou menos bem-aventurados ao serem proibidos do sinal da Nova Aliança. Eu retoricamente respondo: São os nossos filhos menos abençoados e privilegiados por terem nascido de pais piedosos que manifestam a plenitude do Espírito, a qual não foi totalmente derramada no Pacto de Abraão? As nossas crianças são menos abençoadas em terem Cristo e este crucificado proclamado a elas desde a infância, em comparação com os tipos e sombras anunciados aos seus homólogos, no Velho Testamento? As nossas crianças são menos favorecidas por terem nascido no Israel do Espírito, em comparação com as crianças criadas no Israel da carne? Acho que não.

Nossos filhos, acima de todos os outros do Israel da Antiga Aliança e do mundo presente, têm privilégios sem medida. Eles estão sendo criados em lares e igrejas, que estabelecem

o Senhor crucificado e ressuscitado em glória diante deles como o seu pão de cada dia. O nosso gracioso Deus os escolheu acima das multidões que perecem nas trevas sem o Evangelho, para ouvirem a mesma promessa que Ele soberanamente usou para trazer-nos para o reino eterno:

“E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo; porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar” (Atos 2:38-39).

Deuteronômio 30:6 é uma passagem interessante à luz de Atos 2:38 em diante, é a promessa de Deus de circuncidar os corações dos Israelitas e sua descendência depois que Ele trazer do exílio profetizado. Ele parece estar se referindo à mesma promessa em Jeremias 31:31-34 e Ezequiel 36:25 em diante. Se considerarmos esta passagem como tendo sido cumprida na administração da graça da Nova Aliança, nós compreendemos corretamente que Atos 2:38, 39, 41 diz isso:

A promessa da circuncisão do coração é para vocês e seus filhos, a todos quantos o Senhor nosso Deus chamar para Si mesmo, como no mesmo caso, com os gentios. Deus circuncidará os corações de filhos de acordo com Seu soberano chamado e eles podem receber o sinal da Nova Aliança da circuncisão do coração, com base em seu arrependimento e fé quando manifestos (v. 41).

Parece possível que Deus prometa chamar Seus eleitos dentre os filhos dos crentes, bem como dentre os gentios, mas não podemos dizer que eles estão na Nova Aliança com o coração circuncidado e devem receber o seu sinal exterior até que eles se arrependam e creiam. Este conceito de eleição da “descendência” dos crentes é semelhante ao de Hoeksema (*“Believers and Their Seed”* [Crentes e sua Descendência]). No entanto, os preceitos do Batismo e da aplicação do sinal da Nova Aliança, como ilustrados em Atos 2:38, 39, 41 nos impedem de aplicar o sinal da circuncisão do coração até que nossos filhos mostrem evidências de terem entrado na Nova Aliança (Jeremias 31:31-34).

Nossos filhos têm sido abençoados com o ouvir e memorizar da Palavra escrita de Deus, desde o berço. Eles têm sido abençoados com as orações e lágrimas de pais cheios do Espírito implorando pela regeneração e conversão de suas almas. Eles têm sido abençoados com as substâncias da Nova Aliança, em relação às sombras da Antiga Aliança, para atraí-los para Cristo. Podemos dizer que eles são menos favorecidos ao crescerem sob a sementeira da plena revelação do soberano plano de Deus? Não! Eles não podem ser considerados menos privilegiados, pois Deus soberanamente escolheu anunciar o Evan-

gelho da soberana graça para eles, enquanto muitos de nossa raça caída perecem a cada dia na ignorância e em trevas. Além disso, temos a promessa de Deus para implorar diante de Cristo, nosso Advogado pessoal, pelos nossos filhos:

“Assim será a minha palavra, que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a envie” (Isaías 55:11).

Pleiteemos a bondade de Deus para com Seu povo e clamemos ao Seu Espírito para semear a Palavra de vida nos corações de nossos filhos até que eles carreguem o fruto de uma regeneração em Cristo Jesus.

Nós, Cristãos, temos todos os motivos para dizer que os nossos filhos têm suas bênçãos ampliadas na Nova Aliança, mesmo que, na boa vontade de Deus, não devam receber o sinal exterior até que eles tenham uma profissão de fé. Não apelemos para a pérola brilhante das perguntas retóricas e sentimentais para anular a vontade revelada e preciosa de Deus na aplicação da Nova Aliança da soberana graça. Em vez disso, proclamemos o Evangelho da graça para os nossos filhos, implorando que Deus tenha misericórdia deles.

9

A Nona Pérola

O Testemunho da Tradição

A tradição é a última e menor pérola que está enfiada no cordão pedobatista. No entanto, muitas vezes em polêmicas pedobatistas, ela é tratada como se fosse a maior. Mas se a Escritura é a nossa única regra de fé e prática, então o papel da tradição deve ser apenas o de esclarecer e confirmar o que a Escritura claramente estabelece. Duas áreas atraentes da tradição são o batismo de prosélitos judeus e prática da igreja primitiva de acordo com os pais apostólicos. Em ambas as tradições, T. E. Watson apresentou o resumo mais incisivo.

Primeiro de tudo, Edersheim (*“Life and Times of Jesus the Messiah”* [Vida e Tempos de Jesus, o Messias], vol. 2, p. 746) e Berkhof (Teologia Sistemática, p. 622), ambos admitem que prosélitos judeus e seus filhos de até doze anos de idade eram batizados no Judaísmo. No entanto, as crianças ainda não nascidas, no ventre da mãe batizada não eram batizadas após o nascimento, como se elas já fossem consideradas limpas e uma parte de Israel. Se apelarmos para qualquer parte da prática do Judaísmo, temos de lidar com a idade tardia de crianças da família que recebem o batismo, bem como a proibição de batismo para os fetos no útero. Nenhuma dessas dificuldades presta qualquer tipo de apoio ao batismo infantil. Alguns estudiosos desconsideram por completo o batismo de prosélito judeu no primeiro século. Certamente esse não é o apoio para o batismo infantil.

Em segundo lugar, a menção explícita mais antiga que temos de batismo infantil nos escritos didáticos da igreja primitiva é de Tertuliano, por volta de 200 d.C. Nesta passagem, ele exorta o adiamento do batismo, especialmente de crianças pequenas, de modo que o seu significado seja plenamente cumprido. Isso, é claro, admite que crianças pequenas ou bebês estavam sendo batizados em sua época. Mas isso está longe de consentir que esta era uma tradição apostólica.

Orígenes, Agostinho, e muitos outros posteriores a eles dizem que era costume apostólico batizar crianças. É provável que Orígenes foi batizado como uma criança em 185 d. C. Ele

afirma que esta foi a tradição, transmitida desde os apóstolos. Irineu mencionou as fases da vida, desde a infância até a velhice como os estágios em que Cristo passou para salvar todos aqueles que nasceram de novo em todas as idades, assim, possivelmente aludindo ao batismo de crianças pela tendência dos pais da igreja de identificar o batismo com a regeneração. Assim, parece que a partir da segunda metade do segundo século da Reforma, no século XVI, o batismo infantil foi aceito como uma tradição apostólica.

No entanto, Irineu também afirmou em sua possível referência ao batismo que ele havia recebido uma tradição apostólica que Jesus teve de quarenta a cinquenta anos de idade, contrariando o registro bíblico. Também sabe-se que os pais da igreja têm reclamado muitas outras tradições apostólicas que são infundadas. De fato, Tertuliano é frequentemente reconhecido como um acérrimo defensor da tradição apostólica. Mas por que ele não defendeu o batismo de crianças, se esta é uma tradição apostólica? Tal testemunho não pode ser considerado conclusivo se não for bem fundamentado nas Escrituras.

Apelo também pode ser feito a uma fonte muito mais primitiva, ou seja, a Didaqué (100-125 d.C.). Este manual da igreja primitiva oferece instrução apenas para o Batismo dos catecúmenos. O seu silêncio sobre o batismo infantil é ensurdecador. Isto é especialmente assim por causa da reivindicação pedobatista que a igreja “missionária” de Mateus 28:18-20 apenas registra o Batismo de discípulos inicialmente, mas que o batismo infantil veio depois. Mas, por que então o batismo infantil não foi mencionado neste manual eclesiástico? Tanto quanto sabemos sobre a Bíblia e a Didaqué, é que não foi mencionado porque não era praticado.

As primitivas referências didáticas claras para o Batismo são ou silêncio sobre ou a negativa para o batismo infantil. Não posso permitir que tal evidência incerta da tradição interprete a Escritura ou tradição apostólica para mim. Tradição, como muitos pedobatistas concordam, pode oferecer provas confirmatórias somente se o batismo infantil for primeiramente encontrado na Bíblia. No entanto, enquanto eu olho através da perspectiva das Escrituras, a pequena pérola da tradição diminui de tamanho e desaparece de vista.

Conclusão

O Cordão Sem Pérolas

Como eu já examinei cada pérola no cordão, eu saio, na melhor das hipóteses, com um colar de joias desbotadas e ausentes. Na realidade, eu confesso que eu fiquei com um cordão vazio chamado “boa e necessária inferência” que não me faz nenhum bem para mostrar a beleza do Batismo Cristão. Ele é um fio de barbante em volta do pescoço de uma princesa.

Eu não posso construir a minha doutrina em um cordão vazio. Portanto, eu aceito a única pérola de valor inestimável do Batismo de discípulos e o uso em minha mão como um sinal de meu casamento com Cristo. O Batismo é o sinal exterior da entrada na Nova Aliança, a circuncisão interior do coração, evidenciada por sua confissão de fé em Cristo. Infantes do Antigo Testamento entraram na aliança Abraâmica, a circuncisão da carne. Se eles viessem à fé, isso se tornava um selo da justiça da fé, como foi com Abraão (Romanos 4). Agora, os nossos filhos da Nova Aliança entram na Nova Aliança, a circuncisão do coração, selados pelo Espírito Santo e o simbolizam pelo sinal do Batismo de discípulos.

Alegro-me de ver um reavivamento de crenças Reformadas em nossas igrejas Batistas em todo o país. Batistas estão redescobrando suas raízes Reformadas. No entanto, a obra da restauração da verdade Bíblica custou a muitos pastores seus empregos e a paz de espírito de suas famílias. Em amor, eu desafio as pessoas com convicções Batistas a não aceitarem muito rapidamente um refúgio acolhedor nas igrejas pedobatistas. Permaneçam firmes para, com os Batistas, “confirmar os restantes” [Apocalipse 3:2], em vez de fugirem para o que parece ser um ambiente mais acolhedor.

É triste ver pastores Batistas e leigos encobrirem o Batismo, a fim de servirem em igrejas Pedobatista. Antes que qualquer mudança seja contemplada, a Palavra de Deus deve ser estudada sobre o assunto, com diligência e honestidade. Pastores fazem votos sobre tais coisas. Os Batistas hoje precisam de sacrificiais Luteranos, Calvinos e Bunyans em nossos púlpitos e bancos para que considerem o custo da construção de igrejas Biblicamente Reformadas e Batistas, de discípulos fiéis. Isso deve ser feito. Isso pode ser feito. E pela graça de Deus, isso está sendo feito, com frequência cada vez maior em todo o mundo.

Finalmente, depois de termos passado por tantas lutas sobre a questão do Batismo Cristão, só posso sinceramente implorar pela unidade e entendimento entre os Batistas e os irmãos pedobatista que detêm as grandes doutrinas da graça em comum para a glória de Deus em Sua igreja.

Entrevista com o Dr. Gary Crampton (do Pedobatismo ao Credobatismo)

Nota de Apresentação: O Dr. Gary Crampton, anteriormente Presbiteriano e agora Batista Reformado, é uma importante figura da apologética escrituralista, a linha pressuposicionalista de Gordon Clark. Como Presbiteriano o seu livro *Study Guide to the Westminster Confession* [Guia de Estudo para a Confissão de Westminster] é considerado por muitos um bom referencial à confissão Presbiteriana. Agora como credobatista, ele lançou recentemente o livro *From Paedobaptism to Credobaptism: A Critique of the Westminster Standards on the Subject of Baptism* (RBAP, 2010) [Do Pedobatismo ao Credobatismo: Uma Crítica aos Padrões de Westminster sobre a Questão do Batismo], onde defende seu novo ponto de vista e afirma a sua divergência com a doutrina do pedobatismo (Fonte desta nota: <http://pastorclaudionor.blogspot.com.br>).

Parte I:

Pergunta 1: Dr. Crampton, você pode nos contar um pouco sobre você, família, educação, experiência ministerial, livros publicados, condição atual?

Resposta 1: Nasci em 1943 em Washington, D.C. Formei-me no ensino médio em 1961 e na faculdade em 1965. Obtive um MBS da Escola de Atlanta de Estudos Bíblicos, o Th.M. e Th.D. do Seminário Teológico Whitefield, e um Ph.D. pela Escola Central de Religião em Surrey, Inglaterra. Eu moro em Virginia, sou casado e tenho duas filhas casadas e cinco netos. Interesses gerais incluem, principalmente, leitura (eu sou um leitor inveterado, principalmente sobre temas de teologia e filosofia) e escrita, mas também gosto de ter um “labor” físico, a cada dia. Quanto à minha filiação à igreja, eu sou um Batista Reformado, e um defensor dos ensinamentos encontrados na Confissão Batista de Londres de 1689 e Breve Catecismo Batista Reformado. Ao longo dos últimos vinte e cinco anos, tenho pastoreado três igrejas e tive a oportunidade de pregar e ensinar em uma série de outras igrejas. Minha esposa e eu somos atualmente membros da Igreja Batista Reformada de Richmond, Virginia.

Quanto aos livros que escrevi estão incluídos: *O que Calvino Diz*, *Guia de Estudo para a Confissão de Westminster*, *O Escrituralismo de Gordon H. Clark*^{*}, e *Pela Escritura Somente*, os quais foram publicados pela Fundação Trindade. Soli Deo Gloria publicou meu *O que os Puritanos Ensinaram* e *Conheça Jonathan Edwards*. Meu *Ele Me Glorificará* foi publicado pela Whitefield Press, e Blue Banner Ministries publicou meu *Cristo, o Mediador*^{*}, bem como

*Edificado sobre a Rocha, Em Direção a uma Cosmovisão Cristã**, e *Tão Grande Salvação* (estes três últimos livros foram em co-autoria com o Dr. Richard E. Bacon). Apologética Press publicou o *Calvinismo, Hiper-Calvinismo e Arminianismo*, que sou co-autor com o Dr. Kenneth Talbot, e Reformation Heritage Books publicou meu *Uma conversa com Jonathan Edwards*. Eu também tive uma série de artigos publicados por diferentes revistas Cristãs, jornais, etc (por exemplo, The Blue Banner, The Confessional Presbyterian, The Trinity Review, New Southern Presbyterian Review, Chalcedon Report, The Christian Statesman, and Journey).

Pergunta 2: Por quanto tempo você tem lutado com a questão dos sujeitos do Batismo?

Resposta 2: Eu tenho lutado com a questão do Pedobatismo *versus* Credobatismo por quase vinte anos.

Pergunta 3: Quais são alguns dos principais problemas com os quais você se deparou com o Pedobatismo, que lhe levou a continuar estudando?

Resposta 3: Havia várias questões que me incomodavam sobre a doutrina do Pedobatismo. Mencionei apenas uma, e isso é simplesmente: não há texto no Novo Testamento (NT) em que haja qualquer menção ao batismo de infantes. Isto é admitido por alguns dos melhores teólogos pedobatistas que têm escrito sobre o assunto. Isso significa que, como admitido e ensinado por esses mesmos teólogos pedobatistas, devemos voltar ao Antigo Testamento (AT) para estabelecer a doutrina. Quando se trata de outro sacramento do Novo Testamento, a Ceia do Senhor, no entanto, os teólogos pedobatistas não aplicam o mesmo princípio hermenêutico. Ou seja, os destinatários da Ceia do Senhor são determinados pelo ensino do Novo Testamento em vez do ensino do Antigo Testamento. A incoerência aqui é gritante. Outro problema aqui é que o Antigo Testamento não menciona o batismo de infantes de modo algum. O que esta hermenêutica assume é que a aliança Abraâmica, na qual os bebês do sexo masculino eram circuncidados, ainda é obrigatória para a igreja do Novo Testamento em praticamente uma base de um-para-um e, portanto, os filhos dos crentes devem ser batizados. Há tantas dificuldades aqui (sobre o que eu escrevi em meu livro), que eles são mui numerosos para lidar em uma entrevista como esta. O erro mais grave cometido aqui é aquele da sobrecarga da continuidade da Antiga e da Nova Aliança, em detrimento da descontinuidade entre as duas. A doutrina Batista Refor-

* Estes três livros foram publicados em português pela Editora Monergismo, respectivamente sob os títulos: *O Escrituralismo de Gordon Clark*; *Cristo o Mediador: um estudo da Cristologia de Westminster* e *Em Direção a uma Cosmovisão Cristã*. [N. do R.]

mada não é em qualquer sentido dispensacional; ao contrário, é totalmente pactual. Ela reconhece que há certamente uma continuidade entre as duas alianças, mas também há uma descontinuidade que deve ser vista (veja Jeremias 31:31-34; compare com Hebreus 8:6-13).

Parte II

Pergunta 4: Quais são alguns dos livros que o ajudaram ao longo do processo para o Credobatismo e você pode nos contar um pouco sobre alguns ou todos eles?

Resposta 4: Há uma série de livros que tiveram influência em meu estudo sobre este assunto. Listarei alguns dos mais persuasivos: “O Batismo de Discípulos Somente”, por Fred Malone; “Anti-Pedobatismo”, por Mike Renihan sobre o Pensamento de João Tombes; “Um Tratado sobre o Batismo”, por Henry Danvers; “Filhos de Abraão”, por David Kingdon; “Batismo Bíblico: Uma Defesa Reformada do Batismo de Crentes”, por Samuel Waldron; “Pedobatismo ou Credobatismo?”, por Richard Barcellos, e, especialmente, o “Batismo Infantil e o Pacto da Graça”, por Paul K. Jewett. Mas, talvez os estudos que foram mais convincentes do que quaisquer outros, foram duas séries de palestras, uma foi “O Grande Debate sobre o Batismo e a Aliança”, de William Einwechter e a outra foi a série em áudio do Pastor Greg Nichols sobre “Batismo Infantil”. Também é interessante que as tentativas “fracassadas” de vários livros pedobatas também tiveram um grande efeito sobre o meu pensamento quanto a este assunto. Ou seja, os defensores do batismo infantil simplesmente não respondiam às questões levantadas contra o Pedobatismo.

Pergunta 5: Você acha que o batismo infantil viola a doutrina do princípio regulador do culto da Confissão de Westminster? Caso sim, como?

Resposta 5: Sim, eu creio que a prática do batismo infantil é uma violação do “princípio regulador” de culto. Eu explico isso em detalhes em meu próximo livro sobre o assunto, mas (como citado em meu livro), basicamente, o problema é o seguinte: Se não há ordem expressa dada nas Escrituras para batizar infantes, e se não há nenhuma evidência direta para a prática do batismo infantil, então, administrar o batismo de bebês no culto de adoração é uma violação do princípio regulador. Gostaria de sugerir que os interessados em saber mais sobre este assunto vejam o que eu disse em meu livro. Fred Malone também lida com essa questão em seu “O Batismo de Discípulos Somente”.

Parte III

Pergunta 6: Qual é a relação entre a circuncisão e o Batismo em seu pensamento atual e como Pedobatistas típicos veem esta relação?

Resposta 6: Pedobatistas geralmente veem a relação entre circuncisão e Batismo em água em uma base “um para um”. Ou seja, eles veem estes dois “sacramentos” (circuncisão no Antigo Testamento e Batismo em água no Novo Testamento) como com pouca ou nenhuma diferença, exceto na administração do rito em si. Conforme exposto na Confissão de Fé de Westminster: “Os sacramentos do Antigo Testamento, a respeito das coisas espirituais por eles significados e representados, eram em substância [essência], o mesmo com os do Novo”. Há um sentido em que isso é verdade, na medida em que, tanto no Antigo como no Novo Testamento, todas as coisas apontam para Cristo e Sua obra salvífica cruz. Mas, enquanto a circuncisão no Antigo Testamento era para Abraão e sua descendência física (masculina), tendo a ver com a relação entre o povo de Israel e a terra prometida de Canaã, como explicado por Paulo, no Novo Testamento, o Batismo em águas representa a circuncisão do coração que já foi regenerado (Colossenses 2:11-12, Filipenses 3:3). Os sacramentos do Novo Testamento são para aqueles que já foram convertidos; aqueles que já tiveram seus corações transformados pela obra salvífica da cruz de Jesus Cristo. Assim, há uma diferença significativa entre a circuncisão da comunidade da Antiga Aliança (que lidava com a semente física de Abraão), e a comunidade da Nova Aliança (que relaciona-se com a semente espiritual de Abraão).

Pergunta 7: Como a Nova Aliança é “não semelhante” à aliança que Deus fez com os Pais?

Resposta 7: Eu já parcialmente lidei com esse problema acima, mas gostaria de acrescentar que, segundo Jeremias 31 e Hebreus 8, a diferença na Antiga Aliança e a Nova Aliança é que a Antiga era quebrável enquanto que a Nova não é. A Antiga estava mais envolvida com a semente física; enquanto a Nova está mais relacionada à semente espiritual. De acordo com as duas passagens citadas acima, a comunidade da Nova Aliança é constituída por aqueles que “conhecem o Senhor”. É para os crentes, e não para crentes e sua descendência infantil.

Parte IV

Pergunta 8: Será que a posição Batista Reformada repudia a Teologia Pactual? Por favor, explique.

Resposta 8: É verdade que alguns Pedobatistas afirmam que a posição Batista Reformada sobre o batismo infantil nega a teologia do pacto. Mas este é um mal-entendido sobre o

ensinamento da Igreja Batista Reformada. O sétimo capítulo da Confissão Batista de Londres 1689, cujo título é “Sobre a Aliança de Deus”, refuta essa falsa alegação. Como James Renihan explicou, Batistas Reformados creem que “a estrutura da Escritura é devidamente definida por... teologia do pacto”, e “entender esse fato é compreender a arquitetura central de toda a Bíblia”. Por esta razão, “Batistas Reformados Confessionais são... plenamente adeptos da teologia do pacto”. Além disso, os Batistas Reformados acreditam que uma compreensão adequada da teologia do pacto exige o Batismo de discípulo ou confessor, porque ele faz justiça tanto à continuidade e descontinuidade da Aliança.

Pergunta 9: Como você responderia a isso? Inclusão infantil no Pacto da Graça é a essência do Pacto da Graça (Estou pensando especificamente no fato de que aqueles Padres de Westminster ensinam que o Pacto da Graça foi revelado pela primeira vez em Gênesis 3).

Resposta 9: Afirmar que a inclusão infantil no Pacto da Graça é a essência do Pacto da Graça é uma afirmação errônea. A razão é que, como alegado pelo Catecismo Maior de Westminster, o Pacto da Graça é com os eleitos. Portanto, para aderir aos infantes sendo incluídos no Pacto da Graça, seria necessário a crença na doutrina da “eleição presumida”, uma presunção que é sem fundamentação bíblica. Eu lido com este assunto em meu livro.

“O Melhor Sermão Sobre O Batismo Que Eu Já Ouvi” — William Carey

Por Evan D. Burns¹

Em 6 de Setembro de 1812, na Igreja de Lal Bazaar, em Calcutá, Adoniram e Ann Judson foram batizados por William Ward. Eles partiram dos Estados Unidos como Pedobatistas, e através de muito exame da Bíblia em sua viagem, eles chegaram à Índia como Credobaptistas convictos. Em um sermão na Igreja Batista Lal Bazaar, Adoniram sustentou o Batismo de crentes. Seu argumento era tão teologicamente articulado e textualmente fiel que o grande missionário, teólogo e linguista, William Carey, disse que foi o melhor sermão sobre o Batismo de crentes que ele jamais ouvira. Nesta porção de uma carta escrita por Carey para Dr. Staughton em 20 de outubro de 1812, Carey relata o Batismo dos Judson na Índia:

Desde que chegaram em Bengala, o irmão e a irmã Judson foram batizados. Judson, desde então, pregou o melhor sermão sobre o Batismo que eu já ouvi sobre o assunto, o qual nós pretendemos imprimir. Ontem eu ouvi que o irmão Rice também estava completamente convicto em sua mente sobre o Batismo.

Como nenhum de nós havia conversado com o irmão Judson antes que ele mostrasse fortes sinais de uma tendência para o Batismo de crentes, eu perguntei-lhe o que ocasionou a mudança. Ele me disse que na viagem, ele pensara muito sobre a circunstância em que ele estava vindo para Serampore, onde todos eram Batistas; que ele teria, com toda a probabilidade, a oportunidade de defender a aspersão infantil entre nós; e que, em consequência disso, ele mesmo se pôs a examinar os fundamentos do Pedobatismo. Este terminou com uma convicção, que de este não tem fundamento na Palavra de Deus, o que ocasionou uma revolução em seus sentimentos, os quais estavam quase completos antes que ele chegasse à Índia [1].

O que fez o sermão de Judson sobre o Batismo ser o melhor que Carey já ouvira? O que o tornou digno de publicação de numerosas edições na imprensa Batista na Índia? Além disso, o que produziu o risco de Judson perder seu apoio missionário da Igreja Congregacional e o risco de unir-se aos Batistas?

A perspicácia teológica de Adoniram Judson e a disposição de arriscar-se demonstra sua fidelidade inabalável à Palavra de Deus e de seu compromisso em obedecer a todas as

¹ Evan D. Burns (Candidato a Ph.D, Do Seminário Teológico Batista do Sul) está no corpo docente do Seminário Teológico Bíblico da Ásia, e ele vive no sudeste da Ásia, com sua esposa e filhos gêmeos. Eles são missionários com Training Leaders International.

ordens de Deus. Ann registra seus pensamentos sobre a transição de convicções Pedobatas para convicções Credobatas. Seu registro demonstra o compromisso obstinado de Adoniram à exegese bíblica, contra a tradição denominacional.

Sr. Judson resolveu examinar isso com franqueza e em oração, seja qual fosse o resultado. Ninguém na missão familiar conhecia o estado de sua mente, como eles nunca conversaram com qualquer um de nós sobre este assunto. Era muito temível que ele se tornasse um Batista e, frequentemente, sugeri as consequências infelizes se ele o fizesse. Ele sempre respondeu que o seu dever o obrigava a examinar o assunto, e ele esperava que ele tivesse uma disposição para abraçar a verdade, embora ele pagasse caro por isso. Eu sempre fiquei do lado dos Pedobatas no raciocínio com ele, embora eu estivesse tão duvidosa da verdade do sistema deles quanto ele [2]. Depois que viemos para Calcutá, ele dedicou todo o seu tempo para ler sobre este assunto, tendo conseguido os melhores autores de ambos os lados. Depois de ter examinado e reexaminado o assunto, em todos os sentidos possíveis, e comparando as opiniões de ambos, Batistas e Pedobatas com as Escrituras, ele foi obrigado, a partir de uma convicção da verdade, a abraçar as opiniões dos primeiros.

Eu delimiti a minha atenção quase inteiramente às Escrituras, comparando o Antigo com o Novo Testamento, e tentei encontrar algo para favorecer o batismo infantil, mas estava convencida de que este não encontrava fundamento ali. Examinei o pacto da circuncisão, e não pude ver nenhuma razão para concluir que o Batismo deveria ser administrado a crianças, porque a circuncisão o era. Assim, meus queridos pais e irmãs, ambos estamos confirmados Batistas, não porque queríamos ser, mas porque a verdade nos obrigou a ser. A renúncia de nossas antigas opiniões nos causou mais dor do que qualquer coisa que já nos aconteceu ao longo de nossas vidas [3].

...

NOTAS:

[1] James D. Knowles, O Livro de Memórias da Sra. Ann H. Judson, esposa do Rev. Adoniram Judson, Missionário a Birmânia, incluindo um histórico da Missão Batista Americana no Império Birmânico, 2^a ed. (Londres: Wightman e Cramp, 1829), 66.

[2] Significação original: “Pedobatismo”

[3] Robert T. Middleditch, Grande Missionário da Birmânia: Registros da Vida, Caráter e Realizações de Adoniram Judson (New York: EH Fletcher, 1854), 52-53; James D. Knowles, O Livro de Memórias da Sra. Ann H. Judson, esposa do Rev. Adoniram Judson, Missionário a Birmânia, incluindo um histórico da Missão Batista Americana no Império Birmânico, 2^a ed. (Londres: Wightman e Cramp, 1829), 62-63; Francis Wayland, Uma Memória da Vida e Obras do Rev. Adoniram Judson, D.D. (Boston: Phillips, Samson, e Colaboradores, 1853), 1:108.

O Batismo Infantil E O Princípio Regulador Do Culto

Por Fred A. Malone

Nossos amigos Presbiterianos muitas vezes afirmam que a autoridade para o batismo infantil vem de “boa e necessária inferência” da circuncisão de recém-nascidos, a partir do Antigo Testamento, não do comando positivo, exemplo, ou instituição no Novo (Warfield, Berkhof, Murray, et al). Na verdade, eles admitem aberta e regularmente que não há nenhum comando ou exemplo de batismo infantil no Novo Testamento, ou de fato, em todas as Escrituras.

Batistas frequentemente rejeitam o batismo infantil Presbiteriano, mostrando que a visão Pedobatista (“Batismo de infante”) sobre a teologia pactual erroneamente autoriza a “boa e necessária inferência” a partir da circuncisão do Antigo Testamento para anular a única instituição positiva do Batismo no Novo Testamento, a saber, o Batismo de discípulos somente. Este é um argumento adequado. No entanto, poucos reconhecem que esse erro Presbiteriano é uma violação de seu próprio “princípio regulador do culto”. Ainda assim, a prática do batismo infantil faz exatamente isso.

Isso pode não parecer ser uma declaração muito significativa a princípio, mas desde que o princípio regulador é ensinado e defendido por nossos irmãos Presbiterianos, isso realmente é uma acusação muito séria. Isso significa que eles contradizem o seu mais importante princípio de culto a cada vez que batizam um lactente.

Os Batistas sustentaram historicamente o mesmo princípio regulador do culto, embora muitos tenham esquecido disso hoje. Na verdade, nós, em última análise, praticamos “o Batismo dos discípulos somente” por causa disso. Estou convencido de que uma das razões pelas quais alguns Batistas estão se tornando Presbiterianos é porque os Batistas não compreendem mais o princípio regulador.

Obviamente, Batistas e Presbiterianos não podem estar ambos certos sobre a questão do Batismo. Com certeza, esta questão não é essencial para a salvação (como é, por exemplo, a justificação pela fé), mas diz respeito a um sacramento da igreja e, portanto, não pode ser descartado como sem importância (embora alguns ministros têm tentado fazer isso de modo a servir no ministério Presbiteriano). Batistas que são tentados a abandonar a teologicamente problemática Sião Batista pelo mais confortável Presbiterianismo podem não perceber que eles devem violar o princípio regulador do culto Presbiteriano (e Batista) para fazer isso.

Para provar minha tese, primeiro definirei “o princípio regulador” a partir de fontes Presbi-

terianas e depois mostrarei porque eu acredito que o batismo infantil é uma clara violação do referido princípio.

O Que É O Princípio Regulador Do Culto?

De acordo com a Confissão Presbiteriana Westminster e a Confissão Batista de Londres de 1689 (a confissão matriz de Batistas Americanos e do Sul):

“[...] o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por Ele mesmo e tão limitado por Sua própria vontade revelada, de forma que Ele não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás nem sob qualquer representação visível ou qualquer outro modo não prescrito na santa Escritura” (CFW 21:1).

Este princípio regulador ensina que o culto Cristão aprovado por Deus inclui apenas os elementos e práticas instituídas “por Ele mesmo e tão limitado por Sua própria vontade revelada, [e não]... de qualquer outro modo não prescrito na santa Escritura”. Em outras palavras, especulação, invenção, imaginação, e as práticas não comandadas e etc., não podem ser permitidas alterar ou negligenciar o culto instituído portanto, os únicos elementos de culto aprovados na tradição reguladora, de acordo com a Escritura, são:

Oração... A leitura das Escrituras com temor piedoso; a sã pregação, e consciente atenção à Palavra, em obediência a Deus, com entendimento, fé e reverência; o cantar salmos com graça no coração; como, também, a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo; são todas as partes do ordinário culto religioso a Deus: além dos juramentos religiosos, e votos, jejuns solenes e ações de graças em ocasião especial; devem, em seus vários tempos e estações, ser usados de um modo santo e religioso (CFW 21:4-5).

A oração, a leitura, a pregação da Bíblia, os cânticos, os sacramentos, votos, ações de graças, etc., são os únicos elementos autorizados do culto Reformado. Deve ser notado que os únicos sacramentos que são aprovados como elementos de culto são aqueles que foram “instituídos por Cristo” e não por “boa e necessária inferência”.

Por outro lado, o “princípio normativo de culto” é praticado por Luteranos, Anglicanos, Católicos Romanos, e, aparentemente, por muitos Batistas carismáticos e fundamentalistas. Eles são unidos a um número crescente de Batistas do Sul que, por vezes, por ignorância, desviaram-se sua herança teológica quanto à regulação.

O princípio normativo ensina que a adoração deve ser constituída por aquilo que é ordena-

do por Deus e também pode incluir o que não é expressamente proibido pela Escritura. Isso abre a porta para muitas atividades não comandadas que muitas vezes limitam a prática desses elementos comandados. O resultado também muitas vezes é visto no culto público, que tem pouquíssima leitura da Escritura e sermões de vinte minutos.

Obviamente, o princípio normativo convida à invenção, criatividade e novos elementos de culto que nunca são comandados ou mencionados na Escritura. Ele também permite que as práticas que são prescritas no culto do Antigo Testamento sejam usadas no culto Cristão do Novo Testamento por “boa e necessária inferência”, mesmo que estas práticas não sejam prescritas para o culto Cristão. Isto explica as diferenças tradicionais de culto entre a regra normativa versus as bases regulativas. Isso também explica as adições normativas de pompa, altares, sacerdócios, paramentos, livros de oração, mariolatria, orações aos santos, e outras práticas não instituídas pela Escritura ao culto Evangélico. Outros, atualmente, adicionam teatro, dança, fantoches, palhaços, filmes, mágicos, comediantes, levantamento de peso, “chamadas ao altar” de grande pressão, entretenimento e tudo o mais que seus corações desejem. Quando alguém sustenta o princípio normativo, outro deve perguntar: “Onde isso acabará?”.

O princípio regulador sempre incluiu: “há algumas circunstâncias, quanto ao culto a Deus e ao governo da Igreja, comuns às ações e sociedades humanas, as quais devem ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência Cristã, segundo as regras gerais da Palavra, que devem sempre ser observadas” (CFW 1:6). No entanto, estas circunstâncias de culto são sempre limitadas ao tempo, lugar, ordem de adoração, tempo de adoração, língua, bancos, ar condicionado, etc., questões que são comuns a qualquer sociedade humana (veja A Confissão de Fé de Westminster, por G. I. Williamson, 161). Eles nunca incluíram novas atividades não comandadas, como as mencionadas acima.

Acrescentando à confusão, outros que afirmam manter o princípio regulador redefiniram os elementos mais simples de adoração para incluir “aplicações” criativas desses elementos por “boa e necessária inferência”. Assim, eles justificam novas práticas, como teatro, como uma forma de pregação e dança como uma forma de louvor. Estes são justificados pela “boa e necessária inferência”, mesmo que tais práticas nunca sejam ordenadas em qualquer culto do Antigo Testamento ou do culto Cristão do Novo Testamento. Tais mestres têm, seja involuntária ou propositalmente, voltado para o princípio normativo de culto, acrescentando o que a Escritura não proibiu expressamente. Nenhuma quantidade de protesto em oposição pode mudar esse fato.

Em resumo, o princípio regulador do culto Reformado permite apenas os elementos de culto que foram instituídos de forma positiva e ordenados por Deus na Escritura.

O Que O Princípio Regulador Tem A Ver Com A Batismo Infantil?

O batismo infantil viola o princípio regulador do culto. Batismo é um dos sacramentos que foram “instituídos por Cristo”. Assim, ele é regulado por Deus, limitado pela Sua vontade revelada e prescrito pela Sagrada Escritura. Esta regulação se estende aos sujeitos do Batismo. Quem deve ser batizado? Como eles devem ser batizados? Por que eles devem ser batizados? Para responder a essas perguntas, devemos fazer uma pergunta mais básica: O que foi “instituído por Cristo”?

A instituição de Cristo do Batismo, em seu modo, significado e sujeitos deve ser regulada pela Palavra de Deus. Ainda assim, como os Batistas e Pedobatistas concordam, os únicos sujeitos do Batismo que podem ser conclusivamente determinados pela Escritura são discípulos professos. Os bebês são incluídos apenas por “boa e necessária consequência”, isto é, por uma adição normativa que nunca é ordenada na Bíblia. A prática de batizar bebês viola o princípio regulador.

Por incrível que pareça, o apologista Pedobatista, Pierre Marcel, na verdade afirma que Deus só nos dá instruções gerais sobre a doutrina do Batismo e depois deixa-o para que nós determinemos a sua aplicação prática às crianças. Isto é feito, segundo ele, por “princípios normativos”. Ele compara a prática do batismo infantil ao trabalho de aplicação na pregação. Esta é uma comparação totalmente inadequada quando se considera a inclusão dos sacramentos na Confissão de Westminster, sob o princípio regulador do culto. Marcel escreve:

A Igreja nunca se limita apenas ao pé da letra, mas, trabalhando a partir dos dados da Escritura e sob o controle do Espírito Santo, afirma princípios normativos e elabora as consequências e aplicações que tornam a sua vida e desenvolvimento possível e eficaz. Se não fosse assim, o exercício do ministério pastoral, a cura de almas, pregação, disciplina, e assim por diante, seria absolutamente impossível! É assim que a Igreja faz quando ela passa de um batismo de adultos para o infantil. A Escritura dá instruções gerais sobre o Batismo, seu significado e valor, e a Igreja o aplica concretamente na vida. Se a Escritura atribui aos filhos de crentes o gozo dos mesmos privilégios que são experimentados por aqueles que estão em idade de confessar sua fé, e uma vez que em nenhum lugar faz menção de um ministério batismal que deveria ter sido aplicadas aos adultos nascidos de pais Cristãos, diz-se o suficiente sobre este ponto, sem a necessidade de ter prescrito literalmente o batismo de infantes.

É surpreendente que Marcel admite que o batismo infantil é praticado sobre “princípios normativos” e, portanto, não precisa ser prescrito literalmente pela Escritura! Esta é clara-

mente uma aplicação do princípio normativo, e não do regulador, ao sacramento “instituído por Cristo”. É ainda mais surpreendente ver como ele usa a falta de instrução bíblica a respeito do batismo de adultos que nasceram de pais Cristãos. Ele faz desses filhos adultos de crentes uma classe especial e, em seguida, cita o silêncio da Bíblia sobre o batismo destes para justificar o batismo de infantes.

Não é verdade que a Escritura não se pronuncia sobre o Batismo de “adultos nascidos de pais Cristãos”. Eles, junto com adultos nascidos de pais não-Cristãos, bem como homens e mulheres, meninos e meninas de todas as idades são comandados pelo Senhor, através da Escritura, a se arrependerem e crerem no Evangelho. Aqueles que o fazem, independentemente de suas origens, devem, como os crentes do Novo Testamento do primeiro século, ser batizados (Atos 2:41).

Fazer dos filhos adultos de crentes uma classe especial, em seguida, equiparar o silêncio da Escritura a respeito deles com o seu silêncio sobre o batismo infantil é um absurdo. Esse tipo de pensamento pode levar a qualquer lugar, mesmo de volta aos sete sacramentos do Catolicismo Romano. Afinal, a Bíblia não é mais silenciosa sobre o batismo infantil do que sobre a administração da extrema-unção.

Uma questão fundamental permanece: se Cristo não chegou a instituir o batismo infantil, como ele pode ser, na linguagem da confissão, um sacramento “instituído por Cristo”? A explicação de Marcel sobre o batismo infantil em “princípios normativos” constitui uma afirmação Pedobatista do que tem sido mantida neste artigo, que o batismo infantil é uma violação do princípio regulador do culto e baseia-se no princípio normativo.

Quando Deus instituiu a circuncisão, Ele foi muito específico ao identificar seus sujeitos. É por isso que os bebês eram circuncidados. Isto está de acordo com o princípio regulador. Agora, nesta época do Novo Testamento, devemos assumir que o princípio regulador sobre os sujeitos dos sacramentos “instituídos por Cristo” (Batismo e a Ceia do Senhor), limitados pela vontade revelada de Deus, e prescritos pela Sagrada Escritura, devem ser deixados à nossa aplicação, como se fossem uma circunstância não comandada de culto? Se as palavras não significam nada, obviamente não. De acordo com o princípio regulador, os únicos sujeitos do Batismo “instituído por Cristo” e prescrito na Sagrada Escritura são os discípulos.

Estou convencido de que a “boa e necessária inferência” que estabelece o batismo infantil, abriu as portas a outras dificuldades dentro do mundo Cristão Reformado e Evangélico. A teonomia, a pedocomunhão e, mais recentemente, aplicações estabelecidas do princípio regulador do culto que na verdade tornaram-no o princípio normativo da época, são três

exemplos. Ou pode ser que o batismo infantil sempre foi baseado no princípio normativo, em vez do regulador? Essa é a minha conclusão. Talvez todos nós, Presbiterianos e Batistas, semelhantemente, precisamos nos comprometer com o princípio regulador do culto baseado na Bíblia e segui-lo aonde ele nos conduza.

Nem Batistas nem Pedobatistas têm um recanto na verdade. Ambos precisamos examinar nossas crenças e práticas à luz da Palavra de Deus. A herança que compartilhamos na Reforma Protestante nos lembra que a igreja deve ser “reformada e sempre se reformando de acordo com a Palavra de Deus”. Porque nós fazemos o que fazemos no culto? Como os sacramentos da igreja devem ser observados? O que a Palavra diz especificamente sobre os sujeitos do Batismo? Estas perguntas devem ser respondidas a partir da Bíblia. Tal exercício será benéfico para todos os filhos de Deus. Além disso, deverá nos tornar cautelosos para que não violemos o culto biblicamente regulamentado, pela incorporação de práticas não comandadas, não instituídas, não reveladas e não prescritas.

A Revisão Revisada

[Uma Resposta de David Kingdon a uma crítica (“revisão”) feita ao seu clássico
Os Filhos de Abraão, pelo Dr. John R. de Witt]

O artigo a seguir apareceu no Outono de 1977, publicado pela *Baptist Reformation Review* (Vol 6, Nº 3, pp. 35-42).

A maioria de vocês não leu a revisão de Dr. John R. de Witt sobre o livro de David Kingdon, “Filhos de Abraão”, Carey Publications, Haywards Heath, Sussex, Inglaterra. O artigo de revisão de Dr. de Witt veio a público no inverno de 1975, publicado por *Westminster Theological Journal*. Esta revisão do artigo de revisão do Dr. de Witt foi publicado em Setembro-Outubro de 1977, distribuído por *Reformation Today* (Reforma Hoje). Pedimos àqueles que leem *Reformation Today*, que nos perdoem a duplicação, mas acreditamos que este artigo também deve ser divulgado nos Estados Unidos.

A Revisão Revisada

David Kingdon, Pretoria, África do Sul

Não é sempre que um livro de cem páginas recebe uma revisão de dezessete grandes páginas de letras pequenas. Esse tem sido meu privilégio(!). No Inverno de 1975, publicado pela *Westminster Theological Journal*, Dr. John R. de Witt contribuiu com um artigo de revisão intitulado “Os Filhos e o Pacto da Graça”, sobre o meu livro “*The Children of Abraham*” (Os Filhos de Abraão) (Carey Press, 1973).

Certos aspectos de meu livro causam em Dr. de Witt tal angústia que ele sente que é necessário administrar uma repreensão pública a mim. Em especial à minha falta de respeito aos “homens santos e piedosos” (p. 248), equivalente à “leviandade” e descuido a ponto de precisar ser contrariado e repreendido. Dr. de Witt também desafia o meu uso de palavras tais como “exaltação” e “diatribe”.

Críticas Insignificantes

Antes de que eu me arrependa com saco e cinzas, precisa-se verificar se as críticas de De Witt são justificadas. De que maneira eu sou culpado de desrespeito quando eu uso a palavra “exaltação” na seguinte frase: “quase se pode sentir a exaltação do Professor Murray enquanto ele lança o seguinte desafio para os Batistas”? De Witt estabelece o seu caso, para a sua satisfação, com a seguinte declaração: “Qualquer pessoa minimamente familiari-

zada com o professor John Murray sabe que ele tomaria tal assunto com a maior seriedade, e ele não é um homem que sente exaltação *barata* enquanto ele estabelece o seu caso. Seu interesse não é de um partidário, mas o da verificação da verdade” (p. 246, itálico feito por mim).

Agora, vejamos o que De Witt fez. Ele inseriu a palavra prejudicial “barata” em seu argumento, o que implica que eu acuso o falecido Professor Murray de abrigar uma emoção *indigna*. Eu não faço nada do tipo, pois o Breve Dicionário Oxford de Inglês define exaltação como “elevação de espírito decorrente de sucesso” ou “elevação do espírito”, o que é aceito como o uso atual de costume. Ora, não há uma insinuação aqui que exaltação seja uma emoção “barata”. Dr. de Witt também não deixa claro por que um teólogo que tem certeza de seu fundamento, como o professor Murray tinha sobre a questão do Batismo, não deve sentir-se exaltado. E como sentir exaltação estabelece que o interesse de um homem é a de um partidário, indiferente quanto à apuração da verdade? Eu sinto exaltação enquanto eu prego as Doutrinas da Graça, precisamente porque elas são verdadeiras. Espero que o Dr. de Witt o faça também.

Dr. de Witt também objeta o meu emprego da palavra “diatribe”, quando eu comento sobre uma citação do livro de Pierre Marcel sobre o Batismo. Ele oferece o que ele descreve como a atual definição de uma diatribe como “um discurso amargo ou abusivo”. Ele não especifica a sua origem, mas em resposta eu especificarei a minha. O Breve Dicionário Oxford de Inglês define uma diatribe como “uma tese dirigida contra alguma pessoa ou trabalho; uma crítica amarga e severa, uma invectiva”. Agora, o que eu quis transmitir pela utilização da palavra diatribe foi a primeira parte da definição. Para minha mente, Marcel monta um ataque forte sobre aqueles que, a seu ver, dividem o Pacto. Dr. de Witt escolheu a pior definição possível, a fim de definir a minha observação sob a pior luz possível.

Ele também encontra como questão de queixa que eu digo, em resposta às censuras de Marcel, que os pedobatistas em seus melhores momentos, ou seja, quando eles não estão defendendo o batismo infantil, falam de uma participação exterior e interior na aliança, acrescentando que “não há outra interpretação que faça sentido”. De acordo com De Witt, eu deveria ter dito que não há outra interpretação que faça sentido para mim. No entanto, ele ignora a nota de rodapé na página 37, em que cito Thomas Shepard, um pedobatista convicto, no sentido de “que muitos dos que estão dentro, ou em relação interior à aliança, os filhos do diabo, são exteriormente, ou em relação exterior à aliança, filhos de Deus”. Posso assegurar De Witt que muitas dessas declarações de semelhante significação poderiam ser citadas a partir dos escritos de teólogos reformados. Todavia, mais ao ponto, pode Witt desenvolver uma interpretação de Gálatas 4:21-31, que negue a existência de uma participação externa bem como interna na Aliança, e que não faça sentido? Ambos, Ismael e Isa-

que receberam o rito da circuncisão, mas só Isaque participou interiormente das bênçãos da aliança. Até que ele o possa, De Witt não deve se opor onde eu digo que “não há outra interpretação que faça sentido”.

Também preocupa De Witt, que eu fale de “menor denominador comum” abordando toda a questão da unidade dos Cristãos. Ele escolheu me interpretar no sentido de que eu penso levianamente sobre a unidade que existe entre irmãos reformados tanto de convicções Batista e não-Batistas. Eu não acho nada do tipo. Meu comentário foi dirigido contra aqueles que pensam fazer avançar a causa da unidade por encobrir certas diferenças. Estes que eu especifico em uma frase que Witt evita citar, como sendo sobre a doutrina da Igreja, e os sujeitos e modo de Batismo (p. 13).

Eu, portanto, dificilmente acho que uma leitura honesta do meu comentário levaria De Witt a concluir que: “Ao falar assim de nossa unidade essencial, Kingdon desferiu um golpe, e não contra a unidade entre o verdadeiro povo de Deus, mas para a desunião, e, nessa medida, ele fez desserviço à Igreja como um todo e para o seu próprio parentesco em particular (p. 241)”. Deixe-me fazer a De Witt a seguinte pergunta: será que ele está preparado para ser membro de uma igreja que permita que seus membros, no fundamento da caridade Cristã, escolham entre o batismo infantil ou o Batismo dos crentes? entre uma doutrina da Igreja que exclui os filhos dos crentes, como tal, ou a doutrina da Igreja que os inclua? Eu suspeito que não, porque as convicções de consciência de De Witt são tão profundas quanto as minhas, e ele reconhece que as nossas diferenças impedem o gozo de plena unidade eclesiástica.

De Witt também confessa sentir “algo parecido com consternação” que eu “afirmo a existência de uma tradição Batista Calvinista, como se isso possuísse uma individualidade muito própria e fosse auto-originada e autossustentável” (p. 241). Eu presumo que De Witt está ciente de que existem Batistas Arminianos que creem que a única tradição teológica da história Batista é o Arminianismo. Certamente ele gostaria que eles fossem iluminados! Além disso, seus antecessores teológicos não têm sido lentos para lançar o epíteto “Anabatistas” indiscriminadamente a todos os Batistas, sejam reformados ou de outra forma. Nem tinham alguma hesitação ensinar que os “Anabatistas” deviam ser condenados à morte por praticar o Batismo de crentes. À luz desses fatos, acho que eu posso ser perdoado se eu afirmo a existência de uma tradição Batista especificamente Calvinista. No entanto, eu desafio De Witt a produzir um fragmento de evidência de meu livro que prove que eu considero a tradição Batista Calvinista como possuindo uma individualidade muito própria e que é auto-originada e autossustentável. Estou muito feliz em reconhecer nossa dívida para com a teologia reformada em geral, mas eu não vejo como tal dívida diz contra a existência de uma distinta tradição Batista Calvinista. Isso não mais fala contra a existência

de uma tradição do que o significado do termo “Presbiterianos Sulistas” diz contra a existência de uma tradição distinta dentro do Presbiterianismo nos Estados Unidos.

É uma pena que eu tive que gastar tanto tempo com assuntos de menor importância (e melhor poderia ter sido gasto), mas infelizmente, muito da revisão de De Witt é tomada com críticas destrutivas do tipo que eu já mencionei. Portanto, muito do que me parece resultar de sua tentativa de estabelecer o que eu descreveria como uma cortina de fumaça teológica que esconde o seu fracasso, de modo geral, no enfrentamento das principais disputas de meu livro.

Críticas Principais

Venho agora para as principais críticas De Witt ao meu livro. Elas são duas. Em primeiro lugar, ele afirma que eu me contradigo ao afirmar, por um lado, que “a circuncisão pode relativamente ser considerada a contraparte do Antigo Testamento, em relação ao Batismo Cristão” (p. 29), enquanto de outro, que eu insisto que a circuncisão e o Batismo não têm o mesmo significado (pp. 33-34). De acordo com De Witt, assim, eu tiro com uma mão o que concedi com a outra. E, ainda que aflige a ele dizer isso, estou na triste companhia daqueles “que empregam a terminologia da fé Cristã histórica”, mas “em vez derramar um conteúdo inteiramente novo, satisfaço-me em palavras antigas, de modo que, finalmente, nada mais resta do que era inicialmente pretendido”.

Em segundo lugar, De Witt argumenta que porque eu nego que os filhos dos crentes, como tais, já não têm significância pactual, segue-se que eu nego que Deus opera ao longo das linhas de gerações, e que, portanto, eu sou culpado, por fim, de manter o velho atomismo de uma doutrina puramente individualista da conversão. Ele acha significativo que eu tratasse o assunto do Batismo, sem uma única referência às passagens familiares, e ele vê essa omissão como prova de minha “incapacidade de ver o princípio do pacto, o princípio orgânico da obra de Deus por meio de linhas de gerações” (p. 254).

Analogia Entre A Circuncisão E Batismo

Que há uma analogia entre a circuncisão e o Batismo eu sustento no segundo capítulo, contra aqueles que, por vários motivos, negam que exista. Então, eu estou feliz em dizer que “é evidente que o Batismo tem significado próximo ao significado simbólico da circuncisão” (p. 29). Mas, tendo feito assim, eu prossigo a dizer que “agora temos de investigar o significado preciso e importância desta analogia” (p. 29). Depois de examinar Gênesis 17:1-14 e passagens do Novo Testamento que interpretam a circuncisão, aponto que tanto a promessa da Nova Aliança (Jeremias 31:31-34) e o Batismo de João indicam que o princípio da conexão do nascimento foi revogado (se a minha omissão das passagens familia-

res é significativa para De Witt, o seu silêncio sobre o que eu tenho a dizer a respeito do Batismo de João é ainda mais significativo).

É claro que De Witt pensa que porque eu admito que há uma analogia entre a circuncisão e o Batismo, há ali, portanto, uma identidade de significado entre os dois ritos, e, assim, os bebês devem ser batizados, pois bebês eram circuncidados sob a antiga dispensação. Tivesse De Witt lido o meu livro com mais cuidado do que ele parece ter feito, ele teria visto na página 45 uma rejeição à noção de que é possível falar de “uma analogia entre o Batismo e a circuncisão em termos de identidade completa”. Em outras palavras, para usar a linguagem filosófica, eu nego que entre circuncisão e Batismo exista uma relação unívoca. Ao contrário, eu afirmo que há uma relação analógica, ou seja, que o significado espiritual da circuncisão, enquanto levado para o Batismo, é muito transcendido por este.

Por que De Witt mantém uma identidade entre a circuncisão como um batismo, ele argumenta que os filhos dos crentes devem ser batizados. Defendo o contrário, que isso não é assim. A circuncisão tinha, como o batismo não tem, uma referência física e nacional (veja página 31). Como tal, foi administrada para a geração orgânica, porque, no Antigo Testamento, o status da aliança era passado de geração em geração por nascimento físico. No entanto, na dispensação do Novo Testamento, esse não é mais o caso, pois é somente os que são de Cristo, que são descendentes de Abraão (Gálatas 3:29). Em outras palavras, o status da aliança agora depende da união com Cristo.

Patrick Fairbairn aponta para a diferença na situação entre as dispensações do Antigo e Novo Testamento:

A diferença na forma exterior em cada caso, era condicionada pelas condições do tempo. Na circuncisão ela diz respeito à *propagação da descendência*, como se fosse através da produção de uma semente da bênção que o pacto, na sua forma preparatória, deveria alcançar a sua realização. Mas quando a semente nesse sentido alcançou o seu ponto culminante em Cristo, e os objetos do pacto não eram mais dependentes da propagação nacional da semente, mas deveria ser conduzida por meios espirituais e influências utilizadas em conexão com a fé de Cristo, a ordenança externa foi adequadamente alterada, de modo a expressar simplesmente uma mudança de natureza e estado no indivíduo que a recebeu. Sem dúvida, a forma do Novo Testamento desconhece distintamente a ligação entre pais e filhos; deveríamos dizer, *em si mesma não reconhece esta ligação em absoluto*; tal deveria ser francamente admitido por quem desaprova a prática do batismo infantil, e, ser aceito por todos, cujo objetivo é apurar a verdade, em vez de lutar por uma opinião. (Patrick Fairbairn: *A Tipologia da Escritura*, edição Oliphants, 1953, Vol 1, pp. 313-314, itálicos meus, exceto o último).

Para ser justo com Fairbairn, deve-se salientar que ele prossegue em argumentar o caso de batismo de infantes, alegando que “seria estranho se a liberdade... de ter filhos deles trazidos por uma ordenança de iniciação, sob o vínculo da aliança, não pertencesse aos pais sob o Evangelho” (p. 315). No entanto, ele conclui que “uma vez que esta é uma questão de inferência ao invés de promulgação positiva, aqueles que não se sentem justificados para fazer tal aplicação do princípio da ordenança do Antigo Testamento para o Novo, devem, sem dúvida, ser autorizados à sua liberdade de pensamento e ação...”. (p. 315). Agora, a questão-chave que Fairbairn expõe é esta: Se a circuncisão “diz respeito à propagação da descendência”, porque a partir dela surgiria “a semente da benção”, em que o pacto “em sua forma preparatória, deveria atingir a sua realização”, então, o princípio da aplicação do sinal e selo do pacto para bebês foi destinado a ser transportado para a era da nova aliança? Ou, para colocar a questão de outra forma:

A aplicação do sinal e selo para infantes sob a antiga dispensação foi fundada em um princípio permanente do Pacto da Graça, ou foi considerada em um aspecto típico daquela nova dispensação? Se o primeiro for o caso, podemos esperar algum paralelo na nova dispensação, mas, se for o último, então não pode haver nenhuma suposição prévia de que a prática será transferida para a nova dispensação. (Stuart Fowler: Batismo Cristão. Uma Resposta Reformada a um Pedobatismo Reformado, Baptist Reformed Publications, Macleod West, Victoria, Australia, 1968, p. 12).

Dr. de Witt simplesmente assume que a aplicação do sinal e selo para crianças sob a antiga dispensação está fundada em um princípio permanente do Pacto da Graça. Assim, por exemplo, ele diz que “há certamente algo de muito errado e muito confuso sobre a contenda de que, juntamente com uma parte do que foi prometido (a terra de Canaã) uma parte daquelas a quem toda a promessa foi feita também alcance ao longe (os filhos pequenos dos crentes)” (p. 251). No entanto, a questão que De Witt não enfrenta é esta: Se parte do que foi prometido tinha um significado típico, não teria a descendência de Abraão um significado típico também?

É minha disputa que o princípio de aplicar o sinal do pacto da circuncisão em crianças do sexo masculino (um ponto não suficientemente considerado na apologética pedobatista) foi de significação típica, e, portanto, já não continua em vigor sob a nova dispensação.

Algumas das evidências de que a descendência de Abraão teve um significado típico são as seguintes. Primeiro, a circuncisão foi administrada ao órgão masculino da geração, apontando para o fato de que a promessa incluía a propagação de uma semente natural eleita para ser o portador dos oráculos de Deus, e da qual surgiria o Redentor. Que o sinal do pacto não foi administrado a crianças do sexo feminino, nem a eunucos, apoia esta inter-

pretação. Em segundo lugar, o apóstolo Paulo afirma claramente que a descendência de Abraão tem um significado típico quando ele declara que, antes de tudo, é Cristo a semente que está em vista: “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência, que é Cristo” (Gálatas 3:16). A consequência que se segue é que todos que são de Cristo, unidos com Ele no pacto eterno da redenção, e manifestos por uma fé salvadora, são abraçados dentro da semente da aliança (Gálatas 3:29, Romanos 4:13-16; Romanos 9:8).

Na aliança feita com Abraão “a herança eterna, espiritual de uma semente espiritual eleita foi representada na forma típica a partir de uma semente natural eleita a quem foi concedida, uma herança terrena temporal. Foi com base em uma tal relação típica que o sinal e selo do pacto foi aplicado, e não em qualquer prova de pertencimento à semente espiritual, apenas a todos aqueles que pertenciam à semente típica, natural” (Stuart Fowler, obra citada, p. 12).

Quando Cristo, a substância, surgiu, a necessidade de representar uma semente espiritual esperando uma herança espiritual sob o tipo da semente natural esperando uma herança temporal, se foi. Como consequência, a circuncisão, o sinal externo e selo da aliança feita com Abraão, não era mais apropriado, e assim foi abolida. No entanto, existe uma outra consequência, e isso é fundamental para todo o debate. Se foi o objetivo do pacto Abraâmico expor sob a forma típica de uma semente natural eleita, a semente espiritual de quem as bênçãos espirituais da aliança da graça pertencem, então seria de esperar que, quando o sinal da nova aliança, o Batismo, foi introduzido, a estipulação de que o mesmo seja aplicado àqueles que estão em uma relação natural com o povo da aliança seria abandonada, e que a partir de então, seria aplicado a todos aqueles que, ao exibirem as evidências da fé salvadora, são presumidos ser da semente de quem a aliança agora pertence propriamente.

A interpretação que o apóstolo Paulo dá ao conceito de “descendência de Abraão” estabelece o princípio de que a Ordenança do Batismo agora deve ser aplicada apenas para aqueles que mostram evidências críveis de estarem em união com Cristo, pois somente aqueles em união com Ele são descendência de Abraão (Gálatas 3:29). Conclui-se, portanto, que seria fora de harmonia com o caráter da nova dispensação manter uma conexão natural de uma característica típica, como um pré-requisito para agora conceder o sinal e selo do Batismo. Essa ligação foi apropriada para a antiga dispensação, mas não é apropriada a nova. O que não é necessário é um pré-requisito que mais clara e diretamente representa o caráter espiritual da aliança, a relação típica para a qual, por tanto tempo, apontou. O Novo Testa-

mento não nos deixa dúvida de que tal não é outra além de uma profissão crível da fé em Cristo.

Linhas De Gerações

Resta agora avaliar a segunda maior crítica de De Witt. Desde que eu sustento que os filhos, como tais, já não têm significância pactual, segue-se, de acordo com De Witt, que eu nego que Deus opera ao longo das linhas de gerações, e que, portanto, eu sou culpado, por fim, de manter uma doutrina puramente individualista da conversão.

Esse tipo de crítica é frequentemente utilizado contra os Batistas, às vezes com justificativa. Mas ela é justificada, no meu caso? Creio que não. Pergunto ao Dr. de Witt, por que a lógica se segue que negar a inadequação de administrar o batismo a infantes é também negar que Deus opera ao longo das linhas de gerações? Eu acredito que Deus continua a operar, embora não exclusivamente, ao longo das linhas de gerações, mas eu falho em ver o porquê eu, ao rejeitar o batismo de infantes, sou obrigado a negar que Deus opera em famílias. Isso não se segue, mais do que se segue a partir da negação da Ceia do Senhor a infantes (que é a prática Reformada usual) que a solidariedade da família é controvertida. Se o Dr. de Witt sente (como eu suponho que ele sente) que aos infantes deve ser negada a Ceia do Senhor, até que eles façam uma profissão de fé confiável, sem ver isso como envolvendo uma negação de que Deus opera ao longo das linhas de gerações, por que ele argumenta que, quando o Batismo é negado aos infantes, pela mesma razão, não é necessariamente implícita a afirmação de que Deus não opera ao longo de linhas de gerações? Este ponto é o mais convincente em que as crianças israelitas (Êxodo 12:26-27; cf. Deuteronômio 6:20ss) participavam da Páscoa, como crianças judias fazem hoje. Se o argumento da solidariedade familiar é válido no caso do batismo infantil certamente ele deve ser bom no caso da administração da Ceia do Senhor aos infantes, como um recente escritor Reformado tem visto claramente.

Um dos grandes argumentos antipedobatistas sempre foi aquele de que o raciocínio admi-tiria as crianças à comunhão, que é uma conclusão a que os pedobatistas resistem, assim, colocando em questão as suas próprias premissas. A isto respondemos que nós não resistimos à conclusão de todo, mas totalmente admitimos que, por princípio, admitimos todos os batizados à Santa Comunhão. (*Ensaio Evangélicos sobre Igreja e Sacramentos*, ed. Colin Buchanan, S. P. C. K., Londres, 1972, p. 58).

Buchanan apreciou o que poucos teólogos Reformados parecem ser capazes de compreender, ou seja, se a solidariedade da família é um motivo para não negar o batismo às

crianças, é também um motivo para não negar-lhes a participação à Ceia do Senhor também.

Outro ponto surge. Se por, não praticar o batismo infantil, sendo um Batista Reformado eu fiquei com a “mesma concepção atomista” (p. 252), como aquilo contra o que eu protesto no início de meu livro: a recusa De Witt de permitir a comunhão infantil não é também baseada em um conceito atomista e individualista de conversão? Eu aponto isso simplesmente para ilustrar o quão cuidadoso Dr. de Witt deve ser antes de lançar tais termos como “individualista” e “atomística”, para sugerir que todo o pensamento corporativo está do seu lado e todo o individualista do meu!

Dr. de Witt vê grande importância no fato de que eu não lidar com os chamados “batismos de famílias” registrados no Novo Testamento. Isso ele interpreta como mais uma prova da minha “incapacidade de ver o princípio do pacto, o princípio orgânico de Deus operando através de linhas de gerações” (p. 254). Isso não é, de fato, nada do tipo. Eu simplesmente não compartilho a confiança dele que os Batismos de famílias provam o seu caso. Nisso, é claro, eu não estou sozinho, nem isso é apenas uma conclusão confessional com os Batistas de um lado e os que não são Batistas, por outro, como De Witt bem sabe. A controvérsia bem conhecida entre Kurt Aland e Joachim Jeremias, a anterior disputa contra a relevância dos Batismos de famílias para o batismo infantil, e a última desta, é resumida por um recente escritor Anglicano da seguinte forma: “Jeremias e Cullman [sic] de um lado e Aland e Beasley-Murray, por outro têm sido ferozmente travados em luta sobre esta questão em particular, de forma que a maioria de nós pode ser perdoada se reagirmos dizendo que seja quem estiver mais correto, claramente tiveram que provar um caso muito difícil, a partir de evidência altamente discutível” (Neville Cryer: *Por que rito? Batismo Infantil em uma Situação Missionária*, A. R. Mowbray e colaboradores, Londres, 1969, p. 56).

Assim, o Dr. de Witt não está em um terreno tão forte quanto ele acha, quando ele dá a impressão de que os “batismos de famílias” do Novo Testamento provam o seu caso.

Salvação infantil

Finalmente, o Dr. de Witt fala com uma confiança sobre a salvação dos filhos de crentes que, deve ser salientado, não é de forma alguma compartilhada por todos aqueles que sustentam a prática do batismo infantil. Os filhos são “os objetos especiais do amor pactual de Deus”, com a implicação, a partir da citação de Salmos 103:17-18, e em Atos 2:39, que todos serão salvos. Mas se há duas sementes de Abraão, o protótipo pai crente, como pode haver tanta certeza? Pode De Witt mostrar que existe agora, apenas uma semente eleita a partir de pais Cristãos? Deus agora revogou o princípio de que a partir do pai dos crentes

existe uma descendência dupla, filhos da carne e filhos da promessa? Se sim, onde no Novo Testamento nós o encontramos revogado? E se não está revogado, então, com base no argumento De Witt sobre o silêncio, isso deve ainda ser considerado continuar em vigor, com a consequência de que a sua certeza está equivocada.

Vale ressaltar que Herman Hoeksema, um valente defensor do batismo infantil, não compartilha da confiança do Dr. de Witt sobre a salvação de todos os filhos de crentes que morrem na infância. Em sua discussão sobre a questão, ele afirma o seguinte:

Em razão do fato de que o Senhor estabelece Sua aliança na linhagem de sucessivas gerações, os crentes confessam em gratidão ao Senhor que Ele os considera dignos de levar adiante a verdadeira semente da aliança. Esta semente da aliança, no entanto, não consiste de todas as crianças que nascem deles, mas apenas dos filhos da promessa. Certo é, que os crentes também trazem outra semente. Agora, neste lado da morte e a sepultura, laços carnis podem chamar-nos, de modo que dizemos que queremos ver todos os nossos filhos salvos, e não desejamos que a nossa própria carne e sangue se perca. Mas, em última análise, também a este respeito os justos devem viver a sua fé, e não a partir de sua carne... Com objetiva certeza, portanto, não há nada mais a ser dito sobre as crianças que morrem em sua infância do que o Senhor salva sua descendência de nossa semente (Herman Hoeksema: *Crentes e Sua Descendência*, Reformed Free Publishing Association, Grand Rapids, 1971, pp. 157-158).

Devo concluir esse comentário expressando meu lamento que o Dr. de Witt achou conveniente traçar um paralelo entre os que professam aceitar a terminologia da fé Cristã histórica, apenas, em vez derramar um conteúdo inteiramente novo em velhas palavras, e meu próprio tratamento dos conceitos de teologia pactual. De alguém que professa se preocupar com a unidade dos irmãos Reformados tal acusação é condenável, assumindo isso como sendo desonestidade deliberada de minha parte, que coloca entre parênteses meus argumentos com os truques de confiança intencionais de muitos modernos “re-intérpretes” da fé Cristã. Só podemos expressar a sensação de choque e tristeza que tal acusação foi permitida aparecer em tão respeitável publicação como a *Westminster Theological Journal*.

Conclusão Interessante Por Teólogo Radical

Em seu último livro, “*The Church in the Power of the Spirit*” [A Igreja no Poder do Espírito, de Harper and Row], Jurgen Moltmann faz uma sugestão muito controversa. Diz a revista *Time*: “Em um aspecto da doutrina, Moltmann chegou a uma conclusão radical para um teólogo nutrido em uma igreja estatal. Ele argumenta que o batismo infantil deveria ser extinto porque significa vínculos com a ‘família, nação e sociedade’ tanto quanto a identi-

ficação de uma pessoa com Cristo. A igreja, segundo ele, deve batizar apenas aqueles que ‘confessam a sua fé’. Se Moltmann houvesse adicionado total imersão em água, um Batista do Sul teria se sentido em casa” (09 de maio de 1977).

Ide, Fazei Discípulos, Batizando-os...

Por John Piper, 14 novembro de 1982.

“E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”. (Mateus 28:18-20)

Eu pensei que a melhor coisa que eu poderia fazer em uma breve meditação, em preparação para o Batismo desta manhã seria dar uma exposição simples, direta da passagem em que Jesus nos ordenou batizar.

Batismo É Normativa Na Comunidade Da Igreja

Batismo é um requisito para ser membro da igreja em Bethlehem. A razão para isso é que o Novo Testamento faz do Batismo uma parte normativa de tornar-se um Cristão. Jesus disse: “Fazei discípulos... batizando-os”. O que provavelmente poderia ser parafraseado assim: “Eu intenciono como uma parte normativa de tornar-se um discípulo, o ser batizado”. E isso é exatamente o que a igreja primitiva fez. Em Atos 2:41 diz-se que depois do primeiro sermão de Pentecostes de Pedro: “De sorte que foram batizados”. E 25 anos depois, quando Paulo escreveu à igreja em Roma, onde ele nunca esteve antes, ele presumiu que todos os Cristãos foram batizados. Ele disse em Romanos 6:1-3: “Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?” Em outras palavras, Paulo admite sem qualquer pergunta ou explicação, que todos os crentes em Roma sabiam o que é o Batismo e que eles haviam sido batizados, e ele apela para o significado deste Batismo como a base de sua instrução ética a todos os Cristãos. Assim, Jesus fez do Batismo uma parte normativa de tornar-se um Cristão em Mateus 28:19, e os apóstolos cumpriram isso. É por isso que o Batismo é um requisito para ser membro da igreja aqui em Bethlehem.

Jesus Tem Todo O Poder

Então, olhemos para o contexto em que Jesus fez esta exigência. Antes de dizer-nos para fazer qualquer coisa por Ele, versículo 19, Ele nos diz o que Ele pode fazer por nós no versículo 18. “É-me dado todo o poder”. “Poder” significa o direito e a autoridade para fazer

alguma coisa. Então Jesus quer dizer que Ele tem direito absoluto e todo o poder para fazer o que quiser no céu e na terra. Não há autoridade no céu que pode colocar a vontade de Jesus em questão, e não há poder na terra que pode colocar a vontade de Jesus em questão. E nenhum poder na terra ou no céu pode frustrar a Sua vontade, quando Ele exerce todo o seu poder para alcançá-la. “É-me dado todo o poder”.

Sem esta declaração da autoridade de Jesus, nunca poderíamos nos aventurar com confiança para fazer discípulos. Em que fundamento possível nós temos o direito de dizer a alguém que eles deveriam mudar todo o seu modo de pensar e agir e se tornarem um discípulo de Jesus Cristo? Somente uma coisa poderia justificar tal remoto proselitismo por todo o mundo: que Jesus Cristo ressuscitou dentre os mortos e foi-Lhe dada uma autoridade absoluta sobre as forças naturais e sobrenaturais, de forma que cada ser humano e ser angelical prestarão contas a Ele. Se Jesus tem esse tipo de autoridade, então nós, Cristãos, não apenas temos o direito, mas somos compelidos por amor a dizer às outras pessoas que convertam-se e tornem-se Seus discípulos. E Jesus tem esse tipo de autoridade, ou então, Ele é um enganador ou este livro (a Bíblia) tanto distorce o Seu retrato que não sabemos quem Ele era. Mas, chamar Jesus de um enganador e chamar este Livro de uma distorção são duas acusações injustificadas. Portanto, este Homem tem toda a autoridade no céu e na terra; mais do que o presidente Reagan, mais do que o Sr. Andropov, mais do que o complexo militar-industrial, mais do que todos os presidentes de todas as empresas do mundo juntas. Ele é o soberano absoluto do universo, e de uma forma ou de outra, todo joelho se dobrará a Ele.

E, portanto, notem a palavra no versículo 19, portanto, aqueles que dobram o joelho de fidelidade à Sua autoridade, têm com Ele o direito e o poder de ir e fazer discípulos em todos os lugares. A ordem para ir fazer discípulos não é arbitrária. É razoável. Jesus não disse: “Façam isso porque eu vos disse, e é isso”. Ele disse: “Façam isso porque toda a autoridade é Minha”. Nada é mais razoável e mais amoroso do que pleitear com as criaturas rebeldes sobre Jesus Cristo, para que elas sejam transformadas e deem a sua devoção ao Rei dos reis, que terá a última palavra neste mundo.

Sobre Toda A Terra

E observem também no versículo 19, uma vez que a autoridade de Cristo se estende por toda a terra, temos de ir a todas as nações, todas as etnias do mundo. Não existe uma cultura e nenhuma religião além da autoridade de Jesus e, portanto, nenhuma cultura e nenhuma religião além da Grande Comissão. O grande combate para a ortodoxia bíblica na década de 80 será o universalismo, o ensinamento de que todos os homens são salvos se eles confiam em Cristo ou não, ou pelo menos que todas as religiões são caminhos

legítimos para a salvação. A tolerância e o pluralismo serão as virtudes mais elogiadas da nossa década. Mas sobre tudo isso, permanece uma Palavra de julgamento na boca de Jesus Cristo: “É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações”. Não Americanismo, não a tecnologia Ocidental, não o capitalismo, mas Jesus Cristo é exaltado sobre todas as culturas e todas as religiões. Com Sua autoridade absoluta, Ele reivindica autoridade absoluta sobre todas as pessoas em todos os lugares. Essa é a base de todas as missões, nacionais e fronteiriças.

Discipulado E Morte Para O Eu

E observem também no versículo 19 que a nossa missão é a de “fazer discípulos” de Jesus. “Ide e fazei discípulos”. A palavra mais importante que eu acho que Jesus alguma vez disse sobre como se tornar um discípulo foi em Lucas 14:27: “E qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo”. Carregar uma cruz não significa, principalmente, ter tempos difíceis. Significa ir ao Gólgota. Significa morrer com Cristo, morrendo para as antigas atitudes de inveja, contendas, ciúme, raiva, egoísmo e orgulho; e voltar-se para seguir a Jesus em novidade de vida. Quando fazemos discípulos, ordenamos às pessoas a vir e morrer para seus velhos caminhos destrutivos, e viver para Jesus, que os amou e Se entregou por eles.

Batizados Na Morte De Jesus

Isso nos leva ao comando para batizar no versículo 19. O significado do Batismo se desenvolve a partir deste significado do discipulado. Se tornar-se um discípulo de Jesus significa morrer para sua velha vida e andar em novidade de vida com Cristo, como Jesus ensinou, então é quase inevitável que o ato simbólico desta conversão venha a significar uma morte e ressurreição. E isso é exatamente o que ocorreu. Paulo diz em Romanos 6:3-4: “Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo Batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Então, Jesus ordena o Batismo como uma parte normativa de fazer discípulos, porque o Batismo significa, em uma forma exterior, o que significa tornar-se um discípulo: a morte da autoconfiança e uma nova vida de fé seguindo Jesus.

Quando diz-se no versículo 19 que devemos batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu penso que o ponto é que cada membro da Trindade é ativo na conversão que o Batismo significa. Quando uma pessoa se torna um discípulo de Jesus, ela se relaciona de uma maneira nova com toda a Divindade. O Pai se torna nosso Pai celestial, o Filho, nosso Senhor, o Espírito nosso capacitador, habitando interiormente. E no ato do Batismo, nos submetemos a todos os Três, e nós juramos lealdade a toda a Trindade.

Ensinando E Guardando Todos Os Seus Mandamentos

O versículo 20 mostra que fazer discípulos significa mais do que alcançar conversões e batismos. “Ensinando-os a guardar”. A conversão e o Batismo são essenciais, mas assim é o ensino prolongado do que Jesus ensinou. A nova vida de um discípulo é uma vida de obediência aos mandamentos de Jesus, ou não é uma nova vida de modo algum. É inútil reconhecer o senhorio de Cristo no Batismo e depois ignorar Seus mandamentos. Assim, todos os discipuladores devem ser professores e os discípulos devem ser aprendizes contínuos.

Mas ensinar as pessoas a obedecerem a Cristo não é fácil. Obedecer a Cristo em tudo o que Ele ordenou é mais difícil ainda. Isso exige um tremendo poder espiritual. E Cristo foi tão gracioso de modo a deixar-nos com uma palavra de conforto e poder: “eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (v. 20). A razão pela qual essa promessa é repleta com o poder é que a Pessoa que a fez tem todo o poder no céu e na terra (v. 18). Ele não é poderoso e distante. Nem Ele é presente e fraco. Mas Ele está conosco, e Ele é todo-poderoso, para sempre. A Grande Comissão é envolvida em poderosa graça, e assim, nós também o somos.

Enquanto batizamos nesta manhã, dediquemo-nos novamente a obedecer a Jesus e fazer discípulos. Mas vamos fazê-lo, lembrando que somos envolvidos em graça: a promessa da Sua autoridade absoluta e poder, de um lado, e a promessa de Sua constante presença no outro.

Uma Celebração Do Batismo

Por John Piper, 18 de abril de 1982.

“E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho do reino de Deus, E dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho” (Marcos 1:14-15), um outro homem, João Batista, estava preparando o povo de Israel, chamando-os ao arrependimento, a voltarem-se para Deus em fé e obediência, e serem batizados. O que o Batismo de João significa?

A Origem Do Batismo Cristão

Isso significava que o Messias havia chegado; que Ele estaria reunindo um novo povo para Si mesmo; a marca deste novo povo não é o judaísmo, mas o arrependimento e a fé. Por isso os judeus não responderiam à exigência de João para o arrependimento: “Mas nós temos Abraão por nosso pai, e carregamos as marcas da circuncisão, o sinal do pacto”. O que importa no novo povo não é quem são seus pais, mas para quem você vive; e, portanto, um novo símbolo para o novo povo da aliança é dado, a saber, o Batismo; e é dado no ministério de João apenas para aqueles que se arrependem e creem. Em outras palavras, ao chamar todos os judeus para serem batizados, João declarou poderosamente que a descendência física não produz uma participação na família de Deus, e, portanto, a circuncisão que significava um relacionamento físico será agora substituída pelo Batismo, que significa a relação espiritual. E assim João Batista estabelece as bases para a compreensão do Novo Testamento sobre o Batismo, que a tradição Batista hoje tenta preservar.

O próprio Jesus aceitou o Batismo de João, a fim de identificar-Se com o ensino de João e com este novo povo de fé. Os discípulos de Jesus aderiram à prática de João e batizaram como uma parte do ministério de Jesus (João 3:26; 4:2). Então, no fim de Seu ministério terreno, Jesus comissionou a igreja para “fazer discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mateus 28:19).

Várias semanas depois, os apóstolos pregaram o seu primeiro sermão para o povo judeu, que se reuniam para o Pentecostes em Jerusalém. Pedro concluiu com estas palavras: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo; porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar” [Atos 2:38-39]. Seguindo os passos de João Batista e, em obediência ao mandamento do seu Senhor, os apóstolos chamam a nação de Israel a arrepender-se e significar este arrependimento através do Batismo. E a promessa que eles sustentavam não é

apenas para esta geração, mas para os seus filhos também, e não só para aqueles próximos, mas para aqueles que estão distantes. É para todos os que ouvem e respondem ao chamado de Deus. O perdão dos pecados e o dom do Espírito Santo é oferecido a todos os que se voltam para seguir a Cristo e seguem a expressar essa transformação no Batismo.

Assim, podemos ver como a Ordenança do Batismo Cristão começou com João Batista, foi aceito por Jesus no início de Seu ministério, foi praticado por Seus discípulos, foi ordenado pelo Senhor depois de Sua ressurreição, e foi oferecido na igreja primitiva para todos os que se arrependem e creem em Jesus Cristo. E podemos ver o significado que ele alcançou. Era um sinal de arrependimento e fé em Cristo como Salvador e Senhor de um novo povo. O Batismo simboliza a conversão a Jesus. Ele representa uma conversão da vida antiga e um alinhamento de nós mesmos com Cristo. Como São Paulo disse: “De sorte que fomos sepultados com ele pelo Batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida” (Romanos 6:4). Ele simboliza a morte para o velho caminho descrente e a vivificação de uma nova pessoa que confia e obedece a Jesus.

Batismo De Crentes Versus O Batismo Infantil

Uma das coisas que faz de nossa visão de Batismo ser distinta é que não concebemos que os infantes devem ser batizados. A razão é que, por um lado, os infantes não são capazes de arrependimento ou fé; e, por outro lado, a noção de que uma pessoa deve herdar as bênçãos de um Cristão ou ser considerado um Cristão, em virtude da fé de seus pais é contrária ao ensino do Novo Testamento. A defesa mais crível e respeitável do batismo infantil, diz que, assim como em Israel a circuncisão foi dada às crianças de oito dias de idade, assim, na igreja, o batismo deve ser administrado às crianças de pais Cristãos. Agora, nós argumentamos que existe uma correspondência entre a circuncisão como um sinal da aliança com Israel e Batismo como um sinal da nova aliança. Cremos, a saber, que, assim como a circuncisão foi administrada a todos os filhos físicos de Abraão que compunham o Israel físico, assim o Batismo deve ser administrado a todos os filhos espirituais de Abraão que compõem o Israel espiritual, a Igreja.

E quem são esses filhos espirituais de Abraão? Gálatas 3:7 diz: “Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão”. Uma vez que a única maneira de entrar no verdadeiro Israel de Deus, a Igreja, é através do arrependimento e da fé em Jesus Cristo, assim o símbolo desta entrada só deve ser administrado àqueles que creem. O Batismo de Crentes testemunha o ensino de João Batista (Mateus 3:9), de Jesus (Mateus 21:43), e dos apóstolos que “nem por serem descendência de Abraão são todos filhos... não são os filhos da carne

que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência” (Romanos 9:7-8). Uma mudança muito importante ocorreu na maneira como Deus compõe o Seu povo. No Antigo Israel, Deus formou o Seu povo através de descendência natural. Mas na Igreja, o verdadeiro Israel, Deus está formando o Seu povo e não por parentesco natural, mas por meio de conversão sobrenatural à fé em Cristo. Sim, há uma correspondência entre a circuncisão para o Antigo Israel e o Batismo para a Igreja. Ambos simbolizam a adesão à comunidade de aliança. Mas também há uma diferença crucial. Com a vinda de João Batista, e Jesus e os apóstolos, a ênfase agora é que o estado espiritual de seus pais não determina a sua participação na comunidade da aliança. Os beneficiários das bênçãos de Abraão são aqueles que têm a fé de Abraão. Estes são aqueles que pertencem à comunidade da aliança, e estes são os que (de acordo com a prática do Antigo Testamento) devem receber o sinal da aliança.

Portanto, o que nós celebramos no Batismo, hoje, é a poderosa obra de Deus nos corações de crianças e adultos ao trazê-los ao arrependimento e à fé em Cristo. Quando perguntamos se Jesus é o seu Salvador e Senhor, celebramos a verdade eternamente importante que eles receberam dEle, a si mesmos. Quando os batizamos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, nós celebramos o envolvimento de toda a Divindade em sua conversão e sua nova relação com cada pessoa da Trindade. Quando os imergimos em água, nós celebramos a morte e sepultamento de Jesus Cristo pelos nossos pecados. Quando os emergimos da água, nós celebramos a ressurreição de Jesus e a sua participação na mesma. E quando eles saem das águas batismais, celebramos a novidade de vida em amor e alegria que Jesus nos concede.

Minha oração é que todos os próprios candidatos ao Batismo, e todos os que testemunham o Batismo deles, experimentem um reavivamento do amor a Deus por tudo que Ele fez por nós em fazer-nos parte do novo povo da aliança por meio do arrependimento e da fé.

O Batismo Infantil E A Comunidade Da Nova Aliança

Por John Piper

1. Em todas as ordens e exemplos de Batismo no Novo Testamento, o arrependimento e fé precedem o Batismo.

Atos 2:37-38, 41:

³⁷ E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, homens irmãos? ³⁸ E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo... ⁴¹ de sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas.

2. Não há casos de batismo de infantes na Bíblia.

E sobre Batismos de casas (Atos 16:15, 33, 1 Coríntios 1:16)?

Este é um argumento extraído a partir do silêncio, a saber, que bebês foram incluídos nessas três ocasiões. Além disso, em Atos 16:30-33 Lucas aponta que a Palavra de Deus foi anunciada a todos aqueles que foram batizados, isso sugerindo que nenhuma criança, mas somente aqueles que poderiam ouvir a Palavra, foram batizados.

Atos 16:30-34:

³⁰ E, tirando-os para fora, [o carcereiro] disse: Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar? ³¹ E eles disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa. ³² E lhe pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa. ³³ E, tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi batizado, ele e todos os seus. ³⁴ E, levando-os à sua casa, lhes pôs a mesa; e, na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa.

3. Batismo é descrito por Paulo como uma expressão de fé.

Colossenses 2:11-12:

¹¹ “No qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo dos pecados da carne, pela circuncisão de Cristo; ¹² Sepultados com ele no batis-

mo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos”.

Assim, o Batismo é uma expressão de fé, e a ressurreição com Cristo, que acontece no batismo, ocorre em virtude do Batismo ser uma expressão de fé, o que infantes não podem desempenhar.

4. Batismo é descrito por Pedro como um apelo a Deus pela pessoa que está sendo batizada.

1 Pedro 3:18-21:

¹⁸ Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito; ¹⁹ No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; ²⁰ Os quais noutro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água; ²¹ Que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo.

Batismo salva no sentido de que é a expressão externa de um apelo interior a Deus, e não como um mero ritual em água. Ele salva da forma que a confissão dos lábios salva em Romanos 10:9, na medida em que a confissão dos lábios é uma expressão da fé do coração.

Mas, e sobre o sinal do pacto feito com os filhos de Israel na Antiga Aliança?

Gênesis 17:7-10:

⁷ E estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência depois de ti em suas gerações, por aliança perpétua, para te ser a ti por Deus, e à tua descendência depois de ti. ⁸ E te darei a ti e à tua descendência depois de ti, a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã em perpétua possessão e ser-lhes-ei o seu Deus. ⁹ Disse mais Deus a Abraão: Tu, porém, guardarás a minha aliança, tu, e a tua descendência depois de ti, nas suas gerações. ¹⁰ Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós, e a tua descendência depois de ti: Que todo o homem entre vós será circuncidado.

Catecismo de Heidelberg:

[Crianças de pais Cristãos] assim como os adultos, pertencem à aliança e à igreja de Deus [...] Assim as crianças, por meio do batismo como sinal da aliança, devem ser enxertadas na igreja de Cristo e distinguidas dos filhos dos incrédulos. Na velha aliança isso era feito pela circuncisão, que, na nova aliança, foi substituída pela instituição do batismo¹.

Diretriz de Westminster para o Culto Público Deus:

A semente e a posteridade dos fiéis nascidos dentro da Igreja têm por seu nascimento uma participação na aliança e direito ao selo dela e aos privilégios externos da igreja sob o evangelho, não menos que os filhos de Abraão, no tempo do Velho Testamento...

Por que o Batismo não é administrado aos filhos de pais Cristãos na Nova Aliança, como a circuncisão era administrada aos filhos de pais judeus na aliança anterior?

5. Porque os membros da Nova Aliança não são definidos por descendência física, como eram os antigos membros da aliança, mas pela vontade de Deus, escrevendo Sua Lei em seus corações e chamando-os para Si mesmo e conduzindo-os ao arrependimento e à fé.

De acordo com esta delimitação do povo da Aliança àqueles que são verdadeiramente nascidos de Deus, o novo sinal da Aliança deve significar que uma pessoa é de fato parte dessa comunidade de regenerados da aliança, que é evidenciado pela fé.

Da mesma forma que uma mudança no sinal veio permitir que ambos, homens e mulheres, participem do sinal (o Batismo em vez de circuncisão), tornando-o mais claro do que antes que mulheres e homens são iguais herdeiros da salvação (1 Pedro 3:7), assim também uma alteração nos receptores do sinal veio tornar mais claro que sob a Nova Aliança, o povo de Deus não é determinado em absoluto por descendência física, mas pela transformação espiritual, evidenciada na fé.

5.1. João Batista conclamou ao Batismo aqueles que já possuíam o sinal da aliança, mostrando que um novo significado estava sendo dado ao sinal; já não apontando para a descendência física de Abraão, mas sim para a descendência espiritual, através da fé e do arrependimento.

[1] Fonte: Heidelberg-Catechism.com

Mateus 3:7-9:

⁷ E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? ⁸ Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; ⁹ E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão”.

5.2. Jesus confirmou o ministério de João e definiu os filhos de Deus não como aqueles que nasceram de certos pais, mas os nascidos de Deus por meio da fé.

João 1:12-13:

¹² Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome; ¹³ Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

5.3. Paulo esclareceu que os filhos de Abraão, a quem a promessa foi feita, não eram os nascidos segundo a carne, mas os nascidos de acordo com a promessa. Os filhos da promessa e filhos da carne não são os mesmos.

Romanos 9:6-8:

⁶ Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas; ⁷ Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. ⁸ Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência.

Gálatas 3:6-7:

⁶ “Assim como Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. ⁷ Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão”.

5.4. Os filhos a quem a promessa é feita são os filhos que são “chamados”, e o chamado de Deus é livre e não vinculado a nenhuma família física.

Atos 2:39:

“Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar”.

Considerações Sobre O Batismo

Mensagem da noite de Domingo,
29 de setembro de 1980, por John Piper.

O Novo Testamento ensina muito claramente que somos salvos pela fé. “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo” (Atos 16:31; veja também João 3:16). “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Efésios 2:8). “Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus” (Gálatas 3:26).

O Novo Testamento também ensina que a fé é um ato do coração; ela vem do florescer de nossas emoções e vontade. Romanos 10:10 diz: “Com o coração se crê para a justiça”. Devemos decidir tomar a Cristo como nosso Senhor e nosso Salvador e devemos amá-LO pela beleza de Sua santidade.

Mas a transição da morte para a vida, das trevas para a luz, da desesperança à esperança, da escravidão do pecado para a escravidão a Deus não é meramente uma questão de ideias ou emoções. Inclui toda a pessoa, e, portanto, o Novo Testamento chama não apenas para a fé no coração, mas também a confissão nos lábios. “A saber: se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Romanos 10:9). Claro que isso não significa que uma pessoa que está paralisada e não pode falar não pode ser salva. Tal noção trataria a confissão como uma adição mecânica à fé. Mas Jesus disse: “Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca” (Mateus 12:34). Confissão com a boca é simplesmente o transbordar da fé. Quando Paulo insiste na confissão ele quer dizer: o coração deve estar cheio de fé, e nunca devemos limitar a vida em Cristo a um assunto meramente emocional ou interior.

Batismo Como Uma Expressão Pública De Fé

Para preservar esta verdade, o Novo Testamento chama para mais um ato no processo de passagem da morte à vida, da alienação de Deus para a reconciliação com Deus, a saber, o Batismo. As últimas palavras de Jesus aos Seus discípulos: “ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado”. Assim, Pedro conclui seu primeiro sermão, depois que Jesus se foi, com as palavras: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo” (Atos 2:38).

Às vezes, nós nos referimos ao Batismo como um símbolo. Isso pode estar dizendo muito

pouco, a menos que nós nos lembremos de que existem duas formas para simbolizar algo. Se você escrever a palavra AMOR [LOVE] em um quadro negro para um grupo de alunos do segundo grau e dizer que este é o símbolo do idioma Português [Inglês] para o compromisso do coração para o bem-estar de alguém, isso é um tipo de simbolismo. Mas se você leva sua amada para uma lagoa e, sentando-se com ela debaixo de uma árvore, você retira um anel de diamante do seu bolso, pede-lhe para casar com você, e oferece o anel como um símbolo de seu amor, então você está fazendo algo muito diferente — você está expressando amor através de uma ação simbólica. O professor que escreve AMOR na lousa não precisa ter qualquer amor. Mas a entrega de um anel de diamante é o amor em ação.

O Batismo é um símbolo de fé nesse segundo sentido. É uma expressão com o corpo inteiro da aceitação do coração do senhorio de Cristo. Por que é tão apropriado que Jesus o tenha ordenado a todo o Seu povo? Eu penso que é apropriado, porque o que acontece em se tornar um Cristão envolve o corpo, bem como o coração. Na conversão, o coração é livre do pecado para ser escravizado a Deus. Mas em Romanos 6, Paulo realmente salienta que nossos corpos também estão envolvidos ao longo desta mudança. Por exemplo, no versículo 13: “Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça”. Parece apropriado que uma vez que o senhorio de Cristo reivindica todo o nosso corpo, devemos expressar a nossa aceitação deste senhorio com uma ação de todo o corpo. E a ação que Jesus ordenou é o Batismo. O Batismo dá expressão à nossa fé, que somos de Deus, da cabeça aos pés.

A igreja primitiva batizou por imersão e via este ato como uma aceitação da morte com Cristo e a ressurreição para uma nova vida. Quando todo o corpo é imerso em água, o crente simboliza e expressa seu desejo de que nenhum aspecto de sua pessoa escape da morte com Cristo e da renovação pelo Espírito.

Eu estive pensando sobre a piscina batismal de Bethlehem. Eu nunca vi nada parecido. É muito parecido com uma catacumba ou uma tumba. Você entra por uma porta pequena, e, em seguida, ela abre levemente aqui, em uma pequena sala. O teto é muito baixo (Rick terá que se curvar). Mas esta atmosfera tumular apertada é talvez, simbolicamente, muito apropriada. Paulo disse em Romanos 6:3-4: “Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?”

De sorte que fomos sepultados com ele pelo Batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida”.

Então eu sugeri a Rick e Marie, e Steve e Cindy que, enquanto eles entram por aquela porta estreita e se movem ao longo do caminho de passagem para esta piscina, eles façam com que sua movimentação signifique o seu desejo de morrer com Cristo para o pecado e de andar em novidade da vida — vida inteiramente dedicada a Deus.

Quão Antigo O Batismo Infantil É?

06 de maio de 1997 por John Piper

A primeira menção explícita de “batismo” infantil na história da igreja é do pai da igreja na África, Tertuliano, que viveu cerca de 160 D.C a cerca de 220. Ele nasceu em Cartago, estudou em Roma para uma carreira legal e foi convertido ao Cristianismo por volta de 195. Ele foi o primeiro teólogo Cristão a escrever em latim e exerceu influência significativa através de suas obras apologéticas.

A obra, *de baptismo* (Sobre o Batismo) foi escrita, evidentemente, entre 200 e 206. Nele Tertuliano questiona a sabedoria em conceder o batismo às crianças. Ele diz:

De acordo com a condição e disposição de todos, e também sua idade, o adiamento do batismo é mais proveitoso, especialmente no caso de crianças pequenas. Pois, por que é necessário — se [o próprio batismo] não é necessário — que os responsáveis sejam empurrados ao perigo? Pois eles podem tanto falhar em sua promessa com a morte, ou podem ser confundidos a comprovarem tratar-se de uma criança de disposição perversa [...] Aqueles que compreendem o peso do batismo antes temerão o recebimento do mesmo, do que o adiamento dele. Uma fé íntegra é segurança de salvação! (Sobre o Batismo, cap. XVIII).

O que vemos aqui é a primeira testemunha explícita do batismo infantil que não assume que ele é um mandamento [no sentido de ser algo entregue]. Em outras palavras, na virada do século III ele não é um tido por garantido, como ele é 200 anos mais tarde, quando Santo Agostinho aborda o assunto. Tertuliano fala como alguémalaria se a prática estivesse em disputa, possivelmente como um desenvolvimento mais recente.

Quando olhamos para o Novo Testamento, o mais parecido com o batismo infantil que encontramos é a referência a três “famílias” que estão sendo batizadas. Em 1 Coríntios 1:16, Paulo diz: “E batizei também a família de Estéfanos; além destes, não sei se batizei algum outro”. Em Atos 16:15, Lucas relata sobre a nova convertida, Lídia, “E, depois que foi batizada, ela e a sua casa, nos rogou, dizendo: Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e ficai ali. E nos constrangeu a isso”, e em Atos 16:33, Lucas nos diz que depois do terremoto na prisão de Filipos, o carcereiro “E, tomando-os [Paulo e Silas] ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi batizado, ele e todos os seus [familiares]”.

É significativo que em relação à família do carcereiro de Filipos, Lucas relata em Atos 16:32, pouco antes de mencionar o Batismo da família do carcereiro, “E [Paulo e Silas] lhe pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa”. Esta parece ser a forma de Lucas dizer que ouvir e crer na palavra é um pré-requisito para o Batismo. Toda a casa ouviu a palavra e toda a família foi batizada. Em qualquer caso, não existe qualquer menção a lactentes em qualquer um destes três exemplos de Batismos de casas, e é um argumento do silêncio dizer que ali deve ter havido crianças pequenas. Seria como dizer que aqui em Bethlehem, a referência à casa de Ross Anderson, Don Brown, Dennis Smith, David Michael ou David Livingston, ou dezenas de outras devem incluir crianças, e elas não incluem.

No entanto, a partir desses textos, Joachim Jeremias, que escreveu um dos livros mais influentes na defesa do batismo infantil, concluiu: “É característico que Lucas poderia relatar o assunto assim. Pois assim fazendo, ele dá expressão ao fato de que “a solidariedade da família no batismo e não a decisão individual do membro singular ‘foi a consideração decisiva’” (Batismo Infantil nos Primeiros Quatro Séculos, 1960, p. 23, citando Oscar Cullman, Batismo no Novo Testamento, 1950, p. 45). Eu prefiro dizer que todo o fluxo do Novo Testamento, e muitos ditos particulares, é na direção oposta: é precisamente o indivíduo em sua relação com Cristo, que é decisivo no Novo Testamento, ao invés de solidariedade na carne. “Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência” (Romanos 9:8).

Pastor John.

O Batismo De Casas, Batismo De Arrependimento

por William Teixeira

Apresentação

Depois de convertido sempre fui Credobatista. Eu não me converti ao Evangelho frequentando uma “igreja” ou conversando com um amigo crente, mas lendo a Bíblia em minha própria casa, sozinho.

Em dado momento da minha vida, Deus usou a influência de algumas amigas, colegas de aula, para me fazer sentir uma fortíssima influência e impulso para saber o que estava escrito na Bíblia. No princípio, comecei a ler somente por curiosidade, mas quando cheguei em Mateus 6:33-34, as escamas caíram de meus olhos e fui convertido pelo Senhor Jesus Cristo. Acho que foi a primeira passagem em que, de fato, entendi o significado espiritual das Escrituras. Senti um desgosto e desapego total pelas coisas desta vida e um desejo ardente e poderoso de “Buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua Justiça”, em suma, buscar a Cristo.

Aquela foi a primeira de algumas outras vezes que li todas as Escrituras. Na época como católico romano, fiz muitas descobertas, como, por exemplo, que Deus abominava as imagens de escultura, que Maria não deveria ser adorada e nem era a “mãe de Deus”, que o Papa sequer era mencionado na Bíblia, que purgatório não existia, que a oração pelos mortos era inútil e mentirosa, e muitíssimas outras. Enfim, dentre estas muitas coisas, uma delas foi: “Batizar bebês é errado, porque a Bíblia não ensina que bebês devem ser batizados”.

Esta é a minha firme convicção ainda hoje, a saber, que se um estudante sincero e persistente, alguém que está decidido e confiando em Deus para aprender o que é o único Batismo realmente Bíblico, levar em conta somente as Escrituras, e considerá-las como suficientes para toda boa obra, então chegará ao veredito: “Batizar bebês é errado, porque a Bíblia não ensina que bebês devem ser batizados”.

Mas nem sempre fui assim tão convicto... por volta do mês de outubro de 2013 me sobrevieram muitas dúvidas sobre o Batismo de crentes somente, e quase cedi ao batismo de bebês, mesmo contra a minha consciência e sem sólido fundamento bíblico, os principais motivos para isso foram:

- 1 — Porque eu nunca havia me aprofundado sobre o assunto, nem dedicado tempo para estudá-lo à luz das Escrituras.
- 2 — Por descobrir que a maioria dos Reformadores e Puritanos eram pedobatistas.

3 — Pela influência de uma pessoa que é mais chegada do que um irmão.

4 — Porque ao começar a me aprofundar nos estudos, e ao pesquisar textos em língua Portuguesa sobre o assunto, eu somente encontrei textos “melhores” que defendiam o Pedobatismo; na verdade os bons textos que defendiam o Credobatismo foram dois ou três, ainda assim eram tão pequenos que chegavam a ser quase inconclusivos, embora tenham me dado bastante luz; contudo a grande maioria de textos que defendiam o Credobatismo eram tão simplistas que chegavam a ser quase auto-refutáveis.

O meu pouco conhecimento bíblico sobre o assunto. A Tradição. A pobreza, de forma geral, dos textos Credobatistas e a boa articulação dos textos Pedobatistas; e principalmente a influência de homens piedosos do passado e de um amigo mais chegada que um irmão no presente, quase fizeram meus pés resvalarem e pouco faltou para que eu abraçasse a doutrina anti-bíblica do Pedobatismo.

Bom, eu me convenci e confirmei a minha firme crença no Batismo de crentes como único Batismo Bíblico, em grande parte, lendo bons textos de alguns autores Credobatistas, os quais precisaram ser traduzidos, pois não estavam disponíveis em língua Portuguesa, digo isto baseado em minha experiência pessoal e especificamente sobre textos disponíveis gratuitamente na internet.

Mas essencial e principalmente eu firmei minha fé Credobatista ao entender verdadeiramente que a Bíblia é suficiente para me esclarecer sobre o assunto, bem como sobre qualquer outro. Esta foi a grande luz que me iluminou sobre a questão, pois anteriormente, digo isso muitíssimo envergonhado e entristecido, cheguei a cogitar a possibilidade da Bíblia não ser suficiente e nem clara para me dar uma resposta esclarecedora, direta e objetiva para minha pergunta “O que realmente o Batismo é?”. Assim fui lançado em trevas que se podiam apalpar como nunca antes após o período de minha conversão, simplesmente porque duvidei da suficiência das Escrituras e deixei a luz de Deus (119:105) e busquei a luz de homens e da tradição.

Mas finalmente quando me voltei somente para Deus através das Escrituras fui maravilhosamente iluminado e disto me veio muitíssima alegria e firmeza para crer e defender a doutrina bíblica do Credobatismo.

Os meus estudos quanto ao Batismo consistiram (e ainda consistem) em pegar tudo que as Escrituras ensinam sobre o Batismo, e todas as passagens relacionadas, e estudá-las de forma separada e depois contextualizada. O meu grande objetivo é sistematizar a Doutrina do Batismo, de forma genuinamente bíblica, comparando Escritura com Escritura. Estou agora continuando meus estudos e trabalhando para concluir esta sistematização.

Entretanto, dentre os meus escritos iniciais para esta minha sistematização, ao começar a desenvolver os primeiros tópicos, produzi, pela graça de Deus, este artigo que agora publico, tendo antes somente compartilhado-o com alguns amigos íntimos.

Para mim este foi um “ponto-chave”, a saber, o “batismo de casas”. Este ponto foi muito importante para mim, pois se alguma criança pequena, incapaz de crer e de se arrepender, foi batizada na Bíblia, digo, segundo o relato bíblico, ela estava em pelo menos uma dessas três casas. Assim o “batismo de casas” tornou-se um ponto-chave para mim, pois jamais passa pela minha cabeça crer ou praticar algum ensinamento que não é prescrito diretamente pelas Escrituras, por preceito e mandamento, ou exemplo.

Ao estudar afundo o “batismo de casas”, levando em conta somente a Escritura e comparando Escritura com Escritura, cheguei à conclusão de que o Batismo dos membros das famílias que moravam nestas casas eram pessoas que ouviram, entenderam e creram na pregação da Palavra de Deus, e se arrependeram de seus pecados, como é o caso de todas as pessoas que foram batizadas, segundo o relato da Bíblia. É isso que buscarei provar, a seguir:

O Batismo de Casas, Batismo de Arrependimento

Um dos argumentos favoritos dos pedobatistas, sejam Papistas ou Protestantes, é usar as passagens do Novo Testamento que afirmam que “casas foram batizadas”. Então concluem que o conceito de casa inclui todos os membros da família, adultos e crianças, e que se “casas” foram batizadas, então deveria haver crianças nestas casas, e que, portanto, sem dúvida foram batizadas. Todavia, este argumento se baseia em “achismo”, e é no mínimo inconclusivo. Eles ignoram de forma grosseira ou proposital que sempre é mencionado o crer antes do batizar, em todos os outros casos, bem como nestes que consideraremos a seguir.

São cinco os “batismos de casas” relatados na Escritura:

O Caso De Cornélio (Atos 11:12, 14)

“E disse-me o Espírito que fosse com eles, nada duvidando; e também estes seis irmãos foram comigo, e entramos em casa daquele homem... O qual te dirá palavras com que te salves, tu e toda a tua casa”.

Sobre o caso de Cornélio Fred A. Malone comenta:

O relato de Pedro pregando o Evangelho à casa de Cornélio não apoia o batismo infantil. Pedro pregou o Evangelho a toda a casa, e “toda” a casa foi salva. Como sabemos disso? Atos 10:44 e 11:15 o testificam. O Espírito Santo desceu sobre “todos” eles e levou-os ao arrependimento e fé (11:17-18). Na verdade, Pedro explicitamente declarou em 10:47 que ele batizou somente aqueles que “também receberam como nós o Espírito Santo”. Esta extensão do Pentecostes para os gentios claramente definiu quem foi batizado. Não há nenhuma menção de infantes no domicílio, mas somente aqueles que “ouviam a palavra” (10:44). Bebês podem ser regenerados por Deus (por exemplo, João Batista), e alguns podem ter estado presentes. Mas eles não são capazes de ouvir o Evangelho e de “falar em línguas e magnificar a Deus” (Atos 10:46). Apenas as pessoas que fizeram isso receberam o Batismo como um sinal da “promessa” Abraâmica do Espírito (Gálatas 3:14). Concluo que o episódio na casa de Cornélio não apenas não apoia o batismo infantil, mas também é um forte indicador para o Batismo de discípulos/confessores (MALONE, Fred A. Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes).

O Caso De Crispo (Atos 18:8)

“E Crispo, principal da sinagoga, creu no Senhor com toda a sua casa; e muitos dos coríntios, ouvindo-o, creram e foram batizados (Atos 18:8).

Novamente, sobre esta passagem, Malone comenta:

Um caso relatado que apoia a mesma conclusão, refiro-me à família de Crispo. Aqui há um relato definitivo a respeito do Batismo, no qual toda a família, juntamente com Crispo, creu no Senhor. Também deve ser notado que, no mesmo versículo, os outros Coríntios que foram batizados, primeiramente creram. Parece evidente que toda a família creu em primeiro lugar e, depois, foram batizados. Este caso também apoia positivamente o Batismo de confessores dentro das famílias (MALONE, Fred A. Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes).

O Caso De Lídia (Atos 16:13-15)

“E no dia de sábado saímos fora das portas, para a beira do rio, onde se costumava fazer oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que ali se ajuntaram. E uma certa mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, [1º] **e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia. [E só depois]** E, depois que foi batizada, ela e a sua casa, nos rogou, dizendo: Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e ficai ali. E nos constrangeu a isso” (Atos 16:13-15 — ênfases e colchetes adicionados pelo autor).

Sobre o caso de Lídia, John Gill comenta:

A primeira passagem é a de Lídia e sua família (Atos 16:14-15), mas em que estado de vida ela estava não é certo, se solteira ou casada, se moça, viúva ou esposa; e se era casada, se tinha algum filho, ou se alguma vez já havia tido algum; e se ela tivesse filhos, e eles estivessem vivos, se eram crianças ou adultos; e se crianças, não parece provável que ela deveria trazê-los com ela a partir de seu lugar de origem, isto é, de Tiatira para Filipos, onde ela parece ter estado por motivo de negócios, e assim havia alugado uma casa durante a sua estadia ali; portanto sua casa parece ter consistido de empregados domésticos, os quais ela trouxe junto de si, para ajudá-la em seu negócio, e certo é que os apóstolos encontrados em sua casa, quando entraram nela, depois que saíram da prisão, eram tais que são chamados de ‘irmãos’, e foram capazes de ser ‘confortados’ por eles; o que supõe que eles tenham estado em alguma aflição e angústia, e precisavam de consolo (GILL, John. Sobre o Batismo, Livro 3 e Capítulo 1 da Obra: Um Corpo de Teologia Prática).

O Caso De Estéfanos (1 Coríntios 1:15-17)

“Para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome. E batizei também a família de Estéfanos; além destes, não sei se batizei algum outro. Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã” (1 Coríntios 1:15-17).

Novamente, Dr. Gill comenta sobre o caso de Estéfanos:

O terceiro exemplo, se distinto da casa do carcereiro, posto que alguns consideram ser a mesma pessoa, é o de Estéfanos; mas seja este alguém diferente, é certo que consistia em pessoas adultas, crentes em Cristo, e muito úteis a serviço da religião; eles foram os primeiros frutos da Acaia, os primeiros convertidos naquela região, e “que se tem dedicado ao ministério dos santos” (1 Coríntios 16:15) o que se entendido como o ministério da Palavra aos santos, ao qual eles se entregaram, ou o ministério de seu suprimento para com os pobres, com os quais eles alegremente se comunicaram, eles devem ser pessoas adultas e não bebês. Não havendo, então, nem preceito nem precedente na Palavra de Deus para o batismo de bebês, este pode ser justamente condenado como anti-bíblico e injustificável (GILL, John. Sobre o Batismo, Livro 3 e Capítulo 1 da Obra: Um Corpo de Teologia Prática).

Mas agora, quero que você atente bem para o caso do carcereiro e para o relato de Atos 16 sobre o batizado de “sua casa”:

O episódio de Paulo e Silas com o carcereiro em Filipos é citado para mostrar que a fé do carcereiro foi a prerrogativa para que toda a sua casa fosse batizada, “e logo foi batizado, ele e todos os seus” (Atos 16:33). **Mas a história não diz isto. Na verdade diz o contrário. Analise toda a história você mesmo.**

Atos 16

27 – E, acordando o carcereiro, e vendo abertas as portas da prisão, tirou a espada, e quis matar-se, cuidando que os presos já tinham fugido.

28 – Mas Paulo clamou com grande voz, dizendo: Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos.

29 – E, pedindo luz, saltou dentro e, todo trêmulo, se prostrou ante Paulo e Silas.

30 – E, tirando-os para fora, disse: Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?

31 – E eles disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa.

32 – E lhe pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa.

33 – E, tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi batizado, ele e todos os seus.

34 – E, levando-os à sua casa, lhes pôs a mesa; e, na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa.

Quando Paulo e Silas dizem: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa” (v. 31). Eles não estão dizendo que a fé do carcereiro salvaria sua família, mas que tanto ele, o carcereiro, como os membros da sua família, individualmente, **SE cressem no Senhor Jesus seriam salvos**. Depois o livro de Atos nos diz: “**E lhe pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa**” (v. 32). E só então lemos: “E, tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi batizado, ele e todos os seus” (v. 33). Mas o que de fato ocasionou o Batismo de sua família nos é dito no verso 34, onde lemos após a pregação da Palavra do Senhor (v. 32), ministrada por Paulo e Silas que, “**na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa**” [Todas estas ênfases foram adicionadas pelo escritor].

O verso 32 diz: “E lhe pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa”. Logo entendemos que a Palavra do Senhor foi pregada somente aos que podiam entender, mas quem podia? O texto diz: “**todos os que estavam em sua casa**”, aqui vemos que todos os que estavam na casa do carcereiro ouviram a pregação da Palavra, então entendemos que todos podiam ouvir a pregação, isto é, entender, portanto concluímos que não havia crianças incapazes de receberem “a fé que vem pelo ouvir do Evangelho”.

Agora admitamos que havia bebês ou crianças pequenas na casa. A possibilidade delas terem sido batizadas também é seriamente comprometida, pois já passava da meia-noite (Atos 16:25), e Paulo e Silas, creio eu, não acordariam um bebê ou uma criança de 1 ano para lhes “anunciar as boas novas”. Assim também lemos que “**na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa**” (v. 34). Novamente, quem se alegrou? Somente aqueles que ouviram a pregação, entenderam e creram (adquiriram **crença**), isto é, quem se alegrou em sua crença foi o carcereiro e todos os membros de sua família que possuíssem tal capacidade para ouvir a Palavra do Senhor, entender e crer. Somente depois de ouvir a pregação e crer é que o carcereiro e todas as pessoas de sua família, todos agora crentes, foram batizados por Paulo e Silas, e então lemos “alegraram-se na sua crença em Deus”.

Posto que **as Escrituras interpretam e explicam as Escrituras**, e que passagens que tratam claramente de um assunto podem ser usadas para entender o verdadeiro sentido (que não é múltiplo, mas único) de passagens da mesma natureza ou que tratam do mesmo assunto, no caso “batismo de casas”, mas que não são tão claras, então podemos, **bíblica-**

mente, afirmar que, como no caso relatado em Atos 16, todas as outras duas “casas batizadas”, só o foram após o ouvir da Palavra e da crença de seus membros capazes para tal.

Assim temos que não há nenhum relato de crianças (ou de qualquer outro que não exerceu fé pessoal em Cristo e em Seu Evangelho) sendo batizadas no NT, como podemos facilmente encontrar muitos relatos de crianças sendo circuncidadas no AT, devido ao mandamento explícito e positivo do SENHOR para tal.

O Batismo Bíblico, Batismo De Arrependimento

Há ainda outro argumento contundente que, acredito, se aplica ao “batismo de casas”: Em Lucas 3:21 está escrito:

“E aconteceu que, como **todo o povo se batizava**, sendo batizado também Jesus, orando ele, o céu se abriu”.

Quem era esse “todo o povo” ao qual Lucas se refere? O verso 3 do mesmo capítulo 3, diz: “toda a terra ao redor do Jordão”.

Agora eu te pergunto: quando as Escrituras registram “todo o povo se batizava” elas estão dizendo que todo este povo individualmente, indivíduo por indivíduo, foi batizado por João?

Eu respondo que não. Pois o próprio Mestre Jesus Cristo referindo-se a esta mesma passagem diz: “**E todo o povo que o ouviu** [creu, atendeu, obedeceu] e os publicanos, tendo sido batizados com o Batismo de João, justificaram a Deus. Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele” (Lucas 7:29-30 — ênfases e colchetes adicionados por mim).

Todo o povo que o ouviu, isto é, a João, foi batizado e os publicanos também foram batizados, mas os fariseus e os doutores da lei não foram batizados, isto não significa que eles não estavam entre “todo o povo que o ouviu” (isto fica mais claro em Mateus 3:4-7 — Confira em sua Bíblia), mas que eles, ouvindo a pregação de João, rejeitaram este conselho de Deus, o Batismo de João, contra si mesmos.

Mas os sujeitos da expressão “todo o povo se batizava” encontrada em Lucas 3 ainda estão um pouco indefinidos, porém, agora já sabemos que estes que são representados pela expressão “todo o povo” são aqueles mesmos que foram também batizados. Então para saber quem eram estes “todos”, devemos perguntar quem eram os que foram batizados.

Então, quem eram os que foram batizados com o Batismo de João?

A Bíblia responderá por você:

1 — Estes “todos” eram aqueles que confessaram seus pecados: “E eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados” (Mateus 3:6).

2 — Estes “todos” eram aqueles que além de confessar seus pecados se arrependiam dos mesmos: “Tendo primeiramente João, antes da vinda dele, pregado a todo o povo de Israel o Batismo de arrependimento” (Atos 13:24). Marcos 1:4 diz o mesmo: “Apareceu João batizando no deserto, e pregando o Batismo de arrependimento, para remissão dos pecados”.

Portanto, por estas duas provas bíblicas eu lhe afirmo que a expressão “**todo o povo que o ouviu** e os publicanos, **tendo sido batizados com o Batismo de João**, justificaram a Deus” (Lucas 7:29-30 — ênfases minhas), era composto somente por aqueles que confessando seus pecados e se arrependendo dos mesmos eram batizados com o Batismo de João; exatamente por isso o Batismo de Deus, o Batismo do céu (Lucas 20:4) é denominado pelas Escrituras como um “batismo de arrependimento” nada menos do que quatro vezes, são elas: Marcos 1:4; Lucas 3:3; Atos 13:24, 19:4.

Veja que o termo *Batismo de Arrependimento*, não é um termo criado por teólogos e estudantes das Escrituras para designar certos sistemas de interpretação de doutrinas como, por exemplo: Credobatismo e Pedobatismo, Calvinismo e Arminianismo e etc. Não, o termo *Batismo de Arrependimento* é genuína e originalmente bíblico, é um termo que procedeu direta e imediatamente da boca do próprio Espírito Santo de Deus, e, portanto, possui toda autoridade e é digno de toda aceitação por parte dos filhos de Deus.

Agora eu pergunto: Um bebê pode confessar seus pecados? Um menino de 8 dias pode se arrepender de seus pecados, nos quais ele nasceu e foi concebido (Salmos 51:5)? Eu penso que não, ele não pode confessar seu pecado que herdou de Adão. Portanto, os bebês não podiam ser batizados com o Batismo de arrependimento, pois obviamente este Batismo é para quem confessa e se arrepende de seus pecados; é isto que a Escritura diz. Eu não ousaria dizer nem mais e nem menos, mas calo, me curvo, e aceito tudo isto que ela diz e como ela diz.

Portanto, finalmente, quando a Bíblia usa a expressão: “todo o povo [...] tendo sido batizados com o Batismo de João”, está se referindo aos penitentes que crendo na pregação de João confessaram e se arrependeram de seus pecados, portanto além dos “fariseus e os

doutores da lei” que são mencionados em Lucas 7:29-30¹, estão excluídos deste “todo o povo”, os que não confessam e nem se arrependem dos seus pecados, inclusive os bebês e criancinhas.

Agora voltemos ao assunto “batismo de casas”. Então, aqui temos que somente os que confessaram e se arrependeram de seus pecados foram batizados dentre “todo o povo”, assim quando a Bíblia afirma que todos na casa foram batizados com o Batismo de João não seria lógico e correto concluir que não necessariamente todos individualmente, mas somente os que confessam e se arrependem de seus pecados, estando assim excluídos os bebês?

Se a Bíblia dissesse que determinada casa foi circuncidada, isto significaria que a dona da casa foi circuncidada ou a filha do dono? Se a Bíblia diz que determinada casa foi batizada com o Batismo de João, o Batismo de arrependimento, isto significa que alguém naquela família que não se arrependeu foi batizado?

Responder afirmando positivamente a estas duas últimas questões é uma resposta perigosa.

Deixe-me pôr isto de forma mais clara:

Se você tivesse um bebê e tivesse que batizá-lo, com qual batismo você o batizaria? Será que você poderia batizá-lo com o Batismo de arrependimento?

A esta pergunta talvez você me responda: “Não, eu não vou batizar meu filho com o Batismo de arrependimento, eu não vou batizar meu filho com o Batismo de João, não como aqueles de Mateus 3:6, Marcos 1:5 e etc. foram...”.

[1] Em Mateus 3:7-10 está escrito: “E, vendo ele [João, o Batista] *muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo*” (v. 7a), porém os versos seguintes nos mostram a condição para que fossem batizados, o que parece não ter sido cumprida por eles: “*dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão. E também agora está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo*”. Aqui também vemos que a presunção dos fariseus de serem “filhos de Abraão” segundo a carne não foi aceita por João, pois somente os que “produzissem frutos dignos de arrependimento” (v. 8), é que seriam batizados por ele.

Então lhe chamo, com toda solenidade e atenção, a ler Efésios Capítulo 4, versos 4, 5 e 6; especialmente o 5:

4 – Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação;

5 – Um só Senhor, uma só fé, **um só batismo**;

6 – Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós.

(Como a Bíblia é clara! Aqui (v. 5) Paulo põe a fé na frente do Batismo, mas o apóstolo não está fazendo nada mais do que repetir, em relação à fé e ao Batismo, a sequência antes proposta por Aquele que disse: “Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado” (Marcos 16:16). Uma declaração completa a outra: “Quem crer (no Único Senhor, com a Única Fé) e for batizado (Com o Único Batismo) será salvo; mas quem não crer será condenado”)

Não existe outro Batismo! O Testemunho do Espírito Santo é claríssimo, e se lhe indagássemos: Ó Espírito Santo da Verdade, humildemente Te perguntamos: além do Batismo de João há algum outro Batismo? Quantos batismos existem? São dois os batismos, o de arrependimento e o batismo de bebês? Ele com todo o poder e autoridade nos diria:

“Além do Batismo de crentes não existe nenhum outro, há ‘um só batismo’ (Efésios 4:4)”

Existe somente um Batismo recomendado pelas Escrituras. E baseado em toda a exposição bíblica feita acima, com as Escrituras abertas e com o pleno testemunho da minha consciência eu declaro e sustento que o único Batismo bíblico é o Batismo de João, o Batismo de arrependimento. Portanto, se você me diz: “Não, eu não vou batizar meu filho com o Batismo de arrependimento, eu não vou batizar meu filho com o Batismo de João...”.

Então com que Batismo você batizará seu filho? Com o batismo do Pacto? O batismo de Abraão? O batismo da santidade federal? O batismo que vem da “boa e necessária inferência”? O batismo dos filhos? O batismo histórico? O batismo da tradição?

Absolutamente não importa com que tipo de batismo você possa batizar seu filho, se não for com o Batismo com que o próprio Cristo foi batizado (embora sem pecado, e por isso sem precisar de arrependimento, mas para dar-nos o exemplo e porque convinha “cumprir toda a justiça” — Mateus 3:15) você está em desconformidade clara com as Escrituras, você está desonrando o testemunho do Espírito Santo nas Escrituras, pois Ele registrou para nosso ensino: “um só batismo”, “batismo de João”, “batismo de arrependimento”. Assim temos que Jesus Cristo foi batizado com um Batismo, Paulo foi batizado com o mesmo Batismo e Cornélio também foi batizado exatamente com o mesmo Batismo de João Batista

e **absolutamente todos os outros casos de Batismo registrados na Escritura são do Batismo por fé e arrependimento**. Paulo chegou a Éfeso e encontrando alguns discípulos (crentes) que lá havia: “perguntou-lhes, então: Em que sois batizados então?”, e muito claramente “eles disseram: No Batismo de João” (Atos 19:3). Examine com cuidado Atos 19:1-5:

“E sucedeu que, enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, tendo passado por todas as regiões superiores, chegou a Éfeso; e achando ali alguns **discípulos**², disse-lhes: Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo. Perguntou-lhes, então: **Em que sois batizados então?** E eles disseram: **No Batismo de João**. Mas Paulo disse: **Certamente João batizou com o batismo de arrependimento**, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, **em Jesus Cristo**. E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus” (Atos 19:1-5 — ênfases minhas). Há como ser mais claro e objetivo do que o Espírito Santo foi ao registrar esta passagem para nosso ensino?

[2] Jesus disse: “*ide, fazei discípulos de todas as nações, [e somente depois o Senhor diz] batizando-os em nome do Pai...” (Mateus 28:19). Primeiro se faz discípulos e depois eles são batizados, e de forma nenhuma se batiza para somente depois discipular, a ordem é clara por toda a Escritura, inclusive nesta passagem. Uma passagem muito usada para defender o batismo de bebês é Atos 2:39, mas quando esta passagem é examinada mais profundamente nos mostra que Pedro também seguia a doutrina que estamos defendendo: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado” (Atos 2:38), aqui “cada um de vós” enfatiza a individualidade e a pessoalidade do “Arrependei-vos”. O verso 39 não se refere aos filhos naturais dos agora crentes como sendo herdeiros da promessa de Deus e verdadeiros filhos de Abraão, mas sim aos “tantos quantos Deus nosso Senhor chamar”. Romanos 9:6-8 explica bem o que quero dizer: “Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas; nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência”. Não há como ser mais claro do que isso: “não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa”, aqui os “filhos da carne” e os “filhos da promessa”, que são os verdadeiros “filhos de Deus”, são colocados em contraste para ilustrar a diferença que há entre ambos. Como, pois, a descendência natural dos crentes poderia ser também contada absoluta, indistinta e generalizadamente como os filhos da promessa? Fazer isso é contradizer as Escrituras e ir além do que está escrito, ou no mínimo agir de forma precipitada e presunçosa. As Escrituras são claras a este respeito ao dizerem que “todos sois filhos de Deus...”, por direito de nascimento? Não! Então pelo quê? “pela fé em Cristo Jesus... E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa” (Veja também Gálatas 3:27-29 — ênfases minhas).*

Conclusão

Não existem dois tipos de Batismo, mas somente um único é o Batismo Bíblico Cristão, e este é o mesmo Batismo que foi praticado por João, o Batista.

O Batismo de João era o mesmo Batismo que foi aprovado por Cristo, pois os dois consistem no mesmo em verdade, sujeito e modo:

“Agora o Batismo de João e de Cristo eram, quanto ao mérito deles, o mesmo; o Batismo de João era permitido e aprovado por Cristo, como se evidencia através de Sua submissão a ele; e a ordenança foi confirmada pela ordem que Ele deu aos Seus apóstolos para administrá-lo: um dos discípulos de João, disse ao seu mestre: “Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tu deste testemunho, ei-lo batizando, e todos vão ter com ele” (João 3:26); porém, como é dito depois, Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos (João 4:2); ou seja, eles batizavam por Suas ordens; e estas foram renovadas depois da Sua ressurreição dentre os mortos, dizendo: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os...” (Mateus 28:19), e estas ordens foram obedecidas por Seus apóstolos, como muitos exemplos nos Atos dos Apóstolos anunciam; e era o Batismo nas águas que eles administravam, de acordo com instruções e orientações de Cristo”. (GILL John. Um Mandamento Divino a Ser Observado)

O Batismo de João é o único que é comandado e ordenado direta, positiva e claramente pelas Escrituras Sagradas.

No passado Deus mandou Noé fazer uma arca, e foi claro, direto e objetivo em todos os comandos, um deles foi: “Faze para ti uma arca da madeira de gofer” (Gênesis 6:13-14). E o que Noé fez? “Assim fez Noé; conforme a tudo o que Deus lhe mandou, assim o fez” (Gênesis 6:22).

Tempos depois Deus manda Moisés fazer outra arca, a Arca da Aliança, e novamente Deus foi claro, direto e objetivo em todos os comandos, um deles foi: “Também farão uma arca de madeira de acácia” (Êxodo 25:10). Diante destas ordens de Deus, o que você fez Moisés? “Assim, fiz uma arca de madeira de acácia” (Deuteronômio 10:3; Êxodo 37:1).

Vemos nestes dois relatos retirados da Palavra de Deus que Noé e Moisés obedeceram nada mais e nada do que o comando direto e claro de Deus. Mas se Moisés houvesse usado algo semelhante à lógica da “inferência” que é usada para defender o Pedobatismo, ele poderia ter dito:

“Deus me mandou fazer uma arca de madeira de acácia, mas isto não significa necessariamente que não posso fazer a arca de madeira de gofer, pois eu sei que no passado Noé já fez uma arca desta madeira e por mandado do mesmo Deus, e visto que Deus não mudou de lá para cá, por boa e necessária inferência eu concluo que a Arca da Aliança pode ser feita com madeira de acácia ou também com madeira de gofer”.

Faria algum sentido usar tal “lógica” e fazer tal “inferência”? No entanto algo parecido é usado como argumento central para defender o Pedobatismo.

A Bíblia ensina exaustivamente que Deus é claro e específico em nos comunicar a Sua vontade e nos dizer o que Ele quer que façamos. Isso é demonstrado mais claramente no Tabernáculo do que em qualquer outro lugar. O Livro do Êxodo, possui 40 capítulos, e 16 deles são dedicados ao Tabernáculo, e mostram as ordens específicas de Deus para a confecção do Tabernáculo e o cumprimento específico das mesmas por Moisés e pelos filhos de Israel. “Conforme a tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus pertences, assim mesmo o fareis... E Moisés fez conforme a tudo o que o Senhor lhe ordenou, assim o fez” (Êxodo 25:9, 40; 26:30; 40:16; Atos 7:44; Hebreus 8:5).

Não devemos usar de “boa e necessária inferência”, e assim contradizer à vontade de Deus que está claramente revelada; se está escrito que foi dito imediatamente pela boca do próprio Jesus Cristo: “Quem crer e for batizado” e “fazei discípulos de todas as nações, batizando-os” (Marcos 16:16 e Mateus 28:19), o que me impede de fazer exatamente o que Noé e Moisés fizeram, isto é, “conforme a tudo o que o Senhor lhe ordenou, assim o fez”? O que me faz pensar que eu poderia colocar o “batizar” na frente do “crer” ou do “fazer discípulos”? O que me faz pensar que eu posso fazer qualquer outra coisa senão obedecer exatamente ao que Jesus ordenou e batizar somente crentes/discípulos?

Ora, quando Deus mandou Noé fazer a arca de madeira de gofer, Ele ao mesmo tempo proibiu que fosse usada qualquer outro tipo de madeira. Quando Deus mandou Moisés fazer a Arca da Aliança de madeira de acácia, ao mesmo tempo Ele proibiu Moisés de usar qualquer outra madeira. Quando Deus diz: “fazei discípulos... batizando-os”, ao mesmo tempo Ele está proibindo que seja batizado qualquer outro que não seja Seu discípulo!

É uma objeção comum dos Pedobatistas que a sequência Fé-Batismo que aparece em Marcos 16:16 não se refere à ordem, mas à maior importância da fé em relação ao batismo, e além do mais — dizem eles — Marcos 16:16 quando usado para defender o Batismo de Crentes, não passa de um sofisma e falácia, pois se as crianças não podem crer, claramente este mandamento não se aplica a elas. Então a lógica Pedobatista usada aqui é:

“bebês não podem crer, logo, estão escusados deste pré-requisito do batismo, a fé”. Mas isso somente é usado por Pedobatistas quando lhes interessa.

Visto que os Pedobatistas creem que o Batismo é o corresponde neotestamentário “completamente equivalente” à circuncisão verotestamentária, poderíamos perguntar a um Pedobatista: Por que geralmente em igrejas Pedobatistas os infantes batizados (circundados) são proibidos de comer da Ceia do Senhor (Páscoa) visto que no passado a única proibição era: “nenhum incircunciso comerá dela” (Êxodo 12:48)?

Em outras palavras, por que um menino judeu de 7 anos podia comer da páscoa e um menino Cristão de 7 anos não pode cear? Talvez respondam: “Porque o Novo Testamento diz claramente que para se chegar à mesa do Senhor, e tomar do cálice e do pão, é preciso “discernir o corpo do Senhor” (1 Coríntios 11:29), examinar-se e etc. Assim — para os irmãos Pedobatistas — se uma criança não pode crer ela está livre do pré-requisito da fé para ser batizada, mas por outro lado se não pode “discernir o corpo do Senhor, e etc.”, então ela está expressamente proibida de cear.

Porque tratar os infantes de forma diferente quanto ao participar dos dois “sacramentos”? Se a incapacidade de crer, por parte dos infantes, autoriza o seu Batismo, porque a sua incapacidade de “discernir o corpo do Senhor” não autoriza o participar da Santa Ceia? Porque algumas igrejas dividem sua membresia em membros “batizados comungantes” e “batizados não-comungantes”? *Onde isto está escrito na Bíblia*, Velho e Novo Testamentos? Se no AT todo circuncidado pode comer da Páscoa, e no NT todos os batizados podem tomar da Ceia, de onde surgiu este conceito de “batizado não-comungante”? Porque o menino judeu era “batizado” (circuncidado) exatamente após o oitavo dia de seu nascimento e os filhos de Cristãos via de regra não são? Se são exatamente a mesma coisa, e o menino judeu era circuncidado não ao sétimo e nem ao nono, mas exatamente ao oitavo dia (Levítico 12:3; Lucas 1:59; Filipenses 3:5), em que lugar da Bíblia está o preceito para batizar (circuncidar) bebês em qualquer outro dia senão, exatamente, ao oitavo dia após seu nascimento?

A resposta a todas estas perguntas feitas acima é: dois pesos, duas medidas. E tudo isso por abandonar uma simples e fundamental verdade bíblica: devemos crer e obedecer ao que é clara, objetiva e diretamente comandado pelas Escrituras e não “inferir” o que pensamos que a Escritura diz, ou deva dizer.

Se a Escritura diz que para participar da mesa do Senhor tal pessoa precisa discernir o corpo do Senhor, então logicamente eu devo entender que as crianças estão excluídas da Ceia até que possam discernir e que tenham sido batizadas, e etc. Mas também é verda-

de que se eu leio que para ser batizado eu preciso me arrepender dos meus pecados e crer, então deve ser igualmente claro para mim que as crianças estão excluídas do Batismo até que creiam e se arrependam, e evidenciem isso pela sua própria profissão de fé. É isto que a Bíblia diz tão claramente.

Ora, o “batismo” de bebês anula e nega o Batismo de arrependimento, o Batismo de João, o Batismo do Céu, o Batismo de Jesus Cristo, o **único** Batismo que é testemunhado pelas Escrituras Sagradas.

Batizar bebês é dizer: “não necessariamente o único Batismo bíblico é o Batismo de João, o Batismo de arrependimento e fé, mas pode haver outro também...”, e assim, negar o único Batismo ensinado na Escritura e criar “outro” Batismo, o qual não é outro senão um que é segundo o ensinamento de homens e não de Deus, pelas Escrituras Sagradas.

Você pode usar o canivete de Jeoiaquim para mutilar a Palavra de Deus e queimá-la na fogueira de seus pensamentos humanos; você pode multiplicar palavras e amontoar sofismas até os céus para contradizer o que aqui é afirmado, mas saiba que neste caso você estará contradizendo o ensino das Escrituras e não de um mero homem.

Assim, pois, concluo que eu sou batizado com um Batismo e meu filho será batizado exatamente conforme o mesmo Batismo de João, o único Batismo bíblico, o Batismo Cristão, o único que possui o testemunho do próprio nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

E você deverá fazer o mesmo, se quiser seguir as Escrituras.

*Sola Fide!
Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!*

Referências Dos Textos Deste Volume:

Todas as seguintes obras foram traduzidas e publicadas em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

ARTIGO-PREFÁCIO:

Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista, por William R. Downing
Via: SGBCSV.org • © Copyright W. R. Downing • Título em Inglês: *Believer's Baptism By Immersion: A New Testament And Baptist Distinctive* • Tradução por Camila • Revisão por William

JOHN GILL

Sobre o Batismo

Via: PBMinistries.org • Título em Inglês: *Of Baptism*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira

• Batismo, Um Mandamento Divino a Ser Observado

Via: PBMinistries.org • Título em Inglês: *Baptism: A Divine Commandment To Be Observed*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira

JOHN PIPER

Série de Estudos Sobre o Batismo

• Parte 1: Eu Vos Batizo Com Água

- Parte 2: Sepultados Com Ele No Batismo, nEle Também Ressuscitastes Pela Fé
- Parte 3: O Que é o Batismo, e Ele Salva?
- Parte 4: O Que o Batismo Simboliza?

Via: GraceSermons.com • © 2015 Desiring God Foundation - Website: DesiringGod.org • Título em Inglês: *John Piper Series on Christian Baptism*

Tradução por William Teixeira • Revisão por Camila Almeida.

Irmãos, Magnifiquem o Significado do Batismo

© 2015 Desiring God Foundation - Website: DesiringGod.org • Título em Inglês: *Brothers, Magnify the Meaning of Baptism*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira.

Como a Circuncisão e Batismo Correspondem?

© 2015 Desiring God Foundation - Website: DesiringGod.org • Título em Inglês: *How Do Circumcision and Baptism Correspond?*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira.

Fortalecidos para Sofrer. Cristo, Noé e Batismo

© 2015 Desiring God Foundation - Website: DesiringGod.org • Título em Inglês: *Strengthened to Suffer: Christ, Noah, and Baptism*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por W. Teixeira.

O que é o Batismo, e Quão Importante Ele é?

© 2015 Desiring God Foundation - Website: DesiringGod.org • Título em Inglês: *What Is Baptism, and How Important Is It?*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira.

C. H. SPURGEON

Quem Deve Ser Batizado? Sermão Nº 2737

Via: SpurgeonGems.org • Título em Inglês: *Who Should Be Baptized?*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira.

Batismo, Essencial Para a Obediência, Sermão Nº 2339

Via: SpurgeonGems.org • Título em Inglês: *Baptism Essential To Obedience*

Tradução por William Teixeira • Revisão por Camila Almeida.

Batismo (Artigo)

Via: GraceSermons.com • Título em Inglês: *Baptism*

Tradução por Camila • Revisão por William.

A Necessidade de Reformar a Prática Anti-Bíblica do Batismo de Bebês (Excerto do Sermão Nº 283, Reforma

Via: SpurgeonGems.Org • Título em Inglês: *Reform*

Tradução por Camila • Revisão por William.

Eu Considero o Batismo de Crianças Como Sendo Uma Mentira e Uma Heresia! (Excerto do Sermão Nº 172, Examinai as Escrituras)

Via: SpurgeonGems.Org • Título em Inglês: *Search The Scriptures*

Tradução por William Teixeira • Revisão por Camila Almeida.

APÊNDICES:

Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes – Fred A. Malone

Via: Founders.org • Copyright © 1998 Founders Press. Todos os direitos reservados • Título em

Inglês: *A String of Pearls Unstrung: A Theological Journal into Believers' Baptism*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira.

Do Pedobatismo ao Credobatismo – Entrevista com Gary Grampton

Via: Mctowensboro.org • Título em Inglês: *Interview with Dr. Crampton (from paedobaptism to credobaptism)*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira.

"O Melhor Sermão Sobre o Batismo que Eu Já Ouvi" – William Carey [Editado por Evan Burns]

Via: AndrewFullerCenter.org • Título em Inglês: *"The Best Sermon Upon Baptism That I Have Ever Heard"* – William Carey

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira.

O Batismo Infantil e o Princípio Regulador do Culto – Fred Malone

Via: GraceSermons.com • Título em Inglês: *Infant Baptism and the Regulative Principle of Worship*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira.

A Revisão Revisada – por David Kingdon (Artigo em resposta a uma crítica ("revisão") feita ao seu Clássico *Os Filhos de Abraão*)

Via: SearchingTogether.org • Título em Inglês: *A Review Reviewed*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira.

Ide, Fazei Discípulos, Batizando-os – John Piper

© 2015 Desiring God Foundation - Website: DesiringGod.org • Título em Inglês: *Go and Make Disciples, Baptizing Them...* • Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira.

Uma Celebração Do Batismo – John Piper

© 2015 Desiring God Foundation - Website: DesiringGod.org • Título em Inglês: *A Celebration of Baptism*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por William Teixeira.

O Batismo Infantil e a Comunidade da Nova Aliança – John Piper

© 2015 Desiring God Foundation - Website: DesiringGod.org • Título em Inglês: *Infant Baptism and the New Covenant Community*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por W. Teixeira.

Considerações Sobre o Batismo – John Piper

© 2015 Desiring God Foundation - Website: DesiringGod.org • Título em Inglês: *Thoughts on Baptism*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por W. Teixeira.

Quão Antigo é o Batismo Infantil? – John Piper

© 2015 Desiring God Foundation - Website: DesiringGod.org • Título em Inglês: *How Old Is Infant Baptism?*

Tradução por Camila Almeida • Revisão por W. Teixeira.

O Batismo de Casas, Batismo de Arrependimento – William Teixeira.

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no Tempo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! — C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbitrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

¹ Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;
² Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. ³ Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. ⁴ Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. ⁵ Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. ⁶ Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. ⁷ Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. ⁸ Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. ⁹ Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; ¹⁰ Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; ¹¹ E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. ¹² De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. ¹³ E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. ¹⁴ Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. ¹⁵ Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. ¹⁶ Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. ¹⁷ Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; ¹⁸ Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.